

# DOSSIÊ de Registro

Folias de Reis de Varginha





VARGINHA – MG



# PROCESSO DE REGISTRO DAS FOLIAS DE REIS DE VARGINHA

## CELEBRAÇÕES

2019



**Sumário**

1. Introdução: .....	3
2. Informe histórico do bem: .....	4
2.1. A Formação do Sul de Minas Gerais .....	4
2.2. Formação de Varginha .....	10
2.3. A cidade de Varginha: aspectos do desenvolvimento no século XIX e início do Século XX .....	16
2.4. Varginha: aspectos econômicos (1930 - 2012) .....	25
2.5. As Folias de Reis .....	28
3. Entrevistas: .....	64
4. Análise descritiva do bem cultural: .....	89
5. Documentação audiovisual: .....	117
6. Documentação fotográfica: .....	119
7. Plano de Salvaguarda .....	164
8. Referências bibliográficas .....	170
9. Ficha técnica – Registro - Folias de Reis .....	180
10. Cópia da proposta de Registro .....	181
11. Cópia da ata da reunião do conselho que decide pela abertura do processo de registro .....	183
12. Declaração de Anuência da comunidade/representante .....	187
13. Ata que delibera sobre o registro .....	204
14. Publicidade da deliberação do Conselho sobre o Registro .....	206
15. Eventuais manifestações .....	210
16. Cópia da ata que ratifica a aprovação do Registro .....	213
17. Cópia da publicidade da decisão sobre a aprovação do registro, em veículo de grande circulação. ....	226
18. Cópia da inscrição no livro .....	228
Anexos .....	229



## 1. Introdução:

As convenções e leis atribuem a adjetivação “imaterial” ao patrimônio enquanto

o conjunto das manifestações culturais, tradicionais e populares, ou seja, as criações coletivas, emanadas de uma comunidade, fundadas sobre a tradição. [...] Integram esta modalidade de patrimônio as línguas, as tradições orais, os costumes, a música, a dança, os ritos, os festivais, a medicina tradicional, as artes da mesa e o “saber-fazer” dos artesanatos e arquiteturas tradicionais<sup>1</sup>.

É dentro dessa perspectiva que as “Folias de Reis de Varginha” foram Registradas como Patrimônio Imaterial do município. Em meados de 1930, quando o senhor Arlindo Cardoso fundou a Companhia de Santos Reis "Cardoso e Amigos", as folias passaram a integrar o conjunto de manifestações religiosas e folclóricas de Varginha – embora seja possível estimar que elas já existissem anteriormente. Deste ponto em diante, o costume da celebração popularizou-se e o município chegou a abrigar até 32 grupos/companhias de Reis. As festas já foram celebradas em frente à antiga Cadeia Pública e, depois, no Largo da Matriz, até chegarem à concha Acústica.

O bem cultural Folias de Reis de Varginha teve seu processo de Registro aprovado conforme decisão do Conselho Deliberativo Municipal do Patrimônio Cultural de Varginha em sua 185ª Reunião ao dia 17 de outubro de 2019. O bem foi inscrito no Livro de Registros das Celebrações como nº 1, sujeito a proteção especial de acordo com o Decreto Municipal nº 8.818/2018. Com o presente trabalho, o Município de Varginha busca o reconhecimento do IEPHA/MG acerca do Registro do Bem Imaterial “Folias de Reis de Varginha” em nível municipal, o que desde já requer e pede deferimento pela aceitação.

---

<sup>1</sup> ABREU, Regina. ““Tesouros humanos vivos” ou quando as pessoas transformam-se em patrimônio cultural – notas sobre a experiência francesa de distinção dos “Mestres da Arte””. In: ABREU, Regina & CHAGAS, Mário (Orgs). *Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003, p. 81.



## 2. Informe histórico do bem:

### 2.1. A Formação do Sul de Minas Gerais

O Sul de Minas, onde se formou o município de Varginha, é o quinhão mineiro demarcado pelo rio Grande e que se confronta com os estados do Rio de Janeiro e São Paulo através da Serra da Mantiqueira, teve um processo de ocupação tardio em relação ao centro da Província. A princípio, toda a região pertencia à Comarca do Rio das Mortes, tendo como sede a vila de São João del Rei. Essa região sul-mineira foi ocupada, principalmente, a partir das descobertas do ouro na região central das Minas e logo se tornaria alvo de disputas entre a Capitania de São Paulo e das Minas. Geograficamente corresponde a *“uma vasta área entrecortada por vários caminhos que garantiram o acesso e possibilitaram a interconexão comercial das principais áreas escravistas do Centro-Sul”* (ANDRADE, 2005).

A respeito da ocupação do solo sul-mineiro e da chegada dos desbravadores das matas e pradarias do Rio Verde, Lefort (1950) nos relata:

Desde 1737, estava devassado, oficialmente, o Sul de Minas. Oficialmente, em razão do ato possessório de Cipriano José da Rocha, ouvidor da Comarca de São João D' El Rei, quando de sua visita de represália aos quilombos e à deserção do precioso minério, recambiado para São Paulo. (LEFORT, 1950).

O mesmo autor ainda cita:

Em caráter particular, de há muito as minas do Rio Verde eram conhecidas e exploradas pelos paulistas, que se excusavam de manifestá-las “às autoridades de São Paulo ou de Minas. Com a execução da ordem do governador mineiro, Martinho de Mendonça, rasgava-se, de São João d'El Rei ás campanhas do Rio Verde, uma sinuosa trilha, feita pelo ouvidor e sua comitiva, que não se pouparam rompendo matas e sertões, que pudessem franquear a estrada que, com efeito, se pôs franca para toda pessoa, assim de pé e a cavalo. De São João d'El Rei, atravessaram eles a antiga freguesia da Nossa Senhora da Conceição do Rio Grande e das Carrancas, de onde um pugilo de aventureiros se dispôs a embrenhar-se nas matas e pradarias adjacentes ao Rio Verde. E vieram ter, autoridades a parte da população carranquense, à atual Campanha, onde divisaram um solo magnânimo, fazendo coro com o ambicionado minério, existente em todos os córregos e ribeiros. (LEFORT,1950).

Segundo Lenharo (1993) o sul mineiro constituía o caminho das tropas que abasteciam a Corte, além de ter se convertido no principal centro de produção e abastecimento do mercado carioca. Tal região é composta por grandes propriedades escravistas essencialmente voltadas para o abastecimento interno. *“A economia de subsistência do Sul de Minas, então, teria sido estabelecida para abastecer a Província no século XVIII, mantendo a mesma natureza da economia regional através do direcionamento do excedente para o mercado do Rio de Janeiro”* (LENHARO, 1993).

Nessa época, conforme Rubião (1919), *“as comunicações do interior do Brasil com o litoral, se faziam através de trilhas pela Mantiqueira em estradas desdobradas pelo Vale do Paraíba, que levavam aos portos do Rio de Janeiro e de Mangaratiba”* (RUBIÃO, 1919 apud SALES, 2003:220). Estas comunicações, que se faziam por longos períodos de tempo, *“em pequenas caravanas de faiscadores de ouro e sesmeiros, tornaram-se uma fonte de vida e de desenvolvimento para o interior do país”* (RUBIÃO, 1919 apud SALES, 2003:220; 221).

E continua Rubião:

As "tropas" organizadas com muares vindas de Campo Grande, por intermédio da nascente feira de Sorocaba e Taubaté, inundaram as estradas do interior do país, levando sal e ferragens do litoral e trazendo couros, tecidos de algodão e outros artigos. As cidades de Campanha e Formiga se constituíam como centros comerciais. Os lugarejos que intermediavam os maiores centros, plantados à margem da estrada nessa época, cresciam sob o impulso do movimento das tropas que fazia o comércio dessas cidades com o litoral. (RUBIÃO, 1919 apud SALES, 2003:221)

Andrade (2005) afirma que as minas do rio Verde, descobertas pelos paulistas nas primeiras décadas dos oitocentos, somente ficaram conhecidas em 1737, através de uma expedição militar chefiada pelo Ouvidor da Vila de São João Del – Rei, Cipriano José da Rocha, que fundou o arraial de Campanha e tomou posse da região.

Embora existissem registros de que a região sul já havia sido visitada em 1737, foi, de fato, 52 anos depois dessa data que ela se constituiu como região independente. A região do sul de Minas Gerais foi emancipada da cidade de Campanha, que recebia o nome de Campanha da Princesa, em 1789 (ANDRADE, 2005).

Localizada originalmente na Comarca do Rio das Mortes, que havia se emancipado da região mineradora central com a fundação de sua sede em São João D’El Rey no ano de 1713, Campanha tornou-se, então,

a sede da Comarca do Rio Sapucaí a partir de 1833. Quase que naturalmente, a região que passou a formar a Comarca do Rio Sapucaí teria suas fronteiras delimitadas no Norte pelo Rio Grande e no Sul e Sudeste pelos contrafortes da Mantiqueira. Assim, o berço do Sul de Minas é Campanha, cidade que seria desmembrada ainda na primeira metade dos oitocentos nas cidades de Baependy (1814), Jacuhy (1814), Pouso Alegre (1831), Lavras (1831), Jaguary (1840), Itajubá (1848) (...) Uma dinâmica regional que seria afirmada ainda na primeira metade do século XIX, personificada nos movimentos separatistas liderados pela cidade de Campanha nas últimas décadas do século XIX. Região cujos determinantes avançam aos existentes na urbanização da região mineradora: agricultura e comércio de abastecimento constroem sua identidade e vocação. (SAES, 2010:14;15)

A Comarca do Rio das Mortes já existia em Minas Gerais desde 1822, juntamente com outras três comarcas: Vila Rica, Serro e Rio das Velhas. O nome “Rio das Mortes” deve-se ao fato da comarca ter estado localizada junto a um rio deste nome, que já era conhecido desde o século XVII.

As três vilas mais antigas do Sul de Minas, Aiuruoca, Baependi e Campanha, pertenceram à antiga comarca do Rio das Mortes até 1833.

Andrade (2005) nos afirma que Campanha é considerada o núcleo gerador do sul de Minas, entretanto as freguesias de Aiuruoca e Baependi foram as primeiras a serem criadas, nos anos de 1718 e 1723, respectivamente.

O Termo de Campanha era composto de 10 freguesias: Lavras do Funil, Baependi, Pouso Alto, Santa Ana do Sapucaí, Camanducaia, Ouro Fino, Itajubá, Cabo Verde e Jacuí, Carrancas e Aiuruoca (ANDRADE, 2005).

Já na primeira metade do século XIX, a região do sul de Minas possuía relações comerciais com o Império; na transição do XIX para o XX, as relações entre essa região e São Paulo passariam a se intensificar mais. O sul passaria de uma região que produzia gêneros de abastecimento para uma região voltada para a atividade exportadora, graças à cultura do café.

Foi no último quartel do século XIX que a estrada de ferro chegou à região, juntamente com os bancos, que supriam apenas necessidades pequenas, pois os negócios maiores eram supridos por fontes governamentais ou por bancos do Rio de Janeiro e de São Paulo. E foi nessa época que o capitalismo começou a se desenvolver na região, com o surgimento de pequenas fábricas e a intensificação do setor comercial.

As cidades se caracterizavam por ser de médio porte, com populações entre vinte e quarenta mil habitantes. A partir de 1890, podia ser observado o aumento do número



das cidades e a expansão da rede ferroviária. Isso fez com que se aumentasse a capacidade de exportação da região para outros locais vizinhos, mas também ampliava a competição dos mercados locais com produtos importados.

A região sul-mineira destacou-se como produtora cafeeira no último quartel do século XIX e ao longo do XX. No entanto, a mesma região também foi responsável por uma tradicional produção agropastoril voltada para o mercado interno, ainda no final do século XVIII e primeira metade do XIX, condição que contribuiu para o Sul de Minas tornar-se umas das regiões mais dinâmicas da província/estado no período em evidência, primeiramente com uma condição demográfica significativa, que possibilitou grande influência política entre 1870 e 1920.

Através dos números, podemos observar o crescimento das cidades sul-mineiras. Entre 1872 e 1920, a região apresentava a maior taxa de crescimento do estado. Em 1920, era a região com a maior população de Minas Gerais, contando com 20% da população mineira. Em 1972, a região concentrava 260 mil habitantes, passando eles para 730 mil em 1907 e, finalmente, para aproximadamente 1 milhão em 1920. Já na observação das cidades individualmente, em 1920, nenhuma delas (considerando-as como núcleos urbanos) apresentava mais de 20 mil habitantes (GAMBI, 2012).

A introdução no café na região, em fins do século XIX, faria se desenvolver novos municípios.

(...) juntamente com a ampliação da população (...) era nítido o crescimento do número de cidades. Alfenas, Boa Esperança, Três Corações e Varginha, por exemplo, faziam parte de uma primeira fase de emancipação de municípios, entre as décadas de 1860 e 1880, como resultado da introdução do café na região. (SAES, 2010:19)

No ano de 1911, os municípios sul-mineiros aumentariam, passando de 36 para 48. Dessa forma, a região Sul passava a ser mais dinâmica, expandindo suas atividades econômicas, se comparando com outras regiões do estado. Entretanto, desses 48 municípios, apenas 5 apresentavam população entre sete e doze mil habitantes, outros 4 contavam com uma população entre cinco e sete mil habitantes; e 3 apresentavam população entre quatro e cinco mil habitantes (GAMBI, 2012).

Diferentemente da Zona da Mata com Juiz de Fora, da área central a partir da década de 1920 com Belo Horizonte e de Teófilo Otoni para o Vale do Mucuri, a região do Sul de Minas seria marcada por uma

profunda fragmentação de sua população em cidades pequenas e medianas, sem um centro irradiador das atividades econômicas. (SAES, 2010:19)

As ferrovias no sul de Minas chegaram por volta de 1880, mas antes disso já haviam chegado na zona da Mata e no oeste. Vieram por meio de quatro empresas: Estrada de Ferro Rio Verde, que depois passou a ser chamada de Minas e Rio; Viação Férrea Sapucaí; Estrada de Ferro Muzambinho; e Companhia Mogiana de Estradas de Ferro, está originária de São Paulo, chegou à região sul de Minas Gerais nos primeiros anos do século XX, para atender o Triângulo e o sul. A falta de um centro irradiador para o transporte fez com que, a princípio, na região do sul de Minas houvesse uma integração de suas ferrovias com mercados exteriores, e não entre as próprias cidades da região.

Ainda que provisoriamente, é possível pensar que as ferrovias no Sul de Minas Gerais começaram a se instalar para atender uma região dinâmica e promissora voltada para o comércio de abastecimento do Rio de Janeiro e de São Paulo, e para o plantio e exportação de café. E, mais importante, o que se observa é a constituição do sistema ferroviário com interligação do Sul de Minas com os portos do Rio de Janeiro e Santos, ou com os mercados dos Estados vizinhos, uma modernização do transporte que poderia surgir como condição para fortalecer o mercado interno, mas que ao que parece, surge para estreitar as relações, inclusive de dependência, com outras regiões. (SAES, 2010:19)

Surgiram então, no sul de Minas Gerais as primeiras fábricas. Se comparadas com as da zona da Mata e da região metalúrgica, eram mais precárias, geralmente ligadas ao abastecimento ou à economia agrário-exportadora cafeeira e com uma média de quatro funcionários por estabelecimento. Além disso, as indústrias sul-mineiras tinham por característica os empreendimentos familiares, como artesanatos, e os voltados para o ramo alimentício, sobretudo para o consumo local.

Pequenas e rudimentares manufaturas deviam concorrer com os produtos importados de outros estados ou do exterior. A empresa se realiza como um empreendimento familiar, arcaico, distante das características da moderna grande indústria. Nesse sentido, o Sul de Minas tornou-se mais um caso específico dentro do “mosaico” mineiro: uma região historicamente dinâmica, tanto por sua função de abastecimento da corte imperial, como em transformação por causa da expansão das lavouras de café na transição para o século XX, mas que não conseguiu se aproximar do ritmo e da pujança econômica dos estados vizinhos, Rio de Janeiro e São Paulo. (SAES, 2010:17)



Na década de 1920, a região sul passou a ampliar sua produção industrial, ficando em segundo lugar nesse setor, pois a região metalúrgica estava na primeira posição. Isso ocorreu devido à continuidade de uma estrutura industrial arcaica na metalurgia e à maior representatividade da indústria do sul na economia industrial mineira. Entretanto – mesmo tendo elevado sua produção industrial, revelando uma maior representatividade na produção industrial mineira e estando em segundo lugar no setor industrial mineiro – a indústria sul-mineira não havia deixado de ser arcaica, pois faltava um mercado consumidor maior e a capacidade de acumulação era reduzida.

Em relação aos bancos da região, o desenvolvimento desse setor seguia o precário desenvolvimento industrial: apesar de no período de 1910 a 1920 ter ocorrido uma significativa expansão do número de bancos no sul de Minas, devido à cultura do café e ao surgimento das ferrovias e das indústrias, o grosso das operações bancárias estava localizado em bancos externos, em cidades como Juiz de Fora (banco de Crédito Real) e Belo Horizonte (banco Hipotecário e Agrícola e banco Comércio e Indústria). Estes três bancos eram responsáveis por aproximadamente 90% dos depósitos em conta corrente de Minas Gerais entre 1920 e 1925. Os bancos do sul de Minas eram pequenos e destinados a atender a comunidade local (COSTA, 1978).

Embora o desenvolvimento da região sul do estado, na passagem do século XIX para o XX, possa até ser considerado precário, foi nessa época que o capitalismo na região começou a ganhar sua forma. É importante destacar que nessa transição, apenas três regiões do estado mineiro passaram por uma transformação para o sistema capitalista de produção: o sul, a zona da Mata e o centro.

As transformações nas relações socioeconômicas pelas quais a região passou na transição do XIX para o XX – crescimento e desenvolvimento de cidades, cultivo do café, surgimento das indústrias, intensificação do comércio, desenvolvimento das ferrovias e dos bancos – direcionavam a região para uma maior integralização com mercados externos, fazendo crescer as relações capitalistas de produção.

No meio das cidades que surgiam no sul de Minas Gerais com a expansão da cultura cafeeira na região, na passagem do século XIX para o XX, é criada a cidade de Varginha, em 1882, que primeiramente foi chamada de Espírito Santo das Catanduvras.



## 2.2. Formação de Varginha

A região onde se situa o município de Varginha foi habitada, até o final do séc. XVII, pelo grupo indígena dos Cataguás. Esta etnia – cujo nome significa “gente boa” – é descrita por historiadores e arqueólogos como um povo guerreiro e forte, de estatura mediana, conhecedor da cerâmica, nômade, que vivia em abrigos rudimentares. Catandubas (ou Catandubas), palavra de origem tupi, foi o nome que deram a esta região, e significa “mato espinhoso e rasteiro”, comum nestas terras com solo argiloso e pouco fértil.

A Coroa portuguesa, objetivando ampliar e ocupar o território brasileiro e buscar riquezas minerais (pedras e metais preciosos) fomentava, no referido século, expedições de exploração pelo interior do Brasil – as chamadas Entradas ou Bandeiras –, o que expulsou e dissipou os habitantes originais da região. A partir daí, despontaram os primeiros povoados ou arraiais, para o abastecimento e descanso das tropas, lideradas, em diversos momentos, por Fernão Dias Paes Leme (1608-1681), que daria nome a uma das principais rodovias mineiras. Foi nesse contexto, enfim, que Varginha surgiu.

As primeiras alusões que se têm sobre Varginha datam de 1763 e mencionam a Ermida de Santo Antônio do Rio Verde, localizada na antiga estrada que ligava Três Pontas à Campanha, edificada provavelmente por bandeirantes que ali transitavam. Em torno da capela desenvolveram-se ranchos de pouso para viajantes, de maneira que o povoado crescia no caminho das tropas transportadas via muares que vinham de São Paulo, principalmente de Sorocaba e Taubaté, que transportavam toda espécie de mercadorias em demanda da Vila de Campanha da Princesa da Beira, atual cidade de Campanha.

Deu-se nascente povoado o nome de Catandubas ou Catandubas que significa “Mato Serrado”, muito encontrado naquela cidade. Em virtude do padroeiro da capela passou a ser chamada de Espírito Santo das Catandubas. Em 1806 o arraial contava com 1000 pessoas. Nesse mesmo ano foi feita a doação do território que constitui o primitivo patrimônio do núcleo em desenvolvimento. Um ano depois foi oficializado o povoado do Espírito Santo, possuindo uma pequena e modesta vila agrícola. Em 1850 foi elevado a freguesia (...) originando o bairro da Vargem situado a 1 km a nordeste do arraial. (LEFORT,1950)

Segundo Lefort (1950), devemos considerar os anos de 1790 a 1793 como os do início do povoamento de Varginha. Foi nesta data que muitas famílias, provenientes de Campanha e Lavras, vieram com seus escravos e construíram as primeiras casas na



fazenda Santo Antônio do Bom Jardim do Rio Verde, onde se localizava a Ermida de Santo Antônio, em atividades desde 1763.

O primeiro registro comprobatório do povoado de Varginha data de 1795 e relata o nascimento de Maria Francisca de Jesus, batizada na capela do Divino Espírito Santo das Catandubas, conforme página 45 do 5º Livro de Lavras da Diocese da Campanha M.G:

Aos três do mês de abril de mil setecentos e noventa e cinco, na capela do Divino Espírito Santo das Catandubas, filial desta Matriz de Sant'Ana das Lavras do Funil, o Revd. Coadjutor Antônio José dos Santos batizou e pôs os santos óleos a Francisca, filha legítima de Joaquim Vitoriano de Andrade e Antônia Maria Felícia; foram padrinhos Francisco Nogueira e Maria Francisca, de que fiz assento que assinei. O vigário José da Costa Oliveira. (LEFORT, 1950 apud SALES 2003: 118;119)

Muito antes de Varginha se tornar uma cidade e também um município, suas terras já eram povoadas. Alguns anos antes de 1806, o casal Francisco Alves da Silva e Dona Tereza Clara Rosa da Silva adquiriu as terras onde mais tarde se localizaria Varginha. Esse casal vendeu essas terras ao alferes Manoel Francisco de Oliveira no ano de 1806 e mais tarde, essas terras foram doadas a diocese da Campanha (SALES, 2003).

Nessa época o povoado contava com cerca de 1.000 pessoas. Neste mesmo ano foi feita a doação do território que constituiu o primitivo patrimônio do núcleo em desenvolvimento. No ano seguinte, foi criado o Curato do Espírito Santo das Catandubas, situado na região central da contemporânea Varginha. Durante 43 anos a cidade foi um curato, uma espécie de aldeia com condições necessárias para se tornar o distrito de um município. O nome Varginha somente seria documentado pela primeira vez em 1816, no 3º Livro de Casamentos de Lavras, denominação que já vinha sendo usada popularmente, devido à geografia da região que apresenta áreas de vargem. As principais obras que marcaram esse período foram as construções das igrejas Matriz do Divino Espírito Santo e do Rosário.

Sobre a criação do Curato do Espírito Santo, dizem Fonseca & Liberal:

Um ano depois, em 18 de janeiro de 1807, o então vigário de Lavras do Funil, padre José da Costa participava ao Vigário Geral o cumprimento do mandado, ficando, por esta forma, criado o Curato do Espírito Santo, embrião da futura e rica cidade, que deveria, mais tarde, chamar-se Varginha. (...) Em estado de *Curato*, sob jurisdição eclesiástica,



permaneceu durante 44 anos a localidade, com pequena e modesta vida agrícola, entretendo comércio com as cidades mais próximas, até que pela lei n.º471, art. 1º, parag. N.º 1, de 1º de Junho de 1850, foi elevada à categoria de Freguesia, anexada ao vizinho Município de Três Pontas. (FONSECA & LIBERAL, 1919 apud SALES 2003: 202;203)

Em 1820, Varginha (ainda conhecida como Espírito Santo das Catanduvras) possuía “6 casas de telhas e alguns ranchos de capim, construídos todos próximo à capela, no local onde hoje se vê a Avenida Rio Branco”(RUBIÃO,1919 apud SALES, 2003: 219). Já em 1870, Varginha contava com 213 casas. Sales (2003) afirma que no período de 1850 a 1881, foram construídas as primeiras obras destinadas ao serviço público, como prédios para escolas. Em 1881, Varginha contava com 300 edificações, sendo algumas de dois pavimentos.

Sobre a povoação do Espírito Santo da Varginha, diz Saturnino da Veiga em 1874:

A povoação é florescente e importante e O arraial (...) jaz colocado em formosa eminência – e é grato ao viajante descortinar - lhe nas proximidades as brancas casas grupadas em linhas, quadrados ou paralelogramos, que às suas vistas oferecem lá do alto pitoresca perspectiva (...)Relativamente à primitiva edificação do povoado e a seus primeiros habitantes, nada pudemos colher. Está a Varginha a este respeito em circunstâncias idênticas às de outros muitos lugares desta parte da província, onde notícias a respeito daquele interessante objeto nos foi impossível obter, não obstante o esforço que para consegui-las empregamos. (VEIGA,1874 apud SALES, 2003:221)

Segundo o IBGE (1959), a evolução da freguesia de Varginha “foi mais acentuada no período de 1850 e 1881, ao serem ali construídas as primeiras obras destinadas ao serviço público como prédios para escola e cadeia, os quais foram doados ao Governo por seus edificadores Domingos de Paula Teixeira de Carvalho e João Gonzaga Branquinho” (IBGE, 1959).

Com relação ao desenvolvimento da cidade, no período de 1850 a 1881, ainda considerada como freguesia, Rubião (1919) nos relata:

Desta data em diante, a freguesia de Varginha continuou a progredir, embora lentamente: fato este explicável, tendo em vista que, nesses tempos, não existia ainda correntes imigratórias do Velho Mundo. (...) Em 1880, a cidade de Varginha contava para mais de 300 casas, sendo sete assobradadas, que se espalhavam por duas ruas principais, Chapada e rua Direita, e por seis praças: São Sebastião; Largo do



Pretório antigo Largo do Pelourinho; Largo da Matriz; Largo do Rosário, acima da matriz; Largo de São Miguel, defronte ao cemitério [cemitério paroquial, localizava-se na atual Praça da Fonte] e Largo de São Benedito. (RUBIÃO, 1919)

Em 1º de junho de 1850, o curato foi elevado à paróquia, através da Lei Provincial nº 471, tendo sido anexado ao município de Três Pontas. Varginha experimentaria, então, o primeiro surto desenvolvimentista. Foram construídos os primeiros prédios públicos, como as duas primeiras escolas públicas e a cadeia.

Espírito Santo das Catanduvras se transformaria no município de Espírito Santo da Varginha, em 22/09/1881, pela Lei nº 2785. Um município pode ser definido como uma divisão administrativa de uma região, com autonomia administrativa, possuindo uma Prefeitura e uma Câmara Municipal.

Em 07/10/1882, pela Lei nº 2950, o município passou a ser chamado de cidade. Sobre a criação da cidade Fonseca & Liberal (1920) relatam:

Tamanho foi o empenho e tão profícuo foi o esforço por João Gonzaga empregado para a ascensão da Freguesia à Vila, incumbindo-se ele próprio de transportar para ela os funcionários nomeados para os cargos, por efeito, criados, que nesse estagio pouco parou, ganhando de salto, os foros da *cidade*, o que ocorreu, no ano subsequente, em 7 de outubro de 1882, por lei 2.950. FONSECA & LIBERAL, 1920 apud SALES, 2003:204)

Em relação à formação e evolução urbana de Varginha, Ávila (1983) nos esclarece:

Varginha obedecia na fase nascente da autonomia administrativa e afirmação econômica que caracterizou o período compreendido entre os anos de 1882 e 1892, aos padrões ainda predominantes nas cidades mineiras da época. A trama viária, desenvolveu-se paralela ou perpendicularmente a velhos caminhos-troncos do primitivo arraial, gerando um arruamento quase sempre aleatório ou de circunstância, num processo de expansão condicionado pela premência ou imposição de novas construções para abrigar a população em aumento. O caminho-tronco principal, à cuja margem surgiu nas alturas de 1875 a primeira capela e se construíram entre aquele ano e 1820 as seis primeiras casas de telhas, correspondia à estrada ou simples picada, ligando a Vila de Campanha ao então chamado Sertão de Três Pontas, e é de se supor que cortasse em diagonal o atual perímetro central da cidade. O referido aglomerado de primeiras habitações se formou em



local próximo ao em que se abriria, bem mais tarde, a Avenida Rio Branco. (ÁVILA, 1983 apud SALES, 2003: 224; 225)

Ávila (1983) faz uma análise de contraposição entre os grandes vazios urbanos criados pela Avenida Rio Branco e pelas praças públicas e o núcleo mais denso das vias laterais:

É de se frisar ter sido sempre uma constante, ao longo da história urbana do antigo arraial de Catanduvás, a contraposição dos vazios de maior escala ou dimensão às estreitas vias de circulação ou densa concentração residencial, vazios destinados quase sempre ao agenciamento de edificações de mais destaque, com função comunitária também como locais de eventos festivos ou atividades de lazer (...) a cidade funcionava, na realidade, com uma espécie de grande pátio nobre ou varanda de extensão das dezenas de fazendas que circundavam, a próxima, média ou relativa distância, território urbanizado onde os proprietários rurais e eventualmente seus agregados comercializavam seus produtos, abasteciam seus depósitos ou despensas, se comunicavam como os centros-pólos nacionais da época – São Paulo e Rio de Janeiro –, promoviam a educação preparatória dos filhos e participavam dos atos, eventos e rituais do convívio político, social e religioso. (ÁVILA, 1983 apud SALES, 2003: 225).

A primeira manifestação mais evidente da setorização urbana de Varginha, segundo Ávila (1983), *“é a que começa a esboçar-se por volta de 1892, com a chegada da estrada de ferro e a inauguração da estação ferroviária, determinando não só a expansão da cidade para as faixas de terreno que tangenciam a ferrovia, com igualmente a concentração ali de atividades mais de perto favorecidas pelo novo meio de transporte e comunicação”* (ÁVILA, 1983 apud SALES, 2003: 225). Mais adiante, o autor ainda continua:

Verifica-se pois, sob a influência do advento da ferrovia e, simultaneamente, da crescente expressão econômica do café, a franca definição, dentro do quadro urbano em expansão, de um setor especial direcionado (...) para a localização comercial e industrial. (ÁVILA, 1983 apud SALES, 2003: 226)

Neste contexto, de acordo com Ávila (1983), era possível perceber a hierarquização social do espaço urbano de Varginha, *“já que na parte mais antiga e central da cidade, predominavam os moradores de mais alta renda: comerciantes, fazendeiros, titulares de serviços, etc., enquanto a população emergente e de menor*





*renda passa a condensar-se na área próxima ou além da ferrovia”* (ÁVILA, 1983 apud SALES, 2003: 227). Atualmente, esta desagregação do espaço social urbano é nítida.

Em 1890, houve a criação do primeiro jornal varginhense, o Gazeta de Varginha. Em 1892, a estrada de ferro chegava à cidade: era a Estrada de Ferro Muzambinho, que chegou ao município com a ajuda de investimentos financeiros do primeiro presidente da Câmara, Matheus Tavares da Silva. Em 1892, a cidade contava com 13 ruas, 6 praças, 2 edifícios públicos (sendo um para funções do município, como a cadeia) e 3 igrejas (Matriz, São Sebastião e Rosário). No ano de 1899, Varginha contava com um crescente número de casas e, assim, se iniciou o serviço de calçamento na cidade.

Em 1902 ocorreu a inauguração da iluminação pública a gás de acetileno. Em 1913 verificou-se a fundação da Empresa Telephonica Varginhense, com mais de 300 aparelhos instalados, e a transferência do Cemitério Municipal, que ficava na Praça da Fonte, além da demolição da antiga Igreja do Rosário. A instalação da luz elétrica ocorreu em 1914 e o mercado municipal foi inaugurado em 1915. No mesmo ano foi inaugurada a primeira agência bancária da cidade, o Banco Hypotecário Agrícola, na Av. Rio Branco, seguido, em 1918, pelo Banco do Brasil, instalado na Praça Dom Pedro II. Esses acontecimentos mostram que a cidade tomava uma dinamização importante para sua modernização.

A criação de um jornal, a chegada da estrada de ferro, o aumento do número de ruas e de casas, além da criação de estabelecimentos culturais e educacionais são fatos que mostram avanço do município em seu desenvolvimento econômico e social. Em 1918, a cidade contava com 2.200 casas e aproximadamente 400 prédios. Nesse ano, o Colégio Marista se estabelecia na cidade. Na década de 1920, foi construído o Hotel do Comércio. Em 1923, foi fundado o Colégio dos Santos Anjos, por três religiosas e, em 1924 despontou o Grupo Estadual Afonso Pena, primeira escola pública do município, apoiado pelo Estado. Em 1927, empreendido também por italianos, Irmãos Navarra, inaugurou-se o Theatro Capitólio.

Durante seu desenvolvimento, Varginha pertenceu à Comarca do Rio das Mortes, um território extenso e de limites imprecisos. Pertenceu, também, por breve período, a Lavras e, posteriormente, à comarca de Três Pontas. Varginha também incorporou outros distritos: Elói Mendes, emancipado em 1911, e Carmo da Cachoeira, emancipado em 1938. A cidade também contou, em fins do século XIX e início do século XX, com elementos que podem ser considerados relevantes quando se trata do processo de



desenvolvimento do modo capitalista de produção em uma região. Abaixo, vamos tratar um pouco sobre a importância desses fatores para a formação da cidade de Varginha.

### **2.3. A cidade de Varginha: aspectos do desenvolvimento no século XIX e início do Século XX**

Relativamente equiparada a cidades muito mais antigas, donas de economias mais fortes e desenvolvidas como Campanha, Varginha viveu sua *belle époque*, segundo Sales (2003), do período compreendido entre 1881 e 1913. Marcada pelo desenvolvimento social e econômico, a cidade se fez um centro de expressão regional a partir da criação do município e da cidade em 1881 e 1882, a abolição em 1888, a ascensão à sede de comarca em 1890, a implantação da estrada de ferro em 1892 e a imigração italiana em fins dos oitocentos e começo do século XX, na prática determinaram o progresso de Varginha no transcurso dos noventa.

A princípio, a economia da cidade era formada por estabelecimentos comerciais, pequenas indústrias e bancos. Para a corte, Varginha enviava fumo, toucinho, porcos e gado, recebendo de lá ferragens, bebidas e sal. Em 1907, a cidade exportava café e laticínios. Em 1917, o café se constitui como o principal produto de exportação, juntamente com o gado. O trigo, o sal e os tecidos eram os principais produtos importados.

Após o declínio da economia da mineração, a economia cafeeira possibilitou ao Brasil um grande avanço para a consolidação das relações capitalistas de produção, dando origem ao início do desenvolvimento industrial brasileiro. Foi na região de São Paulo que o capitalismo se desenvolveu mais aceleradamente devido às condições que o café proporcionou ao estado.

Desde 1870, a cidade de São Paulo vinha passando por um intenso crescimento econômico que, graças ao auxílio da cultura cafeeira, gerou a expansão de atividades ligadas à formação das indústrias, das ferrovias e dos bancos. Essas atividades que eram extensão da atividade cafeeira se desenvolveram por que em São Paulo o café fez surgir um complexo econômico na região, ou seja, essas outras atividades – bancos, indústrias, comércios e ferrovias – surgiram por causa do café, para servir a economia do café.

Em fins do século XIX, o Sul de Minas Gerais também receberia influências da expansão da economia cafeeira, estimulando o crescimento urbano na região. O café



também foi o responsável pelas transformações econômicas ocorridas em Minas Gerais, com destaque para a Zona da Mata. Entretanto, o Sul de Minas Gerais também conseguiu usufruir dos benefícios trazidos pela rubiácea.

A dinâmica gerada pela economia cafeeira possibilitou que no Sul se desenvolvessem as ferrovias, a partir do terceiro quartel do século XIX, que serviram para facilitar o transporte das mercadorias e aumentar os lucros gerados pelo café. Não só as ferrovias foram extensão da economia cafeeira no Sul de Minas, mas também as indústrias (a partir de 1889), o comércio e a rede bancária (estes últimos principalmente a partir do século XX).

A cafeicultura no Sul de Minas se expandiu pelos municípios de Aiuruoca, Jacuí e Baependi, no Vale do Rio Sapucaí, em fins do século XVIII (FILETO & ALENCAR, 2001). Na segunda metade do século XIX, o café ganharia espaço mais para o Norte e o Oeste, alcançando Lavras, Nepomuceno, Perdões, Bom Sucesso e Campo Belo. Ao Leste, as fazendas de café avançariam pelas localidades de Monte Santo de Minas, São João da Fortaleza (hoje Arceburgo), Santa Bárbara das Canoas (Guaranésia) e Cabo Verde. Todas estabelecidas como extensão da expansão do Oeste paulista (OLIVEIRA & GRIMBERG, 2007).

Ao longo da segunda metade do século XIX a cafeicultura começou a deixar o Vale Paraíba e se expandir pelas regiões paulistas do Oeste Velho (Campinas) e poucos anos depois invadiria o Oeste Novo (Ribeirão Preto) com grandes plantações. Havia largas extensões de terras férteis e de boa topografia. Na província de São Paulo a mão-de-obra escrava vinha sendo substituída pela corrente imigratória européia, composta principalmente de italianos, devido a Lei do Ventre Livre e os constantes movimentos abolicionistas. No mesmo contexto a rápida expansão da rede ferroviária facilitou enormemente o escoamento das produções (SEMEGHINI, 1991).

Com relação à mão de obra escrava, Lefort (1950) afirma que no ano de 1871, Minas Gerais tinha 340.000 escravos. Destes 1427 viviam em Varginha, sendo 725 homens e 702 mulheres. *“Dados à lavoura dela faziam grande fonte rendas, para o seu senhorio”*. (LEFORT, 1950 apud SALES, 2003:166).

Para Rubião (1919) o ano de 1888, data da libertação dos cativos, veio encontrar o município da Varginha no período mais complexo do seu desenvolvimento econômico. Segundo o autor, *“a transformação da antiquada lavoura da cana que então se fazia em larga escala no município de Varginha, com detrimento das nossas matas sacrificadas*



*brutalmente nas fomalhas dos engenhos, pela nova lavoura do café que exigia um pessoal escolhido e numeroso, se fazia lentamente numa atmosfera de dúvidas e incertezas*". (RUBIÃO, 1919 apud SALES, 2003:166).

Às vésperas da abolição da escravatura, a elite econômica, política e social varginhense apresentava-se tensa e insegura quanto ao destino de seus bens mais caros e rendosos. Nesse sentido, uma Ata da Câmara Municipal em sessão do dia 20 de abril de 1888, propõe um apelo aos fazendeiros da cidade para que se reúnam com o propósito de discutir o futuro econômico de Varginha:

Pelo o Presidente, foi proposto que atendendo ao estado anormal em que se achão as relações dos escravos para com os senhores e temendo um desastre para a lavoura, em consequencia da imigração de escravos para os pontos em que são mais protegidos na cenda da liberdade que buscão, esta Camara dirigisse a todos os fasendeiros e passividores de escravos municipio, um apello para uma reunião nesta Cidade, no dia trez de Maio do corrente anno, afim de tratar-se da transição do trabalho servil ao livre, e que esta apelo fosse publicado pela imprensa. (ATA DA CÂMARA MUNICIPAL DE VARGINHA, 1888).

O presidente da Câmara, cuja função equivalia à de prefeito, o Major Evaristo Gomes de Paiva, tinha ciência do cenário conturbado que se configurava na cidade, em reflexo das lutas abolicionistas seguidas da mesma agitação que assolava o Brasil como um todo. O estado atípico em que se deparava as relações entre escravos e senhores evidenciava a vontade que aqueles detinham de se libertarem dos grilhões. Ante a percepção do inevitável, a elite da cidade se reúne para discutir as medidas necessárias para realizar a transição do trabalho servil para o livre com os menores danos possíveis à economia municipal e, conseqüentemente, às suas próprias.

Por efeito da compreensão de iminência do fim da escravatura, os fazendeiros, através da Câmara Municipal que de fato os representava, preocupavam-se em substituir a mão de obra escrava por meio da imigração europeia, trazendo principalmente italianos para as lavouras varginhenses. A atitude consistia em medida puramente pragmática, erigida sobre um paradigma exclusivamente econômico.

Nas últimas décadas de escravidão, a quantidade de cativos era grande em Varginha, organizado primordialmente nas lavouras como foi dito anteriormente. *"Porém, antes mesmo da abolição, muitos fazendeiros da cidade já os tinha alforriado, como em algumas fazendas pelo Sul de Minas"* (SALES, 2003:168). O fato de a reunião ser marcada para dez dias antes do fim da instituição escravista demonstra o apego à



instituição servil e desespero da elite econômica quanto à perda de seus bens produtivos. Após a abolição, entretanto, não há nas Atas nenhuma alusão sequer à situação do negro, agora liberto, na cidade de Varginha.

De acordo com Luiz José Álvares Rubião, um memorialista do início dos novecentos, a substituição da cana pelo café, pela qual as lavouras varginhenses passavam, que dependia de mão de obra intensa e numerosa, ocorria de maneira lenta em meio a um cenário de dúvidas e incertezas. Dessa maneira, se fazia necessário novos braços para assumir as atividades dos escravos, já escassos na cidade. Segundo ele, a imigração italiana teria salvado a lavoura, bem a economia de Varginha.

Sales (2003) destaca que a raça negra, com seu braço teve uma decisiva influência da raça negra no desenvolvimento de Varginha, principalmente quando da introdução da cafeicultura antes do início da imigração italiana (SALES, 2003:167).

Com efeito, a influência do elemento negro no desenvolvimento econômico de Varginha, hoje importante centro agropecuário e industrial sul-mineiro foi decisiva, principalmente pelo comércio e exportação do café para outros países.

Com a intensificação do processo imigratório de brancos europeus em 1847, consistia em estratégia econômica a fim de solucionar o problema que a mão de obra já infligia aos senhores de escravos, bem como acelerar a europeização/embranquecimento do Brasil, pretendido inclusive como um processo civilizatório. De fato, a cidade, tendo acompanhado São Paulo no que se refere tanto ao crescimento econômico quanto à produção de café, se apoiou na imigração italiana para alcançar o progresso. A partir de 1888, a onda imigratória que trazia estrangeiros principalmente da Itália para o Brasil chegou à Varginha, ramificados de São Paulo. Os italianos passaram então a se ocupar das plantações de café, tendo se tornado posteriormente negociantes, proprietários, industriais, etc.

O Sul de Minas era uma área rica em terras férteis e baratas e passou a ser procurado como terreno adequado para abrirem fazendas de café em seu território.

Segundo Oliveira e Grinberg:

(...) em alguns casos, eram famílias de agricultores apenas em busca de terras novas. Em outros, eram familiares de proprietários de casas comissárias ou de casas bancárias. Como as terras eram baratas, alguns imigrantes italianos que trabalhavam originalmente como colonos, depois de guardarem algum capital e recorrerem ainda a parentes, conseguiram se tornar proprietários. Outros fazendeiros começaram como tropeiros ou carroceiros, transportando sacas de café em lombo



de burros. Posteriormente, investiram em terras, transformaram-se em produtores, mas alguns não deixaram de comercializar, justamente para financiar a sua própria atividade agrícola. Da mesma forma, funcionários de casas comissárias, encarregados de comprar o café diretamente dos fazendeiros, poupavam e investiam em terras, e se tornavam produtores. (OLIVEIRA & GRIMBERG, 2007; 20).

Portanto, terras férteis em abundância e quase a custo zero, mão-de-obra ociosa, expansão das linhas ferroviárias e, principalmente, um longo período de preços atraentes do café explicam a rápida expansão cafeicultora no Sul de Minas.

Pires (2004) ressalta a importância do desenvolvimento da cafeicultura do Sul de Minas e sua relevância comparada à produção da Zona da Mata, que somadas nos dão a produção total mineira:

Nos anos 70, a produção mineira era a segunda do país. Suas exportações representavam 27% das nacionais. Até aquela data, a quase totalidade do café exportado era produzido na zona da Mata. A partir do final da década de 80 o café passou a ser cultivado com maior intensidade no Sul de Minas (...); com isto, aumentou o peso do produto sul mineiro no cômputo total das exportações. Até o final do Império, a maior parte do café exportado vinha da zona da Mata. **De uma participação de cerca de 20% das exportações no início da década de 90, o café sul mineiro passou a 30% do valor total exportado nos primeiros anos do século XX, mantendo-se nesta posição até 1930.** A zona da Mata continuou como a região produtora principal. (...) (GIROLETTI Apud PIRES, 2004). (grifo nosso).

O café trazia consigo a eletricidade, o automóvel e o telefone, os tecidos finos, o calçamento das ruas e a construção de teatros e outras “novidades”. Portanto, a economia do sudeste brasileiro em finais do século XIX foi marcada pela expansão cafeeira, acompanhada por uma ideologia progressista de modelo francês que determinaria os caminhos do *progresso e civilização*. Varginha, não esteve alheia a este processo, principalmente quando o café começou a se expandir pela região sul-mineira e lentamente caminhou para se tornar o seu principal produto no início do século XX.

Foi na expansão da economia cafeeira no Sul de Minas Gerais que se desenvolveu a cidade de Varginha, que inicialmente era chamada de Espírito Santo da Varginha, tendo sido emancipada de Três Pontas, em 1881.

As principais atividades econômicas de Varginha eram o comércio e a cafeicultura. A cultura do café foi introduzida no município por volta de 1870 (RUBIÃO,



1919 apud SALES, 2003), mas ganhou maior destaque econômico a partir do século XX, e eram comuns elogios quanto ao desenvolvimento da cultura no solo varginhense, como se vê a seguir:

As terras do município são ubérrimas e prestam-se a qualquer cultura. (...) O município de Varginha é o verdadeiro Eldorado do Café do Sul de Minas, sendo esta preciosa rubiácea muito conhecida e apreciada em todos os mercados – nacionais e estrangeiros – pela sua excelente qualidade que igual não se encontra em parte nenhuma (CAPRI, 1918 apud SALES, 2003:284).

Sobre a ascensão da cultura:

O café constitui a principal fonte de riqueza do município. Depois (...) da Zona da Mata, Varginha é o município do Estado de Minas que mais café exporta, com a diferença que por sua qualidade, o Café “Varginha” é reputado único e excepcional (...). O grau de desenvolvimento a que atingiu a lavoura do café neste próspero município, deve-se à prodigiosa fertilidade da terra, cuja composição química mais homogênea e resistente à vida do cafeeiro, faz que se avante até mesmo a terra cafeeira por excelência, que é São Paulo. (CAPRI, 1918 apud SALES, 2003:284)

O café foi, pelo que se vê com essas citações, a primeira grande riqueza de Varginha e os elogios a cultura na cidade continuam:

O nosso café, de tão excelente qualidade, é superior a todo o congêneres do Brasil, café especialmente encomendado pelos mercados consumidores do velho continente, ante a sua qualidade superlativa e seu aprimorado beneficiamento, chegando ao requinte de alguns importadores de Gênova exigir café de Varginha e da Fazenda tal, como acontece com o café *tipo Emilio*, da propriedade agrícola do Cel. Emílio de Rezende (...) A cultura do café dilata-se por todo o município, cultivada com esmero e ótimos resultados pecuniários, mantendo, em trabalho permanente pelas fazendas, numerosas colônias, que fazem o operariado valoroso do seu progredimento, refletindo-se, na ampliação da cidade e seu desenvolvimento, como consequência da prosperidade agrícola.(FONSECA & LIBERAL, 1920 apud SALES, 2003:281).

Tendo importância acentuada, assim como a atividade da cafeicultura, o comércio varginhense servia não apenas ao próprio município, mas também à vizinhança. A cidade apresentava certa dinâmica comercial que outros municípios do sul mineiro não apresentavam:



O comércio de Varginha pode ser considerado o mais importante de todo o Sul de Minas, pois importantes casas atacadistas servem as praças de Elói Mendes, Três Pontas, Dolores de Boa Esperança, Campos Gerais, Paraguaçu, Carmo da Cachoeira e Vila Nepomuceno (...). O comércio de Varginha é representado por casas atacadistas muito importantes. Pode-se afirmar, sem receio de exagero, que Varginha é o grande empório comercial do sul-mineiro. (RUBIÃO, 1919 apud SALES, 2003:277)

Com a decadência generalizada das exportações locais não-cafeeiras na década de 1880 reflete a substituição pela produção do café e o surgimento de novas rotas de escoamento. No último quartel do século ocorre grande expansão da malha ferroviária, facilitando o transporte direto para os mais importantes mercados do país.

Nesse sentido, destacamos que a expansão das Estradas de Ferro rumo ao Sul de Minas significou uma intensificação da conexão entre a região e o resto do país, aprofundando suas relações econômicas, sociais e culturais com praças como São Paulo e Rio de Janeiro.

Com efeito, o surto ferroviário alteraria radicalmente as feições da economia cafeeira e sua estruturação no território nacional. Tendo como vetores as linhas da estrada de ferro, surgiria a rede urbana, definindo-se em grande parte em função da ferrovia os municípios que desempenhariam as funções de centros e pólos regionais. A expansão cafeeira, além de modificar fundamentalmente as condições de transporte, repercutiu também na economia do país, com a valorização das terras próximas às ferrovias, decadência de cidade e regiões mais afastadas, imposição da monocultura e favorecimento da urbanização, dentre outros aspectos marcantes no processo (SEMEGHINI, 1991).

Dessa forma, a chegada da ferrovia representou verdadeira transformação na economia do Sul de Minas. No processo de produção ela permitiu o aumento das margens de lucro por reduzir o custo do frete e eliminar perdas. A ferrovia facilitou também o deslocamento da mão de obra, requisito essencial na formação do mercado de trabalho.

O surgimento da ferrovia, em Varginha, no final do século XIX, foi um marco importantíssimo para o desenvolvimento econômico da cidade e da região sul de Minas Gerais.

A ferrovia chegou à cidade em 1892. Assim, as distâncias entre Varginha e outros municípios seriam percorridas mais rápido, graças à modernidade na época, que contou





com investimentos financeiros de Matheus Tavares da Silva para ser inaugurada. O então primeiro presidente da Câmara e dono da maior riqueza de Varginha, no período de 1882 à 1883, negociante, comerciante, dono de grandes extensões de terras e detentor de muitos escravos<sup>7</sup>, faleceu em 1905, deixando dois filhos e cinco netos. Em relação à ferrovia, afirma Sales (2003):

É indubitável que a passagem da via férrea por Varginha contribuiu enormemente para o desenvolvimento da cidade e da região. No entanto, a notícia da inauguração recebeu apenas uma pequena nota, sem título, no Minas Gerais, órgão oficial dos poderes do Estado, coluna ‘Várias Notícias’, em 30 de maio de 1892: “Foi inaugurada a Estação da Varginha, da Companhia Muzambinho” (SALES, 2003:180).

No fim do século XIX e início do século XX o processo de imigração italiana veio a fortalecer a economia da cidade, fazendo se desenvolver relações de trabalho mais próximas às relações capitalistas de produção. Varginha foi um dos municípios que mais receberam imigração italiana no Brasil neste período.

O memorialista Rubião (1919) relata que a imigração italiana salvou a lavoura do café, pois não se podia contar com a mão de obra dos negros recém-libertados, os fazendeiros locais contrataram então para suas fazendas as primeiras famílias de imigrantes italianos. Em relação à imigração italiana no município de Varginha:

E essa imigração, por felicidades de nossa terra, ao invés de ser uma escória social das velhas cidades do velho mundo, foi, antes uma lasca de rocha viva da nacionalidade italiana, quase todos dos campos e aldeias – lombardos, toscanos, vênnetos, etc. Robustos energéticos, ativos e econômicos, supriram cabalmente o vácuo aberto na lavoura do café pela falta de braços. (RUBIÃO, 1919 apud SALES, 2003:173).

Lefort (1950) aponta para a importância e a influência da imigração italiana no município:

Uma dessas correntes migratórias no ano de 1888 estabeleceu-se em Varginha foi a italiana. Ramificada de São Paulo e acrescida de novos elementos do velho mundo. Aqui se entregou à cultura, sua primitiva especialidade, abastecendo os mercados do país com a preciosa rubiácea. Após terem iniciado sua vida na agricultura, muitos dos trabalhadores. Italianos, um dia, se viram capitalistas, negociantes, fortes, proprietários abastados, industriais ativos, colaborando eficazmente, no soerguimento das riquezas naturais do município.



Varginha lhes deve o impulso econômico e grande parte de seu progresso quer na indústria, quer no comércio, quer nas profissões liberais. (LEFORT, 1950 apud SALES, 2003:174).

Outro fluxo considerável foi o de imigrantes sírio-libaneses, que ocorreu nas primeiras décadas do século XX, imigrantes estes que viviam em sua maior parte do comércio de produtos da capital paulista. A imigração se perfaz em maior número em Varginha com italianos, mas vieram levas de portugueses, espanhóis, alemães, argentinos e, em menor número, asiáticos.

De acordo com Sales (2003) os imigrantes italianos iniciaram um processo de miscigenação com a população varginhense que acarretou profundas modificações nos hábitos e na cultura locais.

O café, produto de suma importância para a economia do município, estava diretamente ligado à indústria. *“Entre os principais estabelecimentos industriais, destacam-se os destinados ao beneficiamento e rebeneficiamento do café, todos localizados em proximidade da estação férrea de Varginha”* (RUBIÃO, 1919 apud SALES, 2003:280). Destacavam-se, também, alguns produtores de: aguardente, rapadura, manteiga, e as oficinas mecânicas.

Fator também importantíssimo para o progresso de qualquer região é o desenvolvimento das instituições bancárias. *“Como elementos propulsionadores do grande comércio varginhense, que se irradia por grande extensão do sul do Estado, de modo a dar-lhes merecidamente a primazia comercial, conta a cidade com dois magníficos estabelecimentos”* (FONSECA & LIBERAL, 1920 apud SALES, 2003:281).

Em 1915, foi inaugurada na cidade uma agência do Banco Hipotecário e Agrícola do Estado de Minas Geraes. Também foi inaugurada nessa época uma agência do Banco do Brasil.

As necessidades crescentes de nossa lavoura, o movimento sempre em progressão do nosso comércio, o lugar em destaque que gozava no Sul de Minas, Varginha, como centro produtor e comercial do café, vinha de longa data exigindo um estabelecimento de crédito nesta praça. É admirável, como pode esta cidade, com uma plethora enorme de capitães, com um recorgitamento crescente de economias, com um vai-vem contínuo de transações, sustentar toda uma enorme circulação fiduciária sem uma casa bancária. (RUBIÃO, 1919 apud SALES, 2003:281;282).



Vimos então, com a ajuda da historiografia, como Varginha passou de um arraial a uma cidade na transição do século XIX para o século XX, observando seu crescimento urbano e modernização, com o aumento do número de ruas e casas, além da introdução e importância do café para a cidade na época. Chegamos também a observar algumas características dos comércios, das primeiras fábricas, a chegada da ferrovia e os bancos no município. A elite agrária da cidade também foi muito importante para seu progresso. Fazendeiros, plantadores de café e negociantes ajudaram Varginha a fazer sua história.

#### **2.4. Varginha: aspectos econômicos (1930 - 2012)**

Varginha conta com localização privilegiada e estratégica, estando às margens do Lago de Furnas, e ao mesmo tempo equidistante a três grandes capitais do Brasil, São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte.

As atividades agrícolas, historicamente consolidadas no município, têm maior expressão na cafeicultura, que constitui atividade propulsora da economia local. O município conta com diversos armazéns, cooperativas de agricultores, e outras formas de organização empresarial, enfatizando o papel de Varginha na economia nacional.

Tendo em vista sua posição geográfica e a facilidade de aquisição de matérias-primas e escoamento da produção, o município detém indústrias de diversos ramos, com destaque ao beneficiamento de produtos agrícolas e indústrias de transformação, inclusive com a presença de empresas multinacionais. A renda gerada pela agricultura e indústria aquece a economia local, estimulando o investimento em diferentes atividades comerciais e de serviços.

A sociedade brasileira viveu no século XX um amplo processo de transformações socioculturais e econômicas, passando de uma sociedade agrária a uma sociedade com características cada vez mais industriais e urbanas. (MARTINE et al., 1989; MARTINE, 1994). Desde a década de 1930, com a perda de importância do modelo de monocultura agroexportadora cafeeira e o forte impulso de urbanização do país, dado pela intensificação do processo de industrialização, as relações entre os meios rural e urbano vêm sendo intensamente transformadas pela dinâmica própria das condições capitalistas de produção.

A Grande Depressão (1929 a 1933) gerou grandes prejuízos para a cafeicultura e, portanto, para toda a economia brasileira (conjugados à questão da superprodução), pois ela sujeitava-se às condições do mercado externo, o que gerou uma conscientização da



dependência que o Brasil tinha da política cafeeira voltada em quase sua totalidade para o mercado internacional, ou seja, a vulnerabilidade de uma economia agroexportadora.

No início da crise houve estagnação da economia em todos os setores, todavia, a partir de 1933 a economia volta a crescer; principalmente o setor industrial, a agricultura voltou a recuperar-se, mas, foi lentamente. E com a solidificação das indústrias a sociedade nacional passou a consumir as mercadorias produzidas internamente substituindo as importações. Isto fez com que muitos cafeicultores desistissem de suas grandes plantações, passando a investirem outros setores, essencialmente o das indústrias. Inúmeros destes fazendeiros começaram a mudar de ramo, porque o mercado cafeeiro era muito vulnerável.

Contudo, a década de 1930 foi um período importantíssimo para o desenvolvimento do Brasil, pois, o que existiam antes eram pequenas fábricas e somente nos anos trinta, começou-se a desenvolver o processo de industrialização brasileira.

Nesse contexto, os mercados consumidores encolheram drasticamente. Em Varginha, também não foi diferente. Diante da crise, os cafeicultores recorreram, como de costume, ao apoio do governo federal que, porém, foi incapaz de dar continuidade à política de proteção ao setor.

Com efeito, a crise de 1929 também foi um importante fator a contribuir para o enfraquecimento político das oligarquias cafeeiras e, além disso, deixou claro para as elites dominantes a inviabilidade e os limites do modelo de economia agroexportadora.

Com o tempo, a indústria cafeeira (beneficiamento e exportação) ultrapassou a produção (lavoura) na cidade.

Varginha começa a se expandir. Novos bairros surgem. O primeiro deles, a Vila Barcelona, formado em sua maioria por operários.

Na década de 1950, segundo estimativas do Departamento Estadual de Estatística de Minas Gerais, a produção cafeeira representava 85.84% de toda a produção agrícola do município. Já a pecuária era bastante desenvolvida, sobretudo no que se refere ao rebanho bovino que ocupava 76.84%, quanto ao valor dos rebanhos. E a indústria ocupava um papel de destaque na vida econômica da cidade, principalmente a indústria manufatureira e fabril, com 73.88% do capital empregado. Constatou-se, portanto, que a base da economia varginhense era a agropecuária, seguida pela indústria manufatureira e fabril.



A cidade nessa época ainda se restringia ao “miolo” do centro. As casas terminavam na Avenida Major Venâncio, no “Areião” (Fátima), na Vila Barcelona e nas Três Bicas. Bairros como Catanduvras, Jardim Andere, Bom Pastor ainda não existiam, eram considerados zona rural.

A evolução industrial por que passa Varginha, só começa significativamente a partir de meados da década de 1950, com a instalação da **CBC Indústrias Pesadas S.A.**, inicialmente denominada "**Companhia Brasileira de Caldeiras**" e "**Companhia Brasileira de Caldeiras e Equipamentos Pesados**", respectivamente, fundada em setembro de 1955, foi um marco na industrialização de Varginha, embora modesto em fins dos anos 50. Veio para a cidade antes mesmo de Varginha possuir instituições para formar mão-de-obra, cuja implantação foi mais notória nas décadas de 1960 e 1970. Era a maior empresa da cidade, chegando a ter 3.000 funcionários.

Começam a ser criadas regionais dos governos estadual e federal. A era do ensino superior tem início em 1965, com a primeira escola de ensino superior (Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras). Nos anos seguintes são criadas a Faculdade de Direito de Varginha, Faculdade de Ciências Contábeis e de Administração, a Faculdade de Engenharia Mecânica (a hoje extinta Fenva) e a Fepesmig, que se tornou, depois, Centro Universitário do Sul de Minas. Mais recentemente, Unifenas e Unifal.

A partir da década de 1970 intensifica-se o processo de industrialização da cidade e a modernização na produção cafeeira. A vocação agrícola de Varginha foi sendo substituída gradativamente pela indústria e prestação de serviços. O mesmo ocorreu com o café, com os números da torrefação e da exportação mais expressivos do que a lavoura do município, gerando renda para a cidade. Essa adaptação ao mercado e aos novos tempos permitiu à Varginha ser a segunda praça de comércio de café do mundo, só perdendo para Santos, no litoral de São Paulo.

O parque industrial contemporâneo de Varginha começou a tomar forma com empresas como Moinho Sul Mineiro, Café Bom Dia, Polo Film, Plavigor, FL Smidth, Heatmaster, CBC e Cooper Standard.

Nos anos 1990, o crescimento das regiões sul e sudoeste de Minas Gerais proporcionou a instalação, em Varginha, em 1993, da Estação Aduaneira do Interior ou EADI mais conhecida como Porto Seco do Sul Minas, sendo a primeira a entrar em funcionamento no Brasil. As estações foram criadas na década de 1990 pela Secretaria da Receita Federal com o objetivo de aliviar o fluxo de mercadorias nos portos, aeroportos



e pontos de fronteira em todo o país. Com isso, há mais agilidade na liberação das mercadorias uma vez que os procedimentos aduaneiros são realizados próximo ao estabelecimento dos importadores/exportadores.

Segundo a Receita Federal, no ano de 2012, o Porto Seco de Varginha exportou cerca de U\$ 119,641 milhões em mercadorias.

Atualmente, a cidade é um dos principais centros de comércio e produção de café do Brasil. De acordo com o IBGE (2010), a economia de Varginha possui como principais setores econômicos o Serviço e a Indústria. E ainda segundo o instituto, o município, no ano de 2012, tinha o maior PIB da Região do Sul de Minas, cerca de R\$ 4.007.089.000,00 e um dos maiores do estado. O setor terciário ocupa 53,2% do total da população economicamente ativa, o setor secundário ocupa 34,3% e o setor primário 12,5%. O município possui um parque industrial e uma rede de saúde de destaque, sendo a principal sede de serviços públicos no Sul de Minas.

## 2.5. As Folias de Reis

“A folia é um sistema inicial de trocas entre pessoas que configura a própria essência da festa popular no Brasil. Cheia de falas e gestos de devoção, ruptura e alegria, ela nada mais é do que uma sequência obrigatória de atos codificados de dar, receber, retribuir, obedecer e cumprir. Troca-se o trabalho por honrarias, bens de consumo por bênçãos, danças por olhares cativos, o investimento do esforço pelo reconhecimento do poder, a fidelidade da devoção pela esperança da benção celestial. Obedece-se ao mestre, ao festeiro, ao padre, ao chefe da torcida, ao maestro da banda. Cumprem-se promessas, votos feitos”.  
(Carlos Rodrigues Brandão, 1989:11)

Alguns estudiosos afirmam que a Folia de Reis pode ter surgido na Ásia, no noroeste da Índia e que os ciganos seriam a origem dos primeiros foliões, já que por tradição eles não teriam apenas um paradeiro e que moravam em vários lugares. Assim, fazem um paralelo com as primeiras Companhias de Reis que utilizavam diversos pousos durante a jornada e por suas vestimentas e bandeiras, coloridas e cheio de fitas parecendo com o estilo dos antigos ciganos. Outra tradição antiga diz que Melchior era da Tarsis, Gaspar da Arábia e Baltazar da Etiópia e eram descendentes de Job. *“Devido à sucessão de gerações e como resultante da natural miscigenação, é que os Magos sendo parentes,*



*mas que viveram em regiões diferentes, possuíam cor epidérmica diversa” (Calafori, 1993).*

Porém, a versão mais difundida é que a Folia de Reis teria suas raízes na Espanha, no século XIII e levado para Portugal. Segundo Cascudo (1980, p.336) “*Era no Portugal velho uma dança rápida, ao som do pandeiro ou adufe, acompanhada de cantos*”. No Brasil, na época da colonização, por volta de 1534, seriam os jesuítas que a introduziram, como forma de catequizar os índios e posteriormente os escravos que chegaram no país. Aos poucos, durante os anos, os festejos ganharam outras formas de anunciar e festejar o nascimento de Jesus, desenvolvendo uma narrativa mais sacra. Em Minas Gerais, naturalmente, com o tempo, tornou-se o principal reduto dessa comemoração popular, sendo absorvida pelas classes sociais mais pobres. Em vários estados: Espírito Santo, Bahia, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul, também, esse ritual do catolicismo popular, recria nos mesmos moldes, a visita dos Três Reis Magos ao Menino Jesus, com preces, cânticos, danças e pedidos de ofertas, sempre nos finais dos anos.

O natal, que comemora o nascimento de Jesus no dia 25 de dezembro, teria sua origem, de acordo com vários estudos, sido baseado numa comemoração feita pelos antigos romanos, que celebravam o *Natalis Invistis Solis*, o “*nascimento do deus sol invencível*”. A Igreja Católica, no século IV, deu então um novo significado a esta comemoração romana pagã, a fim de que se tornasse uma data oficial católica.

Porém, o antigo calendário juliano fixava a data de nascimento de Jesus em 06 de janeiro, sendo depois substituído pelo gregoriano. A antiga data foi assimilada e seguiu como data base para o fechamento do ciclo natalino, onde se encerram as comemorações das Folias de Reis.

A visita dos Reis Magos ao Menino Jesus é narrada pelo evangelho de Mateus, 2:1-12:

Tendo Jesus nascido em Belém da Judeia, no tempo do rei Herodes, chegaram a Jerusalém uns magos vindos do Oriente. E perguntaram: “Onde está o rei dos judeus que acaba de nascer? Vimos a sua estrela no Oriente e viemos adorá-lo”. Ao ouvir tal notícia, o rei Herodes perturbou-se e toda a Jerusalém com ele. E, reunindo todos os sumos sacerdotes e escribas do povo, perguntou-lhes onde devia nascer o Messias. Eles responderam: “Em Belém da Judeia, pois assim foi escrito pelo profeta: E tu, Belém, terra de Judá, de modo nenhum és a menor entre as principais cidades da Judeia; porque de ti vai sair o Príncipe que há-de apascentar o meu povo de Israel”. Então Herodes



mandou chamar secretamente os magos e pediu-lhes informações exactas sobre a data em que a estrela lhes tinha aparecido. E, enviando-os a Belém, disse-lhes: “Ide e informai-vos cuidadosamente acerca do menino; e, depois de o encontrardes, vinde comunicar-mo para eu ir também prestar-lhe homenagem”. Depois de ter ouvido o rei, os magos puseram-se a caminho. E a estrela que tinham visto no Oriente ia adiante deles, até que, chegando ao lugar onde estava o menino, parou. Ao ver a estrela, sentiram imensa alegria; e, entrando na casa, viram o menino com Maria, sua mãe. Prostrando-se, adoraram-no; e, abrindo os cofres, ofereceram-lhe presentes: ouro, incenso e mirra. Avisados em sonhos para não voltarem junto de Herodes, regressaram ao seu país por outro caminho (BÍBLIA SAGRADA, s/d, Mateus 2:1-12).

Algumas, das diversas hipóteses sobre a estrela que apareceu no céu, seria uma conjunção entre Marte, Júpiter e Saturno, a constelação do signo de peixes, símbolo do Cristianismo. Outros acreditam ter sido a explosão de uma supernova, que gerou um grande brilho nos céus da região. Essa estrela representaria a data do nascimento do menino Jesus, o salvador, conforme uma tradição esotérica, a Profecia da Estrela, que é citada na Bíblia, no livro de Números 24:17:

Eu o vejo, porém não agora;/ Eu o contemplo, porém não de perto.  
De Jacó nascerá uma estrela,/ E de Israel se levantará um cetro,/ Que ferirá as fontes de Moabe,/ E a cabeça de todos os filhos de orgulho  
(BÍBLIA SAGRADA, s/d., 24:17).

Acredita-se também, que a origem popular dos personagens serem em número de três vêm da citação do evangelho de Mateus, onde os magos ofereceram três presentes: ouro, incenso e mirra.

O ouro significaria a realeza, o incenso representaria a fé, as orações, utilizado nos templos, para que seus pedidos chegassem aos céus, como a fumaça que sobe. Já a mirra, era uma resina usada em embalsamentos, e como uma profecia, representava o martírio, a morte de Jesus aos 33 anos. E segundo estudos do Santo Sudário de Turim, onde a crença diz que o corpo de Jesus foi envolto, foi achado traços desse produto.

Quanto aos três visitantes de Jesus serem conhecidos como magos e astrólogos, e que vieram do oriente, tinham ligação com a religião caldéia:

“o primitivo sacerdote caldeu é o mago que, com perfeita vocalização, afasta os espíritos inferiores e invoca a proteção dos bons. Este estudo profundo das artes mágicas faz dos sacerdotes e Iniciados caldeus, grandes químicos e grandes conhecedores do aspecto oculto da natureza. Como aprenderam que toda influência humana está sujeita à





influência estelar e sideral, foram astrônomos consumados. Tão certo é isto, que os templos caldeus podem ser considerados como grandes observatórios”.<sup>2</sup>

Outra versão da origem das Companhias advém da história que os três Reis Magos após a visita a Belém, receberam um manto da Nossa Senhora. Nele estava estampado a cena da visitação. Fizeram então, uma bandeira, formando assim, a primeira Companhia de Reis e assim divulgando para todos o nascimento de Jesus.

Mas todas as conjecturas e controvérsias em torno da história bíblica ou da história mítica: se eram reis, magos, em número de três, de qual região, se chamavam Belquior, Baltazar e Gaspar, se um deles era branco como a manhã, se outro era moreno como a tarde e por fim, um deles, preto como a noite, não interfere no poder da fé que as pessoas têm e continuam a representar essa cena bíblica – o encontro entre o menino Jesus e os Três Magos de diversas formas. São imagens e significados celebrados todos os anos, através de rituais cheios de simbolismo, em que o povo transforma e adapta para culminar nas Folias de Reis.

Para representar essa trajetória, da viagem dos Reis Magos à gruta do nascimento do menino Jesus, o imaginário construído através dos tempos vem se adaptando de acordo com o país, o povo e a religiosidade de cada lugar. Assim, entre dezembro e janeiro, com um padrão, porém com nuances diferenciadas de rituais, uma bandeira com a imagem da família sagrada e os magos sai às ruas em diversas cidades, tomando a dianteira de um cortejo de músicos e dançarinos formando uma Companhia de Santos Reis. Passam em várias casas por dia, revivendo essa peregrinação dos magos que saíram do Oriente em direção à Belém para encontrar Jesus Menino.

Nesta trajetória, participam de orações e cantorias; danças e festas. Servem comidas e bebidas. Pedem e recebem graças dos Santos Reis. Mesmo não seguindo uma orientação formal da Igreja Católica, os integrantes das Companhias são fiéis a mesma.

---

<sup>2</sup> Texto disponível em: [www.santiagobovisio.com](http://www.santiagobovisio.com). Acesso em novembro de 2019.



Sempre após a Jornada das Folias, que vai do dia 25 de dezembro à 06 de janeiro, se encontram numa grande missa.

As Folias de Reis estão inseridas no contexto folclórico religioso popular, já que é a soma dos ensinamentos passados de geração a geração, que está vivo, reinventados e remodelados conforme o grupo que a vivencia. Luís da Câmara Cascudo em seu Dicionário do Folclore Brasileiro coloca que *“Folclore é a cultura do popular, tornada normativa pela tradição. Compreende técnicas e processos utilitários que se valorizam numa ampliação emocional, além do ângulo do funcionamento racional”*. Essa tradição, onde grupos se encontram para fazer a caminhada de casa em casa em busca de graças dos Santos Reis, sofre modificações com o tempo, porém a essência é a mesma. A simplicidade oral e comportamental mantêm a memória viva. Brandão informa que *“Com o tempo a memória oral, que é o caminho por onde flui o saber do folclore, esqueceu autorias, modificou elementos de origens e retraduziu tudo como um conhecimento coletivo, popular”* (BRANDÃO, 1984, p. 34).

As Folias de Reis, assim, desde os primeiros relatos de sua manifestação, continuam sofrendo diversas influências. A compreensão do todo é temporal. Amanhã, algo de novo poderá ser introduzido ou suprimido, mas sempre deixando suas marcas.

Varginha aparece no rol das cidades que contavam com produção industrial e de café, e apareceria também entre aquelas que eram servidas pelas linhas do transporte ferroviário. O município viveu sua belle époque, segundo Sales (2003), do período compreendido entre 1881 e 1913. Marcada pelo desenvolvimento social e econômico, a cidade se fez um centro de expressão regional a partir da criação do município e da cidade em 1881 e 1882, a abolição em 1888, a ascensão à sede de comarca em 1890, a implantação da estrada de ferro em 1892 e a imigração italiana em fins dos oitocentos e começo do século XX, na prática determinaram o progresso de Varginha no transcurso dos novecentos.

A decadência generalizada das exportações locais não-cafeeiras na década de 1880 reflete a substituição pela produção do café e o surgimento de novas rotas de escoamento. No último quartel do século ocorre grande expansão da malha ferroviária, facilitando o transporte direto para os mais importantes mercados do país. Nesse sentido, destacamos que a expansão das Estradas de Ferro rumo ao Sul de Minas significou maior intensificação da conexão entre a região e o restante do país, aprofundando suas relações



econômicas, sociais e culturais com praças como São Paulo e Rio de Janeiro. Paralelamente, as transformações nas relações socioeconômicas pelas quais Varginha passou na transição do século XIX para o XX – crescimento e desenvolvimento da cidade, cultivo do café, surgimento das indústrias, intensificação do comércio, desenvolvimento da ferrovia e dos bancos – direcionavam Varginha para uma maior integralização com mercados externos, fazendo crescer as relações capitalistas de produção.

A cidade, nessa perspectiva, vinha se consolidando como um núcleo urbano de importante atuação aos parâmetros de condições técnicas sociais e econômicas daquela época, tornando-se um entreposto comercial de raio inter-regional. Nesse sentido, foi com a chegada da estrada de Ferro Muzambinho em 1892, que ao extrapolar as terras paulistas e atingir a região do Sul de Minas Gerais, fez Varginha ampliar e dinamizar consideravelmente seu campo de atuação mercantil. Com efeito, a chegada da ferrovia, em fins do século XIX, representou uma verdadeira transformação na economia do município.

A construção da estrada de ferro dinamizou a comercialização do café, incrementando as relações com o Rio de Janeiro e São Paulo e; a era ferroviária representou o primeiro passo para despir a cidade das antigas roupagens coloniais. O café trazia consigo a eletricidade, o automóvel e o telefone, os tecidos finos, o calçamento das ruas e a construção de teatros e outras “novidades”.

### **A Folia de Reis e o crescimento da cidade**

A Folia de Reis passou a integrar o conjunto de manifestações folclóricas de Varginha - MG em meados de 1930, quando o senhor Arlindo Cardoso fundou a Companhia de Santos Reis "Cardoso e Amigos". Deste ponto em diante, o costume da celebração popularizou-se e o município chegou a abrigar até trinta e dois grupos de Folias de Reis. As festas já foram celebradas em frente à antiga Cadeia Pública e, depois, no Largo da Matriz, até finalmente chegarem à Concha Acústica, local onde acontecem até o presente.

A tradição das Companhias de Santos Reis em Varginha tem como primeiras referências, segundo a oralidade, um século de existência. Começou na zona rural, por colonizadores que ocuparam territórios transformados em fazendas e roças. Conforme



relatos dos mais antigos moradores e de Lázara das Graças da Silva, embaixadora da Companhia São Lázaro de Varginha, nascida na roça, em 1945, em Elói Mendes MG, foi na roça que ela começou a sair na Folia de Reis, ainda quando tinha 9 anos. A família mudou-se para Varginha nessa época e ela continuou a sair na Folia:

As Companhias ia para Roça, em outras cidades, mas nós ia até o dia primeiro de janeiro. A partir daí, cantava dentro da cidade. Primeiro as roças e depois as cidades. Eu, desde pequinhinha, acompanhava a Companhia do Seu Zé Pintinho, e depois, casei e fui embora e larguei. Depois, quando vinha passear aqui, a gente cantava, o meu marido também aprendeu a cantar (ENTREVISTA com Lázara das Graças da Silva, 2016).

Nas antigas roças e fazendas de Varginha, entre os séculos XVIII e XX, a tradição do catolicismo sempre foi muito forte. É possível, ainda hoje, ver as capelinhas construídas dentro das casas e até mesmo fora da sede principal. As distâncias impostas entre a zona rural e a urbana propiciavam os encontros religiosos, como missas, batizados, casamentos e comemorações natalinas, das comunidades próximas. O sentimento de pertencimento a um grupo era costumeiro entre os moradores rurais. E com o surgimento gradativo de pequenas roças e grandes fazendas ao longo dos anos, fez com que aumentasse o número de adeptos das Companhias de Reis.

A rápida urbanização e com o advento da industrialização, empresários italianos se arriscavam em pequenas fábricas de manteiga, de cerveja, pistons para automóveis, entre outras tantas. Na área rural, cai o intenso trabalho do campo, com a substituição da lavoura tradicional pela mecanizada. Sendo assim, moradores da zona rural são aos poucos contratados para os pequenos negócios da cidade, e assim, deslocaram os festejos das Folias para a área urbana, já que passaram a morar na cidade, provocando mudanças comportamentais e sociais nos integrantes das folias rurais. Se antes as Companhias eram formadas por laços familiares, agora, são integrados vizinhos, companheiros de trabalho e os novos amigos urbanos. Isso também gerou deslocamentos diferenciados. As distâncias percorridas na roça eram menores pelos núcleos familiares estarem em áreas próximas, geralmente empregados do mesmo patrão. Já na cidade, os bairros distantes alteraram o ritmo do giro, sendo necessário o uso de transporte como carros e ônibus para transportar os integrantes, os instrumentos e os que apenas acompanham: esposas, namoradas e filhos. Até os anos 1950, a Folia de Reis era uma expressão religiosa típica da zona rural. A partir dos anos 1960, Varginha experimenta um intenso êxodo rural.



O isolamento antes imposto pela vida no campo, ganha novos ares. Estradas são construídas que levam à cidade e o acesso ao transporte é facilitado. Os anos de 1970 chegam com seus atrativos e com rupturas amplas na vida da sociedade. A ditadura imposta pelo governo da época lança mão do poder de censura. Mas, mesmo assim, a televisão mostra novos conceitos, filmes abordam temas variados e publicações exploram o consumo por novos produtos.

Para algumas Companhias de Reis também não foi fácil, em certo período de suas histórias, a aceitação por alguns segmentos da sociedade sobre a forma como as Folias se apresentavam. Russilvânia Gallo, ex-presidente da Associação das Companhias de Reis de Varginha, conta que no início dos anos 1980, foi a uma reunião com as Companhias e colocaram o seu pai, Silvano Gallo, como presidente das Companhias. Um ano depois, para conseguir verbas e terem certa estrutura, criaram a Associação, que só foi registrada em 1987, quando ela assumiu a presidência. Era um trabalho árduo. As Companhias de Reis eram proibidas pela polícia de passar da linha férrea pra cima e só poderiam ficar nas periferias. Eles pegavam e prendiam. Não poderia atravessar o centro da cidade. Pra eles virem de um bairro para o outro, que estivesse dos lados extremos da cidade, eles teriam que contornar e não poderiam circular pelo centro da cidade. Então, havia muita briga e bebedeira.

Acabar com a bebedeira foi o trabalho maior nosso, porque eles ainda acreditam que pra cantar bem tem que beber um golinho. Nem eles aceitam isso, de bebedeira. Porque eles estão levando o nome dos Santos Reis e o nome da igreja, então é uma coisa paralela. A Associação trabalhou muito sobre isso, era determinadamente proibido entrar num bar e uniformizado e vocês estão representando a igreja, estão representando a história das Companhias, a Associação, tá tudo envolvido. Aí quando havia uma confirmação de que continuavam a beber, a gente começava a cortar verba. Então, aonde que a pessoa dói mais? É no bolso. Então vamos falar, se a turma ganha mil, ele vai ganhar só novecentos. Teve companhia que nós chegamos a tirar metade da verba por causa de briga, bebedeira. Bebedeira, briga feia teve, até tiroteio. Aí não vem na missa, quer vir na apresentação. Então a missa era o ponto central do nosso trabalho. Todas vão lá pra receber a benção e agradecer e o encontro, seria o coroamento disso. Então, naquele ano a coisa ficava normal, no ano seguinte como eles mesmos eram da diretoria faziam de tudo para que todos andassem de forma correta, pra que não houvessem as brigas, pra que não ficassem frequentando bares, para que não faltassem a missa do dia 6 de janeiro, porque pra nós era um ponto muito forte onde deveriam estar juntos e assim nós conseguíamos uma caminhada maravilhosa, graças a Deus (ENTREVISTA com Russilvânia Gallo, 2016).



Russilvânia ainda conta que usavam roupas surradas com aparência desagradável. Mas a fé daquele povo permanecia mesmo com todas as dificuldades. Então, em 1984, fizeram uma primeira apresentação de um presépio ao vivo com os filhos dos componentes das Companhias de Reis, na Avenida Rio Branco, em frente ao Cine Rio Branco.

Era uma coisa... pela má aparência talvez, era simplório. A igreja não apoiava, por causa da bebedeira, das brigas. Sabe que havia um desafio quando se encontravam duas companhias? Elas tinham que se desafiar e chegou a acontecer até mortes por causa do desafio. Havia agressões físicas e verbais seríssimas. Acabavam sendo presos. E foi assim com nosso trabalho da parte espiritual, mostramos pra eles que estávamos servindo o mesmo Deus e matando um irmão. Levamos eles para a igreja. Então, para nossa primeira apresentação, no desfile na avenida e como eles não podiam entrar nas igrejas, nem mesmo na periferia, eles eram proibidos, nós conseguimos um apoio dos padres pra gente fazer uma missa, a partir desse primeiro espaço que o padre deu na Matriz do Espírito Santo. A gente então, conseguiu abrir as portas de todas as outras, não no mesmo ano. Mas, nós conseguimos que as igrejas recebessem as companhias de reis, que o padre fosse abençoá-las. Aí aconteceu a primeira missa com a participação delas. Eu acho que foi lá pro ano de 84. Daí pra frente, com os apoios financeiros da prefeitura e com a abertura das igrejas, as companhias começaram a crescer em todos os sentidos, espiritual e com o apoio financeiro (ENTREVISTA com Russilvânia Gallo, 2016).

Hoje em dia, Russilvânia informa também que, uma Companhia evita de encontrar outra, mas que se acontece, não há mais o desafio. Eles se cumprimentam e agradecem e desejam um bom trabalho.

Muitas crendices caíram por terra, outras foram amenizadas pelo conhecimento bíblico de todos, tornando-se assim, a festa mais tradicional na cidade, dentre as manifestações folclóricas da cultura popular. Seguem os mesmos ritos, datas e preceitos que deram origem à festa.

Porém, cada uma se distingue por sair de modo peculiar nas ruas da cidade, diferenciando-se através das vestimentas, utilização de instrumentos musicais não usuais, cantos e versos próprios e, até mesmo, a condução do giro feita por cada mestre. As Companhias de Varginha também variam na quantidade de marungos. Segundo a tradição, o número ideal para a representação da festa seria de três bastiões, simbolizando



os Três Reis Magos ou até cinco, acrescentando assim, dois soldados enviados pelo Rei Herodes para matar Jesus. É notável a participação de muitas crianças e adolescentes nas Companhias da cidade. Desde muito cedo são levadas, pela influência das próprias famílias, para saírem no cortejo, geralmente vestidas de marungo.

A transmissão dos costumes e ensinamentos sobre os festejos, a religiosidade e os papéis que cada integrante tem na Folia de Reis é passado de geração em geração. Em Varginha, não há restrições quanto à participação de mulheres nas Companhias, mas, no início, era um universo restrito aos homens. Alegava-se que os Reis Magos não levaram suas esposas e também que nenhuma mulher visitou o presépio. Com o tempo essas justificativas caíram por terra. Observa-se um número considerável de mulheres que participam das Companhias e que desempenham papéis como embaixadora, bandeireira, cantora e instrumentista. Cada Companhia por sua vez, possui uma história diferente, que as caracterizam e as tornam únicas, porém sempre envoltas por milagres, fé, memória e beleza.

Os moradores de Varginha, em geral, têm um grande respeito com as Companhias de Reis, mesmo que ainda, em alguns segmentos da sociedade varginhense, a moderna e abastada, não compreenda ou não se interesse pela Folia. A enorme multidão que os acompanha em seus giros e apresentações finais são chamadas de acompanhantes. São os devotos, amigos, familiares, os que estão passando pelo local da apresentação e acabam parando para ver, e assim, todos que tenham um envolvimento direto ou não com a Companhia, se juntam ao cortejo. Permitindo, então, esse encontro entre os membros da comunidade, já que as folias ocupam os espaços da cidade: suas ruas, caminhos e estradas. Não são chamados de foliões, pois não há obrigação de permanecer durante todo o trajeto da Companhia. Assim, com um forte apoio de muitas pessoas, podemos constatar que as Companhias se mantêm firmes e fortes na sua fé e na forma que realizam os seus rituais.

Cada Companhia tem suas particularidades e seus maneirismos na caminhada. E é uma troca entre a comunidade e seus integrantes. De um lado, a Companhia, propaga a fé, e de outro, a comunidade a recebe com respeito, acreditando no poder do milagre dos Santos Reis e do Menino Jesus. Carlos Rodrigues Brandão, antropólogo e folclorista diz que: *“a peregrinação da folia é entendida quando se nota que objetivam dar, receber e retribuir, como nos diz “pedir pouso, comida ou oferta, dar pouso, comida e oferta, e retribuir abençoando”*. (1981:42). Assim, esse formato caracterizador das Folias, doar,



pedir e abençoar, gera uma ligação entre a comunidade e o sagrado, promovendo uma sociabilidade religiosa, mesclada com uma manifestação folclórica devocional.

As folias de Reis são assim denominadas por tradição, sendo que o primeiro registro do termo "folia" aparece no Auto da Sibila Cassandra, uma das peças que compõem o teatro castelhano do dramaturgo português Gil Vicente, escrita por volta de 1511, na qual se menciona a folia como uma dança interpretada por pastores. As Companhias, há tempos, evitam ser chamadas de “folia”, preferindo ser nominadas de Companhias de Reis ou Companhias de Santos Reis. Relatam que “folia” denota uma bagunça ou carnaval. Na realidade, as companhias são muito organizadas e respeitosas com as famílias visitadas e obedecem o embaixador, que é o responsável pela disciplina. Mas é quase impossível desassociar o termo folia, mesmo porque, uma grande parte dos integrantes, assim se referem à Companhia de Reis.

Todas as Companhias de Varginha, após o período em que percorrem as ruas, se encontram no dia 06 de janeiro numa grande missa realizada na Igreja Matriz do Divino Espírito Santo. É uma cerimônia concelebrada em que há também o cortejo das bandeiras de Santos Reis e a benção dos instrumentos e que conta com a participação maciça dos integrantes das Companhias e seus familiares.

O Concílio do Vaticano II, que teve quatro sessões de 1962 a 1965, estabeleceu várias diretrizes. Entre elas, uma Igreja com maior participação dos leigos na ação eclesial, maior presença nas questões sociais e valorização da opção religiosa pessoal. Isso contribuiu para uma mudança e aceitação maior dos clérigos em relação às atividades das Companhias de Reis e da celebração comunitária no final dos giros.

No ano de 2009, o Instituto Cultural ArTeTude sob a coordenação do músico e produtor cultural José Raimundo Andrade, rearticulou a organização das Companhias junto aos presidentes, os conhecidos “Reiseiros”, em parceria com a Administração Municipal, criando o Encontro de Folias. O 1º Encontro, foi um grande evento apesar de contar com apenas 3 companhias. Atualmente, participam do projeto todas as Companhias de Santos Reis, oriundas de bairros diversos. Cada reisado possui em torno de 20 componentes, entre músicos (coro), embaixadores, marungos e porta estandartes. O Encontro de Folias acontece sempre no mês de Janeiro no 1º Domingo após a data em que se celebra o Dia de Santos Reis, 6 de Janeiro. O rito do encontro inicia-se com uma missa na Matriz do Divino Espírito Santo, localizada na Avenida Rio Branco, às 15 horas.





Após a missa, as Companhias seguem em cortejo pelas ruas do centro em direção à Praça José Rezende de Paiva, onde realizam um grande encontro. O evento tornou-se tradicional na cidade produzindo reflexos em toda a região, resgatando uma tradição religiosa tão popular no Sul de Minas.

O rito inicia-se com a celebração de uma missa na Igreja Matriz do Divino Espírito Santo. Após a missa as companhias seguem pelas ruas centrais em direção à Praça José Rezende de Paiva, onde se apresentam individualmente por cerca de 20 minutos.

Cada Companhia recebe dos organizadores e autoridades uma placa comemorativa do evento. Os integrantes das Companhias seguem a tradição quanto às vestimentas e alegorias, muita cor, brilho, fitas, cetim. Todos os reisados portam a tradicional Bandeira confeccionada segundo a criatividade de seus membros. As bandeiras são decoradas com fitas cetim de cores diversas, bordadas e/ou pintadas com desenhos, que mostram cenas do Deus Menino, do Divino ou Santos Reis.

Todos os integrantes apresentam-se trajados a caráter, os Músicos que trazem também os seus instrumentos enfeitados com fitas pendentes, os Marungos com calças e camisas floridas, muita chita, as máscaras artesanais que cobrem os rostos. Algumas companhias trazem em seu cortejo encenações natalinas como presépio, por exemplo, às vezes com atores mirins de sua comunidade.

No ano de 2016, A Fundação Cultural de Varginha, instalada na antiga Ferroviária, restaurou o complexo, surgindo então o Corredor Cultural ao longo dos antigos trilhos e plataforma de embarque. Ali, então, no dia 17 de janeiro, foi realizado o Encontro Anual de Confraternização das Folias de Reis, onde cada Companhia se apresentou. O momento foi especial, pois parte da população (cerca de quatro mil pessoas) pode ver as apresentações cheias de cantos, danças e cores. Nos anos seguintes o encontro voltou a ocorrer na concha acústica.

### **As bandeiras/estandartes das Folias de Reis de Varginha**

As folias de santos reis apresentam um efetivo poder de agregação social, para além de toda sua importância no que tange as construções das memórias individuais, tanto daqueles que participam como foliões, como daqueles que a recebem. Estas memórias individuais, quando sistematizadas e lidas sob um mesmo contexto de interpretação



informam um retrato da memória da cidade. A bandeira, símbolo dominante das Companhias de Reis, produz reflexos no plano das ações sociais e rituais, onde aspectos religiosos, lúdicos e artísticos, são muitos expressivos. Ostenta as imagens da Família Sagrada e dos Três Reis Magos e, ao mesmo tempo, identifica uma associação de pessoas organizadas em seu entorno. A bandeira dá visibilidade ao modo como essas pessoas ordenam o mundo e por isso sua importância como objeto ritualístico na sociedade.

### **Companhia de Reis Cardoso e Amigos**

A bandeira é constituída por um quadro central pintado à mão, em que se veem representados os três reis magos: Baltazar, Belchior, Gaspar e a Sagrada Família: Maria, José e o Menino Jesus. Dois deles têm a pele em tom claro, usam barba. O terceiro possui carnção escura e também usa barba. Na parte inferior da bandeira, à direita, a figura masculina encontra-se ajoelhada, de perfil, com cabeça e olhar direcionados para baixo. Possui braços flexionados em ângulo, com mão segurando atributo. Veste túnica amarela, com mangas longas. Manto envolto ao corpo, na cor vermelho, drapejado e volumoso. Já o da esquerda encontra-se ajoelhado, de perfil, com cabeça e olhar direcionados para baixo. Possui braços flexionados em ângulo, com mão segurando atributo. Veste túnica em tom pastel, com mangas longas. Manto envolto ao corpo, na cor verde, drapejado e volumoso.

Logo acima, ao centro, encontramos uma figura masculina de pé, em posição frontal, com cabeça e olhar direcionados para a frente. Braços flexionados em ângulo na altura da cintura, com mão segurando atributo. Veste túnica vermelha, com mangas longas. Manto envolto ao corpo, na cor azul, drapejado e volumoso. Do lado direito e vemos uma figura masculina, representando São José, ajoelhada, de perfil com mãos de rezar. Já do lado esquerdo, encontramos uma figura feminina, representando Maria Santíssima, ajoelhada, com mãos de rezar. Na extremidade superior da bandeira, nos deparamos com uma estrela, na cor amarela, ornamentada com cianinha branca. Entre os três Reis Magos, vemos uma figura masculina, jovem, representando o Menino Jesus em simples manjedoura de palha, com cabelos amarelados, pele clara e corpo semi-desnudo, envolto por um manto branco. A bandeira é sustentada por um bastão de madeira torneado, coberto por material aluminizado. De formato retangular, é confeccionada em tecido de algodão, na cor azul, ricamente ornamentada com cetim, franjas e cianinhas. As



extremidades da bandeira, na altura do bastão, trazem laços de fitas nas cores vermelho, amarelo, azul, laranja, branco e verde e pequenos arranjos de flores.



Imagem 01: Bandeira da Companhia de Reis Cardoso e Amigos. Acervo: Tiago Bode/Janeiro 2015.

### **Companhia de Reis Estrela Brilhante**

A bandeira é constituída por um quadro central pintado à mão, em que se vêem representados os três reis magos: Baltazar, Belchior, Gaspar e a Sagrada Família: Maria, José e o Menino Jesus. Dois deles têm a pele em tom claro, usam barba. O terceiro possui carnção escura e também usa barba. Na lateral direita da bandeira, em primeiro plano, encontramos uma figura masculina ajoelhada, de perfil, com cabeça e olhar direcionados para baixo. Possui braços flexionados em ângulo, com mão segurando atributo. Veste túnica branca, com mangas longas. Manto envolto ao corpo, na cor amarelo, drapejado e volumoso.

Em segundo plano, vemos uma figura masculina, de perfil, em pé, de meia idade, com cabeça e olhar direcionados para baixo. Possui braços flexionados em ângulo, com mão segurando atributo. Veste túnica branca, com mangas longas. Manto envolto ao corpo, na cor vermelho, drapejado e volumoso. Logo a seguir, à esquerda, encontramos uma figura masculina de pé, em posição frontal, com cabeça inclinada para a esquerda e olhar direcionado para a frente. Braços flexionados em ângulo na altura da cintura, com

mão segurando atributo. Veste túnica verde, com mangas longas. Manto envolto ao corpo, na cor amarela, drapejado e volumoso.

Do lado esquerdo da bandeira, vemos uma figura masculina, representando São José, em pé, com mão posta à altura do peito. Ao lado desta imagem, encontramos uma figura feminina, representando Maria Santíssima, sentada, com mãos de rezar. A bandeira é sustentada por um bastão de madeira torneado, coberto por material brilhante. De formato retangular, é confeccionada em tecido de algodão, na cor azul, ricamente ornamentada com cetim e franjas. As extremidades da bandeira, na altura do bastão, trazem laços de fitas nas cores vermelho, amarelo, azul, laranja, branco e verde e pequenos arranjos de flores.



Imagem 02: Bandeira Companhia de Reis Estrela Brilhante. Acervo: Jota Júnior/Janeiro 2016.

### **Companhia de Reis Família Assis**

A bandeira é constituída por um quadro central pintado à mão, em que se vêem representados os três reis magos: Baltazar, Belchior, Gaspar Dois deles têm a pele em tom claro, usam barba. O terceiro possui carnação escura e também usa barba. Na lateral direita da bandeira, encontramos uma figura masculina de pé, em posição frontal, com cabeça e olhar direcionados para frente. Possui braços flexionados em ângulo, com mão segurando atributo. Veste túnica amarela com mangas longas. Manto envolto ao corpo, na cor vermelho, drapejado e volumoso. Ao centro, vemos uma figura masculina, de pé,

em posição frontal, com cabeça e olhar direcionados para frente. Possui braços flexionados em ângulo, com mão segurando atributo. Veste túnica roxa, com mangas longas. Manto envolto ao corpo, na cor verde, drapejado e volumoso. À esquerda, encontramos uma figura masculina de pé, em posição frontal, com cabeça e olhar direcionados para a frente. Braços flexionados em ângulo na altura da cintura, com mão segurando atributo. Veste túnica laranja, com mangas longas. Manto envolto ao corpo, na cor azul, drapejado e volumoso.

Logo acima dos reis magos, a estrela de Belém é representada, sobre um céu azul escuro. Na parte superior da bandeira há uma inscrição identificando a Companhia de Reis Família Assis. A bandeira é sustentada por um bastão de madeira torneado, coberto por material aluminizado. De formato retangular, é confeccionada em tecido de algodão, na cor azul, ricamente ornamentada com cetim, festões de papel alumínio e cordão de São Francisco na cor dourado. As extremidades da bandeira, na altura do bastão, trazem laços de fitas nas cores vermelho, amarelo, azul, laranja, branco e verde entre outras e pequenos arranjos de flores.



Imagem 03: Bandeira da Companhia de Reis Família Assis. Acervo: Tiago Bode/Janeiro 2015.

### **Companhia de Reis Imaculada Mãe dos Anjos**

A bandeira é constituída por um quadro central pintado à mão, em que se vêem representados os três reis magos: Baltazar, Belchior e Gaspar. Dois deles têm a pele em tom claro, usam barba. Um deles usa túnica verde, e o outro túnica azul, e estão montados

sobre camelos. O terceiro rei, negro, usa turbante à moda muçulmana, veste túnica vermelha, montado sobre camelo. A estrela de Belém é representada luminosa acima deles, sobre um céu azul escuro.

De formato retangular, é confeccionada em tecido de algodão, na cor azul, ricamente ornamentada com franjas douradas e cetim. A bandeira é sustentada por um bastão torneado, coberto por fita de cetim dourada. As extremidades da bandeira, na altura do bastão, trazem laços em laços de fitas nas cores vermelho, amarelo, azul, laranja, branco e verde e pequenos arranjos de flores.



Imagem 04: Bandeira da Companhia de Reis Imaculada Mãe dos Anjos. Terceiro estandarte da esquerda para a direita. Acervo: Tiago Bode/Janeiro 2015.

### Companhia de Reis Lenço Preto

A bandeira é constituída por um quadro central pintado à mão, em que se vêem representados os três reis magos: Baltazar, Belchior, Gaspar e a Sagrada Família: Maria, José e o Menino Jesus. Dois deles têm a pele em tom claro, usam barba. O terceiro possui carnção escura. Na parte inferior da bandeira, à direita, encontramos uma figura masculina ajoelhada, de perfil, com cabeça e olhar direcionados para baixo. Possui braços flexionados em ângulo, com mão segurando atributo. Veste túnica branca, com mangas longas. Manto envolto ao corpo, ricamente ornamentado, drapejado e volumoso. Já o da esquerda, em plano posterior, vemos uma figura masculina de pé, em posição frontal, com cabeça e olhar direcionados para frente. Possui braços flexionados em ângulo, com

mão segurando atributo. Veste túnica verde, com mangas longas. No mesmo plano, mais à direita, encontramos uma figura masculina em pé, de perfil, com cabeça e olhar direcionados para a frente. Braços flexionados em ângulo na altura do peito, com mão segurando atributo. Veste túnica vermelha, com mangas longas. Do lado esquerdo da bandeira, vemos uma figura masculina, representando São José, em pé, de perfil com mãos de rezar à altura do peito. Ao lado desta imagem, encontramos uma figura feminina, representando Maria Santíssima, ajoelhada, com mãos postas à altura do peito.

Entre os três Reis Magos e Maria Santíssima, vemos uma figura masculina, jovem, representando o Menino Jesus em simples manjedoura de palha, com cabelos amarelados, pele clara e corpo envolto por uma túnica azul. Em primeiro plano, na parte inferior da bandeira, nos deparamos com dois animais deitados à frente da manjedoura. Na extremidade superior da bandeira, vemos uma estrela, na cor amarela.

A bandeira é sustentada por um bastão de madeira torneado. De formato retangular, é confeccionada em tecido de algodão, na cor azul, ricamente ornamentada com cetim, renda, franjas, cordão de pérolas douradas e festão de papel alumínio. As extremidades da bandeira, na altura do bastão, trazem laços de fitas nas cores vermelho, amarelo, azul, laranja, branco e verde entre outras e pequenos arranjos de flores.



Imagem 05: Companhia de Reis Lenço Preto. Acervo: Companhia de Reis Lenço Preto/ Dezembro 2001.

### Companhia de Reis Nossa Senhora da Guia

A bandeira é constituída por um quadro central pintado à mão, em que se vêem representados os três reis magos: Baltazar, Belchior e Gaspar. Dois deles têm a pele em tom claro, usam barba. E o terceiro possui carnação escura. A estrela de Belém é representada luminosa acima deles, na cor amarelo, sobre um céu azul claro.

A bandeira é sustentada por um bastão de madeira torneado. De formato retangular, é confeccionada em tecido de algodão, na cor azul, ricamente ornamentada com cetim, cordões de pérolas douradas, prateadas e vermelhas, e festões de papel alumínio. As extremidades da bandeira, na altura do bastão, trazem laços de fitas nas cores vermelho, amarelo, rosa, azul, laranja, branco e verde entre outras e pequenos arranjos de flores.



Imagem 06: Bandeira da Companhia de Reis Nossa Senhora da Guia. Acervo: Companhia de Reis Nossa Senhora da Guia/Dezembro de 2005.

### Companhia de Reis Nossa Senhora do Carmo

A bandeira é constituída por um quadro central pintado à mão, em que se vêem representados os três reis magos: Baltazar, Belchior, Gaspar e a Sagrada Família: Maria, José e o Menino Jesus. Dois deles (reis Magos) têm a pele em tom claro, usam barba. O terceiro possui carnação escura e também usa barba. Na lateral direita da bandeira, em



primeiro plano, encontramos uma figura masculina ajoelhada, de perfil, com cabeça e olhar direcionados para baixo. Possui braços flexionados em ângulo, com mão segurando atributo. Veste túnica branca, com mangas longas. Manto envolto ao corpo na cor amarelo, drapejado e volumoso. Em segundo plano, vemos uma figura masculina, a  $\frac{3}{4}$  de perfil, em pé, de meia idade, com cabeça e olhar direcionados para baixo. Possui braços flexionados em ângulo, com mão segurando atributo. Veste túnica branca, com mangas longas. Manto envolto ao corpo na cor vermelho, drapejado e volumoso. Logo a seguir, à esquerda, encontramos uma figura masculina de pé, em posição frontal, com cabeça inclinada para a esquerda e olhar direcionado para a frente. Braços flexionados em ângulo na altura da cintura, com mão segurando atributo. Veste túnica verde, com mangas longas. Manto envolto ao corpo, na cor amarela, drapejado e volumoso.

Do lado esquerdo da bandeira, vemos uma figura masculina, representando São José, em pé, com mão posta à altura do peito. Ao lado desta imagem, encontramos uma figura feminina, representando Maria Santíssima, sentada, com uma mão posta à altura do peito e outra segurando a cabeça do Menino Jesus. Na extremidade inferior esquerda ao lado de Maria Santíssima, vemos uma figura masculina jovem, com a cabeça apoiada em uma das mãos, representando o Menino Jesus em simples manjedoura de palha, com cabelos amarelados, pele clara e corpo semidesnudo, envolto por um manto branco. A bandeira é sustentada por um bastão de madeira torneado, coberto por tinta acrílica branca. De formato retangular, é confeccionada em tecido de algodão, ricamente ornamentada com cetim e franjas. As extremidades da bandeira, na altura do bastão, trazem laços de fitas nas cores vermelho, amarelo, azul, laranja, branco, verde e entre outras e pequenos arranjos de flores.





Imagem 07: Bandeira da Companhia de Reis Nossa Senhora do Carmo. Cláudio Henrique Martins/Janeiro 2016.

### **Companhia de Reis Nossa Senhora do Rosário**

A bandeira é constituída por um quadro central pintado à mão, em que se vêem representados os três reis magos: Baltazar, Belchior, Gaspar e a Sagrada Família: Maria, José e o Menino Jesus. Dois deles têm a pele em tom claro, usam barba. O terceiro possui carnção escura e também usa barba. Na parte inferior da bandeira, à direita, próxima à manjedoura, encontramos uma figura masculina de meia idade, ajoelhada, de perfil, com cabeça e olhar direcionados para baixo. Possui braços flexionados em ângulo, com mão segurando atributo. Veste túnica branca, com mangas longas. Manto envolto ao corpo, na cor verde, drapejado e volumoso.

Do lado direito desta imagem, vemos uma figura masculina em pé, de perfil, com cabeça e olhar direcionados para frente. Possui braços flexionados em ângulo, com mão segurando atributo. Veste túnica em tons terrosos, com mangas longas. Manto envolto ao corpo, na cor vermelho, drapejado e volumoso. No mesmo plano, mais à esquerda, encontramos uma figura masculina em pé, de perfil, com cabeça e olhar direcionados para a baixo. Braços flexionados em ângulo na altura do peito, com mão segurando atributo. Veste túnica branca, com mangas longas. Manto envolto ao corpo, na cor amarelo, drapejado e volumoso. Do lado esquerdo da bandeira, vemos uma figura masculina,

representando São José, de pé, em posição frontal, carnação clara. Cabeça e olhar direcionados para frente. Veste túnica verde.

Ao lado desta imagem, em um plano à frente, encontramos uma figura feminina, representando Maria Santíssima, sentada, com mãos de segurar. Cabeça envolta por um véu branco, com olhar direcionado para baixo. Veste túnica branca, com mangas longas. Manto envolto ao corpo, na cor azul, drapejado e volumoso. Maria Santíssima aparece segurando uma figura masculina, jovem, representando o Menino Jesus, de pele clara e corpo envolto por um manto branco. Ainda nesta cena encontramos uma simples manjedoura de palha, em primeiro plano. Vemos também a presença dois animais ao lado de São José. Na extremidade superior da bandeira, vemos uma estrela, na cor prata.

A bandeira é sustentada por um bastão de madeira torneado. De formato retangular, é confeccionada em tecido de algodão, na cor azul, ricamente ornamentada com cetim, renda, cordão de estrelas de alumínio. As extremidades da bandeira, na altura do bastão, trazem três arranjos de fitas plásticas, na cor azul. A bandeira ainda é permeada por laços de fitas de cetim de cores diversas.



Imagem 08: Bandeira da Companhia de Reis Nossa Senhora Rosário. Acervo Tiago Bode/Janeiro 2015.

### Companhia Rei dos Reis

A bandeira é constituída por um quadro central pintado à mão, em que se vêem representados os três reis magos: Baltazar, Belchior, Gaspar e a Sagrada Família: Maria, José e o Menino Jesus. Dois deles têm a pele em tom claro, usam barba. O terceiro possui carnção escura e também usa barba. Na lateral direita da bandeira, em primeiro plano, encontramos uma figura masculina ajoelhada, de perfil, com cabeça e olhar direcionados para baixo. Possui braços flexionados em ângulo, com mão segurando atributo. Veste túnica branca, com mangas longas. Manto envolto ao corpo, na cor amarelo, drapejado e volumoso. Em segundo plano, vemos uma figura masculina, de perfil, em pé, de meia idade, com cabeça e olhar direcionados para baixo. Possui braços flexionados em ângulo, com mão segurando atributo. Veste túnica branca, com mangas longas. Manto envolto ao corpo, na cor vermelho, drapejado e volumoso. Logo a seguir, à esquerda, encontramos uma figura masculina de pé, em posição frontal, com cabeça inclinada para a esquerda e olhar direcionado para a frente. Braços flexionados em ângulo na altura da cintura, com mão segurando atributo. Veste túnica verde, com mangas longas. Manto envolto ao corpo, na cor amarela, drapejado e volumoso.

Do lado esquerdo da bandeira, vemos uma figura masculina, representando São José, em pé, com corpo levemente inclinado, com mão posta à altura do peito. Cabeça e olhar direcionados para baixo. Veste túnica verde, com magas longas. Ao lado desta imagem, encontramos uma figura feminina, representando Maria Santíssima, sentada, com uma mão posta à altura do peito, e outra segurando Deus Menino. Cabeça coberta por véu branco, com olhar direcionado para baixo. Veste túnica branca, com mangas longas. Manto envolto ao corpo, na cor azul, drapejado e volumoso. Na extremidade inferior esquerda ao lado de Maria Santíssima, vemos uma figura masculina, jovem, representando o Menino Jesus em simples manjedoura de palha, com cabelos amarelados, pele clara e corpo semi-desnudo, envolto por um manto branco.

Na extremidade superior direita da bandeira, vemos uma estrela, na cor amarela, revestida em papel alumínio. A bandeira é sustentada por um bastão de madeira torneado, coberto por couro. De formato retangular, é confeccionada em tecido de algodão, ricamente ornamentada com cetim e flores plásticas de cores diversas. As extremidades da bandeira, na altura do bastão, trazem laços de fitas nas cores vermelho, amarelo, azul, laranja, branco, verde e entre outras, festão de papel alumínio, na cor dourado, e diversos



arranjos de flores. Abandeira é toda permeada por festão de alumínio, na cor prata e revestida por plástico transparente.



Imagem 09: Companhia Rei dos Reis. Acervo: Thiago Bode/ Janeiro 2015.

### **Companhia de Reis Sagrada Família**

A bandeira é constituída por um quadro central pintado à mão, em que se vêem representados os três reis magos: Baltazar, Belchior, Gaspar Dois deles têm a pele em tom claro, usam barba. O terceiro possui carnação escura e também usa barba. Na lateral direita da bandeira, encontramos uma figura masculina de pé, a  $\frac{3}{4}$  de perfil, com cabeça e olhar direcionados para frente. Possui braços flexionados em ângulo, com mão segurando atributo. Veste túnica em tom pastel, com mangas longas. Manto envolto ao corpo, na cor azul, drapejado e volumoso. Ao centro, vemos uma figura masculina, de pé, a  $\frac{3}{4}$  de perfil, com cabeça e olhar direcionados para frente. Possui braços flexionados em ângulo, com mão segurando atributo. Veste túnica verde, com mangas longas. Manto envolto ao corpo, na cor roxa, drapejado e volumoso.

À esquerda, encontramos uma figura masculina de pé, a  $\frac{3}{4}$  de perfil, com cabeça e olhar direcionados para a frente. Braços flexionados em ângulo na altura da cintura, com mão segurando atributo. Veste túnica em tom pastel, com mangas longas. Manto envolto ao corpo, na cor verde, drapejado e volumoso. Logo acima dos reis magos, a

estrela de Belém é representada, sobre um céu vermelho. Na parte superior da bandeira, próxima à estrela guia, encontramos uma representação da Mãe Rainha. A bandeira é sustentada por um bastão de madeira torneado. De formato retangular, é confeccionada em cetim, na cor vermelho, ricamente ornamentada com festões de papel alumínio, crucifixos e cordão de pérolas na cor dourada. As extremidades da bandeira, na altura do bastão, trazem laços de fitas nas cores vermelho, amarelo, azul, laranja, branco e verde entre outras e pequenos arranjos de flores.



Imagem 10: Bandeira da Companhia de Reis Sagrada Família. Acervo: Jota Júnior/ Janeiro 2016.

### **Companhia de Reis Santo Expedito**

A bandeira é constituída por um quadro central pintado à mão, em que se vêem representados os três reis magos: Baltazar, Belchior e Gaspar. Dois deles têm a pele em tom claro, usam barba. Um deles usa túnica vermelha e manto verde, e o outro, túnica azul e manto vermelho, e estão montados sobre camelos. O terceiro rei, negro, veste túnica verde e manto azul, montado sobre camelo. A estrela de Belém é representada luminosa acima deles, sobre um céu azul claro.

De formato retangular, é confeccionada em tecido de algodão, na cor azul, ricamente ornamentada com fuxicos de cetim, renda, pequenos laços “borboleta” e cordão de pérolas brancas. A bandeira é sustentada por um bastão torneado de madeira. As extremidades da bandeira, na altura do bastão, trazem laços em laços de fitas nas cores

vermelho, amarelo, azul, branco, rosa e verde entre outras, festão de papel alumínio dourado e pequenos arranjos de flores de pano.



Imagem 11: Companhia de Reis Santo Expedito. Acervo: Jota Júnior /Janeiro 2016.

### **Companhia de Reis São Benedito**

A bandeira é constituída por um quadro central pintado à mão, em que se vêem representados os três reis magos: Baltazar, Belchior, Gaspar e a Sagrada Família: Maria, José e o Menino Jesus. Dois deles têm a pele em tom claro, usam barba. O terceiro possui carnção escura e também usa barba. Na lateral direita da bandeira, em primeiro plano, encontramos uma figura masculina ajoelhada, de perfil, com cabeça e olhar direcionados para baixo. Possui braços flexionados em ângulo, com mão segurando atributo. Veste túnica branca, com mangas longas. Manto envolto ao corpo, na cor amarelo, drapejado e volumoso. Em segundo plano, vemos uma figura masculina, a  $\frac{3}{4}$  de perfil, em pé, de meia idade, com cabeça e olhar direcionados para baixo. Possui braços flexionados em ângulo, com mão segurando atributo. Veste túnica branca, com mangas longas. Manto envolto ao corpo, na cor vermelho, drapejado e volumoso.

Logo a seguir, à esquerda, encontramos uma figura masculina de pé, em posição frontal, com cabeça inclinada para a esquerda e olhar direcionado para a frente. Braços flexionados em ângulo na altura da cintura, com mão segurando atributo. Veste túnica



verde, com mangas longas. Manto envolto ao corpo, na cor amarela, drapejado e volumoso. Do lado esquerdo da bandeira, vemos uma figura masculina, representando São José, em pé, com mão posta à altura do peito. Ao lado desta imagem, encontramos uma figura feminina, representando Maria Santíssima, sentada, com uma mão posta à altura do peito e outra segurando a cabeça do Menino Jesus. Na extremidade inferior esquerda ao lado de Maria Santíssima, vemos uma figura masculina jovem, com a cabeça apoiada em uma das mãos, representando o Menino Jesus em simples manjedoura de palha, com cabelos amarelados, pele clara e corpo semi-desnudo, envolto por um manto branco.

A bandeira é sustentada por um bastão de madeira torneado. De formato retangular, é confeccionada em tecido de algodão, ricamente ornamentada com cetim e festão de papel alumínio, na cor dourado. As extremidades da bandeira, na altura do bastão, trazem uma profusão de laços de fitas nas cores vermelho, amarelo, azul, rosa, branco, verde e entre outras e pequenos arranjos de flores.



Imagem 12: Companhia de Reis São Benedito. Acervo: Jota Júnior /Janeiro 2016.

### **Companhia de Reis São João Batista**

A bandeira é constituída por um quadro central pintado à mão, em que se veem representados os três reis magos: Baltazar, Belchior, Gaspar e a Sagrada Família: Maria,



José e o Menino Jesus. Dois deles (reis magos) têm a pele em tom claro, usam barba. O terceiro possui carnação escura. Na parte inferior da bandeira, à esquerda, em segundo plano, encontramos uma figura masculina ajoelhada, de perfil, com cabeça e olhar direcionados para frente. Possui braços flexionados em ângulo, com mão segurando atributo. Manto envolto ao corpo, na cor verde, drapejado e volumoso.

Em plano posterior, vemos uma figura masculina de pé, a  $\frac{3}{4}$  de perfil, com cabeça e olhar direcionados para baixo. Possui braços flexionados em ângulo, com mão segurando atributo. Veste túnica amarela, com faixa branca presa à cintura, de mangas longas. No mesmo plano, mais à direita, encontramos uma figura masculina em pé, a  $\frac{3}{4}$  de perfil, com cabeça e olhar direcionados para a baixo. Braços flexionados em ângulo na altura do peito, com mão segurando atributo. Veste túnica amarela, com mangas longas e faixa branca presa à cintura. Manto envolto ao corpo, na cor verde, drapejado e volumoso.

Ao lado desta figura, no mesmo plano, vemos uma figura masculina, representando São José, em pé, a  $\frac{3}{4}$  de perfil com mão esquerda segurando atributo e mão direita estendida. Cabeça envolta por um véu branco e olhar direcionado para baixo. Veste túnica roxa, com mangas longas. Manto envolto ao corpo, na cor laranja, drapejado e volumoso. Ao lado direito da bandeira, em segundo plano, encontramos uma figura feminina, representando Maria Santíssima, sentada, a  $\frac{3}{4}$  de perfil, com mãos postas à altura da cintura. Cabeça e olhar direcionados para frente. Veste túnica rosa, com mangas longas. Manto envolto ao corpo, na cor azul, drapejado e volumoso.

Ao lado esquerdo de Maria Santíssima, vemos uma figura masculina, jovem, representando o Menino Jesus em simples manjedoura de palha, com cabelos amarelados, pele clara e corpo envolto por uma túnica branca. Em primeiro plano, na parte inferior da bandeira, nos deparamos com uma ovelha branca deitada à frente da manjedoura. Na extremidade superior da bandeira, à esquerda, vemos uma estrela, na cor amarela e à direita vemos uma figura masculina alada, jovem, carnação clara e cabelos curtos. Cabeça e olhar direcionados para baixo. Veste túnica branca, com mangas longas.

A bandeira é sustentada por um bastão de madeira torneado. De formato retangular, é confeccionada em tecido de algodão, na cor amarelo, ricamente ornamentada com cetim, flores plásticas e festão de papel alumínio. As extremidades da bandeira, na



altura do bastão, trazem laços de fitas nas cores vermelho, amarelo, azul, laranja, rosa branco, verde, entre outras e pequenos arranjos de flores.



Imagem 13: Bandeira da Companhia de Reis São João Batista. Acervo: Assessoria de Comunicação da Prefeitura/ Janeiro 2016.

### **Companhia de Reis São Joaquim**

A bandeira é constituída por um quadro central pintado à mão, em que se veem representados os três reis magos: Baltazar, Belchior, Gaspar e a Sagrada Família: Maria, José e o Menino Jesus. Dois deles (reis magos) têm a pele em tom claro, usam barba. O terceiro possui carnção escura e também usa barba. Na lateral direita da bandeira, em primeiro plano, encontramos uma figura masculina ajoelhada, de perfil, com cabeça e olhar direcionados para baixo. Possui braços flexionados em ângulo, com mão segurando atributo. Veste túnica branca, com mangas longas. Manto envolto ao corpo, na cor amarelo, drapejado e volumoso. Em segundo plano, vemos uma figura masculina, de perfil, em pé, de meia idade, com cabeça e olhar direcionados para baixo. Possui braços flexionados em ângulo, com mão segurando atributo. Veste túnica branca, com mangas longas. Manto envolto ao corpo, na cor vermelho, drapejado e volumoso. Logo a seguir, à esquerda, encontramos uma figura masculina de pé, em posição frontal, com cabeça inclinada para a esquerda e olhar direcionado para a frente. Braços flexionados em ângulo

na altura da cintura, com mão segurando atributo. Veste túnica verde, com mangas longas. Manto envolto ao corpo, na cor amarela, drapejado e volumoso.

Do lado esquerdo da bandeira, vemos uma figura masculina, representando São José, em pé, com mão posta à altura do peito. Ao lado desta imagem, encontramos uma figura feminina, representando Maria Santíssima, sentada, com uma mão posta à altura do peito e outra segurando a cabeça do Menino Jesus. Na extremidade inferior esquerda ao lado de Maria Santíssima, vemos uma figura masculina jovem, com a cabeça apoiada em uma das mãos, representando o Menino Jesus em simples manjedoura de palha, com cabelos amarelados, pele clara e corpo semi-desnudo, envolto por um manto branco.

A bandeira é sustentada por um bastão de madeira torneado, coberto por tinta acrílica branca. De formato retangular, é confeccionada em tecido de algodão, com pintura à mão, ricamente ornamentada com cetim, cianinhas, rendas e franjas. As extremidades da bandeira, na altura do bastão, trazem laços de fitas nas cores vermelho, amarelo, azul, laranja, rosa branco, verde e pequenos arranjos de flores.



Imagem 14: Bandeira da Companhia de Reis São Joaquim. Acervo: Jota Júnior/Janeiro2016.

### Companhia de Reis São Jorge

A bandeira é constituída por um quadro central pintado à mão, em que se vêem representados os três reis magos: Baltazar, Belchior, Gaspar e o Menino Jesus. Dois deles (reis magos) têm a pele em tom claro, usam barba. O terceiro possui carnação escura e também usa barba. Na lateral direita da bandeira, em primeiro plano, encontramos uma figura masculina ajoelhada, de perfil, com cabeça e olhar direcionados para baixo. Possui braços flexionados em ângulo, com mão segurando atributo. Veste túnica branca, com mangas longas. Manto envolto ao corpo, em tons terrosos, drapejado e volumoso. Em segundo plano, vemos uma figura masculina, a  $\frac{3}{4}$  de perfil, em pé, de meia idade, com cabeça e olhar direcionados para baixo. Possui braços flexionados em ângulo, com mão segurando atributo. Veste túnica branca, com mangas longas. Manto envolto ao corpo, na cor vermelho, drapejado e volumoso.

Logo a seguir, à esquerda, encontramos uma figura masculina de pé, a  $\frac{3}{4}$  de perfil, com cabeça inclinada para a esquerda e olhar direcionado para a frente. Braços flexionados em ângulo na altura da cintura, com mão segurando atributo. Veste túnica verde, com mangas longas. Na extremidade inferior esquerda da bandeira, vemos uma figura masculina jovem, representando o Menino Jesus em simples manjedoura de palha, com cabelos amarelados, pele clara e corpo semi - desnudo, envolto por um manto branco.

A bandeira é sustentada por um bastão de madeira torneado. De formato retangular, é confeccionada em tecido de algodão e cetim, na cor rosa, com pintura à mão, ricamente ornamentada com rendas, festão de papel alumínio e franjas vermelhas. As extremidades da bandeira, na altura do bastão, trazem laços de fitas nas cores vermelho, amarelo, azul, branco, verde e pequenos arranjos de flores.





Imagem 15: Bandeira da Companhia de Reis São Jorge. Acervo: Companhia de Reis São Jorge/ Janeiro 2000.

### Companhia de Reis São José

A bandeira é constituída por um quadro central pintado à mão, em que se vêem representados os três reis magos: Baltazar, Belchior e Gaspar e a Sagrada Família. Na extremidade esquerda da bandeira, dois deles (reis Magos) estão ajoelhados, a  $\frac{3}{4}$  de perfil, têm a pele em tom claro, usam barba. Ambos vestem túnicas brancas. Um deles usa manto verde, e o outro manto vermelho azul. O terceiro rei, também possui pele e tom claro, encontra – se em pé, em posição frontal, de braços esticados. Veste túnica branca e manto roxo. Logo acima deles, a estrela de Belém é representada por uma material luminoso, na cor prata, sobre um céu azul claro. Encontramos também dois animais na cena, um bovino e outro, ovino.

De formato retangular, é confeccionada em chita e tecido de cetim na cor azul, ricamente ornamentada com festão de papel alumínio na cor lilás. A bandeira é sustentada por um bastão de madeira torneado. As extremidades da bandeira, na altura do bastão, trazem laços em laços de fitas nas cores vermelho, amarelo, azul, laranja, branco e verde, fuxicos de chita e pequenos arranjos de flores.



Imagem 16: Bandeira da Companhia de Reis São José. Acervo: Cláudio Henrique Martins/Janeiro 2016.

### **Companhia de Reis São Lázaro**

A bandeira é constituída por um quadro central pintado à mão, em que se vêem representados os três reis magos: Baltazar, Belchior, Gaspar e a Sagrada Família: Maria, José e o Menino Jesus. Os reis Magos, representados no objeto inventariado, têm a pele em tom claro e usam barba. Na lateral direita da bandeira, em primeiro plano, encontramos uma figura masculina ajoelhada, de perfil, com cabeça e olhar direcionados para frente. Possui braços flexionados em ângulo, com mão segurando atributo. Manto envolto ao corpo, na cor azul, majoritariamente, drapejado e volumoso. Em segundo plano, vemos uma figura masculina, a  $\frac{3}{4}$  de perfil, em pé, de meia idade, com cabeça e olhar direcionados para baixo. Possui braços flexionados em ângulo, com mão segurando atributo. Veste túnica vermelha, com mangas longas. Manto envolto ao corpo, na cor amarelo ocre, drapejado e volumoso.

Logo a seguir, à esquerda, encontramos uma figura masculina de pé, em posição frontal, com cabeça inclinada para a direita e olhar direcionado para baixo. Braços flexionados em ângulo na altura da cintura, com mão segurando atributo. Veste túnica verde, com mangas longas. Manto envolto ao corpo, na cor branco, drapejado e volumoso. Do lado esquerdo da bandeira, vemos uma figura masculina, representando São José, a  $\frac{3}{4}$  de perfil, ajoelhado, com mão postas à altura da cintura. Veste túnica marrom, com

mangas longas. Manto envolto ao corpo, na cor verde, drapejado e volumoso. Ao lado desta imagem, um plano à frente, encontramos uma figura feminina, representando Maria Santíssima, ajoelhada, de perfil, com mãos de rezar. Cabeça coberta por véu branco. Veste túnica azul, com mangas longas. Na extremidade inferior esquerda ao lado de Maria Santíssima, vemos uma figura masculina jovem, representando o Menino Jesus em simples manjedoura de palha, com cabelos amarelados, pele clara e corpo envolto por um manto branco. Na parte superior esquerda da bandeira, a estrela de Belém é representada por um laço de fitas brilhante, na cor prata, sobre um céu azul. Encontramos também uma ovelha na cena, à frente da manjedoura.

A bandeira é sustentada por um bastão de madeira torneado. De formato retangular, é confeccionada em tecido de cetim, algodão, ricamente ornamentada com rendas, festão de papel alumínio e cianinhas. As extremidades da bandeira, na altura do bastão, trazem laços de fitas nas cores vermelho, azul, rosa, branco, verde e pequenos arranjos de flores.



Imagem 17: Bandeira da Companhia de Reis São Lázaro. Acervo: Jota Júnior/Janeiro 2016.

### **Companhia de Reis São Marcos**

A bandeira é constituída por um quadro central pintado à mão, em que se vêem representados os três reis magos: Baltazar, Belchior e Gaspar. Dois deles têm a pele em

tom claro, usam barba. Um deles usa túnica verde, e o outro túnica azul, e estão montados sobre camelos. O terceiro rei, negro, usa turbante à moda muçulmana, veste túnica vermelha, montado sobre camelo. A estrela de Belém é representada por um acessório luminoso, acima deles, sobre um céu azul claro.

De formato retangular, é confeccionada em tecido de cetim, na cor branco, ricamente ornamentada com flores plásticas de cores diversas, fitas brilhantes, cordão de pérolas e de estrelas prateadas, franjas douradas e festão de papel alumínio. A bandeira é sustentada por um bastão de madeira torneado. As extremidades da bandeira, na altura do bastão, trazem laços em laços de fitas nas cores vermelho, amarelo, azul, laranja, branco, rosa, roxo e verde e pequenos arranjos de flores. Na parte inferior da bandeira há uma inscrição em dourado “Os três Reis é o filho da grande luz que criou o universo”.



Imagem 18: Bandeira da Companhia de Reis São Marcos. Acervo: Companhia de Reis São Marcos/Janeiro 2014.

### **Companhia de Reis Senhor Vitor Paulo e Amigos**

A bandeira é constituída por um quadro central pintado à mão, em que se vêem representados os três reis magos: Baltazar, Belchior e Gaspar adorando o Menino Jesus. Em segundo plano, mais ao centro da bandeira, encontramos uma figura masculina, de pé, em posição frontal, com carnação clara. Cabeça e olhar direcionados para frente.



Cabelos e barba preta. Veste túnica vermelha, com mangas longas. Braços flexionados à frente. Manto envolto ao corpo, na cor azul, drapejado e volumoso. Em plano posterior, do lado direito, vemos uma figura masculina, de meia idade, de pé, em posição frontal, com carnação escura. Cabeça e olhar direcionados para frente. Cabelos e barba grisalhos. Veste túnica verde, com mangas longas. Manto envolto ao corpo, na cor verde, drapejado e volumoso.

Do lado esquerdo, encontramos uma figura masculina, de pé, em posição frontal, com carnação clara. Cabeça e olhar direcionados para frente. Cabelos e barba preta. Braços flexionados à frente. Veste túnica amarela, com mangas longas. Manto envolto ao corpo, na cor vermelho, drapejado e volumoso. Em primeiro plano, na extremidade inferior da bandeira, vemos uma figura masculina jovem, representando o Menino Jesus em simples manjedoura de palha, com cabelos pretos, pele clara e corpo envolto por um manto branco.

De formato retangular, é confeccionada em tecido de algodão, na cor branco, ricamente ornamentada com festão de papel alumínio ouradas e cetim. A bandeira é sustentada por um bastão de madeira torneado. As extremidades da bandeira, na altura do bastão, trazem laços em laços de fitas nas cores azul, laranja, branco e verde e pequenos arranjos de flores.



Imagem 19: Bandeira da Companhia de Reis Senhor Vitor Paulo e Amigos. Acervo: Jota Júnior/Janeiro

### 3. Entrevistas:

Foi realizada entrevista com 03 membros das Folias de Reis de Varginha no formato áudio, seguido de transcrição. As demais entrevistas foram transformadas em texto com as informações passadas pelos interlocutores. As entrevistas foram feitas por Cláudio Henrique Martins no ano de 2016.

#### 1) Entrevista com Lázara das Graças da Silva - Embaixadora da Companhia São Lázaro.

Nasceu em Elói Mendes na roça e começou com a Folia de Reis quando solteira e continuou depois de casada, em 1966 quando já morava em Varginha. Veio de Elói Mendes aos 9 anos, quando o pai vendeu a casa e se mudaram. À época, não usavam as camisetas de hoje e saíam para as roças. Não havia horário de terminar como atualmente, às vezes até amanheciam na Companhia de Reis cantando. Aos 12 anos, muito pequenina, saía escondida da mãe na Companhia Rei dos Reis de Seu Zé Pintinho. *“Até foi eu que batizei com esse nome”*, conta Dona Lázara.

“As Companhias ia para Roça, em outras cidades, mas nós ia até o dia primeiro de janeiro. A partir daí cantava dentro da cidade. Primeiro as roças e depois as cidades. Eu desde pequeninha acompanhava a Companhia dele, e depois casei e fui embora e larguei. Depois quando vinha passear aqui a gente cantava, o meu marido também aprendeu a cantar... quando nos voltamos eu peguei , junto com a Companhia do Seu Zé Pintinho...voltei e aprendi a cantar, a embaixar... Eu canto qualquer voz, nós somos quatro vozes... embaixadora, tipo, contra tipo e a requinta. Aí nos começamos a cantar, meus meninos era os marungo, minha filha era bandeireira... eu também fui bandeireira durante 14 anos... passei pra minha filha ...aí fiz promessa pra minha filha. Teve disritmia na cabeça... os médicos desenganou ela...quando ela dizia: minha mãe tô com dor de cabeça.. eu já preparava o carro e o dinheiro.. aí eu fiz uma promessa pra Nossa Senhora e os Santos Reis. Que não deixasse eu perder minha filha não, que ela ia vestir de rainha e carregar a bandeira dos Santos Reis. Aí Graças a Deus, nunca mais ela foi ao médico, ela já tá com 44 anos... nunca mais foi ao médico, parou, sarou. Acabou. Aí depois foi meu marido. Trabalhando ficou muito ruim, rolava na cama pra lá e pra cá. Ficou encostado um ano da prefeitura, aí foi pra o hospital. Os médico me chamou, que tinha de operar ele, que ia ficar sofrendo. Eu disse: bom, eu dou a autorização. Aí ele operou. E o Dr. Domingos Toledo, me chamou e disse, vamos operar o Seu Domingos, vamos



salvar um que anda. Na porta do Hospital Regional , eu com minha filha, pedi pro Santos Reis, que não deixasse o meu marido ficar aleijado não, numa cadeira de rodas, que eu precisava trabalhar e ajudar em casa e precisava olhar ele. Quando fez cinco meses certinho, que ele tirou um osso da coluna, já deu na época que nois ia sair com a Companhia pra pagar minha promessa que se meu marido andasse nem que fosse com três folião. Quando foi em dezembro, meu marido tava andando, tava trabalhando, tava bebendo pinga, tava rachando lenha e nós saiu no dia 25 de dezembro e fomos até o dia seis. Isso vai fazer 26 anos já. Graças a Deus, daquela época pra cá meu marido não teve nada. Aí quando foi agora que ele faleceu...foi trombose que deu na perna e não teve jeito, cortou uma perna, passou pra outra...e aí como diz o ditado Santos Reis não me atendeu porque Deus já queria meu marido. Depois que ia cortar outra perna, ele ficou muito assustado e morreu.

Quando eu saia na Companhia do Seu Pintinho, o povo tinha muita fé, tinha muita religião. Nós passava numa rua, pra cantar, não ficava uma casa que não apanhasse a bandeira. Então nós cantava, se tivesse oferta ou não tivesse nós cantava a mesma coisa. Era completamente diferente dagora. Não tinha aquela brigaiada da Companhia de Reis. Porque hoje tá tendo muito problema de política na Companhia de Reis. Uns querem ser melhor que o outro, aquela disputa... Uma quer ser mais bonita que a outra, cantar mais bonita que a outra. E eu vou falar uma coisa: Isso aí não existe. Entendeu, a gente sai com a companhia de reis, é uma companhia de reis simples, é uma companhia de reis pobre então a gente saí do jeito que pode sair. Num saí pra fazer bonito pra ninguém, pra fazer aquela grandeza como tem muita companhia de reis que faz isso entendeu? Então naquela época nossa do Zé Pintinho, do seu Lulu que foi chefe da prefeitura era assim completamente diferente. Nós num deixava um bairro sem canta todo mundo pegava bandeira todo mundo oferecia café oferecia almoço agora não. Agora a gente canta dois, três dias sem almoço porque não sei se o povo perdeu a fé entendeu? Então a fé está só em nós que é dono de companhia então acho que o povo perdeu a fé. Tem gente que a gente aponta lá com a bandeira os marungo gritando eles corre e fecha a porta, fecha janela outros falam que não querem receber a bandeira e tá desse jeito.

Hoje eu sou a embaixadora e meu filho João Paulo da Silva é o contra-mestre que canta e ajuda na Companhia.



Às vezes quando tô cantando e eu canso ele vem e pega a viola, ele embaixa muito bem praticamente a minha companhia de reis é só quase família entendeu? É filho, é genro, é nora, neto todo mundo canta, todo mundo toca meu sanfoneiro inclusive é meu filho que é o Gilmar, O João Paulo é embaixador, o Maurício, o os outros, tem outro embaixador que também ajuda meu filho lá na frente porque eu canto sozinha agora meu filho precisa... e os outros é marungo, a netaiada é tudo marungo então quer dizer meus meninos cresceu tudo naquela transição eles cresceram tudo naquela minha religião que a minha companhia de reis e meus santos reis é uma religião que eu tenho então meus filhos e netos cresceu tudo dentro dessa religião.

Na Companhia tem também os bastião, marungo, inclusive nem é marungo é bastião. O nome dos marungo nas companhias de reis é bastião.

As pessoas dizem que pra eles uns são os soldados de Herodes, pra outros são os reis magos disfarçados. Não tem rei Herodes na companhia, tem os três reis magos que estão representando o nascimento de Cristo.

Só existem três bastião e que vão lá na frente aonde nós encontra o presépio, os três marungos vão saudar o presépio se nós vamos cantar na casa de um folião eles que saudam o folião, depois que canto eles saúdam o folião nós cantamos. Os três bastião da frente eles estão representando o nascimento de Cristo, menino Deus. Que no verso ainda fala né: se encontrar com Reis Herodes, não diga que viu o menino. Porque quando o menino Deus nasceu porque esse rei queria matar o Menino Jesus que na cidade do Egito não podia ter criança e lá foi nascido o menino e não aceitava.

OS nossos versos são improvisados pelos “bastião” é mais ou menos assim: Vou saudar esse senhor, segurando a nossa guia, vou saudar esse senhor segurando a nossa guia, ai meu Deus segurando a nossa guia a meu Deus, ahhhheeee.

Quando a gente chega nas casas o bastião pergunta tudo como é que quer que canta, aí que ele vem falar comigo ou outro embaixador: alí naquela casa tem uma pessoa doente, a dona ou o dono da casa quer que canta pro doente aí tudo bem. Mas aí entra, se estiver deitado no quarto e canta pra pessoa que tá naquela cama.

Com relação às ofertas, as pessoas costumam dar mas ... só que praticamente as ofertas são muito fracas. É em dinheiro e tem casa que a gente canta, canta, canta e aí da R\$0,50 centavos e entendeu e praticamente pra gente fazer a chegada de reis porque eu faço a



festa da chegada no dia 06 eu faço uma festa e vai mais de 300 pessoas na minha casa. Eu que faço uma festa na chegada de reis, janta com vinho, cerveja, guaraná e eu que tiro do meu bolso. Porque se eu for esperar dinheiro da bandeira não dá. Chega de noite eu tenho que pagar ônibus pros folião que não tem carro. As vezes é 15, 16 foliões eu tenho que pagar passagem de ônibus. Se nós vai almoçar e nós tamo cantando na Três Bicas. Se o almoço tá marcado no Carvalho, eu tenho que paga ônibus pra levar no carvalho e almoçar, aí lá nós já fica cantando. E de noite os que moram no Carvalho já ficam por lá, os que moram pra cá tenho que pagar passagem de ônibus, as vezes é seis ônibus por dia. Aí o dinheiro que eu tiro da bandeira não dá. Eu chego em casa com a minha bolsa sem nada, mas é meu gosto, é a minha fé. Aí quando chega na chegada, eu tenho muito conhecimento, conheço Deus e o mundo, o povo, um me ajuda com uma coisa, outro me ajuda com outra coisa, com carne arroz, macarrão entendeu pra fazer essa festa, dão engradado de cerveja, vinho então aí vou pondo tudo que é da folia de reis aí o que falta vou pondo com dinheiro do meu bolso e compro o resto. Eu adoro, eu nunca vou largar e só vou largar a hora que não estiver andando, quando não tiver mais força na viola aí Deus sabe que não tenho mais força aí eu largo, mas enquanto tiver minhas pernas, meus braços, minha boca, meu olhos enxergando eu não largo dos reis”.

## **2) Entrevista realizada com Marco Antônio Silva Pereira - marungo da Companhia São Marcos.**

Para Marco Antônio Silva Pereira, marungo da Companhia São Marcos, bastião é um nome em homenagem ao Mártir São Sebastião. A maneira em que esses personagens são chamados varia de região para região. É o guardião dos Santos Reis. Guardião da bandeira. Marungo é o dispersador, que vem da alusão de proteção, provocar distração do inimigo para que o bem seja protegido. “Sou marungo porque acima de tudo acho que é um dom de Deus. Eu sou família de foliões, de herança sou o único que continuou, a manter essa tradição de mais de trinta anos. Eu acredito que a gente já nasce pra isso. A pessoa já tem a tendência de seguir esse caminho”.

“O corta jaca é uma maneira de mostrar gratidão pelos benefícios alcançados através de Deus. A grande missão do bastião é levar a gratidão, a alegria, sabedoria e de habilidade do bastião. Porque se eles são soldados tem que demonstrar a habilidade em forma de gratidão”.



“Pra dizer os versos vai depender da virtude de cada um. Tem bastião que só consegue falar os versos decorados, tem os ritimistas que improvisam de acordo com aquilo que esta vendo, que esta acontecendo e aqueles que tem mais conteúdo é os que mais se destacam.”

“As declamações diante dos presépios, na hora que a gente chega eu procuro manter minha memoria bastante ativo, decorado, para aquele ápice, para que a declamação seja conforme seja precisa, ser bem colocado. Eu falo o que vejo e o que estou sentindo. Graças a Deus eu tenho a facilidade de trovar versos repentinos”.

“Na hora da chegada a gente nunca sabe as perguntas e brincadeiras que vão fazer com a gente. Já teve ocasião de chegar na casa e ter cruzeiro de flor, correntes, velas acesas no chão, copo de água. Tem pessoas que já jogou arroz na entrada da bandeira. Então ali o bastião tem que estar preparado pra poder decifrar o significado daquilo. A gente tem que fazer ligações, o uso da inteligência. Lógico que pra mim o arroz, foi uma maneira que o dono da casa estava expressando gratidão a Deus pelo ano que ele teve, que foi um ano de prosperidade e de fartura e que ele queria compartilhar com nós naquele momento. Baseado nisso, de acordo com que apresentam é que faz brotar as rimas, que é a sabedoria maior do bastião”.

“As minhas roupas foram tudo conquistadas por mim. Agora, o uniforme dos foliões, nossa folias de reis fornece todo o ano. Tem um amigo nosso de Santa Barbara do Oeste que há 15 anos faz a doação dos panos e o capitão de nossa Companhia que arca com todas as despesas da confecção das camisas”.

“A gente vem notando mudanças no decorrer das décadas, as folias mais antigas, de mais de 50 anos, relata pra nós que elas saiam no dia 1º de janeiro a partir das 12h. E no dia 6, chegava às 12h. Mas com o passar do tempo, aumentou o numero de devotos, carentes da nossa atenção. E também pelo entusiasmo, pelo tempo que se esperava as Companhias saírem pras ruas, elas começaram a sair antes”.

“O dia de saída e chegada vai depender da programação de cada Companhia. quantos almoços eles vão ter, quantas visitas eles vão ter que fazer. As vezes também pela falta da força física dos componentes, porque doze dias é puxado, a folia precisa de bastante cantador. Então tudo é relativo”.



“O dinheiro arrecadado é entregue para o bandeireiro que no final da noite, do encerramento entrega para o capitão da folia. Alí, no decorrer da semana ele vai suprindo as necessidades diárias: cigarro, ônibus, remédio, transporte quando não tem, acordoamento de instrumento. Todo o imprevisto que vai acontecendo ali durante a semana, o capitão vai ali sustentando. E no final quando é feito o fechamento no dia seis de janeiro, pela manhã, o dinheiro destinado a festa já é encaminhado lá pra minha casa. Já fica uma equipe para preparar a chegada, a montagem do arco e a preparação da festa. E depois que acaba a Folia de Reis, damos 10% de dízimo para a Igreja e o restante é distribuído para os foliões em forma de gratificação”.

“A chegada da Folia de Reis é na minha casa. A festa é patrocinada pela própria doação que agente vai recebendo dos devotos no decorrer do dia. Aí a gente pega esse dinheiro e faz a festa. E o que sobra o Capitão reparte com todos os foliões”.

“A alvorada começa com a oração, em fraternidade da Companhia de Reis com a família. Geralmente serve um bom café da manhã pra gente, e depois começa a cantar pra agradecer o pouso, agradecer o café e é feita alí, as despedidas, tanto cantada pelo embaixador e declamada pelo bastião.”

“O capitão é a sustentação, a parte burocrática da Companhia. Ele precisa sair pra comprar alguma coisa, ele precisa voltar, ele precisa dar sustentação pra nós caminhar. O embaixador é o que tá com a viola, faz as embaixadas. Tem Companhia que é o próprio embaixador que é ao dono da Companhia, que teve a iniciativa de sair com uma Folia de Reis.”

“As preparações, os ensaios começam no mês de agosto. Na Companhia São Marcos, a gente passa o mês e maio junto, porque saímos na Festa do Divino Espírito Santo, que canta aos domingos no mês de maio. A nossa Companhia canta quase que o ano inteiro.”

### **3) Entrevista com Russilvânia Gallo - ex-presidente da Associação das Folias de Reis de Varginha.**

C – Russilvania Gallo é formada em Pedagogia e Belas Artes. Seu pai, Silvano Gallo, começou a trabalhar com as Companhias de Reis em 1979.

R – Nós fomos numa reunião com as Companhias e colocaram meu pai como presidente das Companhias, mas não havia uma Associação e na caminhada acho que logo no ano



seguinte, porque pra conseguir verba teríamos que ter uma estrutura. Aí criamos a Associação da qual meu pai foi 1º presidente.

C – Isso foi em que ano?

R – Em torno de 1979,1980, a criação da Associação. Agora registrada em cartório foi mesmo em 87. Criamos a Associação, mas não registramos e ela caminhou, aí numa próxima reunião me colocaram como presidente, porque tudo que meu pai fazia, eu fazia com ele, e ele fazia comigo, todo esse trabalho estava junto do meu pai.

C – Essa Associação funcionou até quando?

R – Ela continua, nunca dei baixa, continua existindo, ela tá regularizada, só preciso regularizar a diretoria. Mas a Associação como tal continua existindo. Toda documentação regularizada.

C – O nome da Associação ficou como?

R – Associação das Companhias dos Santos Reis.

C – O que você fazia nessa época com as Companhias, como que era o trabalho?

R – Foi um trabalho árduo. Você sabe que as Companhias de Reis eram proibidas de passar da linha férrea pra cima, elas só poderiam ficar nas periferias. Então havia muita briga, havia muita bebedeira, as roupas surradas, uma aparência desagradável, mas a fé daquele povo permanecia mesmo com todas essas dificuldades. Então, nosso trabalho na época, também a prefeitura, apoiou muito, e nós fizemos uma primeira apresentação na Avenida Rio Branco em frente ao Cine Rio Branco.

C – Isso nos anos 1980?

R – Esse trabalho maior foi lá pra 1983, 1984 eu acho. Então nós conseguimos fazer a apresentação do presépio ao vivo com os filhos dos componentes das Companhias de Reis.

C – Quando você fala dessa proibição era uma coisa meio...

R – Era polícia, eles pegavam, eles eram presos, era uma coisa bem oficial mesmo. Não poderia atravessar o centro da cidade. Pra eles virem, por exemplo, de um bairro pro outro, que estivesse dos lados extremos eles teriam que contornar e não poderiam circular pelo centro da cidade.





C – Mas você entende que isso era o que, essa perseguição era porque? Era o estilo de vida, como se apresentavam?

R – Era uma coisa... pela má aparência talvez, era uma coisa simplória, a igreja não apoiava, por causa da bebedeira, das brigas. Sabe que havia um desafio quando se encontravam duas companhias. Elas tinham que se desafiar e chegou a acontecer até mortes por causa do desafio. Havia agressões físicas e verbais seríssimas. Acabavam sendo presos. E foi assim com nosso trabalho da parte espiritual e mostrou pra eles que estávamos servindo o mesmo Deus, e matando um irmão.

C – Eu te conheço bem antes dessa época, você já tinha um trabalho religioso nesse sentido, e foi uma das suas intenções, com relação as Companhias, continuar o trabalho que desenvolvia?

R – De levar pra igreja. Então como nossa primeira apresentação no desfile na avenida e como eles não podiam entrar nas igrejas, nem mesmo na periferia, eles eram proibidos, nós conseguimos um apoio dos padres pra gente fazer uma missa, a partir desse primeiro espaço que o padre deu na Matriz do Espírito Santo, a gente então conseguiu abrir as portas de todas as outras, não no mesmo ano. Mas, nós conseguimos que as igrejas recebessem as companhias de reis, que o padre fosse abençoá-las, e aí a primeira missa com a participação delas, eu acho que foi lá pro ano de 84 e daí pra frente com os apoios financeiros da prefeitura e com a abertura das igrejas, as companhias começaram a crescer em todos os sentidos, espiritual, com o apoio financeiro a gente dava o dinheiro. Muitas vezes, eu e minha irmã, fizemos as roupas pra ficar barato. A gente ganhava uma verba pequena, comprava o tecido, cada um escolhia o seu, e depois a gente fazia, pra ficar barato. E como na Associação todos eram da folia... só eu que não fazia parte de alguma Companhia de Reis.

C – Quando foi isso? Quantas companhias ...

R – Lá pro ano de 1985 eu acho que já tinha umas 30 companhias e atuantes com história, porque às vezes não era aquela pessoa, mas era o pai ou o avô que fazia, não era uma Companhia criada, mas revitalizada, que são histórias familiares, geralmente as Companhias são histórias familiares, o avô era, o pai era e aí vem uma descendência.



C – Agora, antes dessa fase de 1979 que começou a estar envolvida com as Companhias junto com teu pai, você tem conhecimento de desde quando estavam atuando em varginha, porque a Cardoso é de 1934... é a mais antiga que você tem conhecimento?

R – Por isso que estou te falando, ela não estava atuante, mas estava ativa, ela já existia. A Cardoso chegou a fazer 60 anos de existência lá pro ano, não sei bem o ano, mas vamos falar 1995.

C – Parece que ela é de 1930 e poucos...

R – Eu não sei bem o início dela, mas eu sei que nós chegamos a bater palma por causa dos 60 anos de existência e aí se você for olhar a maioria delas ou uma boa parte delas são histórias familiares. Ah existiam sim eu acredito que na época que começamos eu acho que tinham 12 representantes de companhia nessa primeira reunião, acho que garanto uma ata não tenho certeza.

C – Então você acredita que a Cardoso seja uma das representantes mais antigas e atuantes em Varginha.

R – A Cardoso é ...

C – Quais os dias que ocorrem à folia e quando ela termina?

R – Olha, oficialmente, ela começa no dia 25 de dezembro e até dia 06 de janeiro que é a chegada de Santos Reis.

C – Você acredita que uma companhia visita quantas casas por dia?

R – Entre visitas e só passar bandeira, chega até 50 por dia.

C – Por dia?

R – Por dia.

C – Cada companhia?

R – Cada companhia. Porque é assim, muitas casas não entra pra cantar, mas a bandeira entra pra benzer a casa, né, eles acreditam que o adentrar a bandeira na sua casa, passando por todos os cômodos da casa a benção já permanece naquela casa. É como se fosse ...porque a bandeira, qualquer bandeira, mas a bandeira dos santos reis é a própria representação dos Santos Reis. Até tem outra coisa paralela que nós começamos a orientá-los se a bandeira é o Santos Reis, não deveria ter o presépio e muitas aderiram, a maioria



aderiu a essa ideia. È um trabalho de orientação espiritual, de história da Bíblia e eles conscientizaram. A bandeira deve ter só os Santos Reis e a estrela, porque, em cada casa é um presépio ou aonde há realmente um presépio, representando o nascimento de Jesus.

C – Mas ainda continua a imagem da bandeira, os Três Reis Magos, Maria, José e o Menino Jesus?

R – Muita, mas uma grande parte aceitou e tirou o presépio e muitos que ainda tem, mas se você observar muitos já não colocam mais o Menino Jesus.

C – Essas visitas nas casas que os recebem e eles param pra cantar, são agendadas? Como que é isso?

R – Elas são agendadas. O capitão, o presidente ou dono da Companhia é um trabalho anual. Então assim, antes de sair eles já tem uma série de casas agendadas, principalmente para as refeições. Porque aí eles vão naquela casa, eles cantam e já ficam pro almoço ou para o jantar.

C – Eles escolhem uma casa para...

R – Escolhe não. Geralmente são pessoas que fazem promessas, conseguem as graças dos Santos Reis então elas fazem a promessa de dar uma refeição. Então muitas, muita gente tem essa promessa pelo resto da vida. Então onde eles fazem um agendamento anterior. Agora, eles tão passando... você quer a presença deles e aí: - Ô fulano, canta aqui na minha casa!

C – Ah tá... de maneira espontânea...

R – Espontânea, então há o agendamento mínimo de umas 6 ou 10 casas depois eles vão atendendo as casas que tá passando, eu conheço, eu chamo, eu confio pra entrar na minha casa.

C – As Companhias pernoitam na casa?

R – Não, é muito difícil aqui em Varginha, existia isso principalmente na zona rural que eles iam em lugar muito distantes então eles faziam o pernoite nas casas mas a bandeira ela faz o pernoite na última casa. A bandeira sai da casa do dono ou presidente da companhia e só volta no último. Ela não retorna todo dia pra casa do dono é uma caminhada, uma romaria.

C – E geralmente as companhias saem a que horas?



R – Não, não tem hora. A maioria deveria sair dia 25, mas tem muitas que saem dia 31, por causa do trabalho, por causa da despesa, da alimentação é uma série de coisas que dificulta o trabalho deles. Nós temos, por exemplo, se falar em embaixador e sanfoneiro, estão virando profissão, porque, a uma maioria, ou alguns, eles não querem fazer por nada, eles querem ganhar. E eles são caros.

C – Rafael, dono de uma das companhias, disse que paga R\$ 800 reais por sanfoneiro...

R – Por sanfoneiro.

C – E tem essa despesa né? Tem as costureiras que faz também a roupa...

R – Então, aí a Associação cuidava de tudo. Não da compra. A gente pra não agredir essa tradição e esse costume, levava uns doze acompanhantes conosco pra eles escolherem os panos. Então eles escolhiam tudo, o enfeite, a fita, pra não tirar essa tradição do gosto, né?

C – Como é o dia da saída da folia?

R – Logo cedo, entorno de 9 horas da manhã, tem companhias que saem mais cedo, porque eles também não tem hora pra parar, né? O horário que a gente pede é sempre é as 22 horas mas dependendo da casa e do lugar aonde eles vão, porque é uma caminhada. Eu marquei na tua casa as 20 horas e cheguei lá só as 22 horas pra jantar por exemplo, porque geralmente na última casa é que janta.

C – Geralmente eles almoçam no meio do caminho...

R – Nunca o almoço é o horário comum que nós almoçamos, porque, também depende do número de casas em que eles foram. Eles marcam as 21h, atrasa algum componente do grupo, espera aí tem xis casos pra ele atender até o horário do almoço, então é todo um trabalho árduo mesmo.

C – Russilvânia, como é o passo a passo?

R – Eles vão pegar a bandeira, geralmente o dono. Não precisa ser a Companhia toda, vai na última casa e pega a bandeira. Aí eles fazem oração.

C – Na última casa...

R – Do ano anterior.

C – Ela fica o ano inteiro com a bandeira?



R – Não, o dono da bandeira da Companhia fica com a bandeira o ano todo. A partir do momento que ele sai pra caminhada, ele não leva ela mais pra sua casa. Ele deixa em alguma casa de confiança, talvez, mas essa bandeira não retorna pra casa dele. Então ele vai buscar a bandeira onde ficou a noite pra continuar a caminhada.

C – E como que se dá o processo? Ele pega essa bandeira ...

R – Aí o grupo faz a oração e começa a caminhada eles vão às casas combinadas, geralmente eles vão pra primeira casa do dia seguinte. Lá na casa da Russilvânia que vai começar, na quinta feira, então todo mundo se encontra lá, ali já faz a oração, o dono da companhia já tá com a bandeira que ele já pegou no dia anterior, e aí começa a caminhada.

C – Mas aí na casa, qual o roteiro disso? Ele passa a bandeira pela casa, deixa na cama?

R – Aí depende, ah não... a bandeira fica num canto onde ela é venerada. Vamo falar assim, algum lugar de destaque da casa.

C – Aqui em Varginha, costuma ficar em cima da cama ou só nos locais que a pessoa escolhe?

R – A bandeira quando ela entra na sua casa, a fé, passa em cima da cama. Não é que ela fica em cima da cama ela passa em cima da cama da cabeceira pro pé, uma forma de abençoar.

C – E então a família recebe, beija a bandeira ...

R – Quando a família recebe pra cantar, o dono ou a dona da casa já segura a bandeira, aí então todos já entram cantando. O embaixador é muito importante no conhecimento bíblico, e ele faz uma oração. Vamos falar assim: a minha filha tá fazendo aniversário, quero uma cantoria pra ela. Então eles usam essa realidade, o aniversário da minha filha, dentro da homenagem do agradecimento e da despedida, mas sempre um texto bíblico.

C - Geralmente cantam quantas músicas?

R – Depende, quantas você aceitar, mas geralmente deve ser umas 10 rimas, não é muito não. Eles fazem uma homenagem, uma pedida de licença pra cantar, eles fazem a cantoria do nascimento, cada casa eles fazem de um jeito. O embaixador tem um conhecimento muito bom sobre isso. E depois eles fazem um agradecimento e a despedida.



C – Existe dentro das companhias, que você tenha percebido ao longo dos anos, superstições que eles cumprem? Por exemplo, não cruzar uma rua pela qual já passou uma outra Companhia?

R – Ah sim, encontrar com outra companhia. Eles evitam, agora não há mais o desafio, eles se cumprimentam e agradecem e desejam um bom trabalho. Antes não, quando encontrava iam pro desafio. Em Varginha já houve três mortes por causa desse desafio, e aí continua sua caminhada. Agora essas crendices existiam, mas ela foi muito mais amenizada pelo conhecimento bíblico de todos. Porque o embaixador, ele conhece, sabe, decora e tem um bom conhecimento, mas a equipe nem sempre. Quem faz parte da Companhia de Reis, tradicionalmente falando dentro de uma companhia é o dono e o embaixador e os instrumentistas, nem sempre o sanfoneiro. Porque o sanfoneiro é um trabalho mais difícil.

C – E é contratado, geralmente?

R – Geralmente é contratado, e não tem ligação e não sai sempre entre o dia 25 e 1º de janeiro, dia 6 de janeiro. É difícil, em Varginha estão trazendo sanfoneiros de fora.

C – Colocar uma fita azul no violão, seria uma superstição ou uma tradição, que é a cor escolhida para um santo?

R – Oficialmente não existe. Cada um tem a sua superstição. Mas não uma coisa assim, declarada e assumida, tem não. É, tem a cor dos santos, mas não sei te falar, são três cores que colocam no violão.

C – Você lembra de alguma situação que a igreja questionou com você ou com algum integrante, esses ritos das companhias, ou a forma de agir ?

R – Ouve sim orientação religiosa, mas de uma forma mais abrangente. Porque se for falar dessas crendices, não houve a não ser o desafio, o resto não agredia. Eram coisas mais tranquilas, mais passíveis.

C – Teve algum caso de constrangimento ente algum padre e uma Companhia, referente a bebidas ingeridas por alguns foliões?

R – Acabar com a bebedeira foi o trabalho maior nosso, porque eles ainda acreditam que pra cantar bem tem que beber um golinho.

C – Esquentar a garganta, como dizem?



R – Imagina o padre chegando pra dar a homilia, e eles tem que beber um golinho...

C – Você não acredita que por causa disso, a homilia... e chegar bêbado na igreja, para receber a homilia?

R – Nem eles aceitam isso, porque eles estão levando o nome dos Santos Reis e o nome da igreja, então é uma coisa paralela. A Associação trabalhou muito sobre isso, era determinadamente proibido entrar num bar e uniformizado e vocês estão representando a igreja, estão representando a história das Companhias, a Associação, tá tudo envolvido. Aí quando havia uma confirmação de continuar a beber, a gente começava a cortar verba. Então, aonde que a pessoa dói mais? É no bolso. Então vamos falar, se a turma ganha mil, ele vai ganhar só novecentos. Teve companhia que nós chegamos a tirar metade da verba por causa de briga, bebedeira. Bebedeira, briga feia teve, até tiroteio. Aí não vem na missa, quer vir na apresentação. Então a missa era o ponto central do nosso trabalho. Todas vão lá pra receber a benção e agradecer e o encontro, seria o coroamento disso. Então, naquele ano a coisa ficava normal, no ano seguinte como eles mesmos eram da diretoria faziam de tudo para que todos andassem de forma correta, pra que não houvessem as brigas, pra que não ficassem frequentando bares, para que não faltassem a missa do dia 6 de janeiro, porque pra nós era um ponto muito forte onde deveriam estar juntos e assim nós conseguíamos uma caminhada maravilhosa, graças a Deus.

C – Você sabe de alguma família que recebeu alguma graça em relação a devoção de Santos Reis?

R – Tem história, mas não sei quem me falou e quem recebeu, mas histórias, muitas histórias. “Eu vou dar almoço pras companhias o resto da vida porque meu pai foi curado, ou a minha filha, ela não engravidava e conseguiu através de Santos Reis, e por aí a fora.”

C – Então existem vários relatos?

R – Assim, se você pegar uns nomes de donos de companhia de famílias que todo ano oferecem, tem uma história de milagre. É um agradecimento e ela permanece fiel porque ela conseguiu uma graça.

C – Quanto ao almoço oferecido, é especial?

R – Ah sim, almoço de reis. Almoço muito bom. Eles fazem todo um trabalho na comunidade. Tem muitos que não, que aquele dinheirinho que eles ganham na coleta das casas, porque assim, ele é tão apaixonado pelo trabalho que ele reserva o dinheiro dele



pra poder manter a Companhia ou faz empréstimo, aí ele se vira ou faz coleta. Então esse almoço não fecha a porta pra ninguém. Vai a Companhia de Reis, vai aquele povo atrás que nunca é menos de 50 pessoas, eu falo que não existe companhia de 20, as vezes são 20 componentes, mas vai aquele povo que caminha com eles todos os dias é quase permanente e é muito, aí eles almoçam naquela casa. É muita gente.

C – Tem arroz, feijão, macarrão...?

R – Ah geralmente arroz, feijão, macarronada, maionese e carne à vontade. Refrigerante, tem uns que oferecem vinho. Tem fartura no almoço de uma Companhia de Reis e é muito gostosa.

C – Geralmente numa companhia, quem são os personagens e os componentes?

R – Então, tem o dono da companhia, que muitas vezes é o embaixador. Tem os instrumentos: sininho, violão, pandeiro e a sanfona são os básicos, acho que são uns sete instrumentos. Marungo, uma coisa que nós sempre falamos e que eu acho importante, há muita controvérsia sobre quem é o marungo. Pra muitas companhias, o marungo é o rei que passou no palácio de Herodes, foi ver o Menino Jesus e foi orientado pra não voltar no palácio, que o rei queria matar a criança. Então para muitos da Folia de Reis, são os reis disfarçados que voltaram para os soldados não os identificarem.

C – Mas aí não existe uma diferenciação... para identificar os componentes? Porque vemos em algumas companhias de fora, que tem personagens que usam coroas e a capas. Não tem isso em Varginha?

R – Na companhia não. É a bandeira que diferencia.

C – Marungo e palhaço é a mesma coisa?

R – É a mesma coisa, tem lugar que chama de palhaço. Porque na cabeça deles, quando os três reis se disfarçaram, se disfarçaram em atividade circense, porque já existia na época, para que não fossem localizados pelos soldados. Em Varginha, você vai ouvir deles isso. Então eu sempre dizia a eles porque, os três marungos nunca poderão entrar na casa com o presépio, mascarados, você sabe que eles tiram as máscaras.

C – Porque os marungos se escondem usando máscaras?

R – Na cabeça deles, pra fugir dos soldados. Eu sempre dizia a eles que não. Porque, como que os marungos usam máscaras pra esconder a identidade deles se eles chegam já





fantasiados no presépio de marungos? Então deveriam aparecer só depois que passa da manjedoura pra frente. Então, nesse fato, muitos pra mim, marungo, uns chamam de palhaço, seriam alguns escravos, alguns servos pra alegrar o menino. Agora oficialmente não existe isso. Pra eles, continua sendo os três reis disfarçados, pra poder escapar daquela região.

C – Quem são as pessoas que participam de uma Companhia de Reis? O que fazem no dia a dia, trabalham com o que?

R – A maioria são trabalhadores simples, lavradores, aposentados, que continuam com essa fidelidade, e vai passando de geração em geração. Nós estávamos pela Associação fazendo um trabalho de conquista dos jovens, porque ultimamente vinha pouco jovem e muito idoso, aí nós começamos um trabalho de conscientização com eles, de que eles deviam envolver o jovem. Como marungo, os instrumentos mais simples como cantadores, porque tem também os que cantam, são três coros. É o embaixador com mais dois coros, então pra envolver as crianças e os jovens e começou a vir marunguinhos, porque muita gente faz a promessa de vestir, quando alcança uma graça, seu filho de marungo, pra cumprir promessa de graça recebida.

C – Mas isso dentro da Companhia ou pessoas de fora?

R – Pessoas de fora que não tem nada a ver com a Companhia. Então, eu ganhei a graça, meu filho vai vestir de marungo e acompanha. Aí volta naquela história, são três marungos? São, mas tem companhias com 15 ou 20. São pessoas que não são da Companhia, estruturalmente falando, mas, que fizeram promessa porque gostam, compram sua roupa e mandam fazer e acompanham.

C – Nesse ano de 2015, no encontrão das Companhias, a São Sebastião tinha mais de 20 marungos e foi um espetáculo bonito, visual maravilhoso.

Geralmente as cantorias, e isso eu conversei com algumas pessoas, são difíceis de entender, você acha que é assim, porque? Pela natureza da letra, da melodia ou pela simplicidade, porque a música da companhia tem uma base caipira?

R – Base caipira porque é popular né?

C – Justamente, porque foi a partir da música caipira que foi puxado e adaptado pra essa questão religiosa. Pra quem tá ouvindo a Folia e quando ela passa, é quase impossível entender o que se canta...



R – Então, outra coisa que nós estávamos trabalhando, pode ver que já tem companhia que já tem um vocal mais audível. Porque aí eu acho que é a tradição mesmo.

C – Mas tem sentido tudo que estão falando? Até essas formas de modular a voz? Ou são sonoridades e não são letras?

R – Tudo tem letra. Nossa, se você ler as letras, tem um conteúdo muito bom. O problema eu acho que é realmente a tradição, tanto é que você vê algumas companhias evoluíram um pouco e fazem um trabalho audível, você gosta, você escuta, mas todas elas tem a mesma raiz. É a história dos três reis indo visitar o Menino Jesus. Mas se você conversar e pegar a letra de cada companhia, há muito de improviso do embaixador. Mas tem aquela dos três coros, tipe um, tipe dois. Conhece os termos? Tipe um, tipe dois seria o coro, eles repetem o que o embaixador fala aí eles põem os dois agudos e grave.

C – Tem muito a ver com a música caipira, duas vozes.

R – Eles cantam e a maioria é repercussão do embaixador.

C – Agora a questão da dança dos marungos como você encara isso? Pesquisando, percebi que quando existe algo mais livre, leve, sem muita coreografia, é chamado de corta-jaca. Esse termo é usado?

R – Continua corta-jaca. O corta-jaca é criatividade do marungo. Quando vai visitar uma casa ele pergunta: quer que corta-jaca? Não sei o que quer dizer corta-jaca. O termo continua. Você quer, então você fica lá na rua e após a cantoria ou antes de terminar, os marungos fazem todas aquelas evoluções, com aqueles bastões.

C – Numa interpretação livre, o corta-jaca seria a coreografia solta dos marungos ou palhaços.



#### 4) Entrevista realizada com Luiz Antônio de Souza - Companhia "Nossa Senhora do Rosário".

##### Companhia “Nossa Senhora do Rosário”



Luiz Antônio de Souza (mais conhecido como “Índio”) é servidor público (Auxiliar de Serviços Públicos) da Prefeitura Municipal de Varginha. Tem 51 anos, é casado e tem cinco filhos. É o presidente da companhia de reis “Nossa Senhora do Carmo” e prestou seu depoimento à equipe do Museu Municipal em reunião do dia 11 de julho de 2014. Notamos que ele não utiliza o termo tradicional “capitão”, mas sim “presidente”, o que indica uma modernização dos costumes da companhia.

De acordo com as informações prestadas, a Companhia “Nossa Senhora do Carmo” foi criada em 1999 pelo próprio Luiz Antônio, com o nome de “Nossa Senhora do Rosário de São Benedito”, que foi alterado há três anos, em 2011. O “Índio” afirma que acompanha os grupos de reis do município de Varginha desde que tinha 7 anos, com sua mãe. É muito devoto e também gerencia os trabalhos dos grupos de Congada em Varginha.

A Companhia “Nossa Senhora do Carmo” tem cerca de 15 integrantes, sendo 1 presidente, 1 vice-presidente, 1 embaixador, 5 marungos, 1 bandeireiro, entre 2 e 5 mulheres no canto e 1 sanfoneiro. O Instituto Cultural *Artetude* administra os recursos que são repassados pela Prefeitura Municipal e que cobrem os custos com a compra de uniformes e instrumentos e que patrocinam caminhadas e trajetos. A divulgação do

trabalho também é responsabilidade do *Artetude*.

Os instrumentos utilizados pelos foliões incluem viola, violão, pandeiro, triângulo, cavaco, chocalho, caixa e sanfona. Os cantos são todos elaborados pelo embaixador, de improviso. Os membros da companhia não cobram para cantar nas residências; sua motivação é exclusivamente religiosa. Já os marungos costumam “cortar jaca” a pedido dos proprietários das casas visitadas, alegrando a celebração com danças, em troca de uma oferta à parte. Ainda no que concerne aos marungos, é expressamente proibido que se aproximem dos presépios utilizando máscaras e, ao se aproximarem, devem se ajoelhar, como manifestação de respeito. Bebidas alcoólicas não são permitidas sob hipótese alguma.

A companhia não tem sede.

Os desenhos do estandarte da companhia ilustram os três reis magos, que são destacados na bandeira, e não os enfeites e laços que a compõem.

Os bairros que a companhia percorre entre 25 de dezembro e 06 de janeiro de todos os anos são: Jardim Corcetti, Jardim Áurea, Carvalhos e Fátima. A motivação do trajeto pelo bairro de Carvalhos ocorre por ocasião de uma promessa de 8 anos, sendo que já o fizeram por 2.



**5) Entrevista realizada com João Batista Fortunato - Companhia São João Batista.****Companhia “São João Batista”**

João Batista Fortunato tem 55 anos, é pedreiro e reside à Rua Tarcísio C. Braga, nº 100, bairro Vila Registânea. A companhia “São João Batista” foi herdada por ele há aproximadamente 40 anos. O primeiro capitão foi Armando Grande, que faleceu em 2005. João Batista ocupa o cargo de capitão e embaixador há 20 anos. À frente da companhia desde os 15 anos de idade por motivos de promessa, afirma que teve sua vida restaurada pelos anos de giro. É católico fervoroso, foi alcoólatra e leva os trabalhos realizados pela companhia muito a sério.

A companhia tem entre 25 e 30 integrantes (com 2 embaixadores e 9 pessoas no canto), além de 35 marungos. Os marungos são atraídos à companhia pela cultura, por devoção e para pagar promessas religiosas. Há, inclusive, duas crianças de 3 e 4 anos que já atuam como marungos no grupo. Os foliões que não apresentam um comportamento adequado e respeitoso, abusando de bebidas alcoólicas, são dispensados da companhia.

Os instrumentos musicais utilizados são viola, violão, caixa, pandeiro, triângulo, sanfona, chocalho e violino. O violinista se chama Altamiro e tem 74 anos. As músicas abrangem vários ritmos e são feitas de improviso. As orações dirigidas aos presépios devem ser improvisadas: nenhum verso “de ontem” ou “da hora em que levantou” pode

ser empregado. Todo o canto precisa ser criado a partir do momento em que a companhia entra na casa e os versos são improvisados de acordo com a situação e a pessoa a quem são endereçados.

Os recursos são distribuídos pelo Instituto Cultural *Artetude*, de acordo com os valores repassados pela Prefeitura do Município de Varginha. João Batista, em conversa com a equipe do Museu Municipal em 15 de julho de 2014, contou que a companhia não recebeu o incentivo por 3 anos seguidos, o que prejudicou e dificultou o andamento do trabalho do grupo. No ano de 2013, a folia “São João Batista” recebeu R\$1100,00, mas o capitão afirma que o custo médio do giro da companhia pelos bairros é duas vezes este valor. As doações das visitas são irrisórias e não cobrem nem o custo do sanfoneiro da companhia, que cobra cerca de R\$650,00 por seus serviços. Além disso, um terço do valor arrecadado pelas doações é cedido a igrejas católicas do município, como forma tradicional de manter e estreitar o vínculo religioso.

A companhia faz a chegada dos trajetos percorridos com uma festa de encerramento, acompanhada de missa, que ocorre sempre no primeiro final de semana após o dia 06 de janeiro. O capitão conta que a chegada era aberta ao público e feita numa lavanderia da Vila Registânea, mas que, por motivos de violência e vandalismo, ele optou por apenas fazer a chegada da bandeira numa festa privada, que agora ocorre num rancho.

A companhia não tem sede.

O diferencial do estandarte é a cor amarela.

Os bairros que percorrem são: Bom Pastor, Barcelona, Vargem, Jardim das Oliveiras, Damasco, Carvalhos, Cidade Nova, São Sebastião e Parque Viana.

João Batista afirma que não há interesse de seus familiares por seguirem o ofício das folias de reis e enfatiza a necessidade de os capitães de todas as 16 companhias que hoje atuam em Varginha se unirem através do trabalho honesto para perpetuar a tradição.

Explicou-nos que os três aros de bambu que são posicionados à chegada da bandeira simbolizam os três reis magos e que as correntes representam os obstáculos que eles enfrentaram para chegar a Jesus.

Finalmente, contou-nos algumas das manifestações miraculosas que presenciou. Uma delas foi a ocasião em que uma menina de 11 anos parálitica voltou a andar, em virtude de sua fé e do contato com a bandeira da companhia.



**6) Entrevista realizada com Antônio Maria Neto - Companhia Cardoso e Amigos.****Companhia “Cardoso e Amigos”**

Antônio Maria Neto é o capitão da companhia “Cardoso e Amigos”. Tem 78 anos (nasceu em 02 de abril de 1937) e trabalhou como porteiro na escola do Canoas, do bairro Catanduvás. Reside à Rua Antônio Augusto da Silva, nº 123, bairro Jardim Corcetti. Hoje sofre com a saúde debilitada pelo diabetes, mas fala com muito entusiasmo da companhia.

Em meados de 1930, Arlindo Cardoso fundou a companhia. Por volta de 1950, o

comando foi passado a Mário Pederiva, genro de Arlindo Cardoso. Depois, a chefia foi delegada a José Cardoso Braga, sobrinho do fundador. A fé de José Cardoso era tão grande que uma de suas filhas nasceu em 06 de janeiro, ao que foi batizada com o nome de Maria Reis. Após o falecimento de José Cardoso, segundo o depoimento dado por Antônio à equipe do Museu Municipal em 15 de julho de 2014, o comando foi delegado a Domingos Matias até, mais tarde, finalmente chegar a Antônio. Ele afirma que assumiu o cargo de capitão da “Cardoso e Amigos” em 2004, mas que, antes disso, trabalhou com a companhia “Lenço Preto” por 4 anos. Ao todo, são 36 anos acompanhando os grupos de folia de reis do município. Ele comanda, toca e canta, o que demonstra seu espírito ativo e devoto.

Há aproximadamente 40 ou 45 integrantes no grupo. São 2 embaixadores e 25 pessoas no canto. Devido aos insistentes pedidos de pessoas da comunidade, em alguns anos contam com até 8 marungos. O maior número de marungos que já tiveram foi 30. A pedidos, muitas crianças acompanham o giro da companhia, acompanhadas por um adulto responsável.

Os instrumentos que usam são sanfona, 4 violões, 2 violas, violino, triângulo, chocalho, pandeiro e 2 caixas artesanais. Utilizaram por muito tempo, também, um saxofone, mas o tocador faleceu recentemente.

Outro destaque da companhia é o fato de utilizarem 3 estandartes. O mais antigo pertenceu a José Cardoso e foi passado a Antônio.

O recurso é proveniente da Prefeitura de Varginha e é repassado pelo Instituto Cultural *Artetude*. Mas Antônio ressalta que o incentivo não foi dado à companhia “Cardoso e Amigos” no ano de 2013. O sanfoneiro cobra entre R\$300,00 e R\$500,00. Todos os instrumentistas ganham certa quantia, que é dividida a partir do valor arrecadado com as doações. Por dois anos a companhia doou dinheiro a igrejas católicas, mas agora dão o dinheiro diretamente a instituições de caridade.

Bairros que percorrem: Padre Vitor, Jardim Andere, Barcelona e Jardim Corcetti.

A “Cardoso e Amigos” realiza suas caminhadas e celebrações entre 29 de dezembro e 06 de janeiro, todos os anos. Geralmente é um trabalho intenso e os membros do grupo começam o trajeto às 11h e terminam às 22h. A chegada do giro era feita em sua residência particular, mas a quantidade de pessoas que comparecem ao evento obrigou





que se providenciasse um local mais amplo e arejado. Em 2014 utilizaram a casa da viúva do Joaquim, que integrava a companhia.

Quando perguntado acerca de alguma manifestação de fé de que se lembrasse, Antônio narrou o caso de seu neto, Jonathan Teixeira, que, aos 4 anos, não andava. Certa ocasião, depois de prometer dar almoço e carregar a bandeira da companhia por um período de 7 anos, o menino foi coberto pelo estandarte por uma noite inteira e, no dia seguinte, começou a andar. Apesar do suposto milagre, o jovem não se interessou pela ideia de dar continuidade ao trabalho do avô, como marungo.

No entanto, na família do senhor Antônio, vários de seus descendentes participam da companhia de reis: seus três filhos (José Carlos Rodrigues, Afonso Paulo e Luiz Fernando) e seus netos (André Filipe, Rhyron, Jhordan, Pedro Afonso, Luis Guilherme, André Rodrigues e Wallace). Suas netas (Karen Kristine, Larissa Elen, Mariana e Nicolý) também já participaram da festividade.



**Mídia digital com os depoimentos**

#### 4. Análise descritiva do bem cultural:

As sedes das Companhias de Reis de Varginha estão espalhadas por vários bairros: Centenário, Boa Vista, Padre Vitor, Jardim Sion, Vila Isabel, Registânia, Pró Moradia, Santana, Catandubas, Jardim Corcetti, Vila Barcelona. Bom Pastor, Sagrado Coração, Parque Eliana, Jardim Áurea, Nova Damasco e Orlândia. Destes bairros, as Companhias, nos dias do Giro, partem para vários outros, percorrendo enormes distâncias e cerca de 30 casas por dia. Essa maratona de fé é alcançada por vários meios de transportes. Porém, os caminhos percorridos, são na maioria a pé, e assim, o ritual se materializa todos os anos. Para a compreensão de como se dá o desenvolvimento e as características destes grupos é preciso primeiro, subdividi-los e depois reuni-los, pois, cada peça da engrenagem se complementa, formando um todo.

Cercados de várias tradições passadas ao longo dos tempos, umas das credences é que para participar da Folia de Reis, o integrante tem que participar por sete anos seguidos. E depois, pode se desligar da Companhia que estiver participando. Caso contrário, seria punido pelos Reis Magos ou atrairia má sorte.

Muitos dos integrantes seguem uma tradição familiar de participação nas Folias ou porque fez uma promessa aos Santos. Também acreditam que caso não cumpram a promessa, serão alvos de castigos. Mas, o fator preponderante é que participar do giro das Companhias traz um sentimento de que pertencem a uma comunidade com iguais valores cristãos. Percorrer as casas da cidade é como participar de uma procissão que os levam a um contato com o sagrado. É a reprodução do encontro dos Reis com o Menino Jesus

As Companhias de Varginha tem uma hierarquia e existe um respeito às funções de cada um. Isso gera uma comunicação direta entre eles e a preservação das tradições e saberes.

Há uma versatilidade artística entre seus integrantes. A maioria de seus instrumentistas aprendeu a tocar de forma espontânea e autodidata, sem frequentar aulas com profissionais, “tocam de ouvido”, como disse o embaixador da Companhia São Marcos, o Sr. Marcos José Garcia. Assim, sanfoneiros, violinistas, violeiros, pandeiristas se esmeram nas apresentações. Mesclam, também, interpretação ao declamar versos, danças acrobáticas realizadas pelos marungos, sendo também, um aprendizado



espontâneo e a cantoria, que muitos se orgulham em saber entoar os agudos, que apenas alguns conseguem alcançar.

A Folia de Reis em Varginha é, em grande parte, formada por pessoas da mesma família, parentes, amigos ou vizinhos. Dona Lázara das Graças da Silva, embaixadora da Companhia São Lázaro, relata:

As vezes quando tô cantando, e eu canso, o meu filho vem e pega a viola. Ele embaixa muito bem, praticamente a minha Companhia de Reis é só quase família, entendeu? É filho, é genro, é nora, neto, todo mundo canta, todo mundo toca. Meu sanfoneiro, inclusive, é meu filho Gilmar. O João Paulo é embaixador, o Maurício e os outros. Tem outro embaixador que também ajuda meu filho lá na frente, porque eu canto sozinha, agora meu filho precisa. E os outros é marungo, a netaiada é tudo marungo. Então quer dizer, meus meninos cresceu tudo naquela transição. Eles cresceram tudo naquela minha religião, que é a minha Companhia de Reis. Meus Santos Reis é uma religião que eu tenho, então, meus filhos e netos cresceu tudo dentro dessa religião (ENTREVISTA com Lázara das Graças da Silva, 2016).

As Companhias são compostas por uma estrutura que pode variar. Na maioria das vezes, conta com um embaixador, que também pode ter a função de mestre, capitão, folião de guia, entre outras denominações. O embaixador coordena as cantorias, é quem faz as embaixadas. Faz a primeira voz e conhece os cânticos, que tira de memória, sem precisar de nenhuma anotação. Também, improvisa de acordo com a situação encontrada na casa visitada: se tem o presépio na entrada, fotos da família ou outro detalhe que possa ser significativo e assim, puxar os cantos.

Se numa casa a Folia já sabe que está sendo recebida por devoção aos Santos Reis, a visita não é demorada. Os foliões abençoam a família cantando e solicitam alguma oferta. Se outra casa é visitada porque alguém da família os recebeu como promessa, o embaixador faz a ponte, informando aos Reis Magos sobre os pedidos, cantando com os foliões. Para ser embaixador, é preciso ter conhecimento do evangelho e perceber os desejos dos devotos, podendo então, através dos versos, explicitar esses anseios.

O Capitão é o responsável pela coordenação que inclui as regras da Companhia, os procedimentos necessários à tradição, os horários e o trajeto a ser percorrido. É ele também quem recruta os membros, organiza os ensaios, puxa o terço e a leitura da Bíblia. Nos rituais, desempenha o papel mais importante.



O capitão é a sustentação, a parte burocrática da Companhia. Ele precisa sair pra comprar alguma coisa, ele precisa voltar, ele precisa dar sustentação pra nós caminhar. O embaixador é o que tá com a viola, faz as embaixadas. Tem Companhia que é o próprio embaixador que é ao dono da Companhia, que teve a iniciativa de sair com uma Folia de Reis”. (ENTREVISTA com Marco Antônio Silva Pereira, 2016)

Ele também declama os versos que serão respondidos pelo contramestre, muitas vezes improvisados, adaptando-se às situações que encontram nas casas, como doenças, curas e pedidos de todo o tipo. Dona Lázara, embaixadora da Companhia São Lázaro diz:

Quando eu saia na Companhia do Seu Pintinho, o povo tinha muita fé, tinha muita religião. Nós passava numa rua, pra cantar, não ficava uma casa que não apanhasse a bandeira. Então nós cantava, se tivesse oferta ou não tivesse nós cantava a mesma coisa. Era completamente diferente d’agora. Não tinha aquela brigaiada da Companhia de Reis. Porque hoje tá tendo muito problema de política na Companhia de Reis. Uns querem ser melhor que o outro, aquela disputa... Uma quer ser mais bonita que a outra, cantar mais bonita que a outra. E eu vou falar uma coisa: Isso aí não existe. Entendeu, a gente sai com a companhia de reis, é uma companhia de reis simples, é uma companhia de reis pobre, então a gente sai do jeito que pode sair. Num sai pra fazer bonito pra ninguém, pra fazer aquela grandeza como tem muita companhia de reis que faz isso, entendeu? Então naquela época nossa, do Zé Pintinho, do seu Lulu, que foi chefe da prefeitura, era assim, completamente diferente. Nós num deixava um bairro sem cantá, todo mundo pegava bandeira, todo mundo oferecia café, oferecia almoço, agora não. Agora, a gente canta dois, três dias sem almoço, porque não sei se o povo perdeu a fé entendeu? Então, a fé está só em nós, que é dono de companhia. Então acho que o povo perdeu a fé. Tem gente que a gente aponta lá com a bandeira, os marungo gritando, eles corre e fecha a porta, fecha janela, outros falam que não querem receber a bandeira. E tá desse jeito. Hoje eu sou a embaixadora e meu filho João Paulo da Silva é o contra-mestre que canta e ajuda na Companhia (ENTREVISTA com Lázara das Graças da Silva, 2016).

Também fazem parte das Companhias da cidade figuras essenciais como os alferes (ou porta-bandeira, bandeireiro ou estandarte), encarregados de levar a bandeira dos Santos Reis, o maior símbolo do grupo, elemento sagrado, merecedor de grande respeito. Nela a comunidade pendura fitas, flores, dinheiro e fotos em agradecimento às graças recebidas e demonstram toda a emoção de receber a bandeira em sua casa, enquanto os foliões cantam em frente ao presépio ali instalado. É ela quem guia e identifica a Companhia de Santos Reis, representando o Sagrado.



O alferes recolhe as oferendas nas casas e informa ao capitão sobre o que receberam e assim, canta em agradecimento.

Com relação às ofertas, as pessoas costumam dar, mas... só que praticamente as ofertas são muito fracas. É em dinheiro. Tem casa que a gente canta, canta, canta e aí dá R\$0,50 centavos, entendeu? Chega de noite eu tenho que pagar ônibus pros folião que não tem carro. As vezes é 15, 16 foliões eu tenho que pagar passagem de ônibus. Se nós vai almoçar e nós tamo cantando na Três Bicas, almoça lá. Se o almoço tá marcado no Carvalho, eu tenho que pagar ônibus pra levar no carvalho e almoçar, aí lá nós, já fica cantando. E de noite, os que moram no Carvalho, já ficam por lá. Os que moram pra cá tenho que pagar passagem de ônibus, as vezes é seis ônibus por dia. Aí, o dinheiro que eu tiro da bandeira não dá. Eu chego em casa com a minha bolsa sem nada, mas é meu gosto, é a minha fé (ENTREVISTA com Lázara das Graças da Silva, 2016).

O dinheiro arrecadado é entregue para o bandeireiro que no final da noite, do encerramento entrega para o capitão da folia. Ali, no decorrer da semana ele vai suprindo as necessidades diárias: cigarro, ônibus, remédio, transporte quando não tem, acordoamento de instrumento. Todo o imprevisto que vai acontecendo ali durante a semana, o capitão vai ali sustentando (ENTREVISTA com Marco Antônio Silva Pereira, 2016)

A bandeira vai à frente da Companhia como guia. É bordada ou pintada com as imagens dos Três Reis Magos, Jesus, Maria e José e reproduz o presépio. É enfeitada com fitas de cetim coloridas, flores e outros materiais brilhantes. Muitos a beijam e se emocionam quando a recebem em casa, pedindo bênçãos e proteção. O visitado, quando recebe a bandeira em sua moradia, passa por todos os cômodos. As cores das fitas são assim simbolizadas: amarelo - o ouro, a realeza; verde – a mirra, o sofrimento de Jesus; vermelho - o incenso, o fogo; azul - o céu, a Virgem Maria; branco - a paz, o Menino Jesus; rosa - o amor e a paciência, o São José; Preto - o luto, somente é colocado na bandeira quando algum folião falece.

A pedagoga Russilvânia Gallo, ex-presidente da Associação das Folias de Reis de Varginha relata sobre as bandeiras:

Em muitas casas, os foliões não entram pra cantar, mas a bandeira entra pra benzer a casa, né? Eles acreditam que ao adentrar a bandeira na sua casa, passando por todos os cômodos da casa, a bênção já permanece naquela casa. É como se fosse... porque a bandeira, qualquer bandeira, mas a bandeira dos Santos Reis é a própria representação dos Santos Reis. Até tem outra coisa paralela que nós começamos a orientá-los. Se a bandeira é o Santos Reis, não deveria ter o presépio e muitas aderiram,



a maioria aderiu a essa ideia. É um trabalho de orientação espiritual, de história da Bíblia e eles conscientizaram. A bandeira deve ter só os Santos Reis e a estrela, porque, em cada casa é um presépio ou aonde há realmente um presépio, representando o nascimento de Jesus (ENTREVISTA com Russilvânia Gallo, 2016).

Além desses componentes, as Companhias de Varginha é formada pelos foliões, que cantam a história da anunciação de Maria, o nascimento de Jesus, a viagem dos Três Reis Magos e pedem donativos para a realização de um “almoço”, em homenagem aos Santos Reis. São os devotos, que tocam diversos instrumentos: viola, violão, rabeca, cavaquinho, bandolim, sanfona, caixa, pandeiro e percussões diversas. Os foliões, além de tocar um instrumento, também cantam, auxiliando o embaixador e o contramestre em vozes que recebem diversas denominações: contralto, requinta, talinha, tiple, contratiple e baixo. A cantoria é a oração da folia. O embaixador inicia (puxa) os dois primeiros versos da quadra, respondidos pelo contramestre, cantando em dueto. A seguir, as demais vozes que recebem várias denominações, acompanham formando o coro, repetindo todo o texto ou os finais de frase.

Assim como a composição instrumental das Folias é diversa, a composição vocal dos grupos também não é fixa. Por exemplo, um mesmo folião poderá cantar em diferentes vozes conforme a necessidade do grupo e, da mesma forma, mais de um folião poderá executar uma determinada voz. Uma Folia poderá ser cantada por quatro, cinco, seis ou mais foliões. O nome atribuído às vozes na Folia de Reis pode variar de acordo com um ou outro integrante da folia de Varginha. Dona Lázara se orgulha quando fala de sua capacidade vocal em cantar as diversas vozes que fazem o coro de uma Companhia de Reis

quando nos voltamos pra Varginha, eu peguei, junto com a Companhia do Seu Zé Pintinho...voltei e aprendi a cantar, a embaixar... Eu canto qualquer voz, nós somos quatro vozes... embaixadora, tipo, contra tipo e a requinta (ENTREVISTA com Lázara das Graças da Silva, 2016).

O marungo, componente das Folias, segundo Câmara Cascudo, deriva da palavra Malungo, expressão africana que significa: companheiro, camarada, da mesma condição. Caiu em desuso, mas ficou na linguagem vulgar, originário do antigo vocábulo e exemplifica num verso “Nosso vai pra zi Cabanga, / Fazê nossa zifoçan; / Azéda, azeda marungo, / Dêxa passa zicaxan” (O Barco dos Traficantes, nº 8 de 1858).



O bastião, palhaço ou marungo, usa roupas coloridas, máscara e carrega uma "espada", um bastão e pode ter variação numérica e de gênero. Para alguns o termo bastião é derivado do bastão. Já para o marungo Marco Antônio Silva Pereira, da Companhia São Marcos, acredita que bastião é um nome em homenagem ao Mártir São Sebastião, que foi um soldado. O marungo é o responsável por abrir passagem para a Folia, recita poesias e cita passagens da Bíblia. Marco Antônio comenta sobre a declamação dos versos:

Pra dizer os versos vai depender da virtude de cada um. Tem bastião que só consegue falar os versos decorados, tem os ritimistas que improvisam de acordo com aquilo que está vendo, que está acontecendo e aqueles que tem mais conteúdo é os que mais se destacam (ENTREVISTA com Marco Antônio Silva Pereira, 2016).

Figura importante na embaixada, tem grande ligação com a bandeira e com o cumprimento das promessas, improvisando versos, danças (corta-jaca) e prestando reverências aos donos das casas pelas quais passa a Folia. Ajudam a encaminhar a Companhia até a casa que está esperando a visita, se tem algum símbolo na frente da casa para que possam avisar ao Capitão qual o tipo de verso ele irá cantar.

Segundo a crença, os marungos usavam máscaras para se esconderem e amedrontar os soldados enviados pelo rei Herodes para matar o Menino Jesus. Foi daí que surgiu, nas Folias, o fato de que as máscaras servem para espantar os maus espíritos. E só chegam perto dos presépios, dentro das casas, após tirarem a mesma.

Os bastiões devem proteger o Menino Deus e confundir os soldados do rei. Despertam a curiosidade das pessoas e são responsáveis pela proteção da bandeira e da folia.

Na Companhia tem também os bastião, marungo, inclusive nem é marungo é bastião. O nome dos marungo nas companhias de reis é bastião. As pessoas dizem que pra eles uns são os soldados de Herodes, pra outros são os reis magos disfarçados. Não tem rei Herodes na companhia, tem os três reis magos que estão representando o nascimento de Cristo. Só existem três bastião e que vão lá na frente aonde nós encontra o presépio, os três marungos vão saudar o presépio se nós vamos cantar na casa de um folião eles que saúdam o folião, depois que canto eles saúdam o folião nós cantamos. Os três bastião da frente eles estão representando o nascimento de Cristo, menino Deus. Que no verso ainda fala né: se encontrar com Reis Herodes, não diga que viu o menino. Porque quando o menino Deus nasceu porque esse rei queria matar o Menino Jesus que na cidade do Egito não podia ter criança e lá foi nascido o menino e não aceitava. Os nossos versos são improvisados pelos "bastião" é mais ou menos assim: "Vou saudar esse senhor, segurando a nossa guia, vou saudar esse senhor segurando a





nossa guia, aí meu Deus segurando a nossa guia a meu Deus, ahhhheeeee”. Quando a gente chega nas casas o bastião pergunta tudo como é que quer que canta, aí que ele vem falar comigo ou outro embaixador: ali naquela casa tem uma pessoa doente, a dona ou o dono da casa quer que canta pro doente, aí tudo bem. Mas aí entra, se estiver deitado no quarto e canta pra pessoa que tá naquela cama (ENTREVISTA com de Lázara das Graças da Silva, 2016).

Marungo e palhaço é a mesma coisa, tem lugar que chama só de palhaço. Porque na cabeça deles, quando os três reis se disfarçaram, se disfarçaram em atividade circense, porque já existia na época, para que não fossem localizados pelos soldados. Em Varginha, você vai ouvir deles isso. Então eu sempre dizia a eles porque, os três marungos nunca poderão entrar na casa com o presépio, mascarados, você sabe que eles tiram as máscaras. Eles se escondem usando máscaras, porque na cabeça deles, pra fugir dos soldados. Eu sempre dizia a eles que não. Porque, como que os marungos usam máscaras pra esconder a identidade deles se eles chegam já fantasiados no presépio de marungos? Então deveriam aparecer só depois que passa da manjedoura pra frente. Então, nesse fato, muitos pra mim, marungo, uns chamam de palhaço, seriam alguns escravos, alguns servos pra alegrar o menino. Agora oficialmente não existe isso. Pra eles, continua sendo os três reis disfarçados, pra poder escapar daquela região (ENTREVISTA com de Russilvânia Gallo, 2016)

E em outro momento da pesquisa, observamos e gravamos a chegada do bastião Marco Antônio Silva Pereira da Companhia São Marcos, em uma casa, no dia seis de janeiro de 2015, último dia do giro ao qual reproduzimos a seguir. O encontro se dá com um dono da casa e sua família: esposa e três filhos. Estão posicionados fora do portão de sua residência, além de vizinhos que se aglomeram para verem a Folia. A companhia que chegou tocando e cantando, silencia e então começa a declamação dos marungos.

Entendemos somente no final, após conversarmos com o morador, que ele também foi um marungo e conhece todo o ritual de como receber a bandeira e a comitiva. Ele dialoga com os marungos que improvisam o tempo todo. A rima nem sempre acontece, e percebemos que durante a improvisação, alguns versos fogem do propósito da visita. Reproduzimos tal como é falado, com as próprias características linguísticas da simplicidade das pessoas envolvidas. Durante todo o tempo, dezenas de pessoas que acompanham a declamação, nos intervalos das estrofes, manifestam-se através de expressões de interjeição: ô marungo!; salve marungo!; tá certo marungo!; perfeitamente marungo!



*-Ô patrão, o senhor me dá licença?*

*Dono da casa: perfeitamente marungo.*

*E chegando com os Três Reis  
avistei uma família a festejar  
Eu pergunto pro senhor  
se desta festa nós pode participar.*

*Dando prova que é um bom devoto  
veja só o que ele fez  
Enfeitou o portão sagrado  
esperando os Santos Reis.*

*-Ô seu moço!*

*È com muita alegria  
que aqui nós veio chegá  
Avistando as lindas rosa  
que deitado no portão está.*

*-Ô seu moço!*

*Nóis chega com alegria  
é com fé e com muito amor  
Vai recebê a minha bandeira  
enfeitô o portão com flô.*

*Esse é o terno de reis  
que na sua porta está  
Vem trazendo as boas notícias  
pra as família abençoá*

*Dê um grande Rei que nasceu  
lá em Belém de Judá  
Com o seu moço e com sua família  
Nós viemo comemorá.*

*- Tá perfeito marungo!*

(Nesta altura da declamação, houve-se uma rajada de fogos de artifício.)

*Soltou os fogos de artifício  
fez um baruíão no céu.  
Os anjos, vieram correndo  
e também São Gabriel.*



- *Perfeitamente marungo!*

*Os marungos aqui chegou  
tá querendo almoçar  
Mas já percebeu de longe  
que primeiro tem que trabaiá.*

*Por isso prá nós fazê  
a nossa devoção  
Peço licença pro senhor  
pra aproximar do seu portão.*

- *o senhor da licença seu moço?*

*Dono da casa: toda!*

- *O senhor quer que a gente chega com baruido ou sem baruido?*

*Dono da casa: Eu nasci em 1980. Se não chega com baruido,  
ninguém entra.*

Marungos e todos que estão perto, exclamam: - *ÔÔÔÔ!*

(Os músicos da companhia tocam os instrumentos, fazendo coro às exclamações.)

- *Ô seu moço?*  
*Primeiramente nós chegô  
muito alegre, muito contente, né marungo?*

- *Você tá direito seu marungo!*

*Mais nós qué perguntá pro seu moço  
Se debaixo dessa frô  
Pros marungo tem algum presente, né marungo?*

- *Tá certo marungo!*

*Dono da casa: ÔÔÔ ...num tem marungo. Só um  
agradecimento... se vocês tem uma versão bonitinha pra mim.  
Tem jeito?*

- *Tem jeito!*  
*O marungo tá com o coração aberto  
Tem muito pra falar.  
Mas quero que o senhor veja  
Os meus olhos a brilhar.  
Por isso peço licença*



*Prá nós desmascarar.*

*Dono da casa: Perfeitamente marungo!*

(Neste momento, os marungos retiram a máscara).

*O céu nasceu no horizonte  
Iluminou do sul ao norte  
Eu lhe digo que até entre as flores  
Tem diferença de sorte*

*Tem flor que enfeita a vida  
Tem flor que enfeita a morte*

*Essas flor na minha frente  
nesse mundo é privilegiada  
Tá enfeitando o caminho dos três Reis  
nessa bonita chegada.*

*- Perfeitamente marungo!*

*Por quando era um baludinho*

*os profetas já dizia  
Que as flor nasceu no mundo  
pra saldar Virgem Maria.*

*- Tá direito marungo!*

*E eu pra falar de flor*

*não faço muita objeção  
Porque as frô nustraiz alegria,  
Tristeza e recordação.*

*- Você tá direito marungo!*

*Num vaso em cima da mesa  
ou num jardim da entrada  
Por isso que falo que a flor  
é uma coisa sagrada.*

*- Você tá direito marungo!*

*Isso é da minha autoria  
foi eu mesmo que compus  
O amarelo é desespero  
Da Santa Mãe de Jesus.  
Ao ver seu filho morrer*

*pregado naquela cruz.*

*A cor banca é a paz  
é também a alegria  
È o que nós vem desejando  
pro dono da casa e família.*

*Da cor rosa recebeu*

*recendeu a flor cor de rosa  
Vô pedi nesse momento  
em nome dessa bandeira maravilhosa.*

*Pro senhor tirar a flor com suas mão  
pra passar essa bandeira milagrosa*

*- Perfeitamente marungo!*

*Na hora que ele, nessas rosas  
com o coração pegou  
Os Anjos em vorta dele*

*os três Reis abençoou.*

*Mas os três Reis mandou dizer  
para eles te informar  
Que depois que nós tiver lá dentro  
dessas flor nós vai precisa.*

*- Perfeitamente marungo!*

*A bandeira entra na frente  
enóis vai acompanhando  
O lar da sua família  
meus três Reis entra abençoando.*

*Pra entrar abençoando  
o senhor peço licença  
Porque pras informação  
é do jeito que nós pensa  
Igualzinho a Mãe de Maria  
que derramou toda a ciência.*

*Em nome dessa companhia  
e também dos meus bastião  
Antes de nós entrar  
preciso tirar uma informação.*

*- Tá direito marungo!*



*O marungo tá com dor de dente  
omarungo tá com tédio  
Os anjos nos falô  
que na sua casa tem remédio.*

*A barriga reclamando  
o estômago me ofedendo  
Falando pro marungo  
que é que ocê tá querendo.*

*O marungo vem descendo  
Vem descendo em desespero  
Veio de lá da rua de cima  
Nóis já tava escutando o cheiro.*

*Dono da casa: Vamo chegá gente!*

(Aqui, a comitiva entra na casa do morador.)

*O seu lar abençoando  
e pra traz vem o patrão  
E depois de nós os instrumento.*

Já dentro da casa.

*Avistemo o São José  
avistei a Virgem Maria  
E no colo dos dois, Jesus Cristo.  
Viva o Imaculado Coração de Maria  
e o Sagrado Coração de Jesu!*

*Para saldar o nascimento  
vou chamar o meu bastião  
Com todo o seu sentimento  
pra estender a essa casa aqui.*

*Olhando a Sagrada Família  
Jesus, Maria e José  
Podemos fazer a partilha  
de amor, bondade e fé.*

*São José é um pai zeloso  
tendo voltar ao seu lar  
Maria Mãe original  
sempre rezando a abençoar.  
Jesus nasceu no mundo  
Com a missão de nos salvar.*



*Nessa casa de bondade.  
pretendemos fazer a coisa certa  
A saudade e a esperança*

*e duas asas sem saber.*

*Oh que hora tão bonita  
que os treis Reis aqui chegou  
Um bastião saiu comigo  
nessa casa nós se encontrou.*

*Eu recordo aquele tempo  
ocorrido no passado  
Quando nós saia junto  
pela cidade mascarado.*

*Nóis levava nossa alegria  
levava nossa devoção  
Era com muita alegria  
que os três Reis  
tinha em nosso coração.*

*Eu recordo o meu bastião  
daquele tempo abençoado  
Que nós saia pelo mundo*

*Bendito seja louvado  
Mas eu quero lhe perguntar  
Por que nós ficou abandonado, né Marungo?*

*Eu queria fazer um pedido  
com o bastião aqui gora  
Pelo menos um dia no ano que vem  
pra sair com nós nessa hora  
Pra fazer a recordação  
do nascimento do Rei da Glória.*

*Dono da casa: Ô marungo, vamos fazer um esforço né  
marungo, pra nós tentar de novo né?*

*Bendito, louvado seja  
Os treis Reis será louvado  
Ao ver o nosso irmão  
Novamente embastionado.*

*-Perfeitamente marungo!*



*Mas lá fora eu te informei  
agora vou te explicar*

*O motivo e a minha razão  
que essas flôr eu ia precisar.*

*Em nome do São José  
do menino e da Virgem Maria  
Se o senhor me der permissão  
essas flor vai ser o enfeite daqui. Né marungo?*

*-Tá direito marungo!*

*Por isso eu peço pro senhor  
na hora que nós for almoçar  
Nóis chegamo e fomos trabaiair*

*e depois é o senhor que vai trabaiair, né marungo?*

*Dono da casa: Perfeitamente marungo!*

*Enquanto nós tiver comeno  
e sendo abençoado  
O patrão vai tá trabaiaando  
deixando nossa bandeira mais enfeitada, né marungo?*

*Dono da casa: Perfeitamente marungo!*

*Agora meu bastião  
não repara eu falar.  
A nossa santa bandeira  
tenho um pedido a ofertar.*

*Pra guardar a sanfona, o pandeiro e o violão  
guarda todos os instrumentos  
A máscara e o meu bastão.*

*Dono da casa: Perfeitamente marungo!*

*Pra guardar todos os instrumentos  
nesse dia seis de janeiro  
Ganha a benção de São Gonçalo  
que também foi violeiro.*

*Assim fiz o pedido  
pra guardar nosso instrumento  
Depois que nós almoçar  
nóis dá o prosseguimento.*





*-Tá direito marungo!*

*O marungo falou na chegada  
em nome da Nossa Senhora  
Na saída você vai ver  
a inspiração do embaixador  
quando ela abraça a viola.*

*Dono da casa: Perfeitamente marungo!*

(O dono da casa leva a bandeira para o quarto, onde a coloca sobre a cama.)

A maneira que esses personagens, os marungos, são chamados, varia de região para região. É o guardião dos Santos Reis, guardião da bandeira. Marungo é o dispersador, que vem da alusão de proteção, provocar distração do inimigo para que o bem seja protegido. Sou marungo porque acima de tudo acho que é um dom de Deus. Eu sou de uma família de foliões, de herança. Sou o único que continuou a manter essa tradição de mais de trinta anos. Eu acredito que a gente já nasce pra isso. A pessoa já tem a tendência de seguir esse caminho (ENTREVISTA com Marco Antônio Silva Pereira, 2016)

A Companhia São Marcos é formada pelos seguintes integrantes:

Embaixador: João Batista Arcanjo; 2º Embaixador: Sebastião Simão; Contra mestre: Expedito; Capitão: Marcos José Garcia; Bandeireiro: Anatálio Pereira; Festeiro: Marco Antônio Silva Pereira; Bastiões: Marco Antônio Silva Pereira e Gabriel Luiz Pereira; Sanfoneiro e voz: Barbela; Violeiros e voz: Francisco Cunha, João Carambola, Carmo, Pedrinho, Paulinho; Pandeiro e voz: Samuel; Caixeiro: José Rita; Foliões.

As preparações, os ensaios começam no mês de agosto. Na Companhia São Marcos, a gente passa o mês de maio junto, porque saímos na Festa do Divino Espírito Santo, que canta aos domingos no mês de maio. A nossa Companhia canta quase que o ano inteiro. (ENTREVISTA com Marco Antônio Silva Pereira, 2016).

Um personagem que aparece em muitas festas populares é o festeiro, responsável por coordenar a realização da festa, de suprir necessidades do grupo e dar apoio ao bom andamento do giro. Não raro, é uma pessoa que fez promessa de empreender essa tarefa



em agradecimento a uma graça recebida. Em geral, escolhe-se o festeiro um ano antes, muitas vezes por sorteio entre os candidatos.

A festa é patrocinada pela própria doação que agente vai recebendo dos devotos no decorrer do dia. E no final quando é feito o fechamento no dia seis de janeiro, pela manhã, o dinheiro destinado a festa já é encaminhado lá pra minha casa. A chegada da Folia é lá. Já fica uma equipe para preparar a chegada, a montagem do arco e a preparação da festa. E depois que acaba a Folia de Reis, damos 10% de dízimo para a Igreja e o restante é distribuído para os foliões em forma de gratificação (ENTREVISTA com Marco Antônio Silva Pereira, 2016).

### Os rituais

Geralmente, os rituais seguem um padrão. Os componentes das Companhias de Reis de Varginha chegam às casas cantando; versam pedindo licença para entrar; abençoam a todos os presentes; cantam perante o presépio; fazem trovas, se adequando às necessidades da família; rezam, pedem uma oferta ou uma prenda; se alimentam; agradecem a hospedagem; dançam na saída e dão continuidade ao giro. A bandeira é recebida pelos moradores e, como símbolo de devoção, é levada para o cômodo mais importante da casa, geralmente o quarto do casal, que representa a união e a família. Os marungos, a pedido do morador, dançam em troca de ofertas, fazem rimas e divertem as pessoas na casa, que oferecem um café com quitutes ou uma refeição. Na saída da folia, os foliões cantam versos que falam sobre o retorno da Companhia no ano que vem e seguem pelas ruas e bairros da cidade, visitando todos que abrem suas portas para os Santos Reis entrarem.

Diz-se “alvorar a bandeira”, abri-la, iniciar a jornada de um ano, começar o giro. É o primeiro rito da caminhada. Os foliões reúnem - se na casa do capitão ou do festeiro e retiram a bandeira, que fica guardada em local especial, geralmente sob os cuidados do capitão.

A alvorada começa com a oração, em fraternidade da Companhia de Reis com a família. Geralmente serve um bom café da manhã pra gente, e depois começa a cantar pra agradecer o pouso, agradecer o café e é feita alias despedidas, tanto cantada pelo embaixador e declamada pelo bastião. (ENTREVISTA com Marco Antônio Silva Pereira, 2016).



Em alguns grupos este momento é bastante ritualizado. Em outros, apenas precedido de uma oração silenciosa do capitão.

No dia da saída, logo cedo, entorno de 9 horas da manhã, tem companhias que saem mais cedo, porque eles também não tem hora pra parar, né? O horário que a gente pede é sempre é as 22 horas mas dependendo da casa e do lugar aonde eles vão, porque é uma caminhada. Eu marquei na tua casa as 20 horas e cheguei lá só as 22 horas pra jantar por exemplo, porque geralmente na última casa é que janta. Então, eles vão pegar a bandeira, geralmente o dono. Não precisa ser a Companhia toda, vai na última casa que ficou a bandeira no ano anterior e pega a bandeira. Aí eles fazem oração e começa a caminhada eles vão às casas combinadas, geralmente eles vão pra primeira casa do dia seguinte. -Lá na casa da Russilvânia que vai começar, na quinta feira, então todo mundo se encontra lá. Ali, já faz a oração, o dono da companhia já tá com a bandeira que ele já pegou no dia anterior, e aí começa a caminhada. A bandeira quando ela entra na sua casa, a fé, passa em cima da cama, uma forma de abençoar. Quando a família recebe pra cantar, o dono ou a dona da casa já segura a bandeira, aí então todos já entram cantando. O embaixador é muito importante no conhecimento bíblico, e ele faz uma oração. Vamos falar assim:- a minha filha tá fazendo aniversário, quero uma cantoria pra ela. Então eles usam essa realidade, o aniversário da minha filha, dentro da homenagem do agradecimento e da despedida, mas sempre um texto bíblico (ENTREVISTA com Russilvânia Gallo, 2016).

O Giro é a caminhada, o percurso, a jornada que o grupo faz na época. A missão da Folia de Reis é cumprir a jornada de tal forma que comece pelo Leste (Oriente) e finda no Oeste (Belém), representando a viagem dos Reis Magos.

A gente vem notando mudanças no decorrer das décadas, as folias mais antigas, de mais de 50 anos, relata pra nós que elas saiam no dia 1º de janeiro a partir das 12h. E no dia 6, chegava às 12h. Mas com o passar do tempo, aumentou o número de devotos, carentes da nossa atenção. E também pelo entusiasmo, pelo tempo que se esperava as Companhias saírem pras ruas, elas começaram a sair antes (ENTREVISTA com Marco Antônio Silva Pereira, 2016).

Em tempos passados, as folias costumavam caminhar a noite, representando no giro a viagem dos Três Reis. Ao longo desse período, pousavam nas casas do caminho. Assim, o grupo permanecia junto durante todo o tempo em que a folia girava.



É muito difícil as Companhias pernoitarem nas casas aqui em Varginha. Existia isso principalmente na zona rural que eles iam em lugar muito distantes, então eles faziam o pernoite nas casas, mas a bandeira, ela faz o pernoite na última casa. A bandeira sai da casa do dono ou presidente da companhia e só volta no último. Ela não retorna todo dia pra casa do dono é uma caminhada, uma romaria (ENTREVISTA com Russilvânia Gallo, 2016).

Atualmente, os grupos saem no fim da tarde e fins de semana. São pequenas mudanças em decorrência de fatores, como sair mais cedo para atender o grande número de pedidos de visitas e a jornada de trabalho na cidade, impedindo os componentes das folias ter mais tempo disponível, conciliando o emprego com as saídas das Companhias e a lei do silêncio à noite.

Muitas Companhias saem dia 31 de dezembro, por causa do trabalho, por causa da despesa, da alimentação é uma série de coisas que dificulta o trabalho deles. Nós temos, por exemplo, se falar em embaixador e sanfoneiro, estão virando profissão, porque, alguns, eles não querem fazer por nada, eles querem ganhar. E eles são caros. Chegam a ganhar R\$ 800,00 (ENTREVISTA com Russilvânia Gallo, 2016).

A Companhia quando chega as casas, geralmente encontram situações para que os marungos façam adivinhações. São sinais, símbolos, códigos, próprios da Folia. O cruzeiro de flor, arrumada no chão, com pétalas de rosas é uma tradição antiga e aparece em poucas casas. O bastião deve recitar profecias alusivas ao que está vendo. Com a ponta do bastão ele desmancha cada lado da cruz. Somente depois é que a Companhia entra na casa para cantar e orar.

Na hora da chegada a gente nunca sabe as perguntas e brincadeiras que vão fazer com a gente. Já teve ocasião de chegar na casa e ter cruzeiro de flor, correntes, velas acesas no chão, copo de água. Tem pessoas que já jogou arroz na entrada da bandeira. Então ali o bastião tem que estar preparado pra poder decifrar o significado daquilo. A gente tem que fazer ligações, o uso da inteligência. Lógico que pra mim o arroz, foi uma maneira que o dono da casa estava expressando gratidão a Deus pelo ano que ele teve, que foi um ano de prosperidade e de fartura e que ele queria compartilhar com nós naquele momento. Baseado nisso, de acordo com que apresentam é que faz brotar as rimas, que é a sabedoria maior do bastião (ENTREVISTA com Marco Antônio Silva Pereira, 2016).



O que mais eu encontro são rosas, cruz, rosário, velas, chuva de arroz e pétalas. Se eu chego numa casa e ta lá um objeto, o marungo tem que versar sobre o que encontrou e tem as ofertas. Eu encontro sempre são pétalas de rosas vermelhas. Eles escondem dinheiro dentro de vaso de flor, debaixo de roseira. Você já chega o dono da casa ta te esperando, logo ele já vai brincando com o marungo: - “olha tem um presente pra você!” Então você tem que ser esperto. Vai brincando com o dono da casa. Você vai olhando, disfarçando, até encontrar. Vai mexendo até achar. Se encontro uma cruz, já não acho certo. Porque se eu tô procurando, como marungo, o nascimento. A cruz é o padecimento de Cristo. Já sai fora da tradição. Cada coisa tem um significado. Se tiver alguma oferta a gente tira. Tem oferta pra bandeira ou pro marungo. A gente pergunta antes pro dono da casa pra quem vai a oferta. Faço a minha parte e passo pro embaixador continuar (ENTREVISTA com Vanderson Hirineu da Silva, s/d.)

O presépio, tradição em vários países, representa, através de peças em miniatura, o nascimento de Jesus e os personagens bíblicos que estavam no local. Entre eles, os Três Reis Magos. Acredita-se que o primeiro presépio foi montado por São Francisco de Assis no Natal de 1223. No Brasil, há um registro de 1583 pelo Padre Fernão Cardim. *“Tivemos pelo Natal um devoto presépio na povoação, aonde algumas vezes nos ajuntávamos com boa e devota música, e o Irmão Barnabé (Telo) nos alegrava com seu berimbau”*. (CASCUDO-Dicionário do Folclore Brasileiro. p.578)

### **Saudando o presépio**

(Companhia de Reis Lenço Preto)

Nós saudamos seu presépio  
Que Jesus Cristo nasceu  
Também saúdo os Três Reis Santos  
Enviados por Deus

Saúdo Maria, José  
A estrela clareou

Também saúdo os Três Reis Santos  
Que o menino presenteou



Saúdo a vaca e o carneirinho  
E o galo que foi anunciado  
Fazem parte do presépio  
Que por Deus foi abençoado

Muitas famílias em Varginha costumam fazer a promessa de oferecer o almoço ou o jantar aos foliões. É “o bendito de mesa”. Quando se trata de um almoço para toda a Companhia, é servida a típica comida mineira. Vizinhos e a família que recebem o grupo, preparam a comida na véspera, finalizando até a hora de servir. Por sua vez, os foliões costumam cantar e rezar agradecendo a comida que, durante o giro do grupo, é oferecida pelos donos das casas visitadas. O bendito de mesa, cantado pelo grupo é uma bênção dos alimentos

O almoço oferecido é especial, almoço de reis. Almoço muito bom. Eles fazem todo um trabalho na comunidade. Tem muitos que não, que aquele dinheirinho que eles ganham na coleta das casas, porque assim, ele é tão apaixonado pelo trabalho que ele reserva o dinheiro dele pra poder manter a Companhia ou faz empréstimo, aí ele se vira ou faz coleta. Então esse almoço não fecha a porta pra ninguém. Vai a Companhia de Reis, vai aquele povo atrás que nunca é menos de 50 pessoas, eu falo que não existe companhia de 20, as vezes são 20 componentes, mas vai aquele povo que caminha com eles todos os dias é quase permanente e é muito, aí eles almoçam naquela casa. É muita gente. Servem geralmente arroz, feijão, macarronada, maionese e carne à vontade. Refrigerante, tem uns que oferecem vinho. Tem fartura no almoço de uma Companhia de Reis e é muito gostosa. Nunca o almoço é o horário comum que nós almoçamos, porque, também depende do número de casas em que eles foram. Eles marcam um horário, atrasa algum componente do grupo, espera aí tem xis casas pra ele atender até o horário do almoço, então é todo um trabalho árduo mesmo (ENTREVISTA com Russilvânia Gallo, 2016).

Nas Companhias de Varginha, os instrumentos musicais mais comuns utilizados pelos foliões são: caixas, sanfona ou acordeon, violas, violões e pandeiros. Os instrumentos de corda são afinados em sol maior. A viola e violões podem ser enfeitados com fitas coloridas e cada cor tem um simbolismo: amarela e azul - a Virgem Maria, a rosa - os Doze Apóstolos de Cristo e a branca - o Divino Espírito Santo.

O corta-jaca é uma dança individual, ginástica e solta, de origem discutida. Para alguns procede da Espanha, enquanto outros a consideram criação brasileira. É



caracterizado pela movimentação dos pés, sempre muito juntos e quase sem flexão das pernas. Estes movimentam-se como uma navalha, passando continuamente sobre um assentador de barbeiro, como no corte da jaca, dando a impressão de deslizar, embora se consiga ouvir bem o sapateado, que marca a melodia simultaneamente, com o ponteio das violas. *“É rápida e difícil, exigindo perícia e esforço do dançador. O movimento dos braços no corta – jaca não tem nenhuma função específica, além de manter o equilíbrio é uma dança toda calcada no movimento dos pés.”* (CASCUDO, 2000). Os bastiões dançam todos agitados, dançam como se estivessem fazendo malabarismo às vezes.

O corta jaca é uma maneira de mostrar gratidão pelos benefícios alcançados através de Deus. A grande missão do bastião é levar a gratidão, a alegria, sabedoria e de habilidade do bastião. Porque se eles são soldados tem que demonstrar a habilidade em forma de gratidão (ENTREVISTA com Marco Antônio Silva Pereira, 2016).

O corta-jaca é criatividade do marungo. Quando vai visitar uma casa, ele pergunta: quer que corta-jaca? Não sei o que quer dizer corta-jaca . O termo continua. Você quer, então você fica lá na rua e após a cantoria ou antes de terminar, os marungos fazem todas aquelas evoluções, com aqueles bastões (ENTREVISTA com Russilvânia Gallo, 2016).

As canções na Folia de Reis da cidade são sempre sobre temas religiosos, com exceção daquelas tocadas nas tradicionais paradas para jantares, almoços ou repouso dos foliões. As cantorias são a base dos rituais. Todos os foliões, exceto o alferes e o bastião, desempenham funções musicais. Em geral são sete o número de vozes que entoam os cânticos. O coro segue à risca a toada de preferência do capitão que começa tirando os versos a partir de um repertório que, muitas vezes, pode ser improvisado. A poesia popular e a rima estão presentes nos versos das Folias de Reis e, através destes, fortalecem as relações pessoais, expressam devoção e cumprem promessas feitas pelos participantes aos Reis Magos, com o intuito de ajudar ou favorecer familiares com problemas financeiros ou de saúde. Durante o ritual sagrado os versos são cantados em toada para atender as necessidades dos participantes e refletir a realidade das famílias que o grupo ou Companhia visita. Os versos narram momentos específicos da jornada sagrada, atendendo aos pedidos de ordem religiosa, tal como tirar uma bandeira de uma residência durante a visita, a chegada da Folia de Reis ou chegada da bandeira em outra residência, o nascimento de Jesus e outras saudações a temas religiosos. Referências à Bíblia,



principalmente ao Livro de Mateus e Lucas (visita dos Reis Magos e Nascimento de Jesus) são frequentemente encontradas nos versos da Companhia de Reis.

A quantidade de músicas vai depender, quantas você aceitar, mas geralmente deve ser umas 10 rimas, não é muito não. Eles fazem uma homenagem, uma pedida de licença pra cantar, eles fazem a cantoria do nascimento, cada casa eles fazem de um jeito. O embaixador tem um conhecimento muito bom sobre isso. E depois eles fazem um agradecimento e a despedida (ENTREVISTA com Russilvânia Gallo, 2016).

Em Varginha, constatamos que as pessoas acham difícil entender o que os foliões cantam. A natureza da letra, da melodia ou a simplicidade denota uma relação estreita com a música caipira. Russilvânia informa que a música é baseada na caipira, por ser muito popular entre os integrantes:

Então, pode ver que já tem companhia que já tem um vocal mais audível. Porque aí eu acho que é a tradição mesmo. Tudo tem letra. Nossa, se você ler as letras, tem um conteúdo muito bom. O problema eu acho que é realmente a tradição, tanto é que você vê algumas companhias evoluíram um pouco e fazem um trabalho audível, você gosta, você escuta, mas todas elas tem a mesma raiz. É a história dos três reis indo visitar o Menino Jesus. Mas se você conversar e pegar a letra de cada companhia, há muito de improviso do embaixador. Mas tem aquela dos três coros, tipe um, tipe, dois seria o coro, eles repetem o que o embaixador fala, aí eles põem os dois agudos e grave (ENTREVISTA com Russilvânia Gallo, 2016).

Algumas canções ficaram conhecidas no Brasil, com pequenas modificações e cantadas por famosos, ganharam a graça do povo: “*Ó Deus salve o oratório, Ó Deus salve o oratório, onde Deus fez a morada, ...Onde mora o cálix bento, onde mora o cálix bento. E a hóstia consagrada...*” (Cálix Bento – Milton Nascimento). Outros compositores também gravaram músicas em alusão as Folias: Martinho da Vila, Tim Maia e Zeca Baleiro.

Os foliões aparecem vestindo uniformes, mas de forma geral podem usar roupa comum, e portar um lenço branco em volta do pescoço, que simboliza a pureza da Sagrada Família. Os componentes da Folia enfeitam os instrumentos com fitas e flores, cujas flores têm sua simbologia. A bandeira é igualmente enfeitada com fitas e flores, além de imagens de santos e palavras, como o nome da companhia a qual pertence.





A vestimenta dos bastiões é a mais peculiar, utilizando bastante tecido para evidenciar o movimento da pessoa que está usando e contribuir para o desenvolvimento da “performance”. Alguns, ainda, levam nas mãos um bastão ou uma espada de madeira. Geralmente utilizam macacões ou calça e blusa com tecidos estampados como a chita, ou brilhantes, como cetim. As máscaras que os marungos usam são feitas por alguns integrantes das Companhias e confeccionadas com tela, onde pintam os olhos e a boca, algumas utilizam couro, papel, tecido, fitas e flores. A barba, longa é feita de canecalon (fios produzidos com nylon) ou pelos de animais. O adorno da cabeça é estruturada com arame onde colam fitas plásticas de diversas cores. Essas máscaras podem ser completadas com um chapéu em formato de cone.

As minhas roupas foram tudo conquistadas por mim. Agora, o uniforme dos foliões, nossa folias de reis fornece todo o ano. Tem um amigo nosso, de Santa Barbara do Oeste, que há 15 anos faz a doação dos panos e o capitão de nossa Companhia que arca com todas as despesas da confecção das camisas (ENTREVISTA com Marco Antônio Silva Pereira, 2016).

Muitas vezes, eu e minha irmã, fizemos as roupas pra ficar barato. A gente ganhava uma verba pequena, comprava o tecido, cada um escolhia o seu, e depois a gente fazia, pra ficar barato. E como na Associação todos eram da folia... só eu que não fazia parte de alguma Companhia de Reis (ENTREVISTA com Russilvânia Gallo, 2016).

Segundo a crença, os soldados do Rei Herodes seguiram os Reis Magos para encontrar o Menino Jesus e matá-lo. Porém, ao encontrarem Jesus, foram convertidos. Com receio de serem mortos por Herodes, vestiam máscaras e viajavam com os Santos Reis. Iam a frente, fazendo graça para que Herodes não desconfiasse que eram seus próprios soldados.

### **Encerramento do giro- A chegada**

A festa da chegada marca o retorno da bandeira, após o fim do giro e simboliza o encontro dos Reis Magos com o Menino Jesus. Ela poderá acontecer em lugares como a casa do festeiro, do embaixador, na igreja, entre outros.

São montados três arcos de bambu simbolizando os três Reis, enfeitados com flores e fitas e cada arco tem uma corrente de papel. Em Varginha, em algumas



Companhias, geralmente é o bastião que parado em frente ao arco entoa versos para cada um dos três e rompe as correntes. Os foliões também cantam e rezam neste momento. O rompimento das correntes significa a entrada num lugar sagrado, já que a bandeira ficará na casa do festeiro. Comemoração e ritual, festa e fé misturam-se neste momento que encerrará a bandeira até o próximo ano.

Vanderson, pai bastião da Companhia São José, relata que: *“cada arco tem um verso. Tem muitas formas de fazer o arco. Tem chegada que tem três arcos e três correntes. Quando chego de marungo, declamo os seguintes versos”*:

Ao chegar na sua chegada  
o arco aqui encontrei  
Bendito, louvado seja  
o Salvador eu avistei,

Na gruta do Menino Deus  
Menino pobre eu achei  
Gloria a Deus nas alturas  
nos arcos agora eu vou chegar  
Peço licença a todo mundo  
pra corrente desmanchar

Ao chegar no primeiro arco  
é o mais novo, é o mais menor  
Porque ele representa  
o castelo de Belquior

Agora eu peço licença  
pra vocês, pra vocês três  
Ao cortar essa corrente  
corta todos de uma vez

Estou no segundo arco  
que é o mais novo é mais maior  
Porque ele representa o  
castelo de Gaspar

To chegando no terceiro arco  
eu agora tenho que falar  
Glória a Deus nas alturas  
vou acabando de chegar

Vou adorar o Menino Deus  
esperado nós está  
Bendito, Louvado seja  
a sua mãe vem coroar



Bendito, louvado seja  
Nossa Senhora que coroou  
Gaspar que é muito esperto  
foi o primeiro que ajoelhou

Entregou o seu presente  
logo foi e se coroou

Depois vem o Baltazar  
chegando devagarinho  
Deixando o seu presente  
para aquele pobre menininho

Vem chegando os meus três reis  
nesta hora verdadeira  
Entregaram os três reis  
na frente da bandeira

Aos três reis já está cumprido  
essa promessa de devoção  
Glória a Deus nas altura  
tiro o meu joelho do chão

Tirando o meu joelho do chão  
já cumpri com a obrigação  
Deixo o três presentes  
oferecidos ao nosso pai de salvação  
Glória a Deus, lá nas altura  
tá completa a formação

Já falei as minhas palavras  
e eu sigo o meu destino  
Agora eu peço ao embaixador  
já pode tocar o sino.”

O dia de saída e chegada vai depender da programação de cada Companhia. Quantos almoços eles vão ter, quantas visitas eles vão ter que fazer. As vezes também pela falta da força física dos componentes, porque doze dias é puxado, a folia precisa de bastante cantador. Então, tudo é relativo (ENTREVISTA com Marco Antônio Silva Pereira, 2016)

Aí, quando fazemos a chegada, eu tenho muito conhecimento, conheço Deus e o mundo, o povo. Um me ajuda com uma coisa, outro me ajuda com outra coisa: com carne, arroz, macarrão, pra fazer essa festa. Dão engradado de cerveja, vinho, então aí vou pondo tudo que é da folia de reis, aí o que falta vou pondo com dinheiro do meu bolso e compro o resto. Eu adoro, eu nunca vou largar e só vou largar a hora que não



estiver andando, quando não tiver mais força na viola. Aí, Deus sabe que não tenho mais força. Aí, eu largo, mas enquanto tiver minhas pernas, meus braços, minha boca, meu olhos enxergando eu não largo dos reis (ENTREVISTA com Lázara das Graças da Silva, 2016).

Na chegada, também é servido um “almoço de Reis”. A comunidade toda se envolve nos preparativos, tanto quanto na organização, como na decoração e preparação dos alimentos.

O cardápio é o típico mineiro e servem arroz, feijão, macarronada, leitoa, lombo, batatas e churrasco. A intenção desta festa é encerrar o ano e começar o outro com fartura. Todos sem distinção são aceitos para essa celebração gastronômica. Tantos os ricos quanto os pobres, se sentam todos juntos.

No final da refeição, a emoção toma conta. É quando a bandeira passa para o festeiro guardar até o próximo ano.

### Movidos pela Fé

Se juntar o folclore, a cultura, e a religião nasce a piedade popular. Que liturgicamente é uma forma de anunciar o evangelho de forma simples, aos mais simples (ENTREVISTA com Marco Antônio Silva Pereira, 2016).

As Companhias de Reis tem como primícias, a fé e a devoção ao sagrado. Isso, independente de como os rituais são feitos. É um grupo social, cujas manifestações são claramente identificadas como folclórico-devocional. *“Folclore é a cultura popular, tornada normativa pela tradição. Devoção é o ato de dedicar-se ou consagrar –se a alguém ou entidade; sentimento religiosos; culto, prática religiosa”*.(MESQUITA, pag. 10- apud CASCUDO:240-241).

São muitas as histórias de graças alcançadas relatadas tanto pelos capitães e embaixadores, quanto entre os devotos dos Santos Reis. Dona Lázara, relata:

Eu também fui bandeireira durante 14 anos e passei essa função pra minha filha. Tinha feito uma promessa pra ela. Teve disritmia na cabeça. Os médicos desenganou ela. Quando ela dizia: -minha mãe, tô com dor de cabeça! Eu já preparava o carro e o dinheiro pra levar ao médico. Então, fiz uma promessa pra Nossa Senhora e os Santos Reis. Que não deixasse eu perder minha filha não, que ela ia vestir de rainha



e carregar a bandeira dos Santos Reis. Aí, Graças a Deus, nunca mais ela foi ao médico, ela já tá com 44 anos... nunca mais foi ao médico, parou, sarou. Acabou. Aí depois foi meu marido. Trabalhando, ficou muito ruim, rolava na cama pra lá e pra cá. Ficou encostado um ano da prefeitura Aí foi pro hospital. Os médico me chamou, que tinha de operar ele, que ia ficar sofrendo. Eu disse:-bom, eu dou a autorização! Aí ele operou. E o Dr. Domingos Toledo, me chamou e disse: -vamos operar o Seu Domingos, vamos salvar um que anda! Na porta do Hospital Regional, eu com minha filha, pedi pro Santos Reis, que não deixasse o meu marido ficar aleijado não, numa cadeira de rodas, que eu precisava trabalhar e ajudar em casa e precisava olhar ele. Quando fez cinco meses certinho, que ele tirou um osso da coluna, já deu na época que nós ia sair com a Companhia pra pagar minha promessa que se meu marido andasse nem que fosse com três folião. Quando foi em dezembro, meu marido tava andando, tava trabalhando, tava bebendo pinga, tava rachando lenha e nós saiu no dia 25 de dezembro e fomos até o dia seis. Isso vai fazer 26 anos já. Graças a Deus, daquela época pra cá meu marido não teve nada. Aí, quando foi agora que ele faleceu...foi trombose que deu na perna e não teve jeito, cortou uma perna, passou pra outra...e aí, como diz o ditado, Santos Reis não me atendeu, porque Deus já queria meu marido. Depois que ia cortar outra perna, ele ficou muito assustado e morreu (ENTREVISTA com Lázara das Graças da Silva, 2016).

Maria Cristina Irineu, capitã da Companhia São José, relata que pedia pros Santos Reis, já que tinha problemas nas pernas, que dessem mais força a ela, porque ela queria ter uma Companhia. Que, se eles a curassem, não deixasse ela ficar mais doente, já que tinha que internar todo os anos e precisando de uma vacina que custava vinte mil reais. Ela conseguiu a vacina. Então, colocou uma Companhia na rua como agradecimento pela graça alcançada.

Russilvânia Gallo, que durante 20 anos, foi a Presidente da Associação das Companhias de Reis em Varginha, também comenta sobre o assunto:

Tem muitas histórias de graças recebidas. Eu vou dar almoço pras companhias o resto da vida porque meu pai foi curado, ou a minha filha, ela não engravidava e conseguiu através de Santos Reis, e por aí a fora. Assim, se você pegar uns nomes de donos de companhia, de famílias que todo ano oferecem, tem uma história de milagre. É um agradecimento e ela permanece fiel porque ela conseguiu uma graça”. “A maioria são trabalhadores simples, lavradores, aposentados, que continuam com essa fidelidade, e vai passando de geração em geração. Muita gente faz a promessa de vestir, quando alcança uma graça, seu filho de marungo, pra cumprir promessa de graça recebida. Então, se uma pessoa recebeu uma graça, coloca o filho para vestir de marungo e ele acompanha. Aí volta naquela história, são três marungos? São, mas tem companhias com 15 ou 20. São pessoas que não são da Companhia, estruturalmente falando, mas, que fizeram promessa porque gostam,



compram sua roupa e mandam fazer e acompanham (ENTREVISTA com Russilvânia Gallo, 2016).

Foi constatado que há anos, a cidade já teve mais de 30 Companhias. Muitas se desfizeram ou alguns de seus integrantes passaram a participar das atuais, segundo Russilvânia Gallo:

Lá pro ano de 1985 já tinha umas 30 companhias e atuantes, com história, porque às vezes não era aquela pessoa, mas era o pai ou o avô que fazia, não era uma Companhia criada, mas revitalizada, que são histórias familiares. Geralmente as Companhias são histórias familiares, o avô era, o pai era e aí vem uma descendência (ENTREVISTA com Russilvânia Gallo, 2016).

As Companhias de Reis existem em Varginha atualmente são: Santo Expedito, Cardoso e Amigos, Reis do Oriente, Estrela Brilhante, Imaculada Mãe de Jesus, Lenço Preto, Nossa Senhora da Guia, Nossa Senhora do Rosário, Nossa Senhora do Carmo, Reis dos Reis, Sagrada Família, Sagrado Coração de Jesus, Santa Cruz, São Benedito, São João Batista, São Joaquim, São Jorge, São José, São Lázaro, São Marcos, Irmãos da Fé, Cia dos Peões, Nossa Senhora Aparecida.

**5. Documentação audiovisual:**







6. Documentação fotográfica:

AS COMPANHIAS



Imagem 01: Companhia de Reis São Lázaro. Acervo: Jota Jr, Janeiro/ 2016.



Imagem 02: Companhia de Reis São Joaquim. Acervo: Jota Jr, Janeiro/ 2016.



Imagem 03: Companhia de Reis Nossa Senhora do Rosário. Acervo: Thiago Bode , Janeiro/ 2016



Imagem 04: Companhia Rei dos Reis. Acervo: Jota Jr, Janeiro/ 2016.





Imagem 05: Companhia de Reis São Jorge. Acervo da Companhia. Década 1980.



Imagem 06: Companhia de Reis São João Batista. Acervo: Jota Jr, Janeiro/ 2016.





Imagem 07: Companhia de Reis Imaculada Mãe dos Anjos. Acervo: Jota Jr, Janeiro/ 2016.



Imagem 08: Companhia de Reis São Marcos. Acervo: Jota Jr, Janeiro/ 2016.





Imagem 09: Companhia de Reis Cardoso e Amigos. Fonte: Jota Jr, Janeiro/ 2016.



Imagem 10: Companhia de Reis N.S. do Carmo. Acervo: Jota Jr, Janeiro/ 2016.





Imagem 11: Companhia de Reis São Benedito. Fonte: Jota Jr, Janeiro/ 2016.



Imagem 12: Companhia de Reis Sagrada Família. Acervo: Jota Jr, Janeiro/ 2016.





Imagem 13: Companhia de Reis Família Assis. Acervo: Thiago Bode/ 2015.



Imagem 14: Companhia de Reis Lenço Preto. Acervo: Companhia de Reis Lenço Preto. 1982.





Imagem 15: Companhia de Reis Senhor Vitor Paulo e Amigos. Acervo: Jota Jr, Janeiro/ 2016.



Imagem 16: Companhia de Reis Nossa Senhora da Guia. Acervo da Companhia, Sem data.







Imagem 17: Companhia de Reis Estrela Brilhante. Acervo: Jota Jr, Janeiro/ 2016.



Imagem 18: Companhia de Reis São José. Acervo: Jota Jr, Janeiro/ 2016.



Imagem 19: Companhia de Reis Santo Expedito. Acervo: Jota Jr, Janeiro/ 2016.

O GIRO



Imagem 20: A Saída -Companhia de Reis São Marcos fazendo a oração na casa do Capitão, antes de começar o giro. Acervo: Companhia São Marcos. Sem data.



Imagem 21: Saída - Companhia de Reis São Joaquim começam a se preparar para o giro, afinando violões e cantando. Acervo: Companhia de Reis São Joaquim, Janeiro/ 2016.





Imagem 22: Companhia de Reis Lenço Preto começando o giro. Acervo: Companhia de Reis Lenço Preto, 1980.



Imagem 23: Companhia percorrendo as ruas da cidade. Acervo: Jota Jr, Janeiro/ 2016.





Imagem 24: Companhia percorrendo as ruas da cidade. Acervo: Jota Jr, Janeiro/ 2016.



Imagem 25: A anfitriã Sra. Icerda recebe a Companhia, após pedido de licença do bastião. Acervo: imagem da EPTV, Janeiro/ 2016.





Imagem 26: Alferes da Companhia de Reis São Marcos entrega a bandeira para uma anfitriã. Acervo: Companhia São Marcos, Janeiro/ 2016



Imagem 27: Anfitriã beija a bandeira após coloca-la sobre a cama de casal e onde ficando repousada até a Companhia ir para outra casa. Acervo: TV Princesa/ 2015.





Imagem 28: Lázara, capitã da Companhia São Lázaro e foliões na entrada da casa do anfitrião. Acervo: Companhia São Lázaro. 1990.



Imagem 29: Capitão da Companhia Cardoso e Amigos e foliões dentro da casa do anfitrião. Município de Varginha- MG. Acervo: Companhia Cardoso e Amigos, 03/01/ 2003.



Imagem 30: Capitão da Companhia São Marcos e foliões antam dentro da casa do anfitrião. Acervo: Companhia São Marcos/ 2016.



Imagem 31: Capitão da Companhia São Joaquim e foliões cantam e rezam dentro da casa do anfitrião. Município de Varginha- MG. Acervo: Companhia São Joaquim/ 2016.





Imagem 32: Foliões da Companhia Lenço Preto rezam na casa do anfitrião. Acervo: Russilvânia Gallo, Janeiro/ década de 1980.



Imagem 33: Presépio montado para receber a Companhia de Reis. Acervo: Companhia de Reis São Joaquim/ 2012.



Imagem 34: Família que preparou o almoço para a Companhia de Reis. Acervo: Jota Jr, Janeiro / 2016.



Imagem 35: Carne com cebola e batatas preparadas para o almoço da Companhia de Reis. Acervo: Jota Jr, Janeiro / 2016.





Imagem 36: Macarronada pronta para ser servida aos foliões. Acervo: Jota Jr, Janeiro / 2016.



Imagem 37: Companhia de Reis Cardoso e Amigos almoçando. Imagem: Jota Jr, Janeiro / 2016.





Imagem 38: Vinho sendo servido para os foliões. Acervo: Jota Jr, Janeiro / 2016.



Imagem 39: Instrumentos da Companhia de Reis dispostos na sala do anfitrião, durante o descanso e almoço. Acervo: Jota Jr, Janeiro/ 2016.



Imagem 40: Após almoço, Companhia de Reis São Joaquim cantam agradecendo a acolhida. Acervo: Companhia São Joaquim, Janeiro/ 2016.



Imagem 41: Durante o giro, os bastiões dançam o Corta Jaca. Acervo: Companhia São Joaquim, Janeiro / 2015.





Imagem 42: Marungos dançando o Corta Jaca na Avenida Rio Branco. Acervo: Tiago Bode, Janeiro / 2015.



**A CHEGADA – Encontro das Folias de Reis**



Imagem 43: Após a jornada de 25 dezembro a 06 de janeiro, as Companhias fazem a chegada. Acervo: Tiago Bode, Janeiro / 2015.



Imagem 44: Foliões da Companhia de Reis Sagrada Família em direção da chegada. Acervo: Tiago Bode, Janeiro / 2015.





Imagem 45: Preparação na véspera da chegada com a montagem dos arcos. Acervo: Companhia de Reis São Marcos / 2016.



Imagem 46: Montagem dos arcos e fixação das correntes, prontas para a chegada. Acervo: Companhia de Reis São Marcos / 2016.







Imagem 47: Embaixador da Companhia São Benedito encontra o festeiro na chegada. Acervo: Tiago Bode, Janeiro / 2015.



Imagem 48: Marungo no primeiro arco entoa versos e pedir para cortar a corrente. Acervo: Companhia São Marcos / 2016





Imagem 49: Festeira prepara-se para cortar a corrente sob o arco. Acervo: Companhia de Reis São Lázaro, Janeiro / década de 1990.



Imagem 50: Marungo da Companhia São Marcos versa sobre o desafio da cruz de pétalas. Acervo: Companhia São Marcos, Janeiro / 2016.



Imagem 51: O cruzeiro é formado por quatro braços. Para cada um deles, o Bastião deve recitar uma “profecia”. O marungo vai desmanchando cada parte da cruz de pétalas e desfiando versos. Acervo: Companhia São Marcos, Janeiro / 2016.



Imagem 52: Em outra residência, o desafio para os marungos é uma estrela de pétalas. Onde ele também, desmanchando cada ponta, tem que recitar versos e profecias. Acervo: Companhia São Marcos, Janeiro / 2016.





Imagem 53: Após as adivinhações, a Companhia canta mais louvores aos Santos Reis. Acervo: Companhia São Marcos, Janeiro / 2016.



Imagem 54: Companhia Cardoso e Amigos almoçando na chegada. Imagem: Jota Jr, Janeiro / 2016.





Imagem 55: Companhia Cardoso e Amigos almoçando na chegada, junto com os foliões. Acervo: Jota Jr, Janeiro / 2016



Imagem 56: Filha do Festeiro servindo doce de leite ao folião após o almoço de Reis. Acervo: Jota Jr, Janeiro / 2016.



MISSA E ENCONTRO DAS FOLIAS DE REIS



Imagem 57: Missa das Folias de Reis. Acervo: Tiago Bode. Janeiro / 2015.



Imagem 58: Missa das Folias de Reis. Acervo: Tiago Bode. Janeiro / 2015.





Imagem 59: Missa das Folias de Reis. Acervo: Tiago Bode. Janeiro / 2015.



Imagem 60: Missa das Folias de Reis. Acervo: Tiago Bode. Janeiro / 2015.





Imagem 61: Missa das Folias de Reis. Acervo: Tiago Bode. Janeiro / 2015.



Imagem 62: Missa das Folias de Reis. Acervo: Tiago Bode. Janeiro / 2015.







Imagem 63: Missa das Folias de Reis. Acervo: Tiago Bode. Janeiro / 2015.



Imagem 64: Missa das Folias de Reis. Acervo: Tiago Bode. Janeiro / 2015.





Imagem 65: Missa das Folias de Reis. Acervo: Tiago Bode. Janeiro / 2015.



Imagem 66: Missa das Folias de Reis. Acervo: Tiago Bode. Janeiro / 2015.





Imagem 67: Missa das Folias de Reis. Acervo: Tiago Bode. Janeiro / 2015.



Imagem 68: Missa das Folias de Reis. Acervo: Tiago Bode. Janeiro / 2015.





Imagem 69: Missa das Folias de Reis. Acervo: Tiago Bode. Janeiro / 2015.



Imagem 70: Missa das Folias de Reis. Acervo: Tiago Bode. Janeiro / 2015.





Imagem 71: Missa das Folias de Reis. Acervo: Tiago Bode. Janeiro / 2015.



Imagem 72: Encontro das Folias de Reis. Acervo: Tiago Bode. Janeiro / 2015.





Imagem 73: Encontro das Folias de Reis. Acervo: Tiago Bode. Janeiro / 2015.



Imagem 74: Encontro das Folias de Reis. Acervo: Tiago Bode. Janeiro / 2015.



Imagem 75: Encontro das Folias de Reis. Acervo: Tiago Bode. Janeiro / 2015.



Imagem 76: Encontro das Folias de Reis. Acervo: Tiago Bode. Janeiro / 2015.



Imagem 77: Encontro das Folias de Reis. Acervo: Tiago Bode. Janeiro / 2015.



Imagem 78: Encontro das Folias de Reis. Acervo: Tiago Bode. Janeiro / 2015.





Imagem 79: Encontro das Folias de Reis. Acervo: Tiago Bode. Janeiro / 2015.



Imagem 80: Encontro das Folias de Reis. Acervo: Vanessa Geraldeli. Janeiro / 2016.



Imagem 81: Encontro das Folias de Reis. Acervo: Vanessa Geraldeli. Janeiro / 2016.



Imagem 82: Encontro das Folias de Reis. Acervo: Vanessa Geraldeli. Janeiro / 2016.





Imagem 83: Encontro das Folias de Reis. Acervo: Vanessa Geraldeli. Janeiro / 2016.



Imagem 84: Encontro das Folias de Reis. Acervo: Vanessa Geraldeli. Janeiro / 2016.





Imagem 85: Encontro das Folias de Reis. Acervo: Vanessa Geraldeli. Janeiro / 2016.



Imagem 86: Encontro das Folias de Reis. Acervo: Vanessa Geraldeli. Janeiro / 2016.





Imagem 87: Encontro das Folias de Reis. Acervo: Vanessa Geraldeli. Janeiro / 2016.



Imagem 88: Encontro das Folias de Reis. Acervo: Vanessa Geraldeli. Janeiro / 2016.



## 7. Plano de Salvaguarda

### - Diagnóstico da situação do bem cultural imaterial na ocasião do início do processo de Registro

O município de Varginha possui 23 Companhias/Folias de Reis que executam seu giro ritual e a sua missão evangelizadora pelas ruas da cidade entre os meses de dezembro e janeiro. Elas possuem entre 10 e 65 membros, além dos devotos e apreciadores dessa manifestação que os acompanham. Embora cada Companhia tenha sua especificidade, todas elas seguem sua jornada para propagar a fé nos Três Reis Santos e celebrar o nascimento do Menino Jesus. Antigamente, não se via mulheres na estrutura das Folias varginhenses e nas Folias de Minas, de modo geral. Hoje, observa-se um número considerável de mulheres que participam das Companhias e que desempenham papéis como embaixadora, bandeira, cantora e instrumentista.

O bem imaterial encontra-se em plena atividade e não apresenta riscos à sua continuidade. As Companhias são empenhadas na realização dos giros e no Encontro das Folias e transmitem essa tradição no interior das famílias. Os problemas identificados dizem respeito ao suporte financeiro para a realização do Encontro, manutenção e aquisição de indumentária, instrumentos e o transporte para a locomoção dos foliões na cidade e em eventuais apresentações fora do circuito natalino. Como os componentes da Companhia, muitas vezes, integram camadas sociais carentes de recursos materiais, o apoio nos itens citados anteriormente é fundamental para a continuidade do bem, sua promoção e transmissão para as futuras gerações. O apoio financeiro deve ser sempre articulado às ações de transmissão e divulgação, como atividades de educação para o patrimônio.

As Companhias de Reis existem em Varginha atualmente são: Santo Expedito, Cardoso e Amigos, Reis do Oriente, Estrela Brilhante, Imaculada Mãe de Jesus, Lenço Preto, Nossa Senhora da Guia, Nossa Senhora do Rosário, Nossa Senhora do Carmo, Reis dos Reis, Sagrada Família, Sagrado Coração de Jesus, Santa Cruz, São Benedito, São João Batista, São Joaquim, São Jorge, São José, São Lázaro, São Marcos, Irmãos da Fé, Cia dos Peões, Nossa Senhora Aparecida.



**- Diretrizes para a valorização e a continuidade do bem junto à comunidade com descrição detalhada das ações a serem desenvolvidas**

Para construção de um plano de valorização e salvaguarda das folias de reis de Varginha são indicados elementos necessários a sua permanência no local, considerando, para tal, o parecer dos próprios foliões, uma vez que a folia de reis confere a essas pessoas um caráter identitário, através do qual elas se relacionam com as demais dimensões da vida coletiva, sejam elas a social, a política ou a econômica. Recomenda-se, para a adequada salvaguarda e conservação das Folias de Reis de Varginha:

- 1. Promover reuniões com capitães das Folias de Reis e Prefeitura:** essas reuniões são fundamentais para estabelecer necessidades locais e medidas possíveis;
- 2. Realização do Encontro Anual de Folia de Reis:** Em relação às Folias propriamente ditas, cabe ao poder público estimular a apoiar as iniciativas de associação dos foliões, bem como suas apresentações, transformando o Encontro Anual de Folia de Reis num Festival que os foliões possam usar como fórum de suas discussões e apresentações, bem como receber outras manifestações culturais que acontecem por toda a região;
- 3. Acervo documental sobre as Folias de Reis:** Incentivar a criação de um acervo documental acerca das Folias como processo de valorização da prática e da memória local. Esse acervo seria um espaço público de pesquisa, exposição e de encontro para os foliões e a comunidade em geral, que reverenciaria esta polaridade múltipla das Folias como modo singular do viver-junto em Varginha;
- 4. Campanha de doação de acervo sobre as Folias:** Promover campanha pela doação de documentos, arquivos e indumentárias em posse da população para a criação do acervo acerca das Folias como processo de valorização da tradição local;
- 5. Transporte:** É necessário considerar que a folia de reis é uma expressão cultural advinda das classes populares e, neste sentido, a maioria de seus integrantes é carente do recurso material. Condição esta que envolve tanto foliões quanto a



maior parte dos devotos. Diante do que foi exposto, é necessário o fornecimento de transporte para o giro ritual e demais apresentações ao longo do ano.

6. **Manutenção de uniformes:** cada grupo possui uma indumentária diferente. Elas servem tanto para promover uma caracterização identitária que diferencia um grupo do outro, quanto para promover esse elo entre a crença e a materialidade, já que a vestimenta é também uma forma de prestigiar os Santos Reis. Apoiar a renovação da indumentária das Folias, através do fornecimento de tecidos para a confecção de um conjunto de fardas pela comunidade.
7. **Aquisição e manutenção de Instrumentos:** Na materialidade necessária para a prática das manifestações culturais de caráter imaterial, a existência dos instrumentos musicais é das que possuem grande importância para a permanência das Folias de Reis em Varginha. Isso ocorre porque a folia é, em si, uma manifestação marcada pela musicalidade, em que grupos de cantores e instrumentistas percorrem os lares na jornada natalina que simboliza a busca e o encontro dos Reis Magos com o menino Jesus. A aquisição e manutenção desses instrumentos, no entanto, também esbarram nos poucos recursos financeiros dos foliões. Dessa forma, contar com subsídios financeiros se faz de suma importância para que as folias perpetuem sua musicalidade dentro das manifestações que marcam essa faceta do catolicismo popular.
8. **Aperfeiçoamento vocal:** Desenvolver projeto de aperfeiçoamento musical das Folias de Varginhas através da técnica vocal, que ajudará a proteger as vozes dos cantadores.
9. **Realização de Oficinas:** Apoiar oficinas de musicalização junto as Folias de Reis e adolescentes, por meio de parceria com o Conservatório Estadual de Música Maestro Marciliano Braga de Varginha;
10. **Meio de continuidade pela valorização/divulgação:** De acordo com os foliões, existe uma preocupação por parte das folias em se promover essa valorização, principalmente entre os jovens, pois estes seriam a garantia da perpetuação da prática, evitando assim, que ela se acabe à medida que os integrantes mais velhos venham a falecer. Verifica-se que essa é uma preocupação recorrente entre os integrantes de folias. Assim, um trabalho junto às escolas, numa prática de





educação patrimonial, se apresenta como uma maneira satisfatória de se gerar nos jovens essa identificação de si mesmos com o bem cultural em questão. Dessa forma, o desenvolvimento dessa noção de pertencimento gera um laço entre a população e a prática cultural, que a partir daí, legitima as ações que venham a ser desenvolvidas e, além disso, se envolvem diretamente com elas.

- 11. Educação para o patrimônio:** Promover programas de educação para o patrimônio cultural abordando as Folias de Reis de Varginha com um bem cultural do município.
- 12. Formação de professores:** Promover a formação de professores para abordagem da temática das folias em sala de aula e nos espaços não formais de educação;
- 13. Documentário:** Elaborar documentário audiovisual das Folias em Varginha anualmente;
- 14. Compartilhamento de saberes:** Promover o compartilhamento dos saberes das folias para as novas gerações, articulando os modos tradicionais com as novas tecnologias;
- 15. Publicação do dossiê:** Publicação do Dossiê de Registro das Folias de Varginha como forma de valorizar, divulgar e promover este patrimônio imaterial;
- 16. Cadastramento das Folias:** Cadastro contínuo das Folias de Reis de Varginha;
- 17. Auxílio financeiro:** Repassar subvenção social/ auxílio financeiro para custeio de transporte, manutenção de uniformes e aquisição e conservação dos instrumentos musicais utilizados pelos grupos de folia de reis;



- Cronograma gráfico com a previsão para o desenvolvimento de cada ação de proteção e salvaguarda

Ações	1º trim. 2020	2º trim. 2020	3º trim. 2020	4º trim. 2020	1º trim. 2021	2º trim. 2021	3º trim. 2021	4º trim. 2021
1.Promover reuniões com capitães das Folias de Reis e Prefeitura								
2.Realização do Encontro Anual de Folia de Reis								
3.Acervo documental sobre as Folias de Reis								
4.Campanha de doação de acervo sobre as Folias								
5.Transporte								
6.Manutenção de uniformes								
7.Aquisição e manutenção de Instrumentos								
8.Aperfeiçoamento vocal								
9.Realização de Oficinas								
10.Meio de continuidade pela valorização/divulgação								
11.Educação para o patrimônio								
12.Formação de professores								
13.Documentário								
14.Compartilhamento de saberes								
15.Publicação do dossiê								
16.Cadastramento das Folias								
17Auxílio financeiro								



Ações	1º trim. 2022	2º trim. 2022	3º trim. 2022	4º trim. 2022	1º trim. 2023	2º trim. 2023	3º trim. 2023	4º trim. 2023
1.Promover reuniões com capitães das Folias de Reis e Prefeitura								
2.Realização do Encontro Anual de Folia de Reis								
3.Acervo documental sobre as Folias de Reis								
4.Campanha de doação de acervo sobre as Folias								
5.Transporte								
6.Manutenção de uniformes								
7.Aquisição e manutenção de Instrumentos								
8.Aperfeiçoamento vocal								
9.Realização de Oficinas								
10.Meio de continuidade pela valorização/divulgação								
11.Educação para o patrimônio								
12.Formação de professores								
13.Documentário								
14.Compartilhamento de saberes								
15.Publicação do dossiê								
16.Cadastramento das Folias								
17Auxílio financeiro								



## 8. Referências bibliográficas

### Referências bibliográficas e documentais – Histórico municipal

\_\_\_\_\_ **A Cia. Da Estrada de Ferro Muzambinho no contexto do desenvolvimento ferroviário do sul de Minas (1870-1910): uma tentativa de correção de uma versão consagrada.** Monografia de Bacharelado. Belo Horizonte: Fundação 18 de março – FUNDAMAR, 1985.

\_\_\_\_\_ **Formação de núcleos agro-exportadores cafeeiros: os modelos paulista, fluminense e mineiro.** In: IV Congresso de História da Economia e 7ª Conferência Internacional de História de Empresas. São Paulo: ABPHE, 2001.

ALVIM, Antônio Camillo de Faria. **Minas Gerais no reinado de D. João V.** In: Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais, vol.14. Belo Horizonte: Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais, 1969.

ANDRADE, Marcos Ferreira de. **Elite escravista no Sul de Minas Gerais: opções de investimento e composição da riqueza - século XIX.** In: XIV Seminário sobre Economia Mineira, 2010, Diamantina. Anais Eletrônicos do XIV Seminário sobre Economia Mineira. Belo Horizonte: CEDEPLAR-UFMG, v. 1. p. 1-19, 2010.

ANDRADE, Marcos Ferreira de. **Família, fortuna e poder no Império do Brasil: Minas Gerais – Campanha da Princesa (1799-1850).** Tese de Doutorado. Niterói: UFF, 2005.

ANDRADE, Marcos Ferreira de; CARDOSO, Maria Tereza Pereira. **A vila da Campanha da Princesa: fontes para a História do Sul de Minas.** Varia História, UFMG - FAFICH - Belo Horizonte, v. 23, p. 214-233, 2000.

ANDRADE, Marcos Ferreira. **Elites regionais e a formação do Estado Imperial Brasileiro: Minas Gerais – Campanha da Princesa (1799-1850).** Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005.

ARAÚJO, Patrícia Vargas Lopes de. **Vila de Campanha da Princesa: urbanidade e civilidade em Minas Gerais no século XIX (1798-1840).** Tese de doutorado. Campinas: Unicamp, 2008.

ÁVILA, Affonso. (1983). **Varginha: formação e evolução.** Revista da Fundação João Pinheiro. Belo Horizonte. Vol. 13 (7/8), p. 2-18, jul/ago, 1983.



BATISTA, Felipe Alvarenga de; BARBOSA; Lidiany Silva; GODOY, Marcelo Magalhães. **Transportes, modernização e formação regional: subsídios a história da era ferroviária em Minas Gerais, 1870-1940.** Texto para discussão, 458. Belo Horizonte: UFMG/CEDEPLAR, 2012.

BATISTA, Felipe de Alvarenga. **O mito da modernização pelos trilhos: a “era ferroviária” em Minas Gerais, 1850-1940.** Monografia de Bacharelado. Belo Horizonte: FACE/UFMG, 2010.

BLASEHEIN, Perter L. **As Ferrovias de Minas Gerais no século dezenove.** In: **Locus: revista de história.** Juiz de Fora: vol. 2 n. 2, p. 81-110, 1996.

BOTELHO, T. R. **População e escravidão nas Minas Gerais, c. 1720.** In: XII Encontro Nacional de Estudos de População, 2000, Caxambu. XII Encontro Nacional de Estudos de População, Anais.... Belo Horizonte: ABEP, 2000.

CÂMARA MUNICIPAL DE VARGINHA. **Varginha, sua História e sua Gente.** Varginha, 1982.

CAMPOS, Bruno Nascimento. **Tropas de aço: os caminhos de ferro no sul de Minas: 1875-1902.** Dissertação de Mestrado. Minas Gerais. São João del-Rei: UFSJ, 2012.

CARVALHO, Rafaela Rodrigues da Silva. **Elite agrária do Sul de Minas em transição: abolição em Campanha, Pouso Alegre e Varginha.** In: 7º Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional, Curitiba: UFPR, 2015.

CASTILHO, Fábio Francisco de Almeida. **A transição da mão-de-obra no Sul de Minas: cultura política na imprensa local (1879-1888).** Revista Eletrônica Cadernos de História. Ouro Preto: UFOP, vol. VI, ano 3, n.º 2, dezembro de 2008.

CASTILHO, Fábio Francisco de Almeida. **Entre a locomotiva e o fiel da balança: a transição da mão-de-obra no Sul de Minas.** Dissertação de Mestrado. Juiz de Fora: UFJF, 2009.

CASTILHO, Fábio Francisco de Almeida. **As Estradas de Ferro do Sul de Minas.** Revista de História Econômica & Economia Regional Aplicada. Juiz de Fora: UFJF, Vol. 7 N° 12 Jan-Jun , 2012



CASTILHO, Fábio Francisco de Almeida. **Economia sul-mineira: estudo das transformações regionais no início do século xx.** In: Revista de História Econômica & Economia Regional Aplicada. Juiz de Fora: UFJF, Vol. 4, N<sup>o</sup> 6, 2009.

CONSELHO DELIBERATIVO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO DE VARGINHA. **Dossiê de Tombamento da Casa de Pedra da Antiga Usina da Ilha Grande.** Varginha, 2007.

COSTA, Fernando Nogueira da. **Bancos em Minas Gerais (1889-1964).** Dissertação de Mestrado. Campinas: UNICAMP, 1978.

COSTA, Maria Lúcia Prado. **A Cia. Estrada de Ferro Muzambinho (1887-1910).** Paraguaçu: FUNDAMAR, 1996.

COSTA, Maria Lúcia Prado. **Fontes para a História Social do Sul de Minas: os trabalhos de Paraguaçu e Machado (1850-1900).** Fundação 18 de março. 2002.

DELFINO, L. L. **Entre “Muros” e “Mosaicos”: trajetórias familiares de cativos e libertos de pequenas e médias posses: Pouso Alegre, MG, 1845-1869.** Dissertação de Mestrado, Juiz de Fora: UFJF. 2010.

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. **A Interiorização da Metrópole e Outros Estudos.** São Paulo: Alameda Casa Editorial, 2005.

Economia Mineira. Diamantina: Cedeplar, 2010.

ESTADO DE MINAS GERAIS. **Mensagem de presidente de estado.** Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado, 1935 / 1936 / 1937 / 1938 / 1947. 5v.

FARIA, Graziela Mara de e SAES, Alexandre Macchione. **Emergência industrial no sul de Minas.** In: XVII Encontro Regional de História, ANPUH-MG. Uberlândia: ANPUH-MG, 2010.

FERNANDES, Márcio. **Logística do escoamento do café do sul de Minas Gerais.** Dissertação de Mestrado. Porto Alegre. UFRGS. 2004.

FONSECA, Sylvestre; LIBERAL, João.). **Álbum de Varginha.** São Paulo: Pocai& C, 1920.

GAMBI, Thiago Fontelas Rosado et al. **O processo de Urbanização no sul de Minas em transição.** In: XV Seminário sobre Economia Mineira. Diamantina, Cedeplar: 2012.



GOULART, José Alípio. **Tropas e Tropeiros na Formação do Brasil**. Rio de Janeiro:

GUIMARÃES, Sílvio Bottrel. **Parecer Técnico de Tombamento das Estruturas da Antiga Usina Hidrelétrica**. Varginha, 2008.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Varginha**. Rio de Janeiro: Oficinas do serviço gráfico do IBGE, 1959.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Varginha**. Rio de Janeiro: IBGE, 1985.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Varginha**. Rio de Janeiro: IBGE, 2010.

JOSÉ, Oiliam. **O negro na economia mineira**. Belo Horizonte: Editora Itatiaia Limitada, 1993.

LAGE, A. C. P. **A instalação do Colégio Nossa Senhora do Sion em Campanha: uma necessidade política, econômica e social da região sul-mineira no início do século XX**. Campinas: Unicamp, 2007.

LANNA, Anna. **A transformação do trabalho: a passagem para o trabalho livre na Zona da Mata mineira: 1870-1920**. Dissertação Mestrado. Campinas: UNICAMP, 1985.

LEFORT, José do Patrocínio. **Varginha: monografia histórico-geográfica e estatístico-religiosa pelo centenário da paróquia a 1º de junho de 1950**. São Paulo: São José, 1950.

LENHARO, Alcir. **As tropas da moderação: o abastecimento da Corte na formação da política do Brasil, 1808-1842**. 2. ed. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esportes, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 1993.

LIMA, João Heraldo. **Café e Indústria em Minas Gerais (1870 – 1920)**. Dissertação de Mestrado. Campinas: Unicamp/IFCH, 1977.

LIMA, Vasco de Castro. **A Estrada de Ferro Sul de Minas. 1884-1932**. São Paulo: Copas, 1934.



MARTINS, Marcos Lobato e SAES, Alexandre Macchione. Org(s). **Sul de Minas em Transição: a formação do capitalismo na passagem para o século 20**. São Paulo: EDUSC, 2012.

MARTINS, Roberto Borges. **A Economia escravista de Minas Gerais no século XIX**. Belo Horizonte: CEDEPLAR/UFMG, 1982.

MARTINS, Roberto Borges. **Minas Gerais, século XIX: tráfico e apego à escravidão numa economia não-exportadora**. Estudos Econômicos, Instituto de Pesquisas Econômicas – USP, São Paulo, v. 13, n. 1, 1983.

MEGDA, Andréa Vieira. **Uma análise histórica dos bancos do sul de minas gerais (1900-1930)**. Dissertação de Mestrado. Varginha: UNIFAL, 2012.

MELO, Hildete Pereira de. **Ferrovias e café: Rio de Janeiro e Minas Gerais 1850/1910**. IN: **Anais do VII Seminário sobre a Economia Mineira**. Diamantina/Belo Horizonte: CEDEPLAR/UFMG, 1995.

MINAS GERAIS. **Órgão Oficial dos poderes do Estado. Inauguração da luz elétrica em Varginha**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais, ano XXIII, nº 86, p. 8, 14 de abril, 1914.

MONTEIRO, Norma de Góes. **Imigração e Colonização em Minas, 1889-1930**. Belo Horizonte e Rio de Janeiro: Editora Itatiaia, 1994.

MUSEU MUNICIPAL DE VARGINHA. **Livro de atas da Câmara Municipal de Varginha**. Varginha, 1882.

MUSEU MUNICIPAL DE VARGINHA. **Livro de atas da Câmara Municipal de Varginha**. Varginha, 1919.

MUSEU MUNICIPAL DE VARGINHA. **Livro de atas da Câmara Municipal de Varginha**. Varginha, 1914.

NUNES, Aparecida Maria. **Histórias que fazem a História: pioneirismo empresarial em Varginha**. Varginha: Editora da Faculdade Cinecista de Varginha, 2004.

OLIVEIRA, Mônica R. **Cafeicultura Mineira: Formação e Consolidação – 1809-1870**. In: IX Seminário sobre a Economia Mineira. Diamantina: CEDEPLAR, 2000.

OURO PRETO. **Lei Provincial n.º 2785 de 22 de julho de 1881**. Ouro Preto, 1881.





OURO PRETO. **Lei Provincial n.º 2950, de 07 de outubro de 1882.** Ouro Preto, 1882.

OURO PRETO. **Lei Provincial n.º 471 de 1 de junho de 1850.** Ouro Preto, 1850.

PAIVA, Clodilte Andrade. **População e economia nas Minas Gerais do século XIX.**

PARANHOS, Paulo. **Primeiros núcleos populacionais no Sul das Minas Gerais.** In: Revista Histórica. Arquivo Público do Estado de São Paulo. São Paulo, N°07, p.16-20, dez.2005.

PASCOAL, Isaías. **O Sul de Minas no processo de constituição do Estado nacional.** Fênix – Revista de História e Estudos Culturais. Vol. 9 Ano IX n° 1. Jan/fev/mar/abr de 2012.

PAULA, Ricardo Zimbrão Affonso de. **Percalços da industrialização: o caso de Minas Gerais.** Dissertação de Mestrado. Campinas: UNICAMP, 2001.

PÉTRÉ-GRENOUILLEAU, Oliver. **A História da Escravidão.** Tradução de Mariana Echalar. São Paulo: Boitempo, 2009.

PINTO, Wellington Almeida. **Minas dicionário estatístico, geográfico e histórico do Estado de Minas Gerais.** Belo Horizonte: Edições Brasileiras, 3ª edição, 1983.

PIRES, Anderson. **Café, Finanças e Bancos: uma análise do sistema financeiro da Zona da Mata de Minas Gerais: 1889/1930.** Tese de Doutorado. São Paulo: USP, 2004.

REVISTA CORREIO DO SUL. **1882: Espírito Santo das Catanduvras.** Varginha, 1982.

PIRES, Anderson. **Café, Finanças e Bancos: Uma Análise do Sistema Financeiro da Zona da Mata de Minas Gerais: 1889/1930.** Tese de Doutorado. São Paulo: USP, 2004.

RIO DE JANEIRO. **Concorrência pública para iluminação elétrica: proposta n° 3. Vivaldi & Cia., comerciantes e industriais.** Rio de Janeiro, 1912.

RUBIÃO, Luiz José Alvares. **Álbum da Varginha.** Varginha: Gráfica Casa Maltese, 1920.

SAES, Alexandre Macchione; CASTILHO, Fábio Francisco de Almeida. **Cortando a Mantiqueira: entre café e abastecimento no Sul de Minas.** Saeculum - REVISTA DE HISTÓRIA [29]; João Pessoa: UFPB, jul./dez. 2013.



SAES, Alexandre Macchione et al. **Sul de Minas em transição: ferrovias, bancos e indústrias na constituição do capitalismo na passagem do século XIX para o século XX**. In: XIV Seminário de Economia Mineira. Diamantina: CEDEPLAR, 2010.

SAES, Alexandre Macchione (Org.); MARTINS, Marcos Lobato (Org.). **Sul de Minas em transição: a formação do capitalismo na passagem para o século XX**. Bauru, SP: EDUSC, 2012.

SAES, Alexandre Macchione; AVELINO FILHO, A. **Trajetórias das elites locais: Campanha e Pouso Alegre no ocaso da escravidão**. *Cultura Histórica e Patrimônio*, v. 1, p. 39-64, 2012.

SAES, Flávio Azevedo Marques de. **As ferrovias de São Paulo, 1870-1940: expansão e declínio do transporte ferroviário em São Paulo**. São Paulo: Hucitec/INL/MEC, 1981.

SALES, José Roberto. **Espírito Santo da Varginha: 1763-1920**. Varginha: Gráfica Sul Mineira, 2003.

SALES, José Roberto. **Tráfico de escravos no município de Varginha - MG (1884-1887)**. Varginha: José Roberto Sales, 2008.

SEMEGHINI, Ulysses C. **Do café à indústria: uma cidade e seu tempo**. Campinas: Editora da Unicamp, 1991.

SENNA, Nelson C. de. **Anuario Historico-Chorographico de Minas Geraes**. Belo Horizonte: Minas Gerais: Imprensa Oficial, 1909.

SENNA, Nelson C. de. **Anuário de Minas Gerais. Vol. 2**. Belo Horizonte: Minas Gerais: Imprensa Oficial, 1907.

SILVA, Marcel Pereira da. **Para abastecer e exportar: as estradas de ferro no Sul de Minas Gerais (1884-1910)**. In: Simposio 5: Transportes y Servicios en los Mercados Regionales y Nacionales en América Latina (Siglos XIX y XX). San Carlos de Bariloche, 2012.

SILVA, Marcel Pereira. **De gado a café: as estradas de ferro no Sul de Minas Gerais (1874-1910)**. Dissertação de Mestrado. São Paulo: USP, 2012.

SIMONSEN, Roberto. **História Econômica do Brasil: 1500-1820**. Brasília: Edições do Senado Federal. Conselho Editorial, 2005.



SOUZA, RICARDO LUIZ DE. **Os sentidos do povoamento: aspectos da ocupação territorial de Minas Gerais**. Revista Ciências Humanas. Taubaté: UNITAU. Volume 1, número 1, 2009.

**Varginha - História e Desenvolvimento**. Varginha: Gráfica Sul-Mineira, 2003.

VASCONCELOS, Diogo de. **História antiga de Minas Gerais**. Belo Horizonte, Itatiaia, 1974.

VEIGA, Bernardo Saturnino da. **Almanch Sul-Mineiro para 1874**. Campanha: Tipographia do Monitor Sul-Mineiro, 1874.

VEIGA, Bernardo Saturnino da. **Almanch Sul-Mineiro para 1884**. Campanha: Tipographia do Monitor Sul-Mineiro, 1884.

WIRTH, J. D. **O Fiel da Balança: Minas Gerais na Federação Brasileira (1889-1937)**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1982.

#### **Referências bibliográficas e documentais – Histórico das Folias de Reis**

ARAÚJO, Alceu Maynard. **Folclore Nacional**. São Paulo: Melhoramentos, 1964.

BARROS, Artur César Ferreira de. Carmem Luiza de Rezende. **Companhias de Reis de Ribeirão Preto: relatos de devoção e fé**. Ribeirão Preto: Fundação Instituto do Livro, 2011.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é Folclore**. São Paulo, Brasiliense, 1984.

CALAFIORI, Luiz Ferreira. SOUZA, Jayme Antônio De. **Manual de Folia de Reis**. São Paulo: Editora Resenha, 1993.

CÂMARA CASCUDO, Luisda. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. Belo Horizonte: Editora Italiana, 1984.

CÂMARA CASCUDO, Luisda. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. São Paulo: Global Editora, 2012 – 12ª Edição.

MARCHI, Lia. CAMARGO, Gilson. **Folias Do Norte Do Paraná**. Curitiba: Olaria Projetos de Arte e Educação; Brasília, DF: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2012.

MESQUITA, Adriana Alice de Andrade. **Companhias e Folias: As Festas de Reis No Município de Três Pontas**. Monografia – Unicentro Newton dde Paiva. Disponível em:



<http://www.descubraminas.com.br/Upload/Biblioteca/0000133.pdf>. [Acesso em: 30/06/15] NERY, Marie Louise. *A evolução da indumentária: subsídios para criação de figurinos*. Rio de Janeiro: Editora Senac Nacional, 2003.

NERY, Vanda Cunha Albieri. **Folias e Festas de Reis: o mundo ritualístico dos cantadores da fé**. Centro Universitário do Triângulo – Uberlândia/MG/Brasil. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/1477751847180770134191357243104897755722.pdf>. [Acesso em: 10/07/15].

CALAFIORI, Luiz Ferreira. SOUZA, Jayme Antônio De. - **MANUAL DE FOLIA DE REIS** - Editora Resenha - SP - 1ª edição - 1993.

PERGO, Vera Lucia. **Os Rituais Na Folia De Reis: Uma Das Festas Populares Brasileiras**. Disponível em: <http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pdf/st1/Pergo,%20Vera%20Lucia.pdf>. [Acesso em: 30/06/15].

SALES, José Roberto. **Espírito Santo da Varginha 1763 – 1920**. Varginha: Gráfica Editora Sul Mineira, 2003.

SILVA, Maria Luiza dos Santos. **A Folia de Reis da Família Corrêa de Goianira: uma manifestação da religiosidade popular**. Disponível em: [http://www.Tede.biblioteca.ucg.br/tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=222](http://www.Tede.biblioteca.ucg.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=222). [Acesso em: 30/06/15]

NUNES, Aparecida Maria. **Histórias que fazem a história – Pioneirismo Empresarial em Varginha-MG**. FACECA – Editora da Faculdade Cinecista de Varginha.

Arquivo geral do COPAC - Varginha

## FONTES IMAGENS

TV Princesa

EPTV

Artetude

Tiago Bode



Vanessa Geraldeli

Jota Jr

Cláudio Martins

Companhias de Reis de Varginha

Lucionir dos Santos

### **FONTES ORAIS**

Antônio Maria Neto/ Cia. de Reis Cardoso e Amigos

Domingos Donagema/ Cia. de Reis São Benedito

Fábio Dominguet/ Cia. de Reis Lenço Preto

João Batista Fortunato/ Cia. de Reis São João Batista

Jorge Pereira/ Cia. de Reis São Jorge

José Pinto de Carvalho Filho/ Cia. Rei dos Reis

José Ramos Modesto/ Cia. de Reis Cardoso e Amigos

Lázara das Graças da Silva/ Cia. de Reis São Lázaro.

Luiz Antônio de Souza./ Cia. de Reis Nossa Senhora do Carmo

Marcos José Garcia/ Cia. de Reis São Marcos

Rafael de Sousa Martins/ Cia. de Reis Senhor Vitor Paulo e Amigos

Raimundo Andrade/ Instituto Cultural Artetude

Russilvânia Gallo/ Pedagoga

Sérgio de Assis/ Cia. de Reis Família Assis

Valdir Vitor Ferreira/ Cia. de Reis Sagrada Família

Verlani Dominguet/ Cia. de Reis Lenço Preto

Vitor Lúcio da Silva/ Cia. de Reis Imaculada Mãe dos Anjos.

Vanderson - Companhia São José.

## 9. Ficha técnica – Registro - Folias de Reis



### Agência Mineira de Entretenimento Eireli

---

Rua Astolfo Pio, nº 242, Centro | CEP: 37750-000 | Machado-MG | Tel.: (35) 3295-1544

[www.amecultura.com.br](http://www.amecultura.com.br) | [diretoria@amecultura.com.br](mailto:diretoria@amecultura.com.br)

Representante legal: Platinny Dias de Paiva



### Município de Varginha

---

Prefeito: Antônio Silva

Fundação Cultural do Município de Varginha: Lindon Lopes da Silva

Setor responsável: Coordenadoria Técnica do Patrimônio Cultural

Responsável: Danielle de Souza Guimarães

Praça Matheus Tavares, 121 | Bairro: Centro | CEP: 37002-320 |

Tel.: (35) 3690-2718

e-mail: [patrimoniocultural@fundacaoculturaldevarginha.com.br](mailto:patrimoniocultural@fundacaoculturaldevarginha.com.br)

#### **Execução:**

**Levantamento e Elaboração – 2015 a 2019:** Cláudio Henrique Martins (Produtor Executivo de TV)/ Danielle de Souza Guimarães (Arquiteta e Urbanista)

**Revisão e Finalização – Outubro e Novembro de 2019:** Platinny Dias de Paiva (Bacharel em Direito)/ Bárbara Pereira Mançaneres (Historiadora)/ Danielle de Souza Guimarães (Arquiteta e Urbanista) / Cláudio Henrique Martins (Produtor Executivo de TV)

---

Cláudio Henrique Martins

---

Platinny Dias de Paiva

---

Danielle de Souza Guimarães

---

Bárbara Pereira Mançaneres

## 10. Cópia da proposta de Registro

Casa da Cultura

FLS.:	04
PROC.:	8990/2015
DATA:	08/07/15
ASS.:	Estefânia

### PROPOSTA DE REGISTRO DE BEM IMATERIAL

#### Registro das manifestações das folias de reis do município de Varginha

A folia de reis passou a integrar o conjunto de manifestações folclóricas de Varginha – MG em meados de 1930, quando o senhor Arlindo Cardoso fundou a companhia de santos reis “Cardoso e Amigos”. Deste ponto em diante, o costume da celebração popularizou-se e o município chegou a abrigar até 32 (trinta e dois) grupos de folia de reis. As festas já foram celebradas em frente à antiga Cadeia Pública e, depois, no Largo da Matriz, até finalmente chegarem à Concha Acústica, local onde acontecem até o presente. Hoje, no entanto, em virtude de uma série de problemas que as companhias têm encontrado, a prática da festa de folia de reis tem corrido grave risco de extinção em Varginha.

Desde 2014, a Fundação Cultural do Município de Varginha – por meio da Casa da Cultura e da Comissão Permanente de Assessoria e Velamento do Patrimônio Cultural (COPAC) – tem buscado os capitães e responsáveis pelos grupos de reis que ainda estão em atividade, visando resgatar as tradições em risco e oferecer subsídios para as dificuldades que emergem e que implicam impedimentos para a perpetuação do costume, como: o desinteresse de uma comunidade contaminada por valores capitalistas modernizantes e homogeneizadores, que ameaçam minar a singularidade das manifestações de cultura popular e de raiz; a escassez de documentos, registros históricos e instruções formais que fundamentem a reprodução das práticas, símbolos e rituais que são utilizados em cada etapa da celebração, o que leva ao desconhecimento da própria história e enfraquece os vínculos identitários de cada grupo de reis; a inexistência de uma fonte fixa de proventos para financiar os materiais, insumos, indumentárias e instrumentos necessários para a manutenção das tradições.

Diante disso, ao longo dos meses de março e abril de 2015, iremos promover o projeto “No Caminho de Reis”, em que a pesquisadora e mestre em Letras Danisa Chaves – especialista em cultura popular, folclore, memória oral e poesia – coordenará uma série de encontros na Casa da Cultura, com o objetivo de mapear as características de cada uma das companhias, distinguir as peculiaridades e diferenças em relação às tradições das folias de reis do município vizinho de Três Corações – MG e capacitar academicamente os capitães dos grupos, fornecendo elementos históricos e culturais necessários ao bom desenvolvimento da celebração. Nesses encontros, identificamos que há cerca de dez anos havia mais de 30 (trinta) grupos de santos reis em Varginha. Já em 2011, apenas 18 (dezoito) companhias foram cadastradas. Hoje, há somente 12 (doze) grupos

de santos reis em Varginha: “São Lázaro”, “Família Assis”, “São Joaquim”, “Nossa Senhora do Rosário”, “Rei dos Reis”, “São Jorge”, “São João Batista”, “Imaculada Mãe dos Anjos”, “Nossa Senhora do Carmo”, “São Benedito”, “Sagrada Família” e a companhia original, “Cardoso e Amigos”.

Está muito claro para nós que, nesse ritmo, o costume da manifestação de folia de reis tende a desaparecer irremediavelmente das tradições varginhenses dentro de poucos anos caso não nos apressemos em buscar instrumentos eficazes de salvaguarda e proteção aos grupos que lutam para permanecer ativos. Segundo o Quadro VI da Deliberação Normativa CONEP 002/2012 do IEPHA/MG, o Registro é uma ferramenta de preservação de bens culturais de natureza imaterial, que, por suas características, exigem permanente recriação. Desta forma, é certo que registrar um bem significa valorizar os diversos grupos sociais que compõem a comunidade local, o que faz com que sua cultura seja reconhecida como parte importante do patrimônio cultural do município, possibilitando, assim, a disponibilidade de meios que possam garantir sua permanência e continuidade, como o repasse de recursos financeiros do ICMS atributo Patrimônio Cultural.

Dentro deste contexto, inventariar cada uma das companhias de santos reis que resistiram às intempéries do passar dos anos e que permanecem obstinadas em suas andanças de fé pela cidade reforça a importância de sua salvaguarda. Além disso, nutrimos a esperança de que a implementação do Registro dê novo fôlego àqueles grupos que descansaram seus instrumentos e roupas típicas, de modo a recuperar as tradições e os grupos que se extinguíram oficialmente.

Por tudo isso, cremos que o Registro das folias de reis constitui exímia e diligente ação de proteção deste bem enquanto celebração popular cultural de Varginha.

Varginha, 26 de Janeiro de 2015.

FLS.:	05
PROC.:	8990/2015
DATA:	08/07/15
ASS.:	Estefânia

*Daniele Valle Machado da Silva Ribeiro*

**Daniele Valle Machado da Silva Ribeiro**  
Núcleo de História e Pesquisa da Casa da Cultura de Varginha



**11. Cópia da ata da reunião do conselho que decide pela abertura do processo de registro**

1



Ata da 148ª (centésima quadragésima oitava) reunião do Conselho Deliberativo Municipal do Patrimônio Cultural – CODEPAC, realizada em caráter ordinário aos treze dias do mês de maio do ano de dois mil e quinze, na sede da Fundação Cultural do Município de Varginha, situada à Praça Matheus Tavares, número cento e vinte e um, Centro, nesta cidade de Varginha, em Minas Gerais. Reuniram-se os membros do CODEPAC, regularmente convocados mediante correspondência eletrônica. Estabeleceu-se o *quorum* com a presença da Presidente do CODEPAC, Giovana Azzalini Toledo de Melo, Rafael Barros Filho, Repórter e Historiador, Aryanne Ribeiro, Arquiteta e Urbanista, Paula Chaves Cincoetti, Engenheira Civil e Advogada, Anny Meiry Ramos Albinati, Pedagoga e Diretora do Museu Municipal de Varginha. Participaram também desta reunião, o Diretor Superintendente da Fundação Cultural de Varginha, Francisco Graça de Moura, a Arquiteta Danielle de Souza Guimarães, servidora da Fundação Cultural do Município de Varginha e membro suplente do Conselho. A Presidente do CODEPAC deu início à abertura dos trabalhos e expôs os assuntos em pauta: **1º assunto:** Posse dos conselheiros do CODEPAC. A reunião foi iniciada pelo Diretor Superintendente da Fundação Cultural de Varginha, o Sr. Francisco Graça de Moura, representando o Excelentíssimo Sr. Prefeito Antônio Silva, para a posse dos novos membros do Conselho Deliberativo do Patrimônio Cultural de Varginha. Após serem empossados, os novos conselheiros assinaram o termo. **2º assunto:** Eleição do novo Presidente do CODEPAC. Após a solenidade, o Sr. Francisco Graça de Moura sugeriu a conselheira Paula Chaves Cincoetti para a presidência do CODEPAC. **Deliberação:** Todos os presentes votaram favorável à indicação do Diretor Superintendente da Fundação Cultural do Município de Varginha. **3º assunto:** Processo nº 13.587/14: Regularização de construção ao lado de bem tombado (Antiga Residência Vica Frota/ Casa da Embratel). A Arquiteta Danielle apresentou brevemente o referido projeto para apreciação dos conselheiros. Apontou também que o recuo lateral esquerdo está abaixo do mínimo previsto em legislação, portanto em desacordo com os



parâmetros estabelecidos em lei, e comentou que caberá ao proprietário pagar as respectivas multas para efetivar sua regularização junto à Secretaria Municipal de Planejamento Urbano. **Deliberação:** O Conselho aprovou com ressalvas a regularização. **5º assunto:** Processo nº 4385/15: Licença para reforma retroativa (Antigo Banco do Brasil), sem alteração de área. A arquiteta Danielle comentou que realizou vistoria do referido edifício e constatou que foram realizadas obras de reforma sem autorização prévia do Conselho Deliberativo do Patrimônio Cultural de Varginha. Citou também que recentemente as janelas do edifício foram pintadas sem autorização prévia deste Conselho em cores não consoantes com o bem protegido. Informou aos conselheiros que o proprietário foi notificado pelo setor de fiscalização do município. **Deliberação:** Após a explanação da arquiteta, o Conselho concedeu a licença retroativa, mas a Presidente deixou bem claro que o proprietário deve ficar ciente que intervenções futuras no bem tombado requerem a aprovação prévia pelo órgão, mediante a concessão do alvará de reforma. Recomendou também que as intervenções que descaracterizarem o imóvel devem ser revertidas pelo Sr. Aldamir Pinto Fernandes. A equipe técnica deverá emitir um documento com orientações sobre intervenções em bens tombados. **6º assunto:** Proposta de Registro da Academia Varginhense de Letras, Artes e Ciências como patrimônio cultural de Varginha. A arquiteta Danielle relatou brevemente sobre o histórico da instituição atendendo ao pedido feito pelo Sr. José Roberto Sales, Presidente da Academia de Letras. Segundo ele, a intenção principal da Academia é preservar, promover, incentivar e divulgar atividades culturais, artísticas, literárias e científicas, cultivando a norma culta da Língua Portuguesa. **Deliberação:** Diante do exposto, o Conselho aprovou o pedido de registro provisório da Academia como patrimônio imaterial. A presidente pediu que a equipe técnica fizesse um estudo para a instauração do processo administrativo. **7º Assunto:** Retificação do Processo de Tombamento do Parque Dr. Mário Frota. A arquiteta Danielle solicitou a retificação do Processo de Tombamento do Conjunto Paisagístico do Parque Zoobotânico Dr. Mário Frota, alegando que referido processo irá ser





enviado para o ICMS exercício 2017 e que o mesmo não se encontra de acordo com a normativa nº 002/2015 do CONEP. **Deliberação:** O Conselho autorizou os atos de retificação do referido processo. **8º Assunto:** Parecer referente às Folias de Reis como patrimônio cultural de Varginha. O conselheiro Rafael Barros Filho emitiu parecer favorável sobre o registro das Folias de Reis como patrimônio cultural do Município. **Deliberação:** Diante da leitura do parecer do conselheiro, o Conselho aprovou o registro provisório. **9º Assunto:** Plano de Aplicação dos recursos do FUMPAC 2015. A arquiteta Danielle apresentou a planilha de custos para apreciação dos conselheiros. **Deliberação:** O Conselho aprovou o plano de aplicação para o ano vigente. Entretanto a Presidente fez uma ressalva quanto à pavimentação em bloco intertravado de concreto entre os trilhos da Antiga Estação Ferroviária. Alegou que o projeto deve ser previamente aprovado pela Ferrovia Centro Atlântica que detém os direitos sobre os trilhos. **10º Assunto:** Processo nº 4112/15: Licença para reforma sem alteração de área. A Arquiteta Danielle relatou que o imóvel localizado na Praça Governador Benedito Valadares, nº153, esquina com Rua Rezende Xavier, não é inventariado pelo município, mas se encontra inserido dentro do perímetro de entorno de tombamento do prédio da "Casa da Embratel", bem tombado pelo município, conforme Decreto nº 2.626/2001. Dessa forma, podendo sofrer as restrições impostas aos bens tombados e seu entorno. Informou que não há ressalvas para a liberação da reforma, já que o mesmo não interfere na ambiência, visibilidade ou integridade do bem tombado. **Deliberação:** Diante do exposto, o Conselho aprovou a reforma. **11º Assunto:** Criação do Programa de Estágio do CODEPAC. A arquiteta Danielle apresentou a minuta do programa de estágio remunerado para apreciação dos conselheiros e falou da importância de estruturar as atividades do Conselho. **Deliberação:** O Conselho aprovou o programa de estágio. A Presidente encerrou oficialmente a reunião às dezessete horas e vinte minutos. Nada mais havendo a tratar, foi lavrada a presente ata, que vai assinada por mim, Hian Adler Garcia Nogueira, *Hian Adler Garcia Nogueira*, oficial de administração da Fundação Cultural do Município de Varginha que a redigiu e lavrou; pela

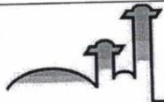


Presidente que presidiu os trabalhos e pelos que estiveram presentes na qualidade de conselheiros na reunião.

Paula Chaves Cincoetti.....*Paula Chaves Cincoetti*  
Giovana Azzalini Toledo de Melo.....*Giovana Azzalini Toledo de Melo*  
Rafael Barros Filho.....*Rafael Barros Filho*  
Aryanne Ribeiro.....  
Anny Meiry Albinatti Ramos.....*Anny Meiry Albinatti Ramos*



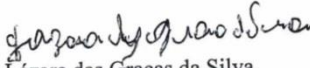
## 12. Declaração de Anuência da comunidade/representante

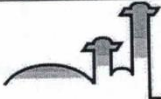
 <b>CODEPAC</b> Conselho Deliberativo do Patrimônio Cultural de Varginha Pça Matheus Tavares, 133 - Centro - CEP 37002-320 Tel. (35) 3690 - 2718	<b>Recibo de Notificação</b>
---	------------------------------

FLS.:	17
PROC.:	8990/2015
DATA:	08/07/15
ASS.:	Estefânia

Recebi notificação sobre o processo de registro das Folias de Reis como patrimônio cultural do Município de Varginha, ação com a qual eu e o grupo de foliões que oriento estamos em acordo.

Varginha, 25 de maio de 2015.

  
Lázara das Graças da Silva  
Mestre da Folia de Reis São Lázaro

 <p><b>CODEPAC</b> Conselho Deliberativo do Patrimônio Cultural de Varginha Pça Matheus Tavares, 133 - Centro - CEP 37002-320 Tel. (35) 3690 - 2718</p>	<p><b>Recibo de Notificação</b></p>
--	-------------------------------------


FLS.:	21
PROC.:	8990/2015
DATA:	08/07/15
ASS.:	Estefânia

Recebi notificação sobre o processo de registro das Folias de Reis como patrimônio cultural do Município de Varginha, ação com a qual eu e o grupo de foliões que oriento estamos em acordo.

Varginha, 25 de maio de 2015.

*Sebastião Eduardo*

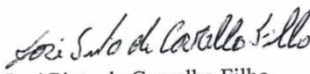
Sebastião Eduardo  
Mestre da Folia de Reis Nossa Senhora do Rosário


 <p><b>CODEPAC</b> Conselho Deliberativo do Patrimônio Cultural de Varginha Pça Matheus Tavares, 133 - Centro - CEP 37002-320 Tel. (35) 3690 - 2718</p>	<p><b>Recibo de Notificação</b></p>
--	-------------------------------------

FLS.:	23
PROC.:	8990/2015
DATA:	08/03/15
ASS.:	Estefânia

Recebi notificação sobre o processo de registro das Folias de Reis como patrimônio cultural do Município de Varginha, ação com a qual eu e o grupo de foliões que oriento estamos em acordo.

Varginha, 25 de maio de 2015.

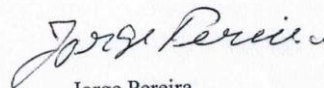
  
José Pinto de Carvalho Filho  
Mestre da Folia de Reis Rei dos Reis

 <b>CODEPAC</b> Conselho Deliberativo do Patrimônio Cultural de Varginha Pça Matheus Tavares, 133 - Centro - CEP 37002-320 Tel. (35) 3690 - 2718	<b>Recibo de Notificação</b>
--	------------------------------

FLS.:	25
PROC.:	8990/2015
DATA:	08/07/15
ASS.:	Estefânia

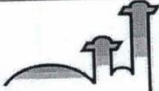
Recebi notificação sobre o processo de registro das Folias de Reis como patrimônio cultural do Município de Varginha, ação com a qual eu e o grupo de foliões que oriento estamos em acordo.

Varginha, 25 de maio de 2015.



Jorge Pereira  
Mestre da Folia de Reis São Jorge



 <p><b>CODEPAC</b> Conselho Deliberativo do Patrimônio Cultural de Varginha Pça Matheus Tavares, 133 - Centro - CEP 37002-320 Tel. (35) 3690 - 2718</p>	<p><b>Recibo de Notificação</b></p>
--	-------------------------------------

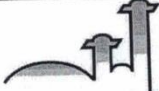
FLS.:	27
PROC.:	8990/2015
DATA:	08/07/15
ASS.:	Estefânia

Recebi notificação sobre o processo de registro das Folias de Reis como patrimônio cultural do Município de Varginha, ação com a qual eu e o grupo de foliões que oriento estamos em acordo.

Varginha, 25 de maio de 2015.



João Batista Fortunato  
Mestre da Folia de Reis São João Batista

 <p><b>CODEPAC</b> Conselho Deliberativo do Patrimônio Cultural de Varginha Pça Matheus Tavares, 133 - Centro - CEP 37002-320 Tel. (35) 3690 - 2718</p>	<p><b>Recibo de Notificação</b></p>
--	-------------------------------------


FLS.:	29
PROC.:	8990/2015
DATA:	08/07/15
ASS.:	Estefânia

Recebi notificação sobre o processo de registro das Folias de Reis como patrimônio cultural do Município de Varginha, ação com a qual eu e o grupo de foliões que oriento estamos em acordo.

Varginha, 25 de maio de 2015.

*Vitor Lúcio da Silva*

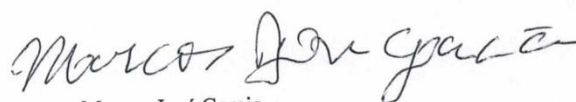
Vitor Lúcio da Silva  
Mestre da Folia de Reis Imaculada Mãe dos Anjos

 <p><b>CODEPAC</b> Conselho Deliberativo do Patrimônio Cultural de Varginha Pça Matheus Tavares, 133 - Centro - CEP 37002-320 Tel. (35) 3690 - 2718</p>	<p><b>Recibo de Notificação</b></p>
--	-------------------------------------

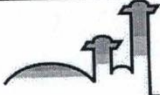
FLS.:	31
PROC.:	8990/2015
DATA:	08/07/15
ASS.:	Estefânia

Recebi notificação sobre o processo de registro das Folias de Reis como patrimônio cultural do Município de Varginha, ação com a qual eu e o grupo de foliões que oriento estamos em acordo.

Varginha, 25 de maio de 2015.



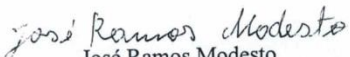
Marcos José Garcia  
Mestre da Folia de Reis São Marcos


 <p><b>CODEPAC</b> Conselho Deliberativo do Patrimônio Cultural de Varginha Pça Matheus Tavares, 133 - Centro - CEP 37002-320 Tel. (35) 3690 - 2718</p>	<p><b>Recibo de Notificação</b></p>
--	-------------------------------------

FLS.:	33
PROC.:	8990/2015
DATA:	08/07/15
ASS.:	Estelânia

Recebi notificação sobre o processo de registro das Folias de Reis como patrimônio cultural do Município de Varginha, ação com a qual eu e o grupo de foliões que oriento estamos em acordo.

Varginha, 25 de maio de 2015.

  
José Ramos Modesto  
Mestre da Folia de Reis Cardoso e Amigos

 <p><b>CODEPAC</b> Conselho Deliberativo do Patrimônio Cultural de Varginha Pça Matheus Tavares, 133 - Centro - CEP 37002-320 Tel. (35) 3690 - 2718</p>	<p><b>Recibo de Notificação</b></p>
--	-------------------------------------

FLS.:	35
PROC.:	8990/2015
DATA:	08/07/15
ASS.:	Estefânia

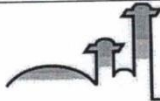
Recebi notificação sobre o processo de registro das Folias de Reis como patrimônio cultural do Município de Varginha, ação com a qual eu e o grupo de foliões que oriento estamos em acordo.

Varginha, 25 de maio de 2015.



Luiz Antônio de Souza  
Mestre da Folia de Reis Nossa Senhora do Carmo



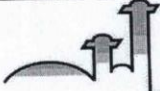
 <p><b>CODEPAC</b> Conselho Deliberativo do Patrimônio Cultural de Varginha Pça Matheus Tavares, 133 - Centro - CEP 37002-320 Tel. (35) 3690 - 2718</p>	<p><b>Recibo de Notificação</b></p>
--	-------------------------------------

FLS.:	37
PROC.:	8990/2015
DATA:	08/07/15
ASS.:	Estefânia

Recebi notificação sobre o processo de registro das Folias de Reis como patrimônio cultural do Município de Varginha, ação com a qual eu e o grupo de foliões que oriento estamos em acordo.

Varginha, 25 de maio de 2015.

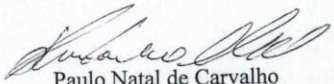
*Domingos Donagema*  
Domingos Donagema  
Mestre da Folia de Reis São Benedito

 <p><b>CODEPAC</b> Conselho Deliberativo do Patrimônio Cultural de Varginha Pça Matheus Tavares, 133 - Centro - CEP 37002-320 Tel. (35) 3690 - 2718</p>	<p><b>Recibo de Notificação</b></p>
--	-------------------------------------

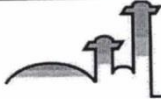
FLS.:	39
PROC.:	8990/2015
DATA:	08/07/15
ASS.:	Estefânia

Recebi notificação sobre o processo de registro das Folias de Reis como patrimônio cultural do Município de Varginha, ação com a qual eu e o grupo de foliões que oriento estamos em acordo.

Varginha, 25 de maio de 2015.

  
Paulo Natal de Carvalho  
Mestre da Folia de Reis Carvalho e Amigos



 <p><b>CODEPAC</b> Conselho Deliberativo do Patrimônio Cultural de Varginha Pça Matheus Tavares, 133 - Centro - CEP 37002-320 Tel. (35) 3690 - 2718</p>	<p><b>Recibo de Notificação</b></p>
--	-------------------------------------


FLS.:	47
PROC.:	8990/2015
DATA:	08/07/15
ASS.:	Estefânia

Recebi notificação sobre o processo de registro das Folias de Reis como patrimônio cultural do Município de Varginha, ação com a qual eu e o grupo de foliões que oriento estamos em acordo.

Varginha, 25 de maio de 2015.

  
Sérgio de Assis  
Mestre da Folia de Reis Família Assis



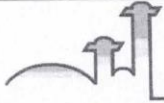
 <p><b>CODEPAC</b> Conselho Deliberativo do Patrimônio Cultural de Varginha Pça Matheus Tavares, 133 - Centro - CEP 37002-320 Tel. (35) 3690 - 2718</p>	<p><b>Recibo de Notificação</b></p>
--	-------------------------------------

FLS.:	49
PROC.:	8990/2015
DATA:	08/07/15
ASS.:	Estefânia

Recebi notificação sobre o processo de registro das Folias de Reis como patrimônio cultural do Município de Varginha, ação com a qual eu e o grupo de foliões que oriento estamos em acordo.

Varginha, 25 de maio de 2015.

  
Fábio Dominguet  
Mestre da Folia de Reis Lenço Preto

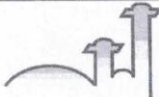
 <p><b>CODEPAC</b> Conselho Deliberativo do Patrimônio Cultural de Varginha Pça Matheus Tavares, 133 - Centro - CEP 37002-320 Tel. (35) 3690 - 2718</p>	<p>Recibo de Notificação</p>
--	------------------------------

Recebi notificação sobre o processo de registro das Folias de Reis como patrimônio cultural do Município de Varginha, ação com a qual eu e o grupo de foliões que oriento estamos em acordo.

Varginha, 31 de março de 2016.

*Sebastião Bento da Silva*

Sebastião Bento da Silva  
Mestre da Folia de Reis Nossa Senhora da Guia


 <p><b>CODEPAC</b> Conselho Deliberativo do Patrimônio Cultural de Varginha Pça Mathews Tavares, 133 - Centro - CEP 37002-320 Tel. (35) 3690 - 2718</p>	<p>Recibo de Notificação</p>
--	------------------------------

Recebi notificação sobre o processo de registro das Folias de Reis como patrimônio cultural do Município de Varginha, ação com a qual eu e o grupo de foliões que oriento estamos em acordo.

Varginha, 31 de março de 2016.




Valdomiro Reis Veríssimo  
Mestre da Folia de Reis Estrela Brillhante

 <p><b>CODEPAC</b> Conselho Deliberativo do Patrimônio Cultural de Varginha Pça Matheus Tavares, 133 - Centro - CEP 37002-320 Tel. (35) 3690 - 2718</p>	<p><b>Recibo de Notificação</b></p>
--	-------------------------------------

Recebi notificação sobre o processo de registro das Folias de Reis como patrimônio cultural do Município de Varginha, ação com a qual eu e o grupo de foliões que oriento estamos em acordo.

Varginha, 31 de março de 2016.

*Rogel Manoel Silva*  
Maria Cristina Irineu  
Mestre da Folia de Reis São José

 <p><b>CODEPAC</b> Conselho Deliberativo do Patrimônio Cultural de Varginha Pça Matheus Tavares, 133 - Centro - CEP 37002-320 Tel. (35) 3690 - 2718</p>	<p><b>Recibo de Notificação</b></p>
--	-------------------------------------

Recebi notificação sobre o processo de registro das Folias de Reis como patrimônio cultural do Município de Varginha, ação com a qual eu e o grupo de foliões que oriento estamos em acordo.

Varginha, 31 de março de 2016.



Expedito de Fátima Flausino  
Mestre da Folia de Reis Santo Expedito

## 13. Ata que delibera sobre o registro

1



Ata da 150ª (centésima quadragésima sétima) reunião do Conselho Deliberativo Municipal do Patrimônio Cultural – CODEPAC, realizada em caráter ordinário aos vinte e seis dias do mês de agosto de dois mil e quinze, na sede da Fundação Cultural do Município de Varginha, situada à Praça Matheus Tavares, número cento e vinte e um, Centro, nesta cidade de Varginha, em Minas Gerais. Reuniram-se os membros do CODEPAC, regularmente convocados mediante correspondência eletrônica. Estabeleceu-se o *quorum* com a presença da Presidente do CODEPAC, Paula Chaves Cincoetti, Advogada, Giovana Azzalini Toledo de Melo; Estudante de Arquitetura, Rafael Barros Filho, Repórter e Historiador e Anny Meiri Albinatti Ramos, Diretora da Casa da Cultura. Participaram também desta reunião, a Arquiteta Danielle de Souza Guimarães, servidora da Fundação Cultural do Município de Varginha e membro suplente do Conselho. A Presidente do CODEPAC deu início à abertura dos trabalhos e expôs os assuntos em pauta:

**1º assunto:** Homologação do Registro das Folias de Reis de Varginha. A Arquiteta Danielle informou aos conselheiros a respeito da homologação do Registro das Folias de Reis de Varginha como patrimônio cultural imaterial do município. **Deliberação:** O Conselho tomou ciência. **2º assunto:** Plano de Salvaguarda das Folias de Reis de Varginha. O plano foi exposto brevemente pela Arquiteta Danielle ao colegiado. **Deliberação:** Após análise, o Conselho aprovou o plano. **3º assunto:** Informes sobre retificação dos processos de tombamento dos Parques São Francisco de Assis e Zoobotânico Dr. Mário Fota. Foi informado aos conselheiros que os processos em epígrafe cumpriram todos os trâmites legais. **Deliberação:** O Conselho tomou ciência. **4º Assunto:** Veículo publicitário irregular ao lado de bem tombado. Em virtude do ocorrido próximo a Casa da Cultura “Casa da Embratel”, situada à Praça Gov. Benedito Valadares, 141, onde uma placa foi instalada ultrapassando os limites estabelecidos, surgiu a necessidade de se criar procedimentos para aprovação de veículo publicitário em bens tombados. **Deliberação:** Diante do



exposto, o Conselho sugeriu que fossem criadas normas para a instalação de veículos publicitários no entorno de bens tombados e que devem ser aprovados previamente pelo Conselho. **5º assunto:** Reforma sem alteração de área da Escola Afonso Pena. A Arquiteta Danielle elencou as reformas a serem realizadas no edifício em questão: adequação dos sanitários masculinos de acordo com a NBR 9050 e recuperação das portas e janelas que se encontram em estado regular de conservação. **Deliberação:** Diante do exposto, o Conselho aprovou as reformas solicitadas. **6º assunto:** Plano de execução de inventário de 2015 para o exercício de 2017. A Arquiteta Danielle apresentou o cronograma para o ano vigente. E mencionou também que estão previstos para o ano de 2015 Área I (urbana/antiga) as categorias de bens móveis e integrados, fontes arquivísticas e de natureza imaterial. Já para Área II (urbana) de setores 1 a 5 serão inventariados estruturas arquitetônicas e urbanísticas, bens móveis, fontes arquivísticas e bens de natureza imaterial.. **Deliberação:** O Conselho, diante do exposto pela Arquiteta Danielle de Souza Guimarães, decidiu aprovar a execução do plano de inventário conforme supracitado. Nada mais havendo a tratar, foi lavrada a presente ata, que vai assinada por mim, Hian Adler Garcia Nogueira, Oficial Administrativo da Fundação Cultural de Varginha que a redigiu e lavrou; pela Presidente que presidiu os trabalhos e pelos que estiveram presentes na qualidade de conselheiros na reunião.

Paula Chaves Cincoetti.....  
 Giovana Azzalini Toledo de Melo.....  
 Rafael Barros Filho.....  
 Anny Meiri Albinatti Ramos.....

## 14. Publicidade da deliberação do Conselho sobre o Registro

VARGINHA - ÓRGÃO OFICIAL DO MUNICÍPIO, 30 DE JULHO DE 2015

17

ATOS DO PODER EXECUTIVO

ANO XVII - nº 989

Assistência Social

**Parágrafo único.** O funcionamento das entidades e organizações de assistência social e defesa de direitos depende de prévia inscrição no Conselho Municipal de Assistência Social.

**Art. 13.** A instância deliberativa do SUAS, de caráter permanente e composição paritária entre governo e sociedade civil é o Conselho Municipal de Assistência Social.

### CAPÍTULO IV DO CONSELHO MUNICIPAL DE ASSISTÊNCIA SOCIAL

**Art. 14.** O Conselho Municipal de Assistência Social – CMAS constitui-se uma instância de controle social, deliberativa e fiscalizadora do SUAS, de caráter permanente e composição paritária, cujos membros serão nomeados pelo Prefeito.

**Parágrafo único.** O Conselho Municipal de Assistência Social está vinculado à Secretaria Municipal de Habitação e Desenvolvimento Social - SEHAD, que deve prover a infraestrutura necessária ao seu funcionamento, garantindo recursos materiais, humanos e financeiros, e arcando com despesas de passagens, traslados, alimentação e hospedagem dos conselheiros, tanto do governo como da sociedade civil, quando estiverem no exercício de suas atribuições.

**Art. 15.** O Conselho Municipal de Assistência Social tem como principais atribuições:  
I – deliberação e fiscalização a execução da Política Municipal de Assistência Social e seu financiamento, em consonância com as diretrizes propostas na Conferência Municipal de Assistência Social que deverá acontecer a cada dois anos;

II – aprovar o Plano Plurianual da área da Assistência e o Plano Municipal de Assistência Social anualmente;

III – apreciar e aprovar a proposta orçamentária para a área social e o plano de aplicação do fundo, com a definição dos critérios de partilha dos recursos, exercidas em cada instância em que estão estabelecidos;

IV – normatizar, disciplinar, acompanhar, avaliar e fiscalizar os serviços de assistência social, prestados pela rede sócio-assistencial, que inclui entidades governamentais e não-governamentais, definindo os padrões de qualidade de atendimento e estabelecendo os critérios para o repasse de recursos financeiros (art.18 da Lei nº 8.742, de 7 de dezembro de 1993).

### CAPÍTULO V DO FUNDO MUNICIPAL DE ASSISTÊNCIA SOCIAL

**Art. 16.** O Fundo Municipal de Assistência Social – FMAS, unidade orçamentária, instrumento de captação e aplicação de recursos, tem por objetivo proporcionar recursos e meios para o financiamento das ações da Política de Assistência Social, destacadas na LOAS como benefícios, serviços, programas e projetos da área de assistência social.

**Art. 17.** Constituirão receitas do Fundo Municipal de Assistência Social – FMAS:

I - recursos consignados na Lei orçamentária anual do Município;

II - recursos provenientes da transferência dos Fundos Nacional e Estadual de Assistência Social;

III - doações, de pessoas físicas ou jurídicas, públicas ou privadas, nacionais e/ou internacionais;

IV - receitas de aplicações financeiras de recursos do Fundo, realizadas na forma da Lei;

V - outras receitas que venham a ser legalmente constituídas.

**Parágrafo único.** O saldo financeiro do exercício apurado em balanço será utilizado em exercício subsequente e incorporado ao orçamento do FMAS.

**Art. 18.** O FMAS é gerido pela Secretaria Municipal de Habitação e Desenvolvimento Social - SEHAD, responsável pela Política de Assistência Social, sob orientação e controle do Conselho Municipal de Assistência Social.

**§ 1º** A proposta orçamentária do Fundo Municipal de Assistência Social – FMAS deverá ser aprovada pelo Conselho Municipal de Assistência Social e constar na Lei de Diretrizes Orçamentárias.

**§ 2º** O orçamento do Fundo Municipal de Assistência Social integrará o orçamento da Secretaria Municipal de Habitação e Desenvolvimento Social – SEHAD.

### CAPÍTULO VI DO PLANO MUNICIPAL DE ASSISTÊNCIA SOCIAL

**Art. 19.** O Plano Municipal de Assistência Social será elaborado anualmente e será pactuado com o Conselho Municipal de Assistência Social, devendo conter entre suas metas: (sugestões – pode acrescentar outras).

I - a reestruturação da Secretaria de acordo com as diretrizes da NOB/SUAS 2012;

II - a reorganização do Sistema Municipal de Assistência Social de acordo com o Sistema Único de Assistência Social;

III - ações de fortalecimento do Conselho Municipal de Assistência Social com previsão de recursos alocados no Orçamento Municipal (LDO);

IV - criação da Rede Municipal de Proteção Social;

V - construção e manutenção dos sistemas de informação, monitoramento e avaliação de impacto dos benefícios, serviços, programas e projetos de enfrentamento a pobreza;

VI - elaboração e publicação de indicadores e padrões sociais de qualidade para as políticas setoriais de atenção a família, criança, adolescente, idoso e portador de deficiência.

**Art. 20.** Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Mando, portanto, a todas as autoridades a quem o conhecimento e execução desta Lei pertencer, que a cumpram e a façam cumprir, tão inteiramente como nela se contém.

**Prefeitura do Município de Varginha, 20 de julho de 2015; 132º da Emancipação Político-Administrativa do Município.**

ANTÔNIO SILVA  
PREFEITO MUNICIPAL  
MIRIAN LÉDA AGUIAR OLGADO  
SECRETÁRIA MUNICIPAL DE ADMINISTRAÇÃO  
CARLOS HONÓRIO OTTONI JÚNIOR  
SECRETÁRIO MUNICIPAL DE GOVERNO  
JOSE MANOEL MAGALHÃES FERREIRA  
SECRETÁRIO MUNICIPAL DE HABITAÇÃO E DESENVOLVIMENTO SOCIAL

LEI Nº 6.064

**ALTERA REDAÇÃO DO ARTIGO 3º DA LEI MUNICIPAL Nº 5.941/2014 QUE "AUTORIZA A EMPRESA ELECTRO PLASTIC S/A A OFERECER IMÓVEL EM GARANTIA DE FINANCIAMENTO, EM HIPOTECA DE 1º GRAU".**

O Povo do Município de Varginha, Estado de Minas Gerais, por seus representantes na Câmara Municipal, aprovou e eu, em seu nome, sanciono a seguinte Lei.

**Art. 1º** Fica alterada a redação do artigo 3º da Lei Municipal nº 5.941/2014, que "AUTORIZA A EMPRESA ELECTRO PLASTIC S/A A OFERECER IMÓVEL EM GARANTIA DE FINANCIAMENTO, EM HIPOTECA DE 1º GRAU", passando a ter a seguinte redação:

**"Art. 3º** A autorização de que trata esta Lei está vinculada exclusivamente a financiamentos destinados à expansão da unidade industrial da empresa e/ou alocação de recursos para compra de equipamentos necessários à sua atividade industrial, bem como para aquisição de matérias-primas, como forma de incentivo público para a geração adicional de, aproximadamente, 250 (duzentos e cinquenta) novos empregos diretos e faturamento anual estimado da ordem de trezentos milhões de reais a partir de 2016, tudo conforme Adendo ao Termo de Protocolo firmado, que passa a fazer parte integrante desta Lei.

**Art. 2º** Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Mando, portanto, a todas as autoridades a quem o conhecimento e execução desta Lei pertencer, que a cumpram e a façam cumprir, tão inteiramente como nela se contém.

**Prefeitura do Município de Varginha, 21 de julho de 2015; 132º da Emancipação Político-Administrativa do Município.**

ANTÔNIO SILVA  
PREFEITO MUNICIPAL  
MIRIAN LÉDA AGUIAR OLGADO  
SECRETÁRIA MUNICIPAL DE ADMINISTRAÇÃO  
CARLOS HONÓRIO OTTONI JÚNIOR  
SECRETÁRIO MUNICIPAL DE GOVERNO  
VERDILÚCIO MELO  
SECRETÁRIO MUNICIPAL DE PLANEJAMENTO URBANO  
PEDRO ANTÔNIO LOPES GAZZOLA  
SECRETÁRIO MUNICIPAL DE INDÚSTRIA E TECNOLOGIA

### DECRETOS

DECRETO Nº 7.343/2015

**INSTITUI O REGISTRO DE BENS CULTURAIS DE NATUREZA IMATERIAL QUE CONSTITUEM O PATRIMÔNIO CULTURAL DO MUNICÍPIO DE VARGINHA E DÁ OUTRAS PROVIDÊNCIAS.**

O Prefeito do Município de Varginha, Estado de Minas Gerais, no uso de suas atribuições legais e

**CONSIDERANDO** o disposto no art. 185 da Lei Orgânica do Município de Varginha;

**D E C R E T A :**

**Art. 1º** Fica instituído o registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial que constituem o patrimônio cultural do Município de Varginha.

**§ 1º** O registro a que se refere o caput, se fará em um dos seguintes livros:

I - Livro de Registro dos Saberes: onde serão inscritos conhecimentos, modos de fazer e saberes enraizados no cotidiano dos grupos sociais ou comunidades;

II - Livro de Registro das Celebrações: onde serão inscritos festas e rituais que marcam práticas sociais ligadas ao trabalho, à religiosidade, ao lazer, dentre outras práticas da vida social;

III - Livro de Registro das Formas de Expressão: onde serão inscritas manifestações literárias, musicais, plásticas, folclóricas, cênicas e lúdicas que constituem referência cultural de grupos sociais;

IV - Livro de Registro dos Lugares: onde serão inscritos espaços de referência às memórias, como feiras, mercados, santuários, praças, paisagens e demais espaços onde se reproduzem práticas culturais coletivas;

V - Livro de Registro dos Mestres da Cultura Popular: onde serão inscritos nomes de pessoas que tenham conhecimentos ou técnicas necessárias para a produção e preservação de determinada cultura tradicional.

**§ 2º** A inscrição em um dos livros de registro terá sempre como referência a continuidade histórica do bem e sua relevância municipal para a memória, a identidade e a formação da sociedade varginhense.

**§ 3º** Poderá ser reconhecida como sítio cultural de Varginha área de relevante interesse para o patrimônio cultural da cidade, visando à implementação de política específica de inventário, referenciamento e valorização desse patrimônio.

**§ 4º** Outros livros poderão ser abertos pelo Conselho Deliberativo Municipal do Patrimônio Cultural de Varginha para a inscrição de bens culturais de natureza imaterial que constituem patrimônio cultural de Varginha e não se enquadram nos livros definidos no parágrafo 1º deste artigo.

**Art. 2º** São partes legítimas para provocar a instauração do processo de registro:

I - a Superintendência da Fundação Cultural do Município de Varginha;

II - o Conselho Deliberativo Municipal do Patrimônio Cultural de Varginha - CODEPAC;

III - as Secretarias Municipais ou órgãos da Administração Municipal;

IV - Conselho Municipal de Incentivo à Cultura - COMIC;

V - O Poder Legislativo Municipal;

VI - as sociedades ou associações civis ligadas ao bem cultural em questão;

**Art. 3º** As propostas de registro, acompanhadas de documentação técnica, serão encaminhadas ao Conselho Deliberativo Municipal do Patrimônio Cultural de Varginha - CODEPAC para análise e deliberação.

**§ 1º** A instrução dos processos de registro será supervisionada pelo Órgão Executivo do Patrimônio Cultural.

**§ 2º** A instrução constará de descrição pormenorizada do bem a ser registrado, acompanhada da documentação correspondente e deverá mencionar todos os elementos que lhe sejam



culturalmente relevantes.

§ 3º A instrução dos processos poderá, por solicitação do Órgão Executivo Municipal de proteção do patrimônio, ser complementada com informações de outras entidades, públicas ou privadas, que detentem conhecimentos específicos sobre a matéria, nos termos do regulamento a ser expedido pelo Conselho Deliberativo Municipal do Patrimônio Cultural de Varginha - CODEPAC.

§ 4º O parecer do CODEPAC será publicado no Diário Oficial do Município para eventuais pronunciamentos da sociedade em geral sobre o registro, que deverão ser apresentados ao Conselho no prazo de até 30 (trinta) dias, contados da data de publicação do parecer.

Art. 4º O processo de registro já instruído com as eventuais manifestações apresentadas, será levado à decisão do Chefe do Executivo.

Art. 5º Em caso de decisão favorável do Prefeito, o bem será inscrito no livro correspondente e receberá o título de "Patrimônio Cultural do Município de Varginha".  
Parágrafo único. Caberá ao CODEPAC determinar a abertura, quando for o caso, de novo livro de Registro, em atendimento ao disposto no § 4º do artigo 1º deste Decreto.

Art. 6º A Fundação Cultural do Município de Varginha cabe assegurar ao bem registrado:  
I - documentação por todos os meios técnicos admitidos, cabendo ao Órgão Executivo Municipal do Patrimônio Cultural manter banco de dados com o material produzido durante a instrução do processo;  
II - ampla divulgação e promoção.

Parágrafo único. A Fundação Cultural do Município de Varginha poderá propor a criação de outras formas de incentivo para a manutenção dos bens registrados.

Art. 7º O Órgão Executivo do Patrimônio Cultural fará a reavaliação dos bens culturais registrados, pelo menos a cada 10 (dez) anos e a encaminhará ao CODEPAC para decidir sobre a revalidação do título de "Patrimônio Cultural do Município de Varginha".

Parágrafo único. Negada a revalidação, será mantido apenas o registro, como referência cultural de seu tempo.

Art. 8º Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Prefeitura do Município de Varginha, 26 de junho de 2015.

ANTÔNIO SILVA  
PREFEITO MUNICIPAL  
MIRIAN LÉDA AGUIAR OLGADO  
SECRETÁRIA MUNICIPAL DE ADMINISTRAÇÃO  
CARLOS HONÓRIO OTTONI JÚNIOR  
SECRETÁRIO MUNICIPAL DE GOVERNO

DECRETO Nº 7.357/2015

HOMOLOGA TOMBAMENTO DO CONJUNTO PAISAGÍSTICO DO PARQUE FLORESTAL SÃO FRANCISCO DE ASSIS.

O Prefeito em exercício do Município de Varginha, Estado de Minas Gerais, usando de suas atribuições legais e em conformidade com o artigo 5º do Decreto Municipal nº 2.142, de 09 de outubro de 1997 e:

**CONSIDERANDO** que a preservação histórica, ambiental são questões indissociáveis da existência do homem;

**CONSIDERANDO** que o Parque São Francisco contextualiza-se no Domínio da Mata Atlântica, bioma que apresenta percentual reduzido de remanescentes florestais protegidos sob a forma de unidades de conservação;

**CONSIDERANDO** que a área do Parque São Francisco, por se constituir em remanescente de ecótono de cerrado e Mata Atlântica, possui grande relevância ambiental para o Município e para o meio científico;

**CONSIDERANDO** que o Parque São Francisco deve ser visto como uma das áreas prioritárias para conservação da Mata Atlântica no Estado de Minas Gerais devido a sua importância ecológica pelo fato de estar em área de ecótono entre o Cerrado e Mata Atlântica;

**CONSIDERANDO** que é uma unidade de conservação de proteção integral, cujo objetivo é preservar ecossistemas naturais de grande relevância ecológica e beleza cênica, possibilitando a realização de pesquisas científicas e o desenvolvimento de atividades de educação e interpretação ambiental, de recreação em contato com a natureza e de turismo ecológico no Município;

**CONSIDERANDO** que o Parque São Francisco em conjunto com as demais unidades de conservação que existem no bioma da Mata Atlântica, contribuem para a conservação da diversidade biológica por meio do delineamento de instrumentos que viabilizem a participação efetiva das populações locais em sua gestão, bem como oportunizem o apoio e a cooperação de organizações não governamentais, de organizações privadas e pessoas físicas para o desenvolvimento de estudos, que garantam os processos ecológicos;

**CONSIDERANDO** que ocupa a 33ª posição, em termos de área protegida, na lista de Parques Municipais da Região Sudeste;

**CONSIDERANDO** que o Parque São Francisco busca resguardar e proteger amostra do ecótono Mata Atlântica/Cerrado e diversas espécies importantes da flora e fauna mineira;

**CONSIDERANDO** a sugestão do tombamento do CONJUNTO PAISAGÍSTICO DO PARQUE FLORESTAL SÃO FRANCISCO DE ASSIS, localizado no Bairro São Francisco, nesta cidade, pelo Conselho Deliberativo Municipal do Patrimônio Cultural de Varginha;

**CONSIDERANDO** as condições históricas, ambientais e culturais do referido conjunto;  
**CONSIDERANDO** o teor do Processo Administrativo nº 2.907/2000, que revela a implementação de todas as fases procedimentais do tombamento;

**D E C R E T A :**

Art. 1º Fica homologado o tombamento do CONJUNTO PAISAGÍSTICO DO PARQUE FLORESTAL SÃO FRANCISCO DE ASSIS, localizado no Bairro São Francisco, nesta cidade, pelo Conselho Deliberativo Municipal do Patrimônio Cultural de Varginha.

Art. 2º Em razão da homologação do tombamento de que trata o artigo anterior, deverão ser procedidos os assentamentos legais, principalmente no LIVRO DO TOMBO, estabelecido no artigo 3º da Lei Municipal nº 2.896, de 08 de abril de 1997.

Art. 3º O Conselho Deliberativo Municipal do Patrimônio Cultural de Varginha, deverá dar

conhecimento ao proprietário do bem cultural sobre o tombamento, mesmo que seja ele ente público.

Art. 4º As autoridades e órgãos municipais, vinculados à preservação do patrimônio tombado, deverão fazer cumprir os termos da Lei Municipal nº 2.896, de 08 de abril de 1997, de modo a assegurar os direitos e deveres ali estabelecidos.

Art. 5º Este Bem Cultural fica sujeito às diretrizes de proteção estabelecidas pela Lei Municipal nº 2.896, de 08 de abril de 1997, não podendo ser destruído, mutilado ou sofrer intervenções sem a prévia deliberação do Conselho Deliberativo Municipal do Patrimônio Cultural de Varginha - CODEPAC e aprovação da Secretaria Municipal de Meio Ambiente - SEMEA.

Art. 6º Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário, especialmente o Decreto nº 3.578 e retroagindo os seus efeitos a 18 de novembro de 2004.

Prefeitura do Município de Varginha, 13 de julho de 2015.

VÉRCI LÚCIO MELO  
PREFEITO MUNICIPAL, EM EXERCÍCIO  
MIRIAN LÉDA AGUIAR OLGADO  
SECRETÁRIA MUNICIPAL DE ADMINISTRAÇÃO  
CARLOS HONÓRIO OTTONI JÚNIOR  
SECRETÁRIO MUNICIPAL DE GOVERNO

DECRETO Nº 7.374/2015

HOMOLOGA O REGISTRO DAS FOLIAS DE REIS COMO PATRIMÔNIO CULTURAL DO MUNICÍPIO DE VARGINHA.

O Prefeito do Município de Varginha, Estado de Minas Gerais, usando de suas atribuições legais e em conformidade com o artigo 5º do Decreto Municipal nº 7.159, de 20 de janeiro de 2015 e:

**CONSIDERANDO** que a preservação dos valores históricos, antropológicos, sociológicos e culturais são questões indissociáveis da existência do homem;

**CONSIDERANDO** que a Folia de Reis é uma festa popular folclórica, que por meio da tradição e da memória oral, se mantém viva em seus costumes e crenças revelando a identidade cultural de um povo;

**CONSIDERANDO** que a proteção por meio de registro da manifestação cultural, não só reconhecerá esses valores como também proporcionará a busca pela sua salvaguarda que simboliza o ato da celebração de grupos importantes para o município de Varginha;

**CONSIDERANDO** o valor histórico e cultural do Movimento das Folias de Reis do Município de Varginha, que dão reconhecida tradição no Município, cujos ensinamentos são passados de geração em geração, fazendo com que seja uma das expressões culturais de alcance regional;

**CONSIDERANDO** a importância destes grupos folclóricos enquanto elementos caracterizadores da identidade religiosa e cultural da cidade de Varginha;

**CONSIDERANDO** que a tradição desta manifestação, no Município de Varginha, age de maneira contributiva para a perpetuação do fenômeno e no combate ao esquecimento da identidade da comunidade que o pratica;

**CONSIDERANDO** que em Varginha as folias apresentam um efetivo poder de agregação social, para além de toda sua importância no que tange as construções das memórias individuais, tanto daqueles que participam como foliões, como daqueles que a recebem;

**CONSIDERANDO** que o registro das Folias de Reis como bem cultural imaterial do Município de Varginha contribui não só para o resgate e consolidação da memória como também para a reconstrução de um jeito de ser, de pensar e de agir que funciona como âncora identitária da cidade;

**CONSIDERANDO** que as Folias de Reis de Varginha constitui um movimento importante de resguardo sociocultural, não apenas da cidade, mas das tradições mineiras e brasileiras, levando-se em consideração os movimentos mais amplos que envolvem as folias pelo Brasil;

**CONSIDERANDO** que o registro constitui um estímulo a que as Folias de Reis de Varginha permaneçam ativas e conservem seus saberes, visto que esta manifestação enriquece o acervo cultural do povo varginhense;

**CONSIDERANDO** a sugestão do registro das FOLIAS DE REIS DE VARGINHA como patrimônio cultural do município, pelo Conselho Deliberativo Municipal do Patrimônio Cultural de Varginha;

**CONSIDERANDO** as condições históricas, antropológicas, sociológicas e culturais da referida celebração;

**CONSIDERANDO** o teor do Processo Administrativo nº 8.990/2015, que revela a implementação de todas as fases procedimentais do registro;

**D E C R E T A :**

Art. 1º Fica homologado o registro das FOLIAS DE REIS DE VARGINHA como patrimônio cultural do município, pelo Conselho Deliberativo Municipal do Patrimônio Cultural de Varginha;

Art. 2º Em razão da homologação do registro de que trata o artigo anterior, deverão ser procedidos os assentamentos legais, principalmente no LIVRO DE REGISTRO DAS CELEBRAÇÕES, estabelecido no inciso II, § 1º do art. 1º do Decreto 7.159, de 20 de janeiro de 2015.

Art. 3º As autoridades e órgãos municipais, vinculados à preservação do patrimônio registrado, deverão fazer cumprir os termos do Decreto 7.159, de 20 de janeiro de 2015, de modo a assegurar os direitos e deveres ali estabelecidos.

Art. 4º Fica vedada a descaracterização do Movimento da Folia de Reis do Município de Varginha.

Art. 5º Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Prefeitura do Município de Varginha, 21 de julho de 2015.

ANTÔNIO SILVA  
PREFEITO MUNICIPAL  
MIRIAN LÉDA AGUIAR OLGADO  
SECRETÁRIA MUNICIPAL DE ADMINISTRAÇÃO  
CARLOS HONÓRIO OTTONI JÚNIOR  
SECRETÁRIO MUNICIPAL DE GOVERNO



## Secretaria elabora Plano Municipal de Educação

### Com projeto novo, Varginha terá consulta pública para construção do plano



A intenção é que todos conheçam o panorama educacional do município e possam colaborar com ideias diversificadas na elaboração do texto base do plano.

A Secretaria municipal de educação de Varginha, está trabalhando na elaboração do "Plano Municipal de Educação" e para isso, constituiu uma Equipe Técnica e uma Comissão Representativa da Sociedade, com a participação de membros de diversos segmentos da área educacional do município. O grupo teve a tarefa de construir o diagnóstico da Educação na cidade para em seguida, construir o texto base do plano. A "Análise Situacional" foi o ponto de partida para a elaboração de estratégias reais que contribuirão para o alcance das metas propostas.

A equipe responsável pela idealização do plano, abriu o projeto para a participação da população também. Os municípios poderão participar da construção do documento

acessando o portal da Secretaria Municipal de Educação e apresentarem suas contribuições.

Segundo a secretária, é importante que os interessados em colaborar, leiam os documentos disponíveis, como "Análise Situacional". A intenção é que todos conheçam o panorama educacional do município e possam colaborar com ideias diversificadas na elaboração do texto base do plano.

A contribuição para a meta/estratégica na Consulta Pública, está disponível no endereço: <http://goo.gl/forms/Q3LkavjRM>. A Consulta Pública ficará aberta até as 23:59 horas do dia 24/05/2015. Todas as sugestões serão encaminhadas para a análise da Comissão Técnica. Após a finalização da Consulta Pública, o Plano será apresentado à sociedade em uma Audiência Pública no dia 27 de maio, às 13:30 horas no Teatro Capitólio.

### Prefeitura prossegue com obra na Praça Odorico Venga, no Bom Pastor

A Praça Odorico Venga, que fica no final da avenida Wilson Salgado, no bairro Bom Pastor, vai ganhar, além da Academia de Rua, um ponto de ônibus. De acordo com a Prefeitura de Varginha, será um abrigo com base para estacionamento do ônibus, banco e cobertura para oferecer maior conforto à população que utiliza o Transporte Coletivo Urbano. Chefe de gerenciamento de bens da Secretaria Municipal de Esportes (Semel), Marcelo Tip Top explica que as obras já começaram. "Fizemos feitas as valas, o piso já está sendo preparado para receber os equipamentos de ginástica e vamos concluir a base no abrigo de ônibus", disse.

### Atividades mudaram de local temporariamente

Durante o período em que a Prefeitura executa obras na Praça Odorico Venga, o grupo que faz exercícios ministrados pela Semel, agora se reúne no salão da Igreja do Bom Pastor. A turma é, aproximadamente 45 pessoas, faz ginástica segunda-feira, das



Além de Academia de Rua, local ganhará abrigo de ônibus.

### Vereador pede limpeza em terrenos no bairro Sion

Quando atender às reivindicações dos municípios, o vereador Henrique Lemos apresentou uma indicação na Câmara de Varginha para que sejam tomadas as providências necessárias para a limpeza de terrenos baldios localizados na Av. Anônimo Frederico Osiama no bairro Sion.

Segundo o vereador, os moradores relatam que o local está tomado pelo mato alto e tem sido utilizado como depósito de lixo e entulhos.

"A vegetação elevada e o acúmulo de lixo favorecem a proliferação de insetos, roedores e animais peçonhentos que colocam em risco a saúde da população. O problema cria uma situação de insalubridade e riscos diversos, aos moradores e trabalhadores que utilizam a via diáspora", disse Henrique Lemos.



FLS.: 12  
PROC.: 8990/2015  
DATA: 08/07/15  
ASS: Estefânia

### Folia de Reis se tornam patrimônio cultural em Varginha

A Folia de Reis passou a integrar o folclore do município de Varginha - MG em meados de 1930, quando o senhor Arlindo Cardoso fundou a companhia de santos reis "Cardoso e Amigos". As festas já foram

celebradas em frente à antiga Cadeia Pública e no Largo da Matriz até finalmente chegarem à Concha Acústica, local onde acontecem atualmente. A preocupação em preservar os grupos fundamenta-se na real importância destes enquanto



elementos caracterizadores da identidade religiosa e cultural de Varginha. Os saberes dos foliões de Reis, enquanto uma atividade tradicional e de identidade popular, estão entre os bens culturais imateriais. As folias apresentam-se como celebrações de costumes que transcendem as gerações. Além disso, em muitas localidades, festas culturais e religiosas se mostram como

excelentes atrativos turísticos, a que poderia ser proveitoso para o desenvolvimento da cidade. Diante do exposto, o Conselho Deliberativo Municipal do Patrimônio Cultural de Varginha aprovou, em 13 de maio de 2015, o registro das Folias de Santos Reis da cidade, reforçando a manutenção da celebração, agregando valor à comunidade e possibilitando a socializarização da população.



## As portas da Câmara estão abertas para você

Our work is to defend your proposals for the city, for itself, to the Chamber, for your participation.

For you to choose how and when to communicate with us, we are in various social media, such as Facebook, YouTube and Twitter, in addition to this, you can access our website and accompany our work on TV Cabo or on the radio. And for those who want to accompany our work personally, it is only necessary to appear in the Chamber on the days of session.

We are open doors for you and walking towards a better future for Varginha.

- facebook.com /camaradevereadoresdevarginha
- twitter.com /camaravarginha
- camaradevarginha.mg.gov.br
- youtube.com /camaradevarginha

Sessões todas as segundas e quartas a partir das 18h Praça Governador Benedito Valadares, 11

acompanhe também o trabalho da Câmara: TV CABO e RÁDIO



25/05/2015

Conselho Deliberativo do Patrimônio Cultural de Varginha aprova registro das Folias de Santos Reis como Patrimônio Cultural da cidade

### 6 days ago Conselho Deliberativo do Patrimônio Cultural de Varginha aprova registro das Folias de Santos Reis como Patrimônio Cultural da cidade



FLS.:	13
PROC.:	8990/2015
DATA:	08/07/15
ASS.:	Estefânia

[[http://3.bp.blogspot.com/-w\\_wFHxqXIIIM/Vvs9BAtpZl/AAAAAAAAABbZc/VFmD6\\_eAW5Y/s1600/Folia%2Bde%2BReis%2Bfotografo%2BTiago%2BBode.jpg](http://3.bp.blogspot.com/-w_wFHxqXIIIM/Vvs9BAtpZl/AAAAAAAAABbZc/VFmD6_eAW5Y/s1600/Folia%2Bde%2BReis%2Bfotografo%2BTiago%2BBode.jpg)]

A Folia de Reis passou a integrar o folclore do município de Varginha – MG em meados de 1930, quando o senhor Arlindo Cardoso fundou a companhia de santos reis “Cardoso e Amigos”. As festas já foram celebradas em frente à antiga Cadeia Pública e no Largo da Matriz até finalmente chegarem à Concha Acústica, local onde acontecem até o presente. Hoje, no entanto, em virtude de uma série de problemas que as companhias têm encontrado, a prática da celebração tem corrido grave risco de extinção em Varginha.

A preocupação em preservar os grupos fundamenta-se na real importância destes enquanto elementos caracterizadores da identidade religiosa e cultural de Varginha. Os saberes dos foliões de Reis, enquanto uma atividade tradicional e de identidade popular, estão entre os bens culturais imateriais. As folias apresentam-se como celebrações de costumes que transcendem as gerações. Além disso, em muitas localidades, festas culturais e religiosas se mostram como excelentes atrativos turísticos, o que poderia ser proveitoso para o desenvolvimento da cidade.

Diante do exposto, o Conselho Deliberativo Municipal do Patrimônio Cultural de Varginha aprovou, em 13 de maio de 2015, o registro das Folias de Santos Reis da cidade, reforçando a manutenção da celebração, agregando valor à comunidade e possibilitando a sociabilização da população.

Postado há 6 days ago por [Viviane Tavares Canalonga](#)

Adicionar um comentário

## 15. Eventuais manifestações

## PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE VARGINHA

FLS.:	65
PROC.:	899015
DATA:	23.07.15
ASS.:	Rafaela

1

DECRETO Nº 7.374/2015

**HOMOLOGA O REGISTRO DAS FOLIAS DE REIS COMO PATRIMÔNIO CULTURAL DO MUNICÍPIO DE VARGINHA.**

O Prefeito do Município de Varginha, Estado de Minas Gerais, usando de suas atribuições legais e em conformidade com o artigo 5º do Decreto Municipal nº 7.159, de 20 de janeiro de 2015 e;

**CONSIDERANDO** que a preservação dos valores históricos, antropológicos, sociológicos e culturais são questões indissolúveis da existência do homem;

**CONSIDERANDO** que a Folia de Reis é uma festa popular folclórica, que por meio da tradição e da memória oral, se mantém viva em seus costumes e crenças revelando a identidade cultural de um povo;

**CONSIDERANDO** que a proteção por meio de registro da manifestação cultural, não só reconhecerá esses valores como também proporcionará a busca pela sua salvaguarda que simboliza o ato da celebração de grupos importantes para o município de Varginha;

**CONSIDERANDO** o valor histórico e cultural do Movimento das Folias de Reis do Município de Varginha, que dão reconhecida tradição no Município, cujos ensinamentos são passados de geração em geração, fazendo com que seja uma das expressões culturais de alcance regional;

**CONSIDERANDO** a importância destes grupos folclóricos enquanto elementos caracterizadores da identidade religiosa e cultural da cidade de Varginha;

**CONSIDERANDO** que a tradição desta manifestação, no Município de Varginha, age de maneira

Decreto nº 7.374/2015

## PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE VARGINHA

PLS.: 66  
PROC.: 8990/15  
DATA: 29/07/15  
ASS.: Rafael

2

contributiva para a perpetuação do fenômeno e no combate ao esquecimento da identidade da comunidade que o pratica;

**CONSIDERANDO** que em Varginha as folias apresentam um efetivo poder de agregação social, para além de toda sua importância no que tange as construções das memórias individuais, tanto daqueles que participam como foliões, como daqueles que a recebem;

**CONSIDERANDO** que o registro das Folias de Reis como bem cultural imaterial do Município de Varginha contribui não só para o resgate e consolidação da memória como também para a reconstrução de um jeito de ser, de pensar e de agir que funciona como âncora identitária da cidade;

**CONSIDERANDO** que as Folias de Reis de Varginha constitui um movimento importante de resguardo sociocultural, não apenas da cidade, mas das tradições mineiras e brasileiras, levando-se em consideração os movimentos mais amplos que envolvem as folias pelo Brasil;

**CONSIDERANDO** que o registro constitui um estímulo a que as Folias de Reis de Varginha permaneçam ativas e conservem seus saberes, visto que esta manifestação enriquece o acervo cultural do povo varginhense;

**CONSIDERANDO** a sugestão do registro das **FOLIAS DE REIS DE VARGINHA** como patrimônio cultural do município, pelo Conselho Deliberativo Municipal do Patrimônio Cultural de Varginha;

**CONSIDERANDO** as condições históricas, antropológicas, sociológicas e culturais da referida celebração;

**CONSIDERANDO** o teor do Processo Administrativo nº 8.990/2015, que revela a implementação de todas as fases procedimentais do registro;

**D E C R E T A :**

**Art. 1º** Fica homologado o registro das **FOLIAS DE REIS DE VARGINHA** como patrimônio cultural do município,

Decreto nº 7.374/2015

## PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE VARGINHA

67  
PROC. 8990115  
DATA: 29.07.15  
ASS: [assinatura]

3

pelo Conselho Deliberativo Municipal do Patrimônio Cultural de Varginha;

**Art. 2º** Em razão da homologação do registro de que trata o artigo anterior, deverão ser procedidos os assentamentos legais, principalmente no LIVRO DE REGISTRO DAS CELEBRAÇÕES, estabelecido no inciso II, § 1º do art. 1º do Decreto 7.159, de 20 de janeiro de 2015;

**Art. 3º** As autoridades e órgãos municipais, vinculados à preservação do patrimônio registrado, deverão fazer cumprir os termos do Decreto 7.159, de 20 de janeiro de 2015, de modo a assegurar os direitos e deveres ali estabelecidos.

**Art. 4º** Fica vedada a descaracterização do Movimento da Folia de Reis do Município de Varginha.

**Art. 5º** Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Prefeitura do Município de Varginha,  
21 de julho de 2015.

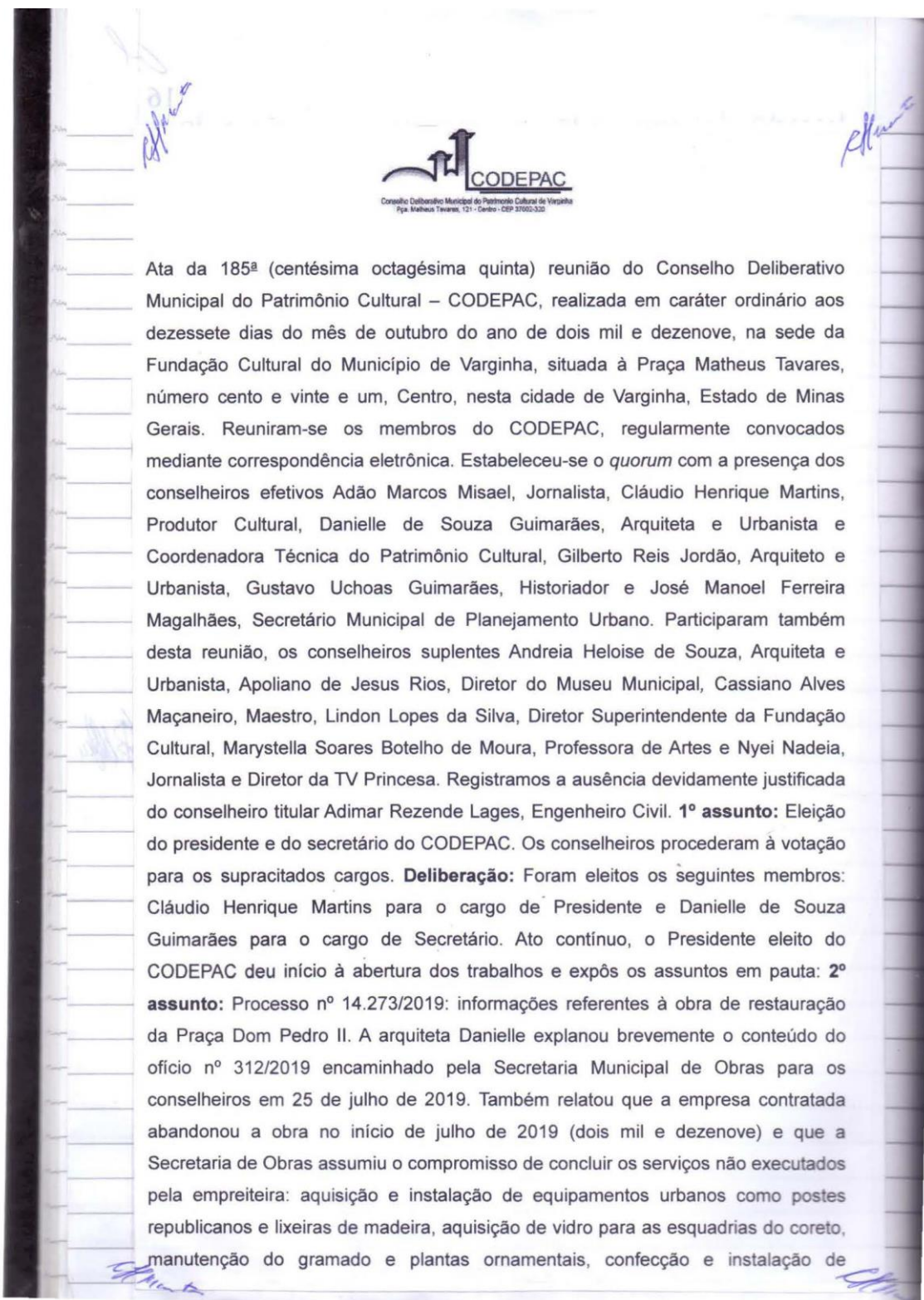
[assinatura]  
ANTÔNIO SILVA  
PREFEITO MUNICIPAL

1850 [assinatura]  
MIRIAN LÉDA AGUIAR OLGADO  
SECRETÁRIA MUNICIPAL DE  
ADMINISTRAÇÃO


[assinatura]  
CARLOS HONÓRIO OTTONI JÚNIOR  
SECRETÁRIO MUNICIPAL DE GOVERNO

Decreto nº 7.374/2015

## 16. Cópia da ata que ratifica a aprovação do Registro



17

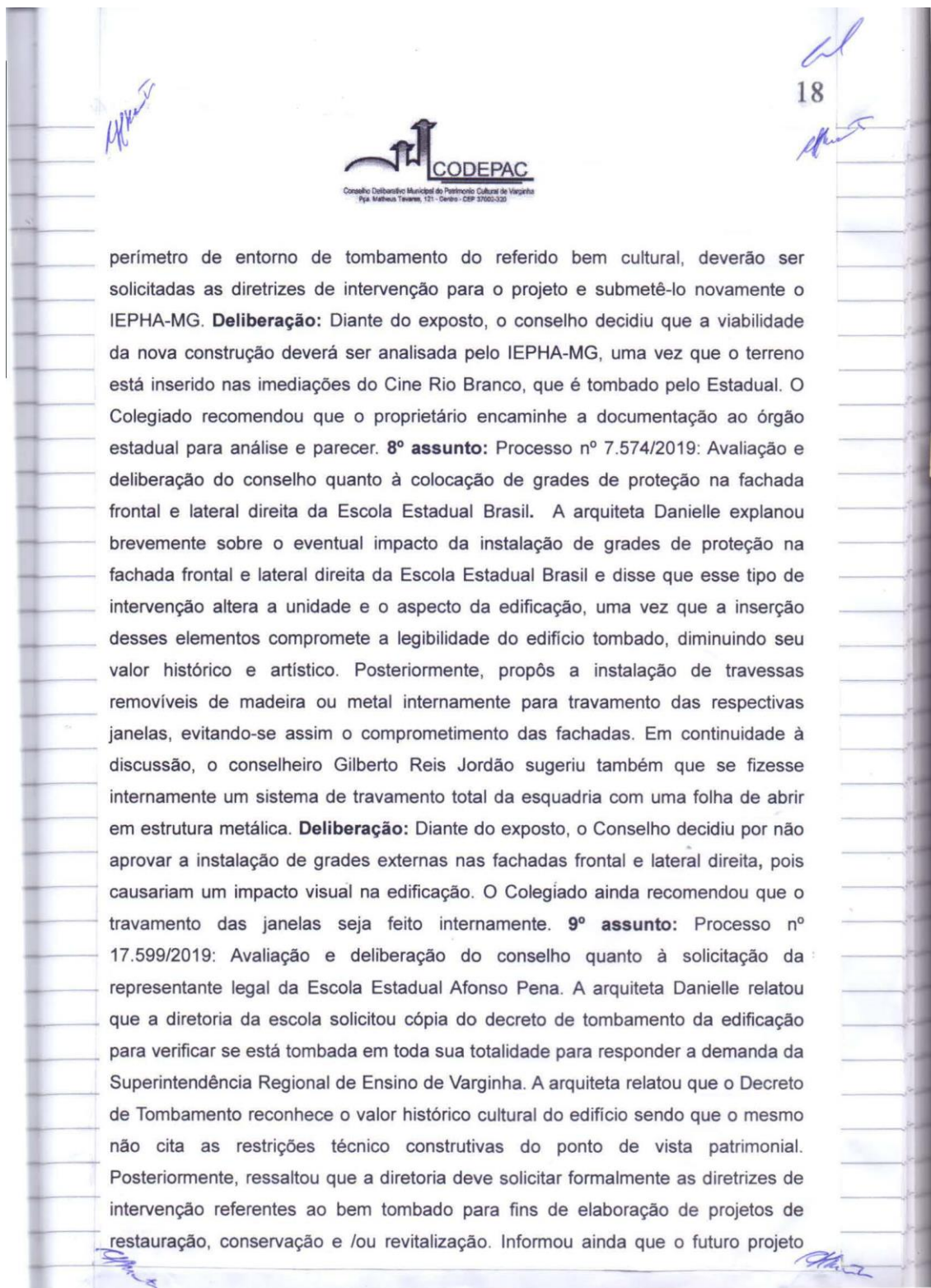


corrimãos e melhorias no acabamento do coreto. A arquiteta ainda informou que em virtude da praça tombada ter sido, anteriormente, alvo de depredações e vandalismo, a Secretaria de Obras instalou equipamentos de vigilância para a segurança do bem público e dos usuários do local. Posteriormente, o Presidente pediu a palavra e sugeriu que fosse feita uma campanha de difusão do estado de conservação anterior da praça e depois de restaurada através de banners 2x2 m para dar informações à população sobre o processo de restauração. **Deliberação:** Os conselheiros tomaram ciência das obras de restauração da Praça Dom Pedro II e acolheram a sugestão do Presidente. **3º assunto:** Processo nº 14.267/2019: Avaliação e deliberação do conselho a respeito de obra de demolição/construção em lote situado na Praça João Pessoa, nº65, Centro. A arquiteta Danielle relatou que o referido imóvel não é tombado e não está inserido nos perímetros de entorno dos bens culturais protegidos por tombamento municipal, como também o edifício não é inventariado pelo Conselho Deliberativo Municipal do Patrimônio Cultural, e disse que não havia restrições do ponto de vista patrimonial quanto à referida demolição e/ou construção nova na Praça João Pessoa, nº 65. **Deliberação:** Os conselheiros, diante do exposto, autorizaram a emissão de Certidão de Patrimônio Histórico Municipal informando ao requerente que não há restrições patrimoniais para a demolição e/ou construção nova no referido lote, observando o disposto da legislação urbanística vigente. **4º assunto:** Processo nº 10.233/2019: Avaliação e deliberação do conselho a respeito de obra de construção de novo edifício na Avenida Rio Branco, nº 123, Centro. A arquiteta Danielle relatou que o referido terreno não está inserido no perímetro de entorno dos bens culturais protegidos por tombamento municipal, como também o imóvel existente não é inventariado pelo Conselho Deliberativo Municipal do Patrimônio Cultural, e disse que não havia restrições do ponto de vista patrimonial, no âmbito do município, quanto à referida construção no logradouro supracitado. **Deliberação:** Os conselheiros, diante do exposto, entenderam que não há restrições, do ponto de vista patrimonial, para a construção do novo edifício na Avenida Rio Branco, nº 123, e ressaltaram que o proprietário deverá observar o disposto na legislação urbanística vigente para a futura construção. **5º assunto:** Processo nº 14.361/2019: Avaliação e deliberação do conselho a respeito de proposta de desapropriação, uso de solo, demolição e/ou






construção na Praça João Pessoa, nº 51, Centro. A arquiteta Danielle relatou que o referido imóvel não é tombado e não está inserido no perímetro de entorno dos bens culturais protegidos por tombamento municipal, como também o edifício não é inventariado pelo Conselho Deliberativo Municipal do Patrimônio Cultural, e disse que não havia restrições do ponto de vista patrimonial quanto à referida demolição e/ou construção nova na Praça João Pessoa, nº 51. **Deliberação:** Os conselheiros, diante do exposto, autorizaram a emissão de Certidão de Patrimônio Histórico Municipal, cujo conteúdo irá informar ao requerente que não há restrições patrimoniais para a demolição e/ou construção nova no referido lote, observando o disposto da legislação urbanística vigente. **6º assunto:** Processo nº 12.220/2019: Avaliação e deliberação do conselho a respeito de solicitação de substituição de telhas de fibrocimento por francesas na varanda do Imóvel Embratel que abriga, atualmente, a sede do Museu Municipal, dados os sinais de desgaste no local indicado. A arquiteta Danielle explanou brevemente aos conselheiros sobre a substituição das telhas na varanda do Imóvel Embratel, tombado conforme Decreto nº 2.626 de 04 de junho de 2001. Informou ainda que o forro de lambri do ambiente apresenta sinais de infiltração com apodrecimento da madeira. Recomendou ainda que a direção do museu dê ciência ao proprietário sobre a obra de substituição do telhado na varanda. **Deliberação:** Diante do exposto, o conselho aprovou por unanimidade a substituição das telhas de fibrocimento por francesas na varanda do referido imóvel. O Colegiado recomendou ainda que a direção do museu dê ciência das obras ao proprietário. **7º assunto:** Processo nº 9.042/2019: Avaliação e deliberação do conselho quanto à viabilidade de nova construção em terreno localizado nas imediações do patrimônio cultural Cine Rio Branco. A arquiteta Danielle relatou que referido terreno não está inserido no perímetro de entorno de bens culturais protegidos por tombamento municipal, e disse não havia restrições do ponto de vista patrimonial, quanto à referida construção na Avenida Rio Branco, nº 150. Mas a arquiteta ressaltou que o terreno pode estar inserido no perímetro de entorno do Cine Rio Branco, que é protegido por tombamento estadual. Recomendou ainda que o proprietário consulte o Instituto Estadual Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais quanto à viabilidade do empreendimento proposto. Informou também que caso o referido terreno esteja de fato inserido no





deverá ser submetido previamente ao Colegiado para apreciação. Ato contínuo, a arquiteta ainda mencionou que diretoria também solicitou o envio de um técnico à escola para avaliar a possibilidade da construção de um balcão de alvenaria na secretaria para a segurança dos servidores, tendo em vista que o atual balcão de madeira se encontra em péssimo estado de conservação. **Deliberação:** O Conselho deliberou pelo envio da cópia do decreto de tombamento da Escola Estadual Afonso Pena como também recomendou que a diretoria solicite as diretrizes de intervenção para o bem cultural tombado. O Colegiado também ressaltou que a escola deverá encaminhar futuro projeto de restauração para apreciação do órgão tombador. Com relação ao envio de técnico à escola para avaliar a construção do referido balcão em alvenaria na secretaria, o Colegiado sugeriu que a direção da escola entre em contato com a arquiteta Danielle para agendamento prévio para a realização de visita técnica ao local. **10º assunto:** Processos nº 14.926 e 14.927/2018 referentes à construção de condomínio pela construtora Dharma no entorno de tombamento do Conjunto Paisagístico da Antiga Usina da Ilha Grande. A arquiteta Danielle explanou que o referido empreendimento está inserido no perímetro de entorno do referido bem tombado e ressaltou que o mesmo sofre restrições impostas aos bens acautelados por tombamento. Mencionou também que o projeto urbanístico foi alvo de análise do Conselho em gestões anteriores e que o Colegiado encaminhou ofício à Secretaria Municipal de Planejamento Urbano solicitando informações referentes à alteração de projeto do Loteamento Dharma Ville Ilha Grande para que o Colegiado possa analisar novamente e emitir seu parecer quanto ao empreendimento. Sugeriu ainda que o Colegiado encaminhasse uma correspondência ao empreendedor solicitando os projetos urbanísticos atualizados para a área e cópia do Estudo Prévio de Impacto Cultural – EPIC e Relatório de Impacto sobre o Patrimônio Cultural – RPIC protocolados no IEPHA-MG para análise, conforme preconiza a Deliberação Normativa do CONEP nº 007/2014, que estabelece as normas para a realização destes estudos de impacto no patrimônio cultural em Minas Gerais. Ressaltou ainda que estes estudos devem ser submetidos ao Conselho para a manifestação sobre a aprovação ou não do empreendimento, assim como medidas mitigatórias, compensatórias ou proposições de adequação do projeto no que tange à proteção e preservação do Patrimônio Cultural. **Deliberação:** Diante do exposto, o Conselho

19



decidiu enviar correspondência ao empreendedor responsável pelo Loteamento Dharma Ville Ilha Grande solicitando cópias dos projetos urbanísticos atualizados para reanálise como também solicitar cópias do estudo de impacto cultural e do relatório de impacto sobre o patrimônio cultural no referido conjunto tombado para apreciação. **11º assunto:** Processo nº 14.061/2019: Avaliação e deliberação quanto à Reforma Emergencial das esquadrias de madeira e do piso de entrada da Escola Estadual Brasil. A arquiteta explanou brevemente sobre o referido projeto de reforma como também apresentou a planilha orçamentária e parecer técnico para apreciação dos conselheiros. Em seguida, disse que a planilha contempla serviços destinados à reforma emergencial das esquadrias de madeira e piso de entrada da edificação supracitada. Relatou ainda que tais serviços incluem instalação de obra, retiradas e demolições, supraestrutura, instalações hidráulicas, esquadrias de madeira, pisos e rodapés, pintura, limpeza geral, elaboração de projeto executivo e estrutural de concreto do piso de entrada, assentamento de ladrilho hidráulico. A arquiteta também mencionou que as esquadrias de madeira se encontram em estado precário de conservação e que o piso de entrada da edificação apresenta problemas estruturais necessitando de obras emergenciais de recuperação e restauração. **Deliberação:** O Conselho, diante do exposto, aprovou a reforma emergencial das esquadrias de madeira e do piso do hall de entrada da Escola Estadual Brasil. O Colegiado ainda decidiu pelo envio do parecer técnico, elaborado pela arquiteta Danielle, com recomendações técnicas para preservação e conservação da edificação tombada. Deliberou também que o projeto estrutural do piso de entrada da edificação fosse encaminhado ao Conselho. **12º assunto:** Processo nº 7.321/2019: Avaliação e deliberação quanto à concessão de Alvará de Localização e Funcionamento da Central de Geração Hidrelétrica ET de Varginha LTDA localizada na Rodovia BR 491 – KM 14. A arquiteta Danielle informou aos conselheiros que a atividade proposta pela empreendedora trata da reativação da Antiga Usina da Ilha Grande, que é protegida por tombamento municipal. Mencionou ainda que o empreendimento a ser desenvolvido requer, primeiramente, autorização junto aos órgãos federais e estaduais, no que se refere ao funcionamento, licença ambiental, e entre outras licenças necessárias. Em seguida, recomendou que o Colegiado solicite ao empreendedor documentação comprobatória emitida pelos




órgãos licenciadores antes da emissão de um parecer definitivo quando à concessão do referido alvará. Sugeriu ainda que a empreendedora apresente ao CODEPAC laudo técnico da condição estrutural de cada uma das estruturas arquitetônicas do Conjunto Tombado: casa de pedra (antiga casa de máquinas), ponte de ligação, barragem de pedras, comportas desarenadoras, canal de adução, câmaras de carga e barragem de equilíbrio, considerando o estado físico atual de cada estrutura com relatório fotográfico e anotação de responsabilidade técnica. Recomendou ainda que todos os pressupostos e diretrizes expressos no Dossiê de Tombamento do Conjunto Arquitetônico e Paisagístico da Antiga Usina da Ilha Grande devem ser considerados integralmente para a realização de intervenções no referido bem.

**Deliberação:** Diante do exposto, o Conselho decidiu solicitar ao empreendedor documentação comprobatória emitida pelos órgãos licenciadores como também elaboração de laudo das estruturas do conjunto tombado. Deliberou ainda pela solicitação de memorial descritivo das intervenções a serem realizadas no bem cultural com o respectivo cronograma de atividades antes da emissão do parecer final.

**13º assunto:** Processo nº 12.568/2019: Avaliação e deliberação quanto ao Empreendimento Agropecuária Jocker LTDA, localizado no Bairro Aeroporto, para fins de loteamento do solo urbano. A arquiteta Danielle explanou sobre o empreendimento e relatou que se trata de uma atividade de loteamento do solo urbano para uma área de 163,474 hectares no Bairro Aeroporto, conforme processo técnico licenciamento ambiental nº 18.277/2018 junto à Secretaria de Estado de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável - SEMAD. Mencionou ainda que o empreendedor afirma que no referido local não há bens culturais tombados ou registrados na área a ser loteada. Posteriormente, informou que este tipo de empreendimento, segundo a legislação vigente, é passível de licenciamento perante aos órgãos responsáveis na esfera estadual. Em seguida, a arquiteta ressaltou que não há como o Conselho emitir um parecer de conformidade do empreendimento sem as devidas documentações comprobatórias emitidas pelos órgãos licenciadores como também relatou que não encontrou estudos prévios de impacto e projeto urbanístico na documentação apresentada pelo empreendedor para que a mesma pudesse realizar uma análise mais detalhada do empreendimento.

**Deliberação:** O Conselho, diante do exposto, decidiu solicitar ao empreendedor documentação

20



comprobatória emitida pelos órgãos licenciadores, projeto urbanístico e estudos prévios de impacto referentes a instalação do empreendimento para que o Colegiado possa analisar e emitir seu parecer quanto à atividade proposta pela empresa. **14º assunto:** Ato de aditamento ao item 5, da Ata do Conselho de 02 de Março de 2018. Dando continuidade à reunião, o Presidente informou que não houve qualquer alteração no objeto ou na deliberação do conselho, tratando-se de simples aditamento de informações, supridas quaisquer outras questões de validade face ao caráter deliberativo do Conselho. **Deliberação:** Diante do exposto, o Colegiado foi favorável ao ato de aditamento ao item 5, com a seguinte redação: "Fica acrescido ao item 5 da Ata do Conselho Deliberativo Municipal do Patrimônio Cultural de Varginha, de dois de março de dois mil e dezoito (02/03/2018), que foram discutidas e aprovadas as diretrizes de conservação e restauração do bem, nos termos apresentados no dossiê técnico de tombamento". **15º assunto:** Ato de Rerratificação do Processo de Tombamento do "Conjunto de Imagens Sacras da Antiga Igreja Matriz. Dando sequência à reunião, o Presidente colocou em discussão e deliberação o Processo de Tombamento do "Conjunto de Imagens Sacras da Antiga Igreja Matriz", para adequação de alguns pontos da parte administrativa. Fez um breve histórico do processo informando que: a proposta de tombamento foi apresentada em três de fevereiro de dois mil e dezessete (03/02/2017); o conselho deliberou pelo tombamento em sua 163ª (centésima sexagésima terceira) reunião, em vinte e sete de fevereiro de dois mil e dezessete (27/02/2017); as notificações aos proprietários das imagens foram realizadas nos dias quatorze de março de dois mil e dezessete (14/03/2017); dezessete de abril de dois mil e dezessete (17/04/2017); e nove de maio de dois mil e dezessete (09/05/2017), dando-se o prazo de 15 (quinze) dias para anuência ou impugnação. Um dos proprietários anuiu na própria notificação. Não houve impugnação por parte dos outros proprietários na oportunidade. Em quatro de setembro de dois mil e dezessete (04/09/2017), houve uma manifestação intempestiva de um proprietário, anuindo ao tombamento e tecendo considerações sobre a guarda da imagem, juntando-se o documento ao processo. O processo ficou suspenso até o início deste ano de dois mil e dezenove (2019), quando ficou decidido por sua continuidade e pela submissão de dossiê ao IEPHA/MG para reconhecimento do tombamento em nível municipal. Para



atualização do estado de conservação das imagens, buscou-se, junto aos proprietários, acesso para levantamento fotográfico e vistoria. Dirigindo-se à Paróquia Divino Espírito Santo, o Pároco encaminhou a este Conselho uma carta, datada de dezessete de abril de dois mil e dezenove (17/04/2019), informando que todos os bens paroquiais são inventariados e manifestando no sentido de "não ver necessidade no tombamento". A manifestação, apesar de intempestiva e de não se tratar de uma impugnação, fica também juntada ao processo, em respeito ao princípio do contraditório e da ampla defesa. Comunicado o Chefe do Poder Executivo, este publicou o Decreto nº 9.300 de 30 de Abril de 2019, homologando o tombamento. Por fim, em vinte e sete de maio de dois mil e dezenove (27/05/2019) o Conselho, em sua 182ª (centésima octogésima segunda) reunião, comunica sobre o Decreto e ratifica o tombamento. Considerando que não houve, na oportunidade, menção expressa à manifestação paroquial; considerando que não foi mencionada expressamente a discussão e deliberação acerca das diretrizes de conservação e restauração; e considerando que a publicação do decreto homologatório, não obstante o caráter deliberativo do conselho, foi anterior à reunião que decidiu pelo tombamento definitivo, o Presidente colocou novamente em discussão e deliberação o processo de tombamento do Conjunto das Imagens Sacras da Antiga Igreja Matriz, para rerratificação definitiva, saneando-se eventuais incongruências administrativas. Colocado em discussão, foram apresentadas as diretrizes de conservação e restauração dos bens móveis tombados, tendo sido aprovadas por todos, nos termos do dossiê técnico apresentado. Em seguida, os conselheiros discutiram sobre a manifestação paroquial, apontando que, apesar de intempestiva e de não se tratar propriamente de uma impugnação, deveria ser avaliada. Os conselheiros, primeiramente, entenderam que a manifestação supre eventual necessidade de nova notificação, visto ter sido comprovado o conhecimento por parte da Paróquia, bem como a oportunidade de manifestação. No mérito, entenderam os conselheiros que não assiste razão ao representante legal da Paróquia, no sentido de ser desnecessário o tombamento. Os conselheiros entenderam importante e congratularam a iniciativa do inventário; mas pontuaram que são instrumentos de proteção distintos e não excludentes, destacando-se que o tombamento é o instituto mais adequado para a proteção dos bens objetos do processo. Ato contínuo, tendo

em vista o fato da publicação do decreto homologatório ter sido anterior à deliberação do conselho, o Presidente colocou em discussão e deliberação uma nova ratificação, de forma a sanear eventuais incorreções formais do processo de tombamento. Colocado em discussão, os conselheiros foram unânimes em reconhecer a importância da iniciativa e declararam que eventuais incorreções formais do processo estavam sanadas pelo presente ato. **Deliberação:** Ato contínuo, o Conselho, por unanimidade e sem ressalvas, decidiu pelo tombamento definitivo do "Conjunto de Imagens Sacras da Antiga Igreja Matriz". Ficou decidido que fariam uma nova comunicação ao Prefeito Municipal para homologação, nos termos do artigo 5º do Decreto nº 2.142/97, com a posterior inscrição no Livro do Tombo Histórico e das Belas Artes. **16º assunto:** Ratificação do Processo de Registro das "Folias de Reis". Em seguida, o Presidente colocou em discussão e deliberação o processo de registro das "Folias de Reis", de forma a sanear eventuais aspectos formais e ratificar a aprovação do processo de registro, com vistas a se adequar à metodologia prescrita pelo IEPHA/MG para reconhecimento de processos de registro em nível municipal. O Presidente fez um breve histórico do processo, apontando que: a proposta de registro foi apresentada em vinte e seis de janeiro de dois mil e quinze (26/01/2015); o conselho deliberou favoravelmente ao parecer pelo registro em sua 148ª (centésima quadragésima oitava) reunião, em treze de maio de dois mil e quinze (13/05/2015), deliberando pelo "registro provisório". Em seguida, foram realizadas notificações aos detentores do bem imaterial, de forma a anuírem ao processo de registro, datadas de vinte e cinco de maio de dois mil e quinze (25/05/2015). Em vinte e um de julho de dois mil e quinze (21/07/2015), foi publicado o Decreto nº 7.374/2015, que homologa o registro. Por fim, na 150ª (centésima quinquentésima reunião), em vinte e seis de agosto de dois mil e quinze (26/08/2015), o conselho tomou ciência expressa da homologação via decreto e aprovou o plano de salvaguarda. Continuando, o Presidente assinalou que eventuais falhas procedimentais se deveram aos usos e costumes municipais, quando da produção de processos de tombamento, que acabaram se refletindo no processo das Folias de Reis de Varginha, que vem a ser o primeiro processo de registro de bem imaterial no Município. Neste sentido, apontou a utilização do termo "registro provisório"; "notificação"; a homologação via decreto, o que foi desnecessário tanto pelo caráter





deliberativo do Conselho, quanto pela inexistência de tal previsão na legislação municipal de registro; a "ciência", pelo Conselho, da homologação. Feitas estas considerações, os conselheiros assinalaram que os erros são de natureza meramente formal, tendo sido claras as manifestações de vontade dos conselheiros e dos detentores, quanto ao registro da manifestação das Folias de Reis. Foi também assinalado que o processo municipal, incluído o decreto homologatório, serviu para a viabilização de investimentos e realização de ações do plano de salvaguarda. O Presidente também informou que outras companhias de reis identificadas ou criadas posteriormente também anuíram ao processo, com a documentação sendo juntada ao processo original para fins de cadastro. Por fim, assinalaram que 19 (dezenove) companhias de Varginha foram devidamente cadastradas no registro das "Folias de Minas" em nível estadual. **Deliberação:** Após discussão, o Conselho deliberou: a) fica validada a proposta de registro realizada em vinte e seis de janeiro de dois mil e quinze (26/01/2015); b) a deliberação pelo registro provisório realizada na 148ª (centésima quadragésima oitava) reunião, em treze de maio de dois mil e quinze (13/05/2015) fica definida como decisão pela abertura do processo de registro; c) ficam incorporadas à proposta e validadas todas as manifestações de anuência apresentadas e juntadas ao processo; d) o Decreto nº 7.374/2015 é considerado como eventual manifestação junto ao processo de registro; e) a 150ª (centésima quinquagésima reunião), em vinte e seis de agosto de dois mil e quinze (26/08/2015), bem como as publicações em órgão oficial e de imprensa, ficam definidas como parecer favorável e comprovação da publicidade da decisão do conselho, nos termos do artigo 4º, § 4º do decreto nº 8.8818/2018; f) fica aprovado neste ato o Plano de Salvaguarda apresentado junto ao dossiê técnico e construído de maneira participativa junto com os detentores das "Folias de Reis", incorporando os elementos diagnosticados ao longo dos últimos 03 (três) anos. Ato contínuo, o Conselho, por unanimidade e sem ressalvas, aprovou o processo de registro das "Folias de Reis", ratificando os atos administrativos saneados. Nos termos do parágrafo único, do artigo 5º, o bem deverá ser inscrito no Livro de Registro das Celebrações e classificado como "Patrimônio Cultural de Varginha". **17º assunto:** Apreciação e deliberação quanto à utilização dos recursos do Fundo Municipal de Preservação do Patrimônio Cultural – FUMPAC para aquisição de

22

máquina fotográfica para registros das atividades de promoção, preservação e difusão do patrimônio cultural local. A arquiteta Danielle explanou brevemente sobre a solicitação do Setor de Patrimônio Histórico da Fundação Cultural de Varginha e disse que as atividades desempenhadas pelo setor como emissão de laudos técnicos, relatórios de projetos de educação patrimonial e eventos de promoção e difusão do patrimônio local necessitam de equipamento fotográfico adequado para a realização de um trabalho profissional. Ressaltou ainda que o custo estimado para aquisição de tal equipamento será de R\$10.000,00 (dez mil reais). Em seguida, apresentou as especificações técnicas da máquina fotográfica aos conselheiros e mencionou que o referido investimento em análise está em conformidade com o artigo 7º (sétimo), inciso V (quinto) da Lei Municipal nº 5.101 de 14 outubro de 2019.

**Deliberação:** O Conselho decidiu aprovar por unanimidade o valor estimado de R\$10.000,00 (dez mil reais) para a aquisição de máquina fotográfica para os trabalhos de difusão, promoção e proteção do patrimônio cultural local. **18º assunto:** Processo nº 15.712/2019: Avaliação e deliberação quanto ao Projeto de Segurança contra Incêndio e Pânico da Antiga Estação Ferroviária. A arquiteta Danielle informou que o referido projeto encontra-se em análise junto ao Corpo de Bombeiros. Em seguida disse que todos os conselheiros deveriam realizar uma análise criteriosa do projeto para posterior deliberação em virtude da complexidade do assunto.

**Deliberação:** O Conselho decidiu suspender os trabalhos de análise, tendo em vista que o assunto é complexo e que demandaria uma análise mais detalhada por parte dos membros. **19º assunto:** Processo nº 15.713/2019: Avaliação e deliberação quanto ao Projeto de Segurança contra Incêndio e Pânico do Museu Municipal e Biblioteca Pública. A arquiteta Danielle informou que o referido projeto encontra-se em análise junto ao Corpo de Bombeiros. Em seguida disse que todos os conselheiros deveriam realizar uma análise criteriosa do projeto para posterior deliberação em virtude da complexidade do assunto. **Deliberação:** O Conselho decidiu suspender os trabalhos de análise, tendo em vista que o assunto é complexo e que demandaria uma análise mais detalhada por parte dos membros. O Presidente encerrou oficialmente a reunião às dezessete horas. Nada mais havendo a tratar, foi lavrada a presente ata, que vai assinada por mim, Danielle de Souza Guimarães, ..... Arquiteta e Urbanista e Secretária do CODEPAC que a



redigiu e lavrou; pelo Presidente que presidiu os trabalhos e pelos que estiveram presentes na qualidade de conselheiros na reunião.

Cláudio Henrique Martins..... *Cláudio H. Martins*

Danielle de Souza Guimarães..... *Guimarães*

Adão Marcos Misael..... *Misael*

Giberto Reis Jordão..... *Jordão*

Gustavo Uchoas Guimarães..... *Guimarães*

José Manoel Ferreira Magalhães..... *Magalhães*

Andreia Heloíse de Souza..... *Andreia Heloíse de Souza*

Apoliano de Jesus Rios..... *Rios*

Cassiano Alves Maçaneiro..... *Cassiano Alves Maçaneiro*

Lindon Lopes da Silva..... *Lopes da Silva*

Marystella Soares Botelho de Moura..... *Botelho de Moura*

Nyei Nadeia..... *Nyei Nadeia*

17. Cópia da publicidade da decisão sobre a aprovação do registro, em veículo de grande circulação.

VARGINHA - ÓRGÃO OFICIAL DO MUNICÍPIO, 07 DE NOVEMBRO DE 2019  
25 ATOS DO EXECUTIVO ANO XXI - n° 1251

Ata nº337- Reunião Ordinária do Conselho Municipal de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente – COMDEDICA

Aos oito dias do mês 8 de novembro de 2019, às 08h, na sede do Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente, localizada no Terminal Rodoviário de Varginha, reuniram-se os seguintes membros do COMDEDICA: Juliana Ferreira da Silva (Oficina do Ser), Laila Maria Montovani Tavares Caselani (Vida Viva), Jaime Roberto Alves Macedo (SEMEL), Cláudia Luiza Gonzaga da Silva (SEDUC), Márcia Cardoso Miguel Pedro (SEHAD), Débora Andrade Silva (Técnica de Referência da Secretaria Executiva), Ausências justificadas: Kênia Bruna Gomes (Governamental) Visitantes: Fernanda L.S. Porchat (Eu Escolhi Amar), Eliane Mendes (NUCAP), Celma Figueiredo (Oásis). A Presidente secretariou elaborando a ata e o Vice Presidente coordenou os trabalhos. Iniciou dando as boas vindas e agradecendo a presença de todos. Assuntos da pauta: Prestação de Contas da Copasa – Pela Débora foi apresentado o Relatório de Aplicação de Recursos Campanha 2018 e foi orientado a Comissão de Normas como será preenchido. Edital de Seleção de Conselheiros e Fundos dos Direitos da Criança e do Adolescente 2019 – Pela Fernanda representante da Associação Eu Escolhi Amar, pontuou que pelo e-mail falando sobre o edital não está na forma correta de publicação onde todos possam participar de forma clara. Falou ainda que coloque o procedimento dentro da legislação para que todas as instituições possam participar e que transforme em procedimento padrão para que fique claro a todos. Pela Presidente foi perguntado que diante das ações e reavaliações feitas diante do Edital de Furnas qual o procedimento a ser adotado nesse momento e qual será a votação para que prossiga com a submissão do processo ou que seja vetado e não dar prosseguimento com fundamento na Lei 13.019/2014 e Resolução 137 do Conanda. Pela plenária foi deliberado o seguinte: Que diante da questão formal, não haverá prosseguimento no Edital. Alguns itens que são necessários no Edital como Diagnóstico situacional do Conselho, Plano de Ação e Plano de Aplicação ainda não são existentes e estão sendo elaborados. Ainda foi colocado que o Edital foi enviado via e-mail em prazo não hábil para abrir o Edital de Chancela ou Edital de Dispensa de Chamamento Público. Retificação da Ata 336 à Instituição OASIS apresentou as Declarações de Aceitação dos Termos do Edital 01/2018 COMDEDICA e Declaração de Regularidade do Registro da Entidade e/ou da Inscrição do Programa No COMDEDICA, referente ao repasse do Recurso FerTipar. A Plenária analisou os respectivos documentos acima e aprovou dando prosseguimento no processo. Nada mais havendo para ser deliberado, damos por encerrada a respectiva reunião.

Juliana Ferreira da Silva  
Laila Maria Montovani Tavares Caselani  
Jaime Roberto Alves Macedo  
Cláudia Luiza Gonzaga da Silva  
Márcia Cardoso Miguel Pedro

SERVIÇO MUNICIPAL FUNERÁRIO  
E DE ORGANIZAÇÃO DE LUTO

PORTARIA Nº 002/2019  
DETERMINA INSTAURAÇÃO DE SINDICÂNCIA ADMINISTRATIVA.

O Prefeito do Município de Varginha, Estado de Minas Gerais, no uso de suas atribuições legais e de acordo com o artigo 184 da Lei Municipal nº 2.673/1995,

R E S O L V E :

Art. 1º Determinar que seja instaurado Sindicância Administrativa para apurar fatos relatados no Processo Administrativo nº 17.072/2019.

Art. 2º Fica instituída a respectiva Comissão Sindicante, composta dos servidores RENAN LENZI SILVA, MARCELO VITOR DA SILVA e LEONARDO NASCIMENTO, para sob a presidência do primeiro dar cumprimento ao disposto no artigo anterior, obedecidas todas as formalidades legais inerentes ao caso, prescritas na Lei Municipal nº 2.673/1995.

Art. 3º A Comissão ora instituída, terá o prazo de 15 (quinze) dias para realização e conclusão de seus trabalhos.

Art. 4º Dilatado o prazo previsto no artigo anterior, fica, desde logo, reconduzida a Comissão Sindicante para a continuação dos trabalhos para a qual foi designada.

Art. 5º Esta Portaria entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Prefeitura do Município de Varginha, 06 de novembro de 2019.

ANTÔNIO SILVA  
PREFEITO MUNICIPAL  
PAULO FERNANDO CHAVES CONDE  
DIRETOR ADMINISTRATIVO DO SERVIÇO MUNICIPAL FUNERÁRIO  
E DE ORGANIZAÇÃO DE LUTO

FUNDAÇÃO CULTURAL DO MUNICÍPIO DE VARGINHA

CONSELHO DELIBERATIVO MUNICIPAL DO PATRIMÔNIO CULTURAL DE VARGINHA – MG

EDITAL DE PUBLICIDADE DA APROVAÇÃO DO REGISTRO DO BEM IMATERIAL  
"FOLIAS DE REIS"

O Conselho Deliberativo Municipal do Patrimônio Cultural de Varginha – MG, através de seu Presidente Cláudio Henrique Martins, TORNA PÚBLICA A APROVAÇÃO DO REGISTRO DO BEM IMATERIAL "FOLIAS DE REIS", conforme decisão tomada em sua 185ª (centésima oitogésima quinta) reunião, no dia 17 de Outubro de 2019, ratificando-se todos os demais atos administrativos. Nos termos do parágrafo único, do artigo 5º, o bem deverá ser inscrito no Livro de Registro das Celebrações e classificado como "Patrimônio Cultural de Varginha".

Nestes termos, junta-se este. Publique-se.

Varginha, MG, 17 de Outubro de 2019.

Cláudio Henrique Martins  
Presidente do Conselho Deliberativo Municipal  
do Patrimônio Cultural de Varginha

DELIBERAÇÃO Nº 008/2019  
185ª REUNIÃO  
CARÁTER ORDINÁRIO

O Conselho Deliberativo Municipal do Patrimônio Cultural de Varginha, nos termos da Lei Municipal nº 2.896, de 8 de abril de 1997, do Decreto nº 2.142, de 9 de outubro de 1997, e em conformidade com o art. 29 de seu regimento interno, reunido em sessão extraordinária, realizada em 17 de outubro de 2019, toma pública a presente deliberação:

Assunto da pauta:

1º assunto: Eleição do presidente e do secretário do CODEPAC. Deliberação: Foram eleitos os seguintes membros: Cláudio Henrique Martins para o cargo de 2º assunto: Processo nº 14.273/2019: informações referentes à obra de restauração da Praça Dom Pedro II. Deliberação: Os conselheiros tomaram ciência das obras de restauração da Praça Dom Pedro II e acolheram a sugestão do Presidente.

3º assunto: Processo nº 14.267/2019: Avaliação e deliberação do conselho a respeito de obra de demolição/construção em lote situado na Praça João Pessoa, nº 95, Centro. Deliberação: Os conselheiros, diante do exposto, autorizaram a emissão de Certidão de Patrimônio Histórico Municipal informando ao requerente que não há restrições patrimoniais para a demolição e/ou construção nova no referido lote, observando o disposto da legislação urbanística vigente. 4º assunto: Processo nº 10.233/2019: Avaliação e deliberação do conselho a respeito de obra de construção de novo edifício na Avenida Rio Branco, nº 123, Centro. Deliberação: Os conselheiros, diante do exposto, entenderam que não há restrições, do ponto de vista patrimonial, para a construção do novo edifício na Avenida Rio Branco, nº 123, e ressaltaram que o proprietário deverá observar o disposto na legislação urbanística vigente para a futura construção. 5º assunto: Processo nº 14.361/2019: Avaliação e deliberação do conselho a respeito de proposta de desapropriação, uso de solo, demolição e/ou construção na Praça João Pessoa, nº 51, Centro. Deliberação: Os conselheiros, diante do exposto, autorizaram a emissão de Certidão de Patrimônio Histórico Municipal, cujo conteúdo informa ao requerente que não há restrições patrimoniais para a demolição e/ou construção nova no referido lote, observando o disposto da legislação urbanística vigente.

6º assunto: Processo nº 12.220/2019: Avaliação e deliberação do conselho a respeito de solicitação de substituição de telhas de fibrocimento por francesas na varanda do Imóvel Embratel que abriga, atualmente, a sede do Museu Municipal, dados os sinais de desgaste no local indicado. Deliberação: Diante do exposto, o conselho aprovou por unanimidade a substituição das telhas de fibrocimento por francesas na varanda do referido imóvel. O Colegiado recomendou ainda que a direção do museu dê ciência das obras ao proprietário. 7º assunto: Processo nº 9.042/2019: Avaliação e deliberação do conselho quanto à viabilidade de nova construção em terreno localizado nas imediações do patrimônio cultural Cine Rio Branco. Deliberação: Diante do exposto, o conselho decidiu que a viabilidade da nova construção deverá ser analisada pelo IEPHA-MG, uma vez que o terreno está inserido nas imediações do Cine Rio Branco, que é tombado pelo Estadual. O Colegiado recomendou que o proprietário encaminhe a documentação ao órgão estadual para análise e parecer.

8º assunto: Processo nº 7.574/2019: Avaliação e deliberação do conselho quanto à colocação de grades de proteção na fachada frontal e lateral direita da Escola Estadual Brasil. Deliberação: Diante do exposto, o Conselho decidiu por não aprovar a instalação de grades externas nas fachadas frontal e lateral direita, pois causariam um impacto visual na edificação. O Colegiado ainda recomendou que o travamento das janelas seja feito internamente.

9º assunto: Processo nº 17.599/2019: Avaliação e deliberação do conselho quanto à solicitação da representante legal da Escola Estadual Afonso Pena. Deliberação: O Conselho deliberou pelo envio da cópia do decreto de tombamento da Escola Estadual Afonso Pena como também recomendou que a diretoria solicite as diretrizes de intervenção para o bem cultural tombado. O Colegiado também ressaltou que a escola deverá encaminhar futuro projeto de restauração para apreciação do órgão tombador. Com relação ao envio de técnico à escola para avaliar a construção do referido balcão em alvenaria na secretaria, o Colegiado sugeriu que a direção da escola entre em contato com a arquiteta Danielle para agendamento prévio para a realização de visita técnica ao local.

10º assunto: Processos nº 14.926 e 14.927/2018 referentes à construção de condomínio pela construtora Dharma no entorno de tombamento do Conjunto Paisagístico da Antiga Usina da Ilha Grande. Deliberação: Diante do exposto, o Conselho decidiu enviar correspondência ao empreendedor responsável pelo Loteamento Dharma Ville Ilha Grande solicitando cópias dos projetos urbanísticos atualizados para reanálise como também solicitar cópias do estudo de impacto cultural e do relatório de impacto sobre o patrimônio cultural no referido conjunto tombado para apreciação.

11º assunto: Processo nº 14.061/2019: Avaliação e deliberação quanto à Reforma Emergencial das esquadrias de madeira e do piso de entrada da Escola Estadual Brasil. Deliberação: O Conselho, diante do exposto, aprovou a reforma emergencial das esquadrias de madeira e do piso do hall de entrada da Escola Estadual Brasil. O Colegiado ainda decidiu pelo envio do parecer técnico, elaborado pela arquiteta Danielle, com recomendações técnicas para preservação e conservação da edificação tombada. Deliberou também que o projeto estrutural do piso de entrada da edificação fosse encaminhado ao Conselho.

12º assunto: Processo nº 7.321/2019: Avaliação e deliberação quanto à concessão de Alvará de Localização e Funcionamento da Central de Geração Hidrelétrica ET de Varginha LTDA localizada na Rodovia BR 491 – KM 14. Deliberação: Diante do exposto, o Conselho decidiu solicitar ao empreendedor documentação comprobatória emitida pelos órgãos licenciadores como também

VARGINHA - ÓRGÃO OFICIAL DO MUNICÍPIO, 07 DE NOVEMBRO DE 2019

ANO XXI - nº 1251

ATOS DO EXECUTIVO

26

elaboração de laudo das estruturas do conjunto tombado. Deliberou ainda pela solicitação de memorial descritivo das intervenções a serem realizadas no bem cultural com o respectivo cronograma de atividades antes da emissão do parecer final.

**13º assunto:** Processo nº 12.568/2019: Avaliação e deliberação quanto ao Empreendimento Agropecuária Jocker LTDA, localizado no Bairro Aeroporto, para fins de loteamento do solo urbano. Deliberação: O Conselho, diante do exposto, decidiu solicitar ao empreendedor documentação comprobatória emitida pelos órgãos licenciadores, projeto urbanístico e estudos prévios de impacto referentes à instalação do empreendimento para que o Colegiado possa analisar e emitir seu parecer quanto à atividade proposta pela empresa.

**14º assunto:** Ato de aditamento ao Item 5, da Ata do Conselho de 02 de Março de 2018. Deliberação: Diante do exposto, o Colegiado foi favorável ao ato de aditamento ao Item 5, com a seguinte redação: "Fica acrescido ao Item 5 da Ata do Conselho Deliberativo Municipal do Patrimônio Cultural de Varginha, de dois de março de dois mil e dezoito (02/03/2018), que foram discutidas e aprovadas as diretrizes de conservação e restauração do bem, nos termos apresentados no dossiê técnico de tombamento".

**15º assunto:** Ato de Reratificação do Processo de Tombamento do "Conjunto de Imagens Sacras da Antiga Igreja Matriz. Deliberação: Ato contínuo, o Conselho, por unanimidade e sem ressalvas, decidiu pelo tombamento definitivo do "Conjunto de Imagens Sacras da Antiga Igreja Matriz". Ficou decidido que fariam uma nova comunicação ao Prefeito Municipal para homologação, nos termos do artigo 5º do Decreto nº 2.142/97, com a posterior inscrição no Livro do Tombo Histórico e das Belas Artes.

**16º assunto:** Ratificação do Processo de Registro das "Folias de Reis". Deliberação: Após discussão, o Conselho deliberou: a) fica validada a proposta de registro realizada em vinte e seis de janeiro de dois mil e quinze (26/01/2015); b) a deliberação pelo registro provisório realizada na 148ª (centésima quadragésima oitava) reunião, em treze de maio de dois mil e quinze (13/05/2015) fica definida como decisão pela abertura do processo de registro; c) ficam incorporadas à proposta e validadas todas as manifestações de anuência apresentadas e juntadas ao processo; d) o Decreto nº 7.374/2015 é considerado como eventual manifestação junto ao processo de registro; e) a 150ª (centésima quinquentésima reunião), em vinte e seis de agosto de dois mil e quinze (26/08/2015), bem como as publicações em órgão oficial e de imprensa, ficam definidas como parecer favorável e comprovação da publicidade da decisão do conselho, nos termos do artigo 4º, § 4º do decreto nº 8.8818/2018; f) fica aprovado neste ato o Plano de Salvaguarda apresentado junto ao dossiê técnico e construído de maneira participativa junto com os detentores das "Folias de Reis", incorporando os elementos diagnosticados ao longo dos últimos 03 (três) anos. Ato contínuo, o Conselho, por unanimidade e sem ressalvas, aprovou o processo de registro das "Folias de Reis", ratificando os atos administrativos saneados. Nos termos do parágrafo único, do artigo 5º, o bem deverá ser inscrito no Livro de Registro das Celebrações e classificado como "Patrimônio Cultural de Varginha".

**17º assunto:** Apreciação e deliberação quanto à utilização dos recursos do Fundo Municipal de Preservação do Patrimônio Cultural – FUMPAC para aquisição de máquina fotográfica para registros das atividades de promoção, preservação e difusão do patrimônio cultural local. Deliberação: O Conselho decidiu aprovar por unanimidade o valor estimado de R\$10.000,00 (dez mil reais) para a aquisição de máquina fotográfica para os trabalhos de difusão, promoção e proteção do patrimônio cultural local.

**18º assunto:** Processo nº 15.712/2019: Avaliação e deliberação quanto ao Projeto de Segurança contra Incêndio e Pânico da Antiga Estação Ferroviária. Deliberação: O Conselho decidiu suspender os trabalhos de análise, tendo em vista que o assunto é complexo e que demandaria uma análise mais detalhada por parte dos membros.

**19º assunto:** Processo nº 15.713/2019: Avaliação e deliberação quanto ao Projeto de Segurança contra Incêndio e Pânico do Museu Municipal e Biblioteca Pública. Deliberação: O Conselho decidiu suspender os trabalhos de análise, tendo em vista que o assunto é complexo e que demandaria uma análise mais detalhada por parte dos membros. Publique-se no prazo de 15 (quinze) dias.

Varginha (M.G), 17 de outubro de 2019.

Cláudio Henrique Martins  
Presidente do CODEPAC  
Danielle de Souza Guimarães  
Secretária do CODEPAC

**EXTRATO DE TERMO ADITIVO de contrato**

**Aditivo nº.** : 007/2019. Datado de 23/10/2019.  
1º Termo Aditivo ao Contrato de nº 013/2018 (contrato múltiplo nº 9912449585)  
**Objeto** : Prorroga-se o prazo contratual  
**Fundamento** : Fundamentado no art. 57, II da Lei nº 8.666/1993 e suas alterações, em conformidade com a cláusula sétima do Contrato nº 013/2018 e de acordo com as disposições constantes no Processo Administrativo nº 10.955/2018 e no processo SEI/CORREIOS nº 53123.028486/2018-58  
**Contratante** : FUNDAÇÃO CULTURAL DO MUNICÍPIO DE VARGINHA  
**Contratada** : EMPRESA BRASILEIRA DE CORREIOS E TELÉGRAFOS - EBCT  
Superintendência de Minas Gerais  
**Prazo** : 12 (doze) meses  
**Signatários** : Pela Contratante, o sr. Lindon Lopes da Silva – Diretor-superintendente  
Pela Contratada, o sr. Norton Pena Mello, Subgerente - G2 e a sr.ª Andreia de Almeida, Subgerente - G2

**FUNDAÇÃO HOSPITALAR DO MUNICÍPIO DE VARGINHA**

PORTARIA Nº 236/2019

NOMEIA RESPONSÁVEL TÉCNICO PELO SERVIÇO DO CENTRO DE TERAPIA INTENSIVA - CTI DA FUNDAÇÃO HOSPITALAR DO MUNICÍPIO DE VARGINHA-FHOMUV.

A Diretora Geral da Fundação Hospitalar do Município de Varginha – FHOMUV, no uso de suas atribuições legais e com base na Portaria MS nº 3.432 de 12/08/1998;  
**RESOLVE:**

**Art. 1º** Nomear o médico pertencente ao Corpo Clínico desta Instituição Sr. Cláudio Márcio de Carvalho Silva, CRMMG nº 36906, CPF 973.459.706-04, para assumir as funções de Responsável Técnico - RT do Serviço do Centro de Terapia Intensiva - CTI da Fundação Hospitalar do Município de Varginha.

**Art. 2º** O médico nomeado por esta portaria desenvolverá os trabalhos até que editada norma dispondo em contrário ou estabelecendo substituição.

**Art. 3º** O exercício das atividades de que trata esta Portaria é considerado como "serviço público relevante", e não implicará em qualquer remuneração.

**Art. 4º** Esta Portaria entra em vigor na data de sua publicação, revogando a portaria nº 067/2014 e retroagindo seus efeitos a 21/10/2019.

Varginha, 04 de novembro de 2019.

Maria Aparecida Tana Gonçalves  
Diretora Geral Hospitalar

PORTARIA Nº 258/2019

PRORROGA PRAZO ESTABELECIDO NA PORTARIA Nº 251/2019

A Diretora Geral Hospitalar da Fundação Hospitalar do Município de Varginha – FHOMUV, Estado de Minas Gerais, no uso de suas atribuições legais e, considerando solicitação constante no processo nº 584/2018.

**R E S O L V E:**

**Art. 1º** Prorrogar por mais 15(quinze) dias o prazo estabelecido na Portaria nº 251/2019.

**Art. 2º** Esta portaria retroage a data da portaria anterior.

Varginha, 06 de novembro de 2019.

Maria Aparecida Tana Gonçalves  
Diretora Geral Hospitalar

Fundação Hospitalar do Município de Varginha

PORTARIA Nº 259/2019

PRORROGA PRAZO ESTABELECIDO NA PORTARIA Nº 242/2019

A Diretora Geral Hospitalar da Fundação Hospitalar do Município de Varginha – FHOMUV, Estado de Minas Gerais, no uso de suas atribuições legais e, considerando solicitação constante no processo nº 875/2019.

**R E S O L V E:**

**Art. 1º** Prorrogar por mais 30(trinta) dias o prazo estabelecido na Portaria nº 242/2019.

**Art. 2º** Esta portaria retroage a data da portaria anterior.

Varginha, 06 de novembro de 2019.

Maria Aparecida Tana Gonçalves  
Diretora Geral Hospitalar

Fundação Hospitalar do Município de Varginha

PORTARIA Nº 260/2019

PRORROGA PRAZO ESTABELECIDO NA PORTARIA Nº 243/2019

A Diretora Geral Hospitalar da Fundação Hospitalar do Município de Varginha – FHOMUV, Estado de Minas Gerais, no uso de suas atribuições legais e, considerando solicitação constante no processo nº 442/2019.

**R E S O L V E:**

**Art. 1º** Prorrogar por mais 30(trinta) dias o prazo estabelecido na Portaria nº 243/2019.

**Art. 2º** Esta portaria retroage a data da portaria anterior.

Varginha, 06 de novembro de 2019.

Maria Aparecida Tana Gonçalves  
Diretora Geral Hospitalar

Fundação Hospitalar do Município de Varginha

PORTARIA Nº 261/2019

PRORROGA PRAZO ESTABELECIDO NA PORTARIA Nº 253/2019

A Diretora Geral Hospitalar da Fundação Hospitalar do Município de Varginha – FHOMUV, Estado de Minas Gerais, no uso de suas atribuições legais e, considerando solicitação constante no processo nº 561/2019.

**R E S O L V E:**

**Art. 1º** Prorrogar por mais 15(quinze) dias o prazo estabelecido na Portaria nº 253/2019.

**Art. 2º** Esta portaria retroage a data da portaria anterior.

Varginha, 06 de novembro de 2019.

Maria Aparecida Tana Gonçalves  
Diretora Geral Hospitalar

Fundação Hospitalar do Município de Varginha



## 18. Cópia da inscrição no livro

27

Inscrição nº 01 - "Folias de Reis de Varginha"

O Bem cultural Folias de Reis de Varginha, uma das festas mais importantes da cultura popular, com suas características polêmicas e crenças religiosas que retrata parte da história do povo, do município e região de Varginha. A tradição é secular e é cultivada e respeitada pela população. Por seu valor histórico e cultural teve seu processo de registro aprovado, conforme decisão do Conselho Deliberativo Municipal do Patrimônio Cultural de Varginha, em sua 185ª Reunião, de 17 de outubro de 2019. Fica, portanto, inscrito neste Livro de Registro das Liberações, segundo o número 01, Processo Administrativo nº 8.990/2015 e sujeito à proteção especial de acordo com o Decreto Municipal nº 8.818/2018, que institui o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial no âmbito do Município de Varginha-MG, sendo classificado como "Patrimônio Cultural de Varginha".

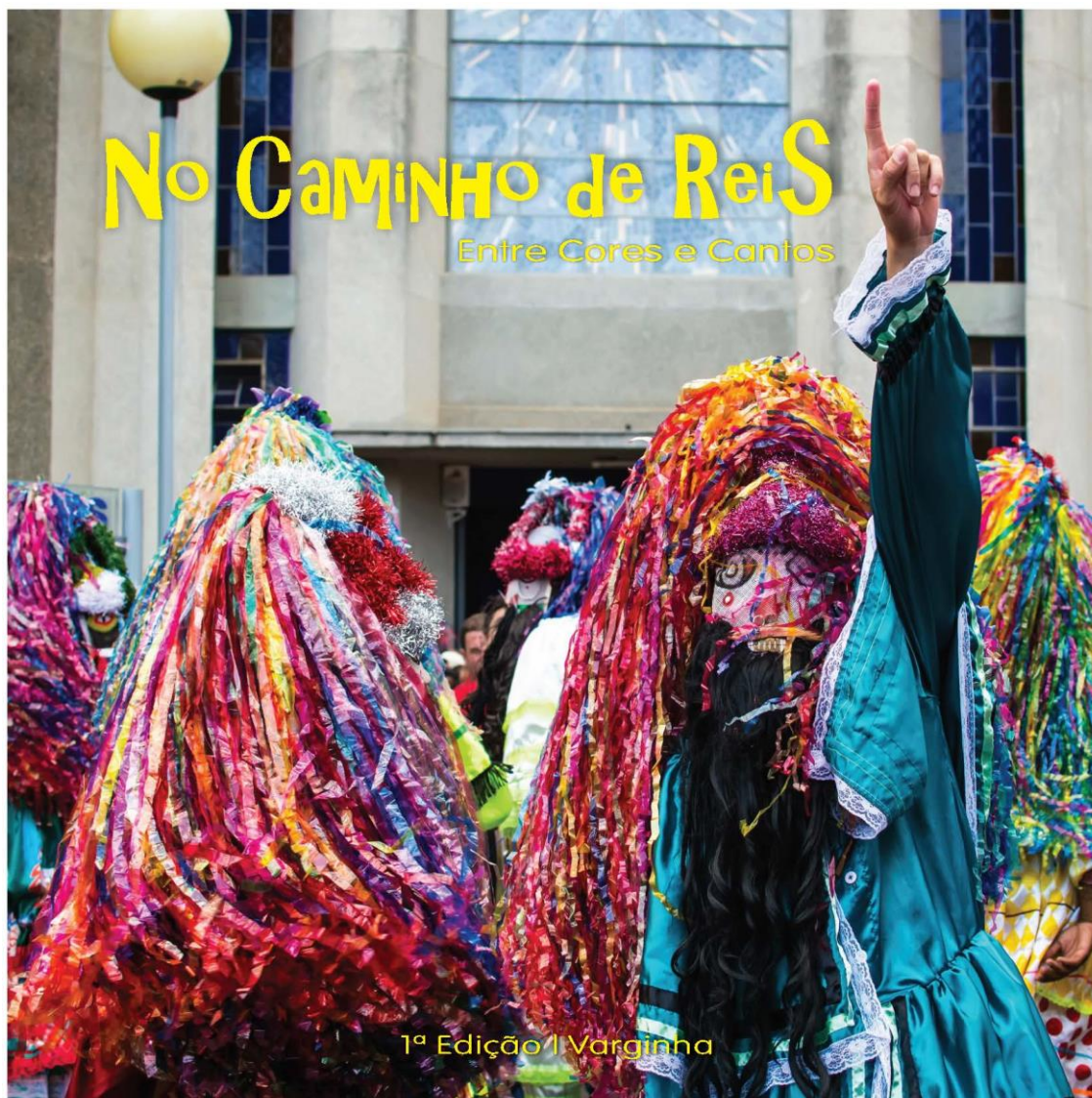
Varginha, 04 de novembro de 2019.

Glaúcio H. Martins  
Presidente do Conselho Deliberativo  
Municipal do Patrimônio Cultural  
de Varginha

Anexos

Cartilha – No caminho de Reis









## ENCONTRO DE BANDEIRAS

Pená Branca e Xavantinho

Ai, que bandeira é essa, ai  
Na porta de sua morada  
Aonde mora o calix bento  
E a hóstia consagrada

Que encontro tão bonito  
Que fizemo aqui agora  
Os Três Reis do Oriente  
São José e Nossa Senhora

A bandeira vai se embora  
As fitas vão avoando  
Se despede do festeiro  
Pra voltá no outro ano

Foto: Thiago Bode





"A Folia é um sistema inicial de trocas entre pessoas que configura a própria essência da festa popular no Brasil. Cheia de folias e gestos de devoção, ruptura e alegria, ela nada mais é do que uma sequência obrigatória de atos codificados de dar, receber, retribuir, obedecer e cumprir. Troca-se o trabalho por honrarias, bens de consumo por bênçãos, danças por olhares calivos, o investimento do esforço pelo reconhecimento do poder, a fidelidade da devoção pela esperança da benção celestial. Obedece-se ao mestre, ao festeiro, ao padre, ao chefe da torcida, ao maestro da banda. Cumprem-se promessas, votos feitos". Carlos Rodrigues Brandão, 1989:11

Foto: Thiago Bode





MUNICÍPIO DE VARGINHA

Prefeito Municipal  
Antônio Silva

Vice-Prefeito Municipal  
Vérdi Lúcio Melo

Diretor Superintendente da Fundação Cultural  
Francisco Graça de Moura

Presidente do Conselho Deliberativo do Patrimônio Cultural  
Paula Chaves Cincoetti

Projeto Editorial  
Cláudio Henrique Martins  
Danielle Guimarães  
Rosildo Beltrão

Revisão  
Ana Luiza Romanielo

Editoração  
Fundação Cultural do Município de Varginha

No Caminho de Reis: entre cores e cantos | Coordenação e diagramação: Arq. Danielle Guimarães | Pesquisas, textos: Cláudio Henrique Martins | Pesquisas: Hian Adler Garcia | Varginha: Fundação Cultural do Município de Varginha, Setembro, 2015.

1. História de Varginha - 2. Folia de Reis - 3. Cultura Popular





Foto: Thiago Bordin



## APRESENTAÇÃO

A UNESCO define como patrimônio cultural imaterial as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas e também os instrumentos, objetos, artefatos e lugares que lhe são associados e as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos que se reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural.

O patrimônio imaterial é transmitido de geração em geração e constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, interação com a natureza e sua história, gerando um sentimento de identidade e continuidade, contribuindo, assim, para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana. Logo, a Folia de Reis, que em Varginha há mais de cem anos faz parte da história da cidade com seus rituais, músicas religiosas, folclore, cultura popular e que está no imaginário vivo das pessoas, é um patrimônio cultural imaterial digno de ser resgatado e preservado.

É uma tradição anual, pois perto das festividades do Natal e Ano Novo, saem pelas ruas com suas roupas vistosas, com palhaços mascarados (Palhaços, Marungos, ou Bastiões), cantando hinos de louvor, quase num dialeto próprio, visitando casas e narrando o nascimento do menino Jesus.

Em sintonia com a UNESCO e o PNC - Plano Nacional de Cultura, a Fundação Cultural de Varginha, gestora da política pública municipal de cultura, em parceria com o CODEPAC - Conselho Deliberativo do Patrimônio Cultural - e o apoio da Casa da Cultura de Varginha, decidiu mapear, identificar, registrar e publicar este livreto contendo a história, a trajetória, os rituais, as músicas religiosas, as coreografias, os hinos de louvor e os personagens e protagonistas das Falias de Reis de Varginha, tendo como objetivo basilar preservar esta manifestação cultural profundamente identificada com a formação religiosa e a identidade cultural das nossas comunidades.

FRANCISCO GRAÇA DE MOURA  
Diretor Superintendente

7

## VARGINHA E SUA HISTÓRIA

Situada no sul de Minas Gerais e próximas as três principais capitais do Brasil, Rio de Janeiro, Belo Horizonte e São Paulo, a cidade é pólo de desenvolvimento regional e converge inúmeros benefícios por essa localização. Com vocação para o crescimento, há dois séculos, centraliza a atenção pela diversidade nas suas atuações e empreendedorismo, seja pela imigração já no início do século XX, pelo desenvolvimento industrial no final dos anos 1960 e por despontar no século XXI em vários segmentos, entre eles: educação, exportação, agronomia e cultura.

O município de Varginha, bem como grande parte das cidades brasileiras, iniciam as suas primeiras referências e histórias às voltas de uma igreja. E em Varginha também, desde 1763, já existia uma Capela às margens do Rio Verde - a Ermida de Santo Antônio, erguida provavelmente por Bandeirantes. Nessa época, tropeiros a caminho de outras cidades faziam dali seu pouso e depois seguiam pela beira do Rio Verde, através de picadas mata adentro, criando uma estrada rudimentar (que no futuro viria ser a Avenida Rio Branco) e chegavam ao Sertão de Três Pontas. Ali, nesse caminho-tronco, surgiu a primeira Capela do povoado - Divino Espírito Santo e as seis primeiras casas de telhas.

Varginha surgia então ocupando as encostas suaves, fundos de vales e alto dos espigões. No início ainda era apenas uma parada de tropeiros e viajantes, conhecida como Catanduvas. Já por volta de 1806, o arraial tinha mais de mil moradores e dezenas de construções simples, concentradas nas imediações da Capela do Divino Espírito Santo das Catanduvas.

O nome Varginha só iria aparecer de fato a partir do primeiro documento existente em 1816 em um Livro de Casamentos de Lavras: "Aos vinte e seis de janeiro de mil oitocentos e dezesseis na Capela do Espírito Santo da Varginha"...

O período de evolução mais acentuado situa-se entre 1850, quando era freguesia de Varginha, a 1881, quando alcança a categoria de Vila. São construídas as primeiras obras destinadas ao serviço público, como o prédio de uma escola e da Cadeia. O núcleo possuía cerca de trezentas edificações, algumas de dois pavimentos, que se estendiam pela Avenida Rio Branco, pela Rua da Chapada (Wenceslau Braz), Rua Direita (Presidente Antônio Carlos), Rua São Pedro (Delfim Moreira) e também pelas praças São Sebastião, Largo do Pretório (Praça Dom Pedro II) e Largo da Matriz.

No dia 7 de outubro de 1882, a Vila de Varginha foi elevada a categoria de cidade. Logo após a proclamação da República em 1889, a cidade, já às voltas com a construção de uma linha férrea e uma estação, viu a efetiva inauguração acontecer em 1892, marcando definitivamente o impulso necessário para a cidade entrar no século XX com o transporte de cargas e os avanços construtivos trazidos de diversas localidades pelos engenheiros que chegavam de Maria Fumaça.

De 1900 até a década de 1950, a cidade expandiu ao longo da linha férrea pelo favorecimento do transporte e comunicação. Surgiram bancos, hotéis, cadeia, residências, comércio de pequeno e grande porte, bem como várias fábricas.



A partir dos anos 1950, a expansão da Rodovia Fernão Dias proporcionou novos contornos urbanos. A concentração industrial transfere-se para o extremo sul da cidade, porém não de forma homogênea, espalhando-se também pela área urbana. E no decorrer do final dos anos 1960 em diante são instaladas novas indústrias significativas para a cidade, atraindo mão de obra e provocando expansão urbana expressiva.

Hoje, Varginha é uma das cidades mais promissoras do Estado, oferecendo infraestrutura urbana em todos os bairros. O sistema de saúde é modelo para o interior do Brasil, destacando o Centro Regional de Oncologia, que beneficia milhares de pessoas.

As festas religiosas mais tradicionais de Varginha são: Queima de Judas, Festa do Divino, Festa do Mártir São Sebastião, Festa de Nossa Senhora do Rosário e a Folia de Reis.



Av. Rio Branco no início do século xx

9

## A PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO E O TURISMO CULTURAL

Há tempos que o turismo cultural é procurado por pessoas ávidas em conviver ou mesmo observar outros modos de ser e agir, ampliando seus horizontes e conhecimentos.

Mais destinos alternativos estão a cada dia surgindo, incentivando a cultura local e sua gente. A história identitária de um povo, suas nuances, sua crença, seus modos de falar, cantar e vestir são elementos que agregam um patrimônio a ser preservado.

Esses aspectos da cultura humana são atrativos para esse turismo, oferecendo uma maior compreensão dos diferentes povos que nos rodeiam e que, para muitos, passam despercebidos. Sendo assim, a comunidade que vivencia suas tradições e o turista que as percebe e a procura, saem enriquecidos igualmente. De forma planejada, o turismo não apenas torna-se fonte de renda e emprego, mas também mantém a identidade cultural de Varginha, deixando um legado para as outras gerações.

Essa cultura imaterial, a Folia de Reis, precisa de holofotes. Luzes que vão nortear uma tradição secular que é um produto e um patrimônio intangível - as expressões culturais e as tradições que um grupo de indivíduos preserva, em respeito da sua ancestralidade.

Através de uma política pública de incentivos, podemos manter as nossas tradições culturais e nosso patrimônio, que também passa pela arquitetura e objetos - registros que compõem a sociedade.

A Constituição Brasileira de 1988, em seu artigo 216, define o patrimônio cultural:

Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

I- as formas de expressão,

II- os modos de criar, fazer e viver;

III- as criações científicas, artísticas e tecnológicas;

IV- as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;

V- os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.

§1º- O Poder Público, com a colaboração da comunidade, promoverá e protegerá o patrimônio cultural brasileiro por meio de inventários, registros, vigilância, tombamento e desapropriação, e de outras formas de acaulelamento e preservação. (CONSTITUIÇÃO FEDERAL DE 1988)

Os primeiros passos em Varginha, para a consolidação e a valorização das Companhias dos Santos Reis estão sendo dados. O Conselho Deliberativo do Patrimônio Cultural de Varginha e a Fundação Cultural de Varginha, a Gestora da Política Pública Municipal de Cultura, vêm implementando ações importantes para resgatar a identidade e a memória local. Assim, catalogamos as Companhias e registramos como patrimônio cultural da cidade.

Agora faz se oportuno este libreto, no qual pretendemos ampliar os conhecimentos sobre essa cultura popular - a Folia de Reis, suas crenças e ritos.







Reis Magos, Andrea Mantegna (1431-1506)



### A ORIGEM MÍTICA DAS COMPANHIAS DE REIS

As Folias contam a história oficial da Igreja Católica à luz da cultura popular tradicional, procurando reproduzir a viagem dos Reis Magos à cidade de Belém, local de nascimento de Jesus. Segundo a tradição cristã, a origem mítica das Companhias de Reis está na Bíblia em, Mateus:

"E, tendo nascido Jesus em Belém de Judéia, no tempo do rei Herodes, eis que uns magos vieram do oriente a Jerusalém.

Dizendo: Onde está aquele que é nascido rei dos judeus? Porque vimos a sua estrela no oriente, e viemos a adorá-lo...

(...) E, entrando na casa, acharam o menino com Maria sua mãe e, prostrando-se, o adoraram; e abrindo os seus tesouros, ofertaram-lhe dádivas: ouro, incenso e mirra. E, sendo por divina revelação avisados num sonho para que não voltassem para junto de Herodes, partiram para a sua terra por outro caminho". (MATEUS, 2:1-12)

O Rei Gaspar, que dominava no país dos árabes, Melchior, que reinava sobre os persianos e Baltazar, rei dos indianos, são chamados de "Magos" não porque entendiam de magia, mas porque tinham grande conhecimento da astrologia. De fato, entres os persas, se dizia "Mago" aquele que os judeus chamavam "escribas", os gregos "filósofos" e os latinos "sábios".

Ó di casa, ó di fora  
Qui hora tão excelente  
É o glorioso santo Reis  
Qui é vem do Oriente

Ó de casa, ó de casa  
Alegria esse moradô  
Que o glorioso santo Reis  
Na sua porta chegô..."

### FOLIA É UMA ORAÇÃO CANTADA

Folia de Reis, Companhia dos Santos Reis e Reisado são algumas das denominações que o rito popular recebe por toda a parte.

Trata-se de um cortejo religioso que ocorre entre o Natal e a Festa de Reis, no dia de janeiro. É uma homenagem aos Três Reis Magos e a Jesus. A peregrinação dos Reis e a visita que fizeram à gruta são encenadas por jornadas de grupos de "cantadores" e violeiros, que caminham de casa em casa, com a bandeira dos Santos Reis, abençoando as famílias e seus presépios. Cantam preces, versam, dançam e rezam quando chegam e então partem das residências.

O símbolo mais importante da Companhia, a bandeira, sempre vai à frente, tratada com muito respeito e fé. Sem ela não há Folia de Reis.

Toda a trajetória é transformada num auto popular, religioso, rico em crenças e ritos próprios. Os músicos se apresentam com roupas comuns ou uniformes. Os marungos usam "fardas" coloridas e máscaras com fitas. O grupo é composto por um número variado de integrantes.

Mesmo que as Companhias tenham suas próprias músicas e danças, o objetivo é sempre saudar o nascimento de Jesus.



## AS FOLIAS DE REIS NO BRASIL

Vários historiadores, pesquisadores e folcloristas relatam que a Folia de Reis surgiu na Espanha, no início do século 13 e mais tarde foi levada para Portugal. Acredita-se que o festejo chegou ao Brasil por volta do século 15, através dos Jesuítas. Com o tempo, a Folia ganhou diferentes formas de comemorar o nascimento de Jesus.

A interação e o convívio entre negros e brancos fizeram do festejo um rito popular, reinventando práticas religiosas do continente europeu e africano, que perdura até nossos dias.

Os milagres atribuídos aos Santos Reis, narrados pelas pessoas, se espalharam por todo país. Os devotos cumprem promessas, realizam festas, cortejos, ofertas e banquetes em sua honra.

Assim, a tradição das Folias de Reis firmou-se, reunindo a música e os versos declamados com as formas de pensar, ser e interpretar a vida.

Os valores que as comunidades prezam, como a união entre as pessoas, a adoração ao divino, a comemoração através de festas e os encontros anuais são características marcantes do povo brasileiro, que reforçam a continuidade da comemoração dos Santos Reis.

"Deus te sarve oratôro  
Cum todo seus ornamento  
Deus te sarve as estampinha  
E as image qu'estão dentro

Deus te sarve as image  
As pequena e as maiô  
Numa rica divindade  
Sincerra em uma só..."



13





Foto: Thiago Bode

14



## AS FOLIAS DE REIS EM VARGINHA

A tradição das Companhias de Santos Reis em Varginha tem como primeiras referências, segundo a oralidade, um século de existência. Começou, provavelmente, na zona rural.

A Folia de Reis é a festa mais tradicional na cidade, dentre as manifestações folclóricas da cultura popular. Seguem os mesmos ritos, datas e preceitos que deram origem à festa. Porém, cada uma se distingue por sair de modo peculiar nas ruas da cidade, diferenciando-se através das vestimentas, utilização instrumentos musicais não usuais, cantos e versos próprios e, até mesmo, a condução do giro feita por cada mestre. As Companhias de Varginha também variam na quantidade de marungos. Segundo a tradição, o número ideal para a representação da festa seria de três marungos, simbolizando os Três Reis Magos ou até cinco, acrescentando assim, dois soldados enviados pelo Rei Herodes para matar Jesus.

É notável a participação de muitas crianças e adolescentes nas Companhias da cidade. Desde muito cedo são levadas, pela influência das próprias famílias, para saírem no cortejo, geralmente vestidas de marungo. A transmissão dos costumes e ensinamentos sobre os festejos, a religiosidade e os papéis que cada integrante tem na Folia de Reis é passado de geração em geração.

Em Varginha, não há restrições quanto à participação de mulheres nas Companhias, mas, no início, era um universo restrito aos homens. Alegava-se que os Reis Magos não levaram suas

esposas e também que nenhuma mulher visitou o presépio. Com o tempo essas justificativas caíram por terra. Observa-se um número considerável de mulheres que participam das Companhias e que desempenham papéis como embaixadora, bandeira, cantora e instrumentista.

Durante todos os anos de existência das Folias de Reis na cidade, várias pessoas lutaram para a preservação e organização das Companhias. A Fundação Cultural de Varginha também sempre as apoiou, com ajuda financeira e logística.

No município, 15 Companhias atuantes durante os festejos natalinos até o dia de Reis percorrem a cidade: Companhia É Lázaro, São Joaquim, Nossa Senhora do Rosário, Rei do Reis, São Jorge, São João Batista, Imaculada Mãe dos Anjos, São Marcos, Cardoso e Amigos, Nossa Senhora do Carmo, São Benedito, Sagrada Família, Família Assis, Lenço Preto e Senhor Vitor Paulo e Amigos.

Cada Folia de Reis, por sua vez, possui uma história, diferente que as caracterizam e as tornam únicas, porém sempre envolvidas por milagres, fé, memória e beleza.

Um grande encontro das Companhias de Santos Reis é realizado após o dia seis de janeiro, com uma missa na Igreja Matriz do Divino Espírito Santo e apresentações na Concha Acústica que reúnem milhares de pessoas.



## OS COMPONENTES DA COMPANHIA

A Folia de Reis é composta por uma estrutura que pode variar. Na maioria das vezes, conta com um embaixador, também chamado de mestre, capitão, folião de guia, etc. Este é o responsável pela coordenação e pela obediência de todos às regras e procedimentos necessários à tradição. Ele é quem dá o verso que será respondido por seu contramestre (ou contraguia, entre outros nomes), completando os dizeres já conhecidos e muitas vezes improvisados, de acordo com as situações encontradas pelo grupo na visita a uma casa. Além deles, fazem parte da Companhia figuras essenciais como o alferes (ou porta - bandeira bandeireiro, estandarte, etc.), encarregado de levar a bandeira dos Reis.

A bandeira tem imagens como os Santos Reis, a estrela de Belém e cenas do nascimento de Jesus e é um símbolo do grupo, elemento sagrado, merecedor de grande respeito. Nela a comunidade pendura fitas, flores, dinheiro e fotos em agradecimento às graças recebidas e demonstram toda a emoção de receber a bandeira em sua casa, enquanto os foliões cantam em frente ao presépio ali instalado. É ela quem guia e identifica a Companhia de Santos Reis, representando o Sagrado.

Muitas Companhias contam com o "bastião" ou ainda marungo, figura de um mascarado que pode ter variação numérica e de gênero. Ele tem ligação com a bandeira e com o cumprimento das promessas, improvisando versos, danças e prestando reverências aos donos das casas pelas quais passa a Folia. Todavia, em algumas

regiões do país, não se tem o costume da presença deste personagem.

Além desses componentes, uma Companhia é formada pelos foliões, que são os devotos que tocam diversos instrumentos como viola violão, rabeca, cavaquinho, bandolim, sanfona, caixa, pandeiro, percussões diversas, entre outros.

Os foliões, além de tocar um instrumento, também cantam, auxiliando o embaixador e o contramestre em vozes que recebem diversas denominações. O embaixador inicia (puxa) os dois primeiros versos da quadra, respondidos pelo contramestre, cantando em dueto. A seguir as demais vozes que recebem denominações como: contralto, requinta, tala, talinha, tiple, contratiple, baixo, entre outras, variando em número e em altura, acompanham formando o coro, repetindo todo o texto ou os finais de frase.

Assim como a composição instrumental das Folias é diversa, a composição vocal dos grupos também não é fixa. Por exemplo, um mesmo folião poderá cantar em diferentes vozes conforme a necessidade do grupo e, da mesma forma, mais de um folião poderá executar uma determinada voz. Uma Folia poderá ser cantada por quatro, cinco, seis ou mais foliões. O nome atribuído às vozes na Folia de Reis varia de região para região e por vezes em grupos da mesma região.

(Texto extraído e adaptado: MARCHI, Lia. CAMARGO, Gilson. Falias Do Norte Do Paraná. Curitiba, 2012.)





### Bandeira

É o símbolo de maior respeito do grupo. Ela vai à frente da Companhia como guia. Esta é bordada ou pintada com as imagens dos Três Reis Magos, Jesus, Maria e José e reproduz o presépio. É enfeitada com fitas de cetim coloridas, flores e outros materiais brilhantes. Muitos a beijam e se emocionam quando a recebem em casa, pedindo bênçãos e proteção.

As cores das fitas são assim simbolizadas: amarelo - o ouro, a realeza; verde - a mirra, o sofrimento de Jesus; vermelho - o incenso, o fogo; azul - o céu, a Virgem Maria; branco - a paz, o Menino Jesus; rosa - o amor e a paciência, o São José; Preto - o luto, somente é colocado na bandeira quando algum folião falece.



## Bastião

O bastião, palhaço ou marungo, que usa roupas coloridas, máscara e carrega uma "espada" (bastão) é o responsável por abrir passagem para a Folia, recita poesias e cita passagens da Bíblia.

Figura importante na embaixada, tem grande ligação com a bandeira e com o cumprimento das promessas, improvisando versos, danças (corta-jaca) e prestando reverências aos donos das casas pelas quais passa a Folia.

Segundo a crença, os marungos usavam máscaras para se esconderem e amedrontar os soldados enviados pelo rei Herodes para matar o Menino Jesus. Foi daí que surgiu, nas Folias, a ideia de que as máscaras servem para espantar os maus espíritos. Os bastiões devem proteger o Menino Deus e confundir os soldados do rei. Despertam a curiosidade das pessoas e são responsáveis pela proteção da bandeira e da folia.

Nota: O termo bastião é derivado do bastão que carrega com ele.

"Chegando com os Três Reis  
Avistei uma família a festejar  
Eu pergunto pro senhor  
Se desta festa nós pode participar

Dando prova que é um bom devoto  
Veja só o que ele fez  
Enfeitou o portão sagrado  
Esperando os Santos Reis..."

Companhia de Reis São Marcos



Foto: Thiago Bode





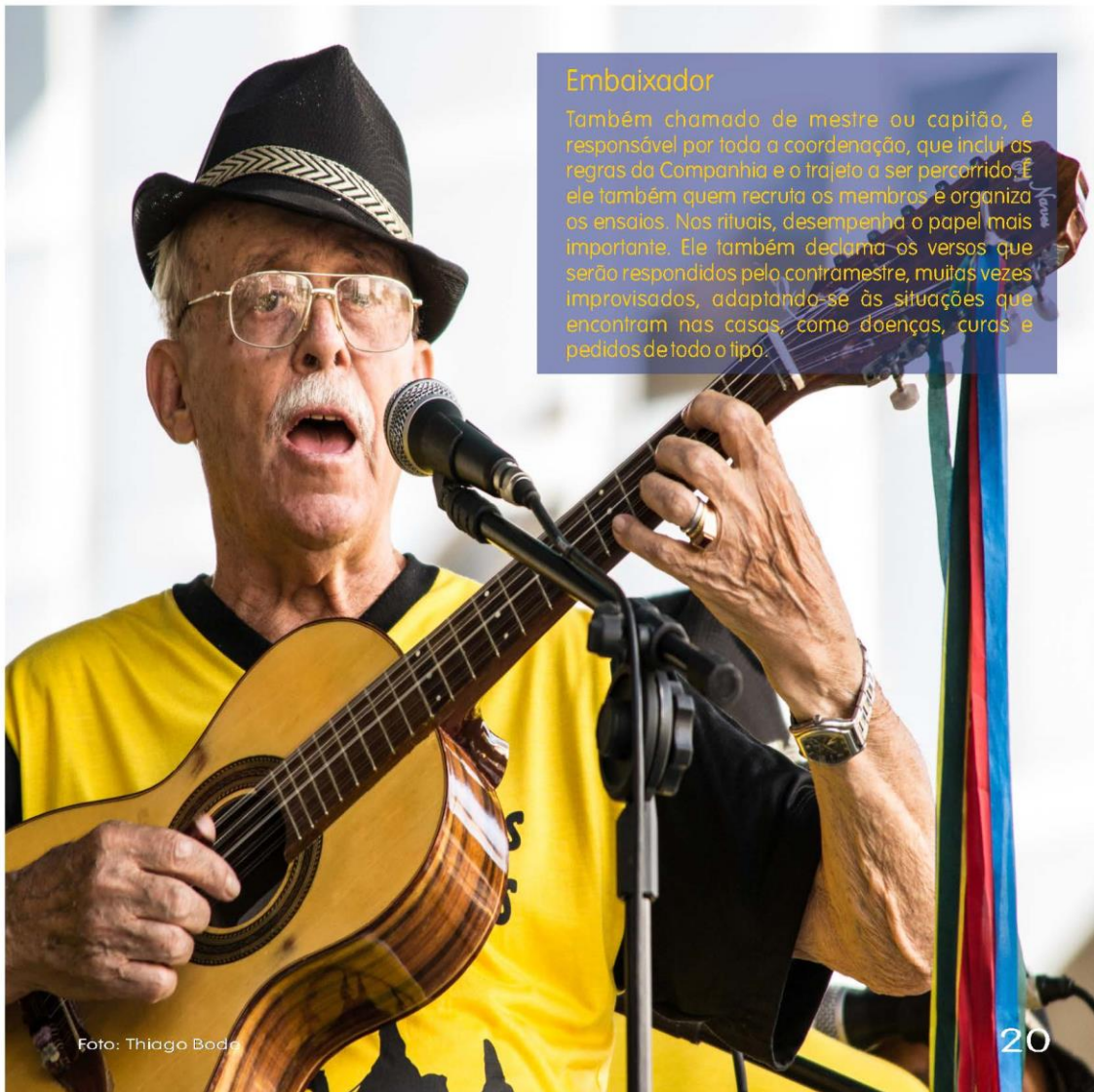
**Alferes**

Personagem essencial no grupo, é encarregado de levar a bandeira, elemento sagrado que tem as imagens dos Santos Reis e cenas do nascimento de Jesus. O alferes recolhe as oferendas nas casas e informa ao capitão sobre o que receberam e assim, canta em agradecimento.

Foto: Thiago Bode

19





### Embaixador

Também chamado de mestre ou capitão, é responsável por toda a coordenação, que inclui as regras da Companhia e o trajeto a ser percorrido. É ele também quem recruta os membros e organiza os ensaios. Nos rituais, desempenha o papel mais importante. Ele também declama os versos que serão respondidos pelo contramestre, muitas vezes improvisados, adaptando-se às situações que encontram nas casas, como doenças, curas e pedidos de todo o tipo.

Foto: Thiago Bode

20





### Foliões

Os foliões cantam a história da anunciação de Maria, o nascimento de Jesus, a viagem dos Três Reis Magos e pedem donativos para a realização de um “almoço”, em homenagem aos Santos Reis.

Os músicos são divididos em cantores e instrumentistas ou os dois ao mesmo tempo. O maior número de foliões dentro de um grupo desempenha essa função.

Auxiliam o embaixador fazendo diversas vozes, que recebem denominações tais como: contralto, requinta, talinha, tiple, contratiple e baixo. A cantoria é a oração da folia.

É na casa dos devotos que eles fazem a festa representando o que os magos fizeram: a procura, o encontro e a adoração ao Menino Jesus, reverenciando igualmente os episódios da ocasião de seu nascimento.

Foto: Thiago Bode

21





Foto: Cia. Rei dos Reis

### Festeiro

Personagem que aparece em muitas festas populares, é responsável por coordenar a realização da festa, de suprir necessidades do grupo e dar apoio ao bom andamento do giro. Não raro, é uma pessoa que fez promessa de empreender essa tarefa em agradecimento a uma graça recebida. Em geral, escolhe-se o festeiro um ano antes, muitas vezes por sorteio entre os candidatos.







## OS RITUAIS

Geralmente, os rituais seguem um padrão. Os componentes chegam às casas cantando; versam pedindo licença para entrar; abençoam a todos os presentes; cantam perante o presépio; fazem trovas, se adequando às necessidades da família; rezam, pedem uma oferta ou uma prenda; se alimentam; agradecem a hospedagem; dançam na saída e dão continuidade ao giro.

A bandeira é recebida pelos moradores e, como símbolo de devoção, é levada para o cômodo mais importante da casa, geralmente o quarto do casal, que representa a união e a família. Os marungos, a pedido do morador, dançam em troca de ofertas, fazem rimas e divertem as pessoas na casa, que oferecem um café com quitutes ou uma refeição.

Na saída da folia, os foliões cantam versos que falam sobre o retorno da Companhia no ano que vem e seguem pelas ruas e bairros da cidade, visitando todos que abrem suas portas para os Santos Reis entrarem.

Bendito louvado seja  
São José e Santa Maria  
Deus Menino e os três Reis  
E a linda Estrela Guia

Em nome de Santos Reis  
Agradeço ao Capelão  
Por rezar o Santa Missa (terço)  
Com bastante devoção

Ofereço a Santos Reis  
Nossa Santa Oração  
Tenha dó de nós devotos  
Mande do Céu a bênção

A todos que aqui oraram  
Aos três Reis do Oriente  
A bandeira deixa sorte  
E saúde de presente



### Alvorada ou saída da Folia

Diz-se alvora a bandeira, abrí-la, iniciar a jornada de um ano, começar o giro. É o primeiro rito do giro. Os foliões reúnem-se na casa do capitão ou do festeiro e retiram a bandeira, que fica guardada em local especial, geralmente sob os cuidados do capitão, é retirada para o início do giro. Em alguns grupos este momento é bastante ritualizado. Em outros, apenas precedido de uma oração silenciosa do capitão. A Alvorada, muitas vezes, é também o rito que marca o início de cada dia de caminhada.

25





Foto: Cia. São Lenço Preto

### Companhia de Reis Lenço Preto

#### Giro

É a caminhada, o percurso, a jornada que o grupo faz na época. A missão da Folia de Reis é cumprir a jornada de tal forma que comece pelo Leste (Oriente) e finda no Oeste (Belém), representando a viagem dos Reis Magos.

Em tempos passados, as folias costumavam caminhar de noite, representando no giro a viagem dos Três Reis. Ao longo desse período, pousavam nas casas do caminho. Assim, o grupo permanecia junto durante todo o tempo em que a folia girava.

27







Foto: Thiago Bode





### Presépio

Tradição em vários países, representa, através de peças em miniatura, o nascimento de Jesus e os personagens bíblicos que estavam no local. Entre eles, os Três Reis Magos. Acredita-se que o primeiro presépio foi montado por São Francisco de Assis no Natal de 1223.





### Bendito de mesa

Muitas famílias costumam fazer a promessa de oferecer o almoço ou o jantar aos foliões. Quando se trata de um almoço para toda a Companhia, é servida a típica comida mineira. Vizinhos e a família que recebem o grupo preparam a comida na véspera, finalizando até a hora de servir. Por sua vez, os foliões costumam cantar e rezar agradecendo a comida que, durante o giro do grupo, é oferecida pelos donos das casas visitadas. O bendito de mesa, cantado pelo grupo é uma bênção dos alimentos.

Foto: Cia. São Joaquim

29





## Corta - Jaca

O corta - jaca é uma dança individual, ginástica e solta, de origem discutida. Para alguns procede da Espanha, enquanto outros a consideram criação brasileira.

É caracterizado pela movimentação dos pés, sempre muito juntos e quase sem flexão das pernas. Estes, movimentam - se como uma navalha, passando continuamente sobre um assentador de barbeiro, como no corte da jaca, dando a impressão de deslizar, embora se consiga ouvir bem o sapateado, que marca a melodia simultaneamente, com o ponteio das violas.

“É rápida e difícil, exigindo perícia e esforço do dançador. O movimento dos braços no corta - jaca não tem nenhuma função específica, além de manter o equilíbrio - é uma dança toda calcada no movimento dos pés.” (CASCUDO, 2000)

Os bastiões dançam todos agitados, dançam como se estivessem fazendo malabarismo às vezes.



Foto: Thiago Bode



Foto: Cia. São Joaquim

## CANÇÕES

As canções na Folia de Reis são sempre sobre temas religiosos, com exceção daquelas tocadas nas tradicionais paradas para jantares, almoços ou repouso dos foliões. As cantorias são a base dos rituais. Todos os foliões, exceto o alferes e o bastião, desempenham funções musicais. Em geral, são sete o número de vozes que entoam os cânticos. O coro segue à risca a toada de preferência do capitão que começa tirando os versos a partir de um repertório que, muitas vezes, pode ser improvisado.

A poesia popular e a rima estão presentes nos versos das Folia de Reis e, através destes, fortalecem as relações pessoais, expressam devoção e cumprem promessas feitas pelos participantes aos Reis Magos, com o intuito de ajudar ou favorecer familiares com problemas financeiros ou de saúde. Durante o ritual sagrado os versos são cantados em toada para atender as necessidades dos participantes e refletir a realidade das famílias que o grupo ou Companhia visita.

Os versos narram momentos específicos da jornada sagrada, atendendo a pedidos de ordem religiosa, tal como tirar uma bandeira de uma residência durante a visita, a chegada da Folia de Reis ou chegada da bandeira em outra residência, o nascimento de Jesus e outras saudações a temas religiosos.

Referências à Bíblia, principalmente ao Livro de Mateus e Lucas (visita dos Reis Magos e Nascimento de Jesus) são frequentemente encontradas nos versos da Companhia de Reis.



Foto: Thiago Bode

32





### Saudando o presépio

Nós saudamos seu presépio  
Que Jesus Cristo nasceu  
Também saúdo os Três Reis Santos  
Enviados por Deus

Saúdo Maria, José  
A estrela clareou  
Também saúdo os Três Reis Santos  
Que o menino presenteou

Saúdo a vaca e o carneirinho  
E o galo que foi anunciado  
Fazem parte do presépio  
Que por Deus foi abençoado.

33





Foto: Thiago Bode

## Indumentária

Os foliões aparecem vestindo uniformes, mas de forma geral podem usar roupa comum, e podem portar um lenço branco em volta do pescoço, que simboliza a pureza da Sagrada Família. Os componentes da Folia enfeitam os instrumentos com fitas e flores, cujas flores têm sua simbologia. A bandeira é igualmente enfeitada com fitas e flores, além de imagens de santos e palavras, como o nome da companhia a qual pertence. A vestimenta dos bastiões é a mais peculiar, utilizando bastante tecido para evidenciar o movimento da pessoa que está usando e contribuir para o desenvolvimento da "performance". Alguns, ainda, levam nas mãos um bastão ou uma espada de madeira. Geralmente utilizam macacões ou calça e blusa com tecidos estampados como a chita, ou brilhantes, como cetim. As máscaras que os marungos usam podem ser feitas de couro, papel, tecido, fitas e flores. Essas máscaras podem ser completadas com um chapéu em formato de cone.

Segundo a crença, os soldados do Rei Herodes seguiram os Reis Magos para encontrar o Menino Jesus e matá-lo. Porém, ao encontrarem Jesus foram convertidos. Com receio de serem mortos por Herodes, vestiam máscaras e viajavam com os Santos Reis. Iam à frente, fazendo graça para que Herodes não desconfiasse que eram seus próprios soldados.







### Chegada

A festa da chegada marca o retorno da bandeira, após o fim do giro. Ela poderá acontecer em lugares como a casa do festeiro, do embaixador, na igreja, entre outros. Comemoração e ritual, festa e fé misturam-se neste momento que encerrará a bandeira até o próximo ano.

35





Foto: Marcos José Garcia

### Companhia de Reis São Marcos

Criada na Vila Barcelona, foi fundada por Marcos José Garcia em 2001 e tem 25 integrantes. O senhor Marcos nos conta que dá muito trabalho para a Cia. sair todos os anos, mas luta para que ela sempre esteja "caprichada", investindo seu próprio dinheiro na Cia., comprando acordoamento, roupas e acessórios.

"Primeiro lugar, eu comecei a vestir de marungo quando tinha uns treze, quatorze anos por aí... vesti de marungo mais de quarenta e seis anos... Pra depois ter essa Companhia de Reis tão bonita, tão bela, tão perfeita com estes bastião bão que eu tenho, com estes companheiros que cantam bonito... que entende e sabe o que tá fazendo. É... que a minha alegria e a minha felicidade que levo, dividindo com todo o povo do mundo, de... Varginha... Às vezes, nós sai pra roça, vai pra outra cidadinha por aí... Mais é uma coisa que eu gosto, faço de coração! Eu luto pra isso! Cê tá me entendendo? Quanto mais melhor eu fazer pra minha Companhia, eu vou procurar fazer. Isso aqui é uma fortuna que nós temos em nossa mão, em nosso poder... você viajar, entrar na casa dumas pessoa, cantar, adorar o menino Jesus, respeitar uma pessoa, amar uma pessoa.... Por isso, não pode acabar! Nós temos que lutar!" Marcos José Garcia



Foto: Lázara das Graças da Silva

### Companhia de Reis São Lázaro

A Companhia foi fundada no final dos anos 1980, é a única com uma mulher como embaixadora. Dona Lázara das Graças da Silva, 70 anos de idade, acompanha as Foliás de Varginha desde os 14 anos quando cantava na "Companhia do Zê Pintinho" e diz ter aprendido tudo com sua família.

O motivo pelo qual resolveu fundar sua própria Companhia foi uma doença grave que comprometeu a saúde de seu marido, que chegou a ser desenganado pelos médicos que haviam dito que ele não iria mais andar. Dona Lázara, em nome da saúde do marido, pediu aos milagrosos Santos Reis que se ele voltasse a andar, ela colocaria uma Companhia nas ruas, mesmo que fosse com somente 3 pessoas e que, após 7 anos de atuação, levaria a bandeira, o símbolo maior da Companhia e da fé, ao santuário de Aparecida do Norte. E assim ela o fez. Passado alguns meses, seu marido se pôs de pé e não só voltou a caminhar, como acompanhou sua esposa em suas andanças durante os festejos de Reis. A Companhia conta com cerca de 30 integrantes, sendo que muito deles são membros da família. Dona Lázara disse que não pretende se aposentar nunca deste ofício de fé, conta que "enquanto os Santos Reis me der vida e saúde vou seguir pelas ruas de Varginha com a Companhia levando alegria e as boas novas sobre o Deus Menino".

37



Foto: Cia. São Lenço Preto

### Companhia de Reis Lenço Preto

O fundador foi João Dominguet, cantor sertanejo que se apresentava nos programas da Rádio Clube de Varginha, com o apelido de "Lenço Preto", por usar um lenço no pescoço. A Companhia começou por volta dos anos 1950, na Fazenda da Serra. O senhor João passou a Cia para seu filho Antônio Evangelista Dominguet e o atual representante é Fábio Dominguet, que iniciou na Folia aos 12 anos. Hoje a Cia. possui 32 integrantes.

O contramestre Veriani Dominguet conta que, tempos atrás, os encontros entre duas companhias eram resolvidos através de duelos de cantoria e quem versava melhor.

Quanto às graças em honra aos Santos Reis, relatam também que, certa vez, cantando numa casa perto da Padaria Alemã, havia uma menina de 9 anos paralítica. Um dia, quando a bandeira adentrou essa casa e a menina a beijou, passou a andar.



Foto: Cláudio Benedito

### Companhia de Reis São Benedito

O senhor André Cândido foi o fundador, nos anos 1990, depois Afrânio Vazi, sanfoneiro assumiu. São 35 integrantes que percorrem a Vila Barcelona, Stion, São Sebastião, Cidade Nova, Vargem, Vila Moraes, São Geraldo e Bairro de Fátima.

Também se apresentam nas cidades de Monsenhor Paulo, Três Corações, Elói Mendes, Três Pontas e Paraguaçu. E sempre vão também para Aparecida do Norte para agradecer à Nossa Senhora Aparecida.

O senhor Domingos Donagema relatou que já presenciou várias graças alcançadas. Entre elas, uma senhora doente, que logo após receber a Cia. em sua casa sarou de sua enfermidade. Professava uma outra religião que não era a católica e voltou para a igreja após receber a graça dos Santos Três Reis Magos.



### Companhia de Reis Cardoso e Amigos

Segundo seu mestre ou capitão, Antônio Maria Neto, há oitenta e cinco anos sua Folia percorre as ruas da cidade encenando a jornada do Santos Reis. Sua fundação se deu em meados de 1930, com Arlindo Cardoso. Por volta de 1950, o comando foi passado a Mário Pederiva, seu genro. Depois o cargo de chefe foi delegado a José Cardoso Braga, sobrinho do fundador. A fé de José Cardoso era tão grande, que uma de suas filhas, que nasceu em 06 de janeiro, em homenagem aos Santos Reis, foi batizada com o nome de Maria Reis. Após seu falecimento, Domingo Matias passa a ser o novo mestre até, mais tarde, chegar ao atual capitão Antônio Maria Neto, hoje com 79 anos de idade. Ele conta que assumiu o cargo da "Cardoso e Amigos" no ano de 2004, mas antes fez parte da Companhia "Lenço Preto" durante quatro anos. Seu Antônio acompanha há trinta e seis anos as Folias de Reis da cidade. A Folia possui aproximadamente cerca de 40 a 45 integrantes no grupo, sendo dois embaixadores e vinte e cinco cantores. Diz seu Antônio que, a pedido das pessoas da comunidade, muitas crianças acompanham sua Folia, mas sempre sob os cuidados de um responsável.

As Folias percorrem toda a cidade. Em sua grande maioria, este percurso é realizado em bairros mais afastados. O trajeto realizado pela Companhia "Cardoso e Amigos" compreende os bairros, Padre Vitor, Jardim Andere, Jardim Corcetti e Barcelona, iniciando às 11 horas da manhã e finalizando às 22 horas. A peregrinação da Companhia se encerra com a "chegada do giro", para recomeçar no próximo ano.

40



Foto: Thiago Bode

### Companhia de Reis São João Batista

O primeiro capitão da Companhia foi Armando Grande. Atualmente, é o senhor João Batista Fortunado que a recebeu quando tinha 15 anos, devido a uma promessa. Ele conta que teve sua vida restaurada pelos anos de giro, nos quais representa com muita fé e amor a viagem que os Três Reis Magos realizaram ao encontro do Menino Jesus. Ele ocupa o posto de capitão e embaixador há 20 anos.

A Companhia possui entre 25 a 30 integrantes, sendo 2 embaixadores e 9 pessoas no canto, além de 35 marungos. As músicas abrangem vários ritmos e são feitas de improviso. As orações dirigidas aos presépios devem ser improvisadas, segundo o senhor João: "Nenhum verso pode ser de ontem ou da hora em que levantou. Todo o canto precisa ser criado a partir do momento em que a Companhia entra na casa e os versos são improvisados de acordo com a situação e a pessoa a quem são endereçados".

A Companhia São João Batista faz a chegada dos trajetos percorridos com festa de encerramento, acompanhada de missa, que ocorre sempre no primeiro final de semana após o dia 06 de janeiro. O percurso realizado pela Cia. compreende os bairros Bom Pastor, Barcelona, Vargem, Jardim das Oliveiras, Damasco, Carvalhos, Cidade Nova, São Sebastião e Parque Viana.

41



Foto: Vitor Lúcio da Silva

### Companhia de Reis Imaculada Mãe dos Anjos

A Companhia começou sua trajetória com a família Ferreira por iniciativa do senhor Adelino Alves Ferreira, que residia entre Três Pontas e Varginha na fazenda "7 Cachoeiras", por volta dos anos 1916. A Companhia completa, assim, 100 anos de existência em 2016.

Vitor Lúcio da Silva, que há 37 anos acompanha a Companhia, conta que a recebeu de seu tio Sebastião Alves Ferreira, que já em 1978 saía do Bairro Santa Teresinha.

Relatou que vários milagres ocorreram por devoção aos Santos Reis. Ele conta que sua esposa, Rita Ferreira, estava com câncer de mama, fez uma novena e logo ficou curada.

A Folia conta com 35 componentes. Entre eles, os marungos, guardiões da bandeira, têm a função de pedir licença para entrar nas casas. "O embaixador faz a função de um dos Três Reis Magos e, caso haja na família alguém doente, rezam para a cura do enfermo".







### Companhia de Reis Nossa Senhora do Rosário

A Companhia foi fundada há 32 anos por Armando Cassimiro e Sebastião Eduardo, começando sua trajetória com 12 componentes. Segundo o capitão Sebastião Eduardo, de 66 anos, no início houve muita dificuldade, devido à alimentação, que era escassa para todo o pessoal. Atualmente a Companhia é composta por mais ou menos 30 marungos e, dentre estes, são permitidos somente de três a cinco para saudar os presépios nas casas de devotos. O senhor Eduardo não permite mudanças na tradição. Segundo ele: "vira carnaval e Folia não é isto. Folia é uma religião, uma emoção muito grande representar os Três Reis Magos".

Antes de saírem pelas ruas da cidade, a bandeira é levada à igreja e depois iniciam as caminhadas levando-a às casas das pessoas que a desejam. Segundo o mestre Eduardo, a bandeira deve ser carregada por uma mulher, pois passa mais segurança e confiança para as pessoas das casas e assim fica mais fácil a entrada dos foliões nos lares, uma vez que, as pessoas querem os receber e possuem muita fé, mas ficam receosos por não conhecer, por não saber o quão são honestos e verdadeiros em sua fé e em sua vontade de ajudar o próximo. A jornada desta Companhia segue pelos bairros Barcelona, Vargem, Parque Leandro, São Sebastião, Carvalho, Vila Elói Mendes, Areão (Fátima), Canaã, Santana, Siôn, Bela Vista, São Geraldo, São Francisco, Padre Victor, Três Bicas, Vila Floresta e Vila Murad.

43



Foto: Thiago Bode

### Companhia Rei dos Reis

Fundada pelo senhor José Pinto de Carvalho no final dos anos 1930, a Companhia surgiu na Vila Murad. Após o falecimento do senhor José, sua filha Balbina Jessé de Carvalho assumiu o comando por alguns anos. Depois, passou para José de Carvalho Filho. Para ele, a Folia de Reis significa uma fé muito grande, coragem, raça e que ainda há uma certa discriminação a ser vencida. Ele conta que várias graças são alcançadas pelas famílias que a Companhia visita. Relata também o caso de sua filha Maira, que não conseguia engravidar, até que um dia, carregando a bandeira, pediu com fé essa graça aos Três Reis Magos, engravidando pouco tempo depois.

A Companhia, com 30 participantes, percorre os bairros Centenário, Sion, São Francisco, São Sebastião e Vila Barcelona, visitando cerca de 50 casas por dia. Os almoços costumam acontecer numa casa da Vila Floresta, oferecidos por famílias que receberam a Cia.





Foto: Thiago Bode

### Companhia de Reis Sagrada Família

O senhor Valdir Vitor Ferreira, atual responsável da Companhia, recebeu a incumbência através de seu pai. Segundo ele, a Cia vem dos tempos de seus bisavós.

Nos dias 28 e 29 de dezembro se apresentam no município de Coqueiral e a partir do dia 1º de janeiro em Varginha.

Com 20 componentes, saem da Fazenda Pitangueira na zona rural e depois percorrem vários bairros de Varginha, entre eles, Bom Pastor, São Geraldo e Mont Serrat.

Entre as graças que tiveram conhecimento pela devoção, o senhor Valdir relata que sua esposa Maria Aparecida teve sérios problemas em seu parto e seu filho não sobreviveria. Rezaram para os Santos Reis e seu filho nasceu. Hoje o menino, que recebeu o nome de Baltazar em homenagem a um dos três Reis, já está com 14 anos.



Foto: Thiago Lode

### Companhia de Reis Família Assis

Com 22 componentes foi fundada pela família do senhor Sérgio Assis nos anos 1985, no bairro Sion. Percorrem as ruas da Vila Barcelona, Centenário, São Francisco, Damasco, Bom Pastor e São Geraldo. Geralmente se apresentam também na zona rural, no Sítio Pica Pau e lá sempre almoçam com a família do local. Mas não têm regras, caso alguém faça promessa para os Santos Reis, a Companhia também aceita o almoço e canta para os devotos. O senhor Sérgio disse que as famílias ficam emocionadas com a presença da Cia. e até choram de alegria.

46





Foto: Thiago Bode

### Companhia de Reis São Joaquim

Foi fundada em 2005 por João Luiz do Espírito Santo, que é também embaixador. Ele fazia parte de outro grupo quando resolveu ter a sua própria Companhia, com a ajuda de amigos. Entre os bairros que percorrem estão: São Geraldo, Corcetti, Mont Serrat, Barcelona, Jardim Áurea e Padre Vitor.

Quando fazem o giro, almoçam a cada dia em uma casa, porém, são as mesmas todo o ano. "Servem arroz, feijão, macarronada, farofa e carne, sempre acompanhados de refrigerante ou vinho".

A Companhia tem vários jogos de camisas com cores diferentes. Saem com camisas azuis, roxas, mostarda ou lilás, que o presidente manda fazer com costureiras conhecidas. Nesses anos de saída, puderam ouvir várias histórias de graças recebidas em honra aos Santos Reis.



Foto: Cia São Jorge

### Companhia de Reis São Jorge

A Companhia foi fundada em 1996 por Jorge Pereira, que também é o embaixador e conta com 25 componentes. Percorrem os bairros Canaã, Vila Bueno, Fátima e Sion, entre outros. Durante o giro, várias famílias os recebem para o almoço, sendo cada dia em uma casa. O senhor Jorge diz ter notícias de várias graças recebidas pelas famílias que visitam. Ele mesmo relata que foi desenganado pelos médicos com um grave problema no intestino e acredita que seus pedidos aos Santos Reis o curaram para sempre.





### Companhia de Reis Nossa Senhora do Carmo

Foi fundada no ano de 1999 por Luiz Antônio de Souza de 52 anos. Aos 7 anos de idade já acompanhava os festejos realizados em homenagem ao nascimento do Menino Jesus.

A Companhia de Reis Nossa Senhora do Carmo conta com 15 integrantes, sendo 5 marungos, 1 bandeireiro, 1 presidente, 1 vice-presidente, 1 embaixador, aproximadamente 5 mulheres no canto e 1 sanfoneiro.

Os instrumentos utilizados pelos foliões incluem, além da sanfona, viola, violões, pandeiro, triângulo, cavaco, chocalho e caixa. Os cantos são todos elaborados pelo embaixador, que os improvisa na hora. Os componentes da Companhia não cobram para cantar nas residências, pois sua motivação é exclusivamente religiosa.

Já os marungos costumam "cortar jaca" a pedido dos proprietários das casas visitadas, alegrando a celebração com danças, em troca de

ofertas. Diante do presépio os marungos devem se ajoelhar tal qual fizeram os Três Reis Magos, manifestando assim respeito e devoção.

O percurso traçado pela Cia. Nossa Senhora do Carmo compreende os bairros: Jardim Corcetti, Jardim Área, Carvalhos e Fátima, entre os dias 25 de dezembro a 06 de janeiro.



### Companhia de Reis Vitor Paulo e Amigos

Rafael de Souza Martins é o fundador da Companhia, que têm dois anos de existência. São 12 componentes que percorrem os bairros Mont Serrat, Corredor São José, Corceti, Carvalhos, Barcelona, Pinheiros e São Geraldo.

O fundador sempre acompanhou as Falias de Reis e, mesmo a sua Companhia sendo tão nova, recebe o carinho de todos que visitam.

## REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Alceu Maynard. Folclore Nacional. São Paulo: Melhoramentos, 1964.
- BARROS, Artur César Ferreira de. Carmem Luiza de Rezende. Companhias de Reis de Ribeirão Preto: relatos de devoção e fé. Ribeirão Preto: Fundação Instituto do Livro, 2011.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. O que é Folclore. São Paulo, Brasiliense, 1984.
- CALAFIORI, Luiz Ferreira. SOUZA, Jayme Antônio De. Manual de Folia de Reis. São Paulo: Editora Resenha, 1993.
- CÂMARA CASCUDO, Luis da. Dicionário do Folclore Brasileiro. Belo Horizonte: Editora Itálica, 1984.
- MARCHI, Lia. CAMARGO, Gilson. Falias Do Norte Do Paraná. Curitiba: Olaria Projetos de Arte e Educação; Brasília, DF: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2012.
- MESQUITA, Adriana Alice de Andrade. Companhias e Falias: As Festas de Reis No Município de Três Pontas. Disponível em: <http://www.descubraminas.com.br/Upload/Biblioteca/0000133.pdf>. [Acesso em: 30/06/15]
- NERY, Marie Louise. A evolução da indumentária: subsídios para criação de figurinos. Rio de Janeiro: Editora Senac Nacional, 2003.
- NERY, Vanda Cunha Albieri. Falias e Festas de Reis: o mundo ritualístico dos cantadores da fé. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/1477751847180770134191357243104897755722.pdf>. [Acesso em: 10/07/15].
- PERGO, Vera Lucia. Os Rituais Na Folia De Reis: Uma Das Festas Populares Brasileiras. Disponível em: <http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pdf/st1/Pergo,%20Vera%20Lucia.pdf>. [Acesso em: 30/06/15].
- SALES, José Roberto. Espírito Santo da Varginha 1763 – 1920. Varginha: Gráfica Editora Sul Mineira, 2003.
- SILVA, Maria Luiza dos Santos. A Folia de Reis da Família Corrêa de Goianira: uma manifestação da religiosidade popular. Disponível em: [http://www.tede.biblioteca.ucg.br/tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=222](http://www.tede.biblioteca.ucg.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=222). [Acesso em: 30/06/15]

## FONTES ORAIS

- |  |  |
|--|--|
| Antônio Maria Neto/ Cia. de Reis Cardoso e Amigos          | Rafael de Sousa Martins/ Cia de Reis Senhor Vitor Paulo e Amigos |
| Domingos Donagema/ Cia. de Reis São Benedito               | Raimundo Andrade/ Instituto Cultural Artetude                    |
| Fábio Dominguetes/ Cia. de Reis Lenço Preto                | Russilvânia Gallo/ Pedagoga                                      |
| João Batista Fortunato/ Cia. de Reis São João Batista      | Sérgio de Assis/ Cia de Reis Família Assis                       |
| Jorge Pereira/ Cia. de Reis São Jorge                      | Valdir Vitor Ferreira/ Cia de Reis Sagrada Família               |
| José Pinto de Carvalho Filho/ Cia Rei dos Reis             | Verlani Dominguetes/ Cia de Reis Lenço Preto                     |
| José Ramos Modesto/ Cia de Reis Cardoso e Amigos           | Vitor Lúcio da Silva/ Cia de Reis Imaculada Mãe dos Anjos.       |
| Lázara das Graças da Silva. Cia de Reis São Lázaro.        |  |
| Luiz Antônio de Souza./ Cia de Reis Nossa Senhora do Carmo |  |
| Marcos José Garcia/ Cia de Reis São Marcos                 |  |







Foto: Thiago Bode

## AGRADECIMENTOS

Este libreto é resultado de um esforço cooperativo e interativo. Agradecemos a todas as Companhias de Reis de Varginha, pela boa vontade, simpatia com que nos receberam e por dividir conosco suas histórias e saberes.

A todos os embaixadores das Companhias que nos auxiliaram ao longo de todo o processo.

Ao fotógrafo Thiago Bode pela gentileza e por retratar momentos tão singelos do cortejo das Companhias de Reis de Varginha.

Ao Museu Municipal de Varginha, à Casa da Cultura de Varginha, ao Conselho Deliberativo do Patrimônio Cultural de Varginha, ao Conselho Municipal de Incentivo à Cultura e ao Instituto Cultural Artetude, que de diferentes formas, têm interagido com nossa equipe de pesquisa.

Somos gratos também a Fundação Cultural do Município de Varginha e sua equipe que incentivou e viabilizou a publicação deste libreto.





VIVA OS  
SANTOS  
REIS



